

UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E APLICADAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO DE EMPRESAS

NANCY EDITH PINILLA CORTES

QUALIDADE DE VIDA NO ESPORTE COMO TRABALHO
DE ATLETAS PARALÍMPICOS BRASILEIROS

SÃO PAULO

2021

NANCY EDITH PINILLA CORTES

**QUALIDADE DE VIDA NO ESPORTE COMO TRABALHO
DE ATLETAS PARALÍMPICOS BRASILEIROS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Administração de Empresas do Centro de Ciências Sociais e Aplicadas da Universidade Presbiteriana Mackenzie, como requisito parcial para obtenção do título de Mestra em Administração de Empresas.

ORIENTADOR: Prof. Dr. Cleverson Pereira de Almeida

SÃO PAULO

2021

P654q Pinilla Cortes, Nancy Edith.

Qualidade de vida no esporte como trabalho de atletas paralímpicos brasileiros. / Nancy Edith Pinilla Cortes,.
185 f. ; 30 cm

Dissertação (Mestrado em Administração de Empresas) –
Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2021.

Orientador: Cleverson Pereira de Almeida.

Referências bibliográficas: f. 170-179.

1. Esporte como trabalho. 2. Qualidade de vida no trabalho.
3. Ergonomia da atividade. 4. Esporte de alto-rendimento. Esporte paralímpico. I. Almeida, Cleverson Pereira de, *orientador*.

II. Título.

CDD 331.25

Bibliotecária Responsável: Jaqueline Bay Inacio Duarte - CRB 8/9509

Folha de Identificação da Agência de Financiamento

Autor: Nancy Edith Pinilla Cortes

Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Administração de Empresas

Título do Trabalho: Qualidade de vida no esporte como trabalho de atletas paralímpicos brasileiros

O presente trabalho foi realizado com o apoio de ¹:

- CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
- CNPq - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
- FAPESP - Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo
- Instituto Presbiteriano Mackenzie/Isenção integral de Mensalidades e Taxas
- MACKPESQUISA - Fundo Mackenzie de Pesquisa
- Empresa/Indústria:
- Outro:

¹ **Observação:** caso tenha usufruído mais de um apoio ou benefício, selecione-os.

NANCY EDITH PINILLA CORTES

**QUALIDADE DE VIDA NO ESPORTE COMO TRABALHO
DE ATLETAS PARALÍMPICOS BRASILEIROS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Administração de Empresas do Centro de Ciências Sociais e Aplicadas da Universidade Presbiteriana Mackenzie, como requisito parcial para obtenção do título de Mestra em Administração de Empresas.

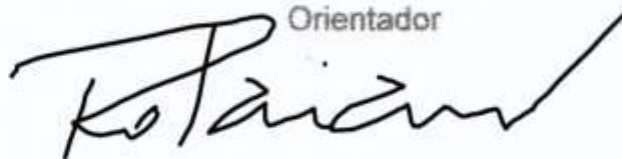
Aprovada em 5 de agosto de 2021.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Cleverson Pereira de Almeida

Orientador



Prof. Dr. Ronê Paiano

Examinador interno



Prof.ª Dr.ª Ana Cristina Limongi-França

Examinadora externa

Reitor da Universidade Presbiteriana Mackenzie

Prof. Dr. Marco Tullio de Castro Vasconcelos

Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação

Prof. Dr. Felipe Chiarello de Souza Pinto

Coordenadora Geral de Pós-Graduação *Strictu Sensu*

Profa. Dra. Maria Cristina Triguero Veloz Teixeira

Diretor do Centro de Ciências Sociais e Aplicadas

Prof. Dr. Claudio Parisi

Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Administração de Empresas

Prof. Dr. Walter Bataglia

Aos meus pais-heróis Bertha Inés e Julio Vicente, e aos meus filhos Karen e Lukas Diego, meus melhores projetos e minha melhor versão.

AGRADECIMENTOS

“Tudo posso naquele que me fortalece” (Fl. 4:13)

Agradeço a Deus, meu pai, por ter me permitido chegar ao bom término desta jornada. Pelo cuidado e pelo suporte nesta fase da vida e nestes momentos tão delicados que a humanidade está atravessando.

Agradeço a Deus por ter colocado neste caminho pessoas certas nos momentos certos, que me ajudaram a vencer obstáculos e me brindaram com apoio, amizade, suporte e sorrisos. Ao meu orientador, Prof. Dr. Cleverson Pereira de Almeida, por acreditar em mim e em meu trabalho e me oferecer seu apoio e amizade fatores fundamentais para a conclusão deste trabalho.

A todos os professores do Programa de Pós-graduação em Administração de Empresas (PPGA) que, de alguma forma, contribuíram para a minha formação.

Aos professores Dra. Ana Cristina Limongi-França e Dr. Ronê Paiano, que formaram a Banca de Qualificação, pelas sugestões e aportes dadas para o enriquecimento construção deste trabalho.

Aos atletas paralímpicos que participaram deste trabalho e generosamente compartilharam sua vivência e experiências, as quais enriqueceram a minha pesquisa.

Aos grandes amigos que me apoiaram nessa jornada, com palavras de incentivo, sorrisos, gestos de carinho e amizade, paciência, apoio técnico e emocional. Obrigada, Giorgia Redwitz, Sarah Alves, Rosana Reis, Silvio Sacramento, e, em especial, as oportunas críticas e sugestões de Paulo Duque.

Todos foram de grande importância na conclusão desta dissertação.

À Universidade por ter acreditado em mim e à CAPES que, com seu apoio financeiro, me permitiu realizar um sonho.

À Universidade Presbiteriana Mackenzie, na figura dos seus funcionários, em especial da Secretaria e Coordenação do PPGA, sempre atenciosos para atender às minhas demandas.

A meu esposo Katito pela paciência e compreensão durante todo este tempo.

RESUMO

As mudanças no mundo do trabalho impactam o desempenho dos trabalhadores em seus contextos de trabalho, sua qualidade de vida, seus níveis de saúde, sua vida familiar e social. É nesse contexto de contínua transformação que se encontram os atletas paralímpicos, aqui considerados trabalhadores. Assim, a partir do binômio esporte-trabalho, delinea-se o esporte como exercício profissional. O presente estudo objetiva compreender o que é qualidade de vida no esporte-trabalho de atletas paralímpicos brasileiros da modalidade de atletismo, que estão em preparação para a próxima edição dos Jogos Paralímpicos, e quais os principais fatores que resultam em vivências de bem-estar e mal-estar nesse contexto de trabalho. Trata-se de uma pesquisa exploratória-descritiva, com abordagem qualitativa. Para a coleta de dados, foram conduzidas entrevistas on-line em profundidade e com roteiro semiestruturado, construído com questões abertas sobre a história de vida dos paratletas, a caracterização do esporte como trabalho e relacionadas com os fatores constituintes da Ergonomia da Atividade Aplicada à Qualidade de Vida no Trabalho. Foram entrevistados 11 paratletas da modalidade do atletismo, já classificados ou próximos da obtenção do índice para participação nos Jogos Paralímpicos. Optou-se pela análise de conteúdo temático com o suporte do *software* Novo NVivo. Foram identificadas quatro categorias: 1) Uma jornada de superação: o lugar da deficiência e do esporte na vida do atleta paralímpico, 2) Esporte como trabalho: uma relação desvendada, 3) Fatores constituintes da qualidade de vida no esporte como trabalho pela ótica dos paratletas e 4) Impacto da pandemia da COVID-19 e adiamento dos Jogos Paralímpicos de Tóquio. As categorias permitiram resgatar evidências a partir do olhar do paratleta sobre como este concebe o esporte como trabalho. As conquistas e realizações alcançadas por meio do esporte trouxeram novo sentido à sua condição de incapacidade, permitindo uma identificação profissional, apontando que a atividade de trabalho cumpre uma finalidade social.

Palavras-chave: Esporte como trabalho. Qualidade de vida no trabalho. Ergonomia da atividade. Esporte de alto-rendimento. Esporte paralímpico.

ABSTRACT

Changes in the world of work impact the workers' performance in their work contexts, quality of life, health levels, family, and social life. It is in this context of continuous transformation that are the Paralympic athletes, here considered as workers. Thus, from the sport-work binomial, sport is a professional exercise. The present study aims to comprehend what is quality of life in the sport-work of Brazilian Paralympic athletes of the track and field modality, who are in preparation for the next edition of the Paralympic Games, and what are the main factors that result in experiences of well-being and malaise in that work context. This is an exploratory-descriptive research, with a qualitative approach. For data collection, we conducted online in-depth interviews and with a semi-structured script, developed with open-ended questions on the athletes' life history, characterization of sport-work and related to the factors that constitute the Activity-Centered Ergonomics applied to Quality of Life at Work. We interviewed 11 parathletes, already classified or close to obtaining the index for the Paralympic Games' participation. We opted for the content thematic analysis with the support of the software Novo NVivo. We identified 4 categories: 1) An overcoming journey: the place of disability and sport in the Paralympic athlete's life; 2) Sport as work: an unveiled relationship; 3) Quality of life constituent factors in sport as work from the perspective of parathletes; and 4) COVID-19 pandemic impact and Tokyo Paralympic Games postponement. The categories allowed to retrieve evidence from the parathlete perspective about their conception on the sport as work. The achievements and fulfillment achieved through sport brought a new meaning to their condition of disability, allowing a professional identification, pointing out that the work activity carry out a social purpose.

Keywords: Sport as work. Quality of life at work. Activity-Centered Ergonomics. High-performance sport. Paralympic sport.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Lista de figuras

Figura 1 – A análise do trabalho entre a atividade e a tarefa	26
Figura 2 – Duplo caráter pessoal e socioeconômico do trabalho	31
Figura 3 – Características e afinidades entre trabalho na sociedade industrial e trabalho na atividade esportiva de alto rendimento	49
Figura 4 – Marcadores da metodologia BPSO-96 para ações de qualidade de vida no trabalho	55
Figura 5 – Participação brasileira no atletismo nos Jogos Paralímpicos entre 1992-2016	79
Figura 6 – Questões construídas a partir do IA_QVT, relacionadas com as noções de bem-estar e mal-estar no esporte enquanto trabalho.....	88
Figura 7 – Processo qualitativo de análise dos dados.....	91
Figura 8 – Nuvem de palavras com expressões mais significativas das entrevistas	100

Lista de fotografias

Fotografia 1 – Paratleta competindo após transição do esporte convencional para o esporte adaptado	104
Fotografia 2 – Gaveta contendo medalhas ganhas em competições: recordações dos resultados da atividade	122
Fotografia 3 – Vencer competições como o ápice da superação dos limites pessoais	127
Fotografia 4 – Paratleta em passeio no lugar da competição: Grand Prix, Alemanha, realização de um sonho	128
Fotografia 5 – Qualidade das instalações da academia do Núcleo de Alto Rendimento	132
Fotografia 6 – Condições da pista e qualidade dos equipamentos para treino do Centro de Treinamento do Comitê Paralímpico Brasileiro	133
Fotografia 7 – Momento de recuperação na fisioterapia após o treino	135
Fotografia 8 – Apurada organização e procedimentos com viagens internacionais	139
Fotografia 9 – “Faça chuva, faça sol, o meu técnico está ali para me orientar”	145

Lista de quadros

Quadro 1 – Dimensões sociais do esporte e seus princípios	38
Quadro 2 – Elementos constitutivos do construto de bem-estar no trabalho	64
Quadro 3 – Elementos constitutivos do construto de mal-estar no trabalho.....	65
Quadro 4 – Participação brasileira em Jogos Paralímpicos	75
Quadro 5 – Classificação funcional do atletismo paralímpico.....	80
Quadro 6 – Caracterização da pesquisa	82
Quadro 7 – Fatores constituintes da qualidade de vida no trabalho na abordagem da ergonomia da atividade	87
Quadro 8 – Passos comumente envolvidos na análise e interpretação de dados qualitativos	91
Quadro 9 – Categorias emergentes das entrevistas com os atletas paralímpicos ...	99
Quadro 10 – Sentimentos mais expressos nas entrevistas com os atletas paralímpicos	155

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14
2 RELAÇÕES ENTRE O TRABALHO E O ESPORTE COMO TRABALHO	21
2.1 Conceituação do trabalho a partir da ergonomia da atividade	21
2.1.1 Identificação do sujeito que trabalha	24
2.1.2 Componentes do trabalho.....	25
2.1.3 Dimensões pessoal e socioeconômica do trabalho	30
2.2 Esporte como trabalho: aproximações e conceituações	33
2.2.1 Conceituação do esporte	33
2.2.2 Breve histórico do esporte moderno e contemporâneo.....	34
2.2.3 Dimensões sociais do esporte	37
2.2.4 Esporte como jogo lúdico e competição	40
2.2.5 Esporte como trabalho: elementos de comparação.....	43
3 ABORDAGENS CONTEMPORÂNEAS PARA A QUALIDADE DE VIDA NO TRABALHO NO BRASIL.....	53
3.1 Abordagem biopsicossocial e organizacional (BPSO-96).....	54
3.2 Abordagem da psicodinâmica do trabalho	55
3.3 Abordagem da ergopsicologia.....	56
3.4 Abordagem das representações sociais.....	58
3.5 Abordagem da ergonomia da atividade aplicada à qualidade de vida no trabalho	59
3.5.1 Perspectivas das práticas de qualidade de vida no trabalho nas organizações.....	59
3.5.2 Fundamentos teóricos da ergonomia da atividade aplicada à qualidade de vida no trabalho	60
3.5.3 Dimensões para investigar a qualidade de vida no trabalho	61
4 PESSOA COM DEFICIÊNCIA E ESPORTE PARALÍMPICO.....	66
4.1 Conceituando a deficiência.....	66
4.2 Contextualização sobre a situação de deficiência no Brasil.....	69
4.3 Esporte como inclusão social da pessoa com deficiência	70
4.4 Os significados do esporte paralímpico	72

4.5 O movimento paralímpico	74
4.6 O atletismo como esporte paralímpico no Brasil	77
5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	81
5.1 Delineamento da pesquisa	81
5.2 Procedimentos de coleta de dados	82
5.2.1 <i>Definição dos participantes da pesquisa.....</i>	<i>82</i>
5.2.2 <i>Coleta de dados</i>	<i>84</i>
5.3 Análise dos dados	89
6 RESULTADOS E DISCUSSÃO	93
6.1 Descrição das entrevistas e do perfil dos participantes	93
6.2 Descrição da categorização temática.....	99
6.2.1 <i>Categoria 1 – “Uma jornada de superação: o lugar da deficiência e do esporte na vida do atleta paralímpico”</i>	<i>101</i>
6.2.2 <i>Categoria 2 – “Esporte como trabalho: uma relação desvendada”</i>	<i>113</i>
6.2.3 <i>Categoria 3 – “Fatores estruturantes da qualidade de vida no esporte como trabalho”</i>	<i>130</i>
6.2.4 <i>Categoria 4 – “Impactos da pandemia da COVID-19 e adiamento dos Jogos Paralímpicos de Tóquio”</i>	<i>157</i>
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	165
7.1 Contribuições da pesquisa	167
7.2 Recomendações.....	168
7.3 Limites da pesquisa.....	169
7.4 Agenda de pesquisa	169
REFERÊNCIAS.....	171
APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	181
APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA	182
ANEXO A – LISTA DOS 50 MELHORES ATLETAS PARALÍMPICOS DO ATLETISMO 2019 (PARA 2020).....	185

1 INTRODUÇÃO

No contexto da revolução digital e tecnológica, somos testemunhas de mudanças profundas em todos os setores da sociedade contemporânea: as inovações tecnológicas alteraram a maneira como vivemos, nos relacionamos e trabalhamos, assim como a reestruturação no processo de produção provocou transformações nas organizações e, por sua vez, profundas mudanças no mundo do trabalho (SCHWAB, 2016). Dessa forma, o mundo do trabalho se apresenta com novas características: a intensificação na competição, os processos de desregulamentação das normas trabalhistas e a precarização do trabalho, a flexibilização da atividade de trabalho, a proposta e efetivação do *home office* diante da situação de pandemia da *Coronavirus Disease 19* (COVID-19), a emergência da nova economia de serviços, o redesenho da visão internacional do trabalho, a flexibilização de novas formas de contratação, a (re)configuração de profissões e a emergência de novas profissões (GAULEJAC, 2007; FERREIRA, 2012). Ditas mudanças impactaram no desempenho dos trabalhadores, influenciando seus níveis de saúde e de qualidade de vida, suas dimensões psíquica e social, e seu relacionamento com o trabalho.

É nesse contexto que se encontra a prática esportiva profissional, entendida como uma atividade de trabalho. Ao falar do atleta profissional, Carrapeta (1997) se refere aos praticantes do esporte de alto rendimento como caracterizados pela constante busca de resultados e superação de limites ou marcas, onde o esporte-resultado pode conduzir ao esporte-profissão e ao esporte-competição. Autores como Rubio e Sanches (2011), Rubio (2012) e Campos, Capele e Maciel (2017) argumentam que a prática esportiva pode ser considerada uma carreira profissional, uma vez que há fases específicas para o alcance do objetivo de alto rendimento. Desta forma, o atleta passa a vender sua força de trabalho e se torna um trabalhador esportivo, numa relação contratual ou de emprego formal. Rubio (2001, 2012) não hesita em afirmar que, com o fim do amadorismo em meados dos anos de 1970, o esporte sofreu uma grande ruptura com o estabelecimento de uma relação causal entre dinheiro e desempenho esportivo, convertendo-se em meio de vida, uma atividade profissional onde o atleta passa a maior parte de seu tempo quase que exclusivamente dedicando-se aos treinos e competições. Esta relação possui alicerces em um modelo de rendimento-premiação de ganhos materiais e de

reconhecimento. Emerge, assim, o espetáculo esportivo e o atleta profissional passam a estar inserido em um sistema laboral.

Com a caracterização do esporte como trabalho, compreende-se a prática esportiva de alto rendimento como sendo o próprio trabalho do atleta profissional. As atividades são realizadas de forma prática e constante em uma modalidade ao longo da vida atlética, com o objetivo de alcançar altos índices em competições esportivas (SANTOS; ALEXANDRINHO, 2015). Portanto, justifica-se a necessidade de abordar a discussão acerca do esporte como trabalho, já que aqui se delinea o esporte como um exercício profissional (VERMEULEN *et al.*, 2016) e não apenas uma atividade em que se prevalece o prazer, o jogo em si, o lúdico, o lazer ou a terapia (CONSTANTINO, 1990). Ao contrário, a prática esportiva de alto rendimento absorve e reproduz a sistematização das características do trabalho no processo industrial, que delinea suas características e suas derivações na prática esportiva (RIGAUER, 1981; DEMAZIÈRE; OHL; LE NOÉ, 2015). Assim, é pertinente falar em qualidade de vida no trabalho pensando nas condições de trabalho, na organização do trabalho, nas relações socioprofissionais, no reconhecimento e no crescimento profissional, no elo trabalho-vida social, assim como nas situações de bem-estar e mal-estar geradas no contexto de trabalho (FERREIRA, 2015).

A literatura aponta que o conceito e as formulações teóricas para a temática da qualidade de vida no trabalho não apresentam uma abordagem “definitiva” e consensual (FERREIRA, 2012; MEDEIROS; FERREIRA, 2015; TAVEIRA; LIMONGI-FRANÇA; FERREIRA, 2015). Dada esta multiplicidade, é possível uma classificação sintética em duas abordagens amplas: uma hegemônica de natureza mais individualista e essencialmente assistencialista, e outra de orientação considerada contra-hegemônica de natureza preventiva, interessada no protagonismo do ser humano no trabalho e na perspectiva deste indivíduo (FERREIRA, 2012). Ao se tratar a qualidade de vida nas organizações, prevalece, em sua maioria, um enfoque de caráter assistencialista. Contemporaneamente, na literatura nacional podem ser encontradas cinco abordagens para a qualidade de vida no trabalho, propostas como superações para a visão assistencialista e as quais serão apresentadas neste estudo: a biopsicossocial e organizacional, a da ergonomia da atividade, a da psicodinâmica do trabalho, a da ergopsicologia e a das representações sociais (TAVEIRA; LIMONGI-FRANÇA; FERREIRA, 2015). Dentre essas abordagens, será adotada a perspectiva da ergonomia da atividade, que estabelece que seu principal foco “[...] está em

remover ou atenuar os problemas geradores de mal-estar nos contextos de produção, atuando, para tal, nas condições, na organização e nas relações socioprofissionais de trabalho, sempre sob a ótica de quem trabalha” (FERREIRA, MEDEIROS, 2015, p. 172).

São duas as escolas existentes dentro da tradição da ergonomia, se fazendo pertinente referenciá-las e apontar suas diferenças: a anglo-saxônica ou ergonomia clássica; e a franco-belga, ergonomia contemporânea ou ergonomia da atividade (ALMEIDA; FERREIRA; GUIMARÃES, 2013). A anglo-saxônica, mais conhecida mundialmente e que se baseia em uma concepção norte-americana e britânica, mais centrada no “componente humano” dos sistemas homem-máquina. Por outro lado, a escola chamada franco-belga é mais recente e está orientada para a interface homem-tarefa, enfocando a atividade humana no contexto do trabalho e visando a transformação do trabalho. Sua análise ergonômica busca resolver os problemas da inadequação do trabalho às características humanas. Ressalta-se, novamente, que o presente estudo se enquadra na fundamentação da ergonomia da atividade, vertente franco-belga da ergonomia.

Como o público-alvo deste estudo é formado por atletas paralímpicos (brasileiros), pessoas com deficiência, faz-se pertinente resgatar o conceito de deficiência apresentado pela Organização Mundial da Saúde, entendido como a combinação dos conceitos de deficiência/incapacidade entre os modelos médico e social. Este conceito enfatiza as possibilidades de inclusão e reabilitação do indivíduo e aponta que a deficiência não se restringe apenas à limitação das funções fisiológicas ou psicológicas dos sistemas do corpo, mas destaca igualmente a importância da interação entre um indivíduo com fatores pessoais e o ambiente social (DI NUBILA; BUCHALLA, 2008; AMIRALIAN *et al.*, 2000). Adicionalmente, a Organização das Nações Unidas, após vários anos de negociação, estando preocupada com a proteção dos direitos à dignidade das pessoas com deficiência(s) e com a promoção da participação deles na vida social, promulgou a Convenção das Nações Unidas sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e seu Protocolo Facultativo em 13 de dezembro de 2006 (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS, 2006). O Brasil, como país signatário da Organização das Nações Unidas, incorporou a Convenção desde 2008 por meio do Decreto Nº 6.949/2009 (BRASIL, 2009). É neste contexto que estão situados os atletas paralímpicos que iniciaram seu desafio por meio do esporte

inclusivo até chegar ao esporte de alto rendimento para assumirem seu protagonismo (PARSONS, WINCKLER, 2012).

Uma resenha histórica do movimento paralímpico brasileiro será apresentada, assim como o Comitê Paralímpico Brasileiro e a sua gestão em busca da promoção, organização, desenvolvimento e sistematização do esporte de alto rendimento, particularmente o atletismo. Sua preocupação com a promoção do esporte paralímpico permitiu que o Brasil alcançasse atualmente a posição de quinta potência mundial no atletismo paralímpico, trazendo impactos essenciais sobre a qualidade de vida do paratleta (SILVA; WINCKLER, 2019).

A relevância do trabalho está na investigação e discussão do esporte como trabalho e a qualidade de vida nesta modalidade de trabalho para um grupo de indivíduos com tal especificidade: a deficiência. Dada essa caracterização (de esporte como trabalho), é pertinente e oportuno abordar a qualidade de vida no trabalho por se tratar de um tema que ainda inquieta (e deve inquietar) todos aqueles que trabalham, tanto gestores como não gestores (LIMONGI-FRANÇA, 2015). O sujeito deste estudo faz parte de um universo um tanto particular: são pessoas com deficiência, atletas paralímpicos da modalidade de atletismo, protagonistas da história do esporte paralímpico, com riqueza de narrativas de vida, trajetórias de autorrealização e de superação. Por meio da atividade esportiva, trilharam seus caminhos em busca de uma “[...] efetiva inclusão e do alcance tão sonhado da cidadania” (SENATORE, 2016, p.79).

A relevância do tema prende-se, ainda, ao fato que o ano de realização da pesquisa (2020) seria um ano olímpico (Paralimpíadas de Tóquio 2020), no qual a equipe paralímpica brasileira defenderia a quinta colocação como potência paralímpica conquistada na última edição dos jogos (Rio 2016). Porém, a situação inédita de saúde pública que abalou o mundo inteiro e a decretação de situação de pandemia pela Organização Mundial da Saúde afetou de forma drástica a preparação, treinamentos e participação dos atletas. Os Jogos Olímpicos e Paralímpicos foram adiados e, com isso, foram também adiados os sonhos e realizações pessoais. Se faz oportuno comentar que atleta de esportes individuais é diferente de atleta de esportes coletivos. Ele precisa de uma sincronização física, técnica e psicológica para alcançar sua melhor *performance* no maior evento olímpico, caso contrário quatro anos serão perdidos; portanto é um trabalhador que está muito mais sujeito às questões psicológicas do que em outra profissão.

Para alguns dos atletas, isso representa o ápice de uma carreira profissional no âmbito esportivo. O adiamento dos jogos, fato sem precedentes, constitui um capítulo singular na história olímpica. A postura dos dirigentes do Comitê Olímpico Internacional e do Comitê Organizador de Tóquio 2020 provocou questionamentos sobre o significado do esporte e, principalmente, sobre o respeito à integridade dos atletas, sem os quais não haveria competições. A preservação da saúde destes não pareceu ser o principal “objeto” de apreciação nas tratativas que levaram ao adiamento (RUBIO, 2020). Thomas Bach, presidente do Comitê Olímpico Internacional, foi duramente “criticado por não olhar o dilema sob a ótica do atleta” (VECCHIOLI, 2020, on-line). Em recente entrevista publicada em revista de grande circulação nacional, o filósofo e professor americano contemporâneo Michael Sandel chama a atenção para uma reflexão sobre o momento de pandemia e não hesita em afirmar que “[...] a vida humana é preciosa, não podemos sacrificá-la. O ganho econômico não deve ser comprado com a perda de vidas” (SANDEL, 2020, *on-line*).

Parte-se, então, da observação de que as mudanças no trabalho impactam o desempenho dos trabalhadores em seus contextos de trabalho, sua qualidade de vida, seus níveis de saúde, seu convívio familiar e social. Também se considera o universo de atletas paralímpicos, discutindo-se o binômio esporte-trabalho. Por conseguinte, a **questão de pesquisa** que se apresenta é: como atletas paralímpicos brasileiros, da modalidade de atletismo, percebem a qualidade de vida no contexto do esporte enquanto trabalho em ano que deveria ter sido olímpico, agora pré-olímpico?

Configura-se como **objetivo geral** compreender o que é qualidade de vida no trabalho-esporte de atletas paralímpicos brasileiros da modalidade de atletismo, que estão em preparação para a próxima edição dos Jogos Paralímpicos, e quais os principais fatores que resultam em vivências de bem-estar e mal-estar nesse contexto de trabalho.

Os **objetivos específicos são os seguintes:**

a) Explorar a relação entre pessoa com deficiência e esporte paralímpico por meio das experiências de vida dos paratletas brasileiros, bem como a jornada até a equipe paralímpica.

b) Caracterizar o esporte, mais especificamente o esporte paralímpico, como trabalho.

c) Identificar a percepção dos paratletas sobre os eixos constitutivos da Ergonomia da Atividade Aplicada à Qualidade de Vida no esporte como trabalho.

d) Descrever as consequências das alterações no calendário olímpico e sua reconfiguração atual para a saúde e qualidade de vida do atleta paralímpico em ano idealizado como olímpico.

A presente pesquisa está estruturada nos seguintes capítulos:

- “Trabalho e esporte como trabalho” divide-se em dois grandes núcleos. O primeiro item apresenta o conceito de trabalho sobre a égide da ergonomia da atividade, apontando os componentes do trabalho, o objeto do trabalho, o sujeito trabalhador e as dimensões pessoal e socioeconômica do trabalho. Já o segundo item aborda as aproximações e conceituações entre esporte e trabalho em uma tentativa de refletir, a partir das evidências colhidas na literatura, sobre o fenômeno do esporte como trabalho na era moderna e na contemporaneidade; traz a conceituação, resenha histórica, dimensões do esporte e reflexões sobre elementos e racionalidades da atividade esportiva que o assemelham ao mundo do trabalho.

- “Abordagens contemporâneas para a qualidade de vida no trabalho no Brasil” descreve as cinco abordagens contra-hegemônicas da qualidade de vida no trabalho, se detendo particularmente nas características da abordagem da ergonomia da atividade aplicada à qualidade de vida no trabalho, opção adotada para este estudo; aponta-se suas características e pressupostos, objeto de ação e desafios.

- “Pessoa com deficiência e esporte paralímpico” trata das relações entre deficiência e esporte de alto rendimento. Inicialmente, é apresentada a conceitualização de deficiência, bem como a deficiência no contexto nacional. Em seguida, é feita uma reflexão sobre o esporte como uma via de inclusão social da pessoa com deficiência. Também são expostos os significados do esporte paralímpico com uma resenha histórica do movimento paralímpico, buscando-se refletir sobre o valor do atleta como ser humano para as instituições olímpicas. Paralelamente, traz breve reflexão sobre o adiamento dos Jogos Paralímpicos para Tóquio 2021 e os reflexos para o esporte e para o esportista. Por fim, é apresentado o atletismo como esporte paralímpico e as peculiaridades da classificação funcional do atletismo paralímpico.

- Os capítulos quinto, sexto e sétimo apresentam a abordagem metodológica desta pesquisa, assim como seus resultados discussão e as considerações finais. .

Contempla-se um estudo de abordagem qualitativa, de caráter descritivo-exploratório, com pesquisa de campo de corte transversal. O público-alvo são atletas paralímpicos brasileiros e, para coleta de dados, foram conduzidas entrevistas em profundidade com roteiro semiestruturado com onze paratletas. A entrevista semiestruturada está adaptada a partir dos cinco fatores constituintes da abordagem da ergonomia da atividade, assim como inclui perguntas relacionadas com as noções de bem-estar e de mal-estar no trabalho, que permitem os participantes exporem os relatos de suas vidas e do seu encontro com o atletismo de alto-rendimento, sobre a compreensão acerca do esporte como trabalho e sobre o impacto no paratleta do adiamento dos Jogos Paralímpicos por motivo da pandemia do *Coronavirus disease 2019* (COVID-19). A análise dos dados foi realizada com base na técnica de análise de conteúdo temática como proposta por Creswell (2015). O processo de codificação e categorização teve auxílio do *software* Novo NVivo para análise de dados qualitativos. No sentido de enriquecer e ilustrar estas análises, foram inseridas fotografias solicitadas após a entrevista e fornecidas espontaneamente pelos paratletas entrevistados.

2 RELAÇÕES ENTRE O TRABALHO E O ESPORTE COMO TRABALHO

Este capítulo apresenta, inicialmente, o conceito de trabalho sobre a égide da ergonomia da atividade, apontando o trabalho como objeto de estudo desta abordagem, assim como a sua compreensão do sujeito trabalhador, as categorias (atividade de trabalho, condições reais e resultados da atividade) e as dimensões do trabalho (pessoal e socioeconômica) que distingue. Em seguida, se abordará o conceito de esporte como trabalho, buscando relacionar o trabalho a partir da ergonomia da atividade com as dimensões propostas para o esporte (o esporte-educação, o esporte-lazer e o esporte-desempenho), os componentes valorizados pelo atleta no esporte e as características do esporte de alto rendimento.

2.1 Conceituação do trabalho a partir da ergonomia da atividade

O significado da noção de trabalho varia ao longo do tempo (TERSAG; MAGGI, 2004). Compreende-se significado do trabalho como a compreensão sobre a atividade de trabalho que os indivíduos e coletividades foram desenvolvendo em diferentes etapas da história, assim como a possibilidade de construção de significância ou sentido para com o trabalhar (ROSSO; DEKAS; WRZESNIEWSKI, 2010). Dependendo do momento histórico, a noção foi se alterando: foi chamada por Aristóteles, na Grécia Antiga, como *poiésis*, significando ação ou execução; nos Séculos IX-X, foi associada ao sofrimento e à fadiga, transcrita pela designação latina *tripallium*; no Século XIII, foi designada como exercício de um ofício; no Século XVIII, passa a ser correlacionada às atividades produtivas que se desenvolvem sobre as relações sociais dominantes no capitalismo. Vários autores apontam que, no decorrer do Século XX, as significações e os valores do trabalho evoluíram e foram se alterando: de uma concepção em que prevalece o direito e o dever, uma moral de sacrifício por parte do trabalhador, passa-se para uma concepção em que o direito refere-se ao desenvolvimento pessoal, de contestação da ordem industrial e de princípios da solidariedade; já no período de globalização e reestruturação econômica, prevalece um sentimento de ceticismo perante o grande contingente de excluídos e marginalizados que obrigam a rever o significado do trabalho (CODO, 1997; LALIVE D'ÉPINAY, 1998). Portanto, contemporaneamente, o trabalho assume uma multiplicidade de significados, oriunda das determinações sociais e históricas, assim

como da subjetividade dos próprios trabalhadores. Em meio à pluralidade, se constitui como atividade central e vital na sociedade capitalista, que é uma sociedade que vive do trabalho (ROSSO; DEKAS; WRZESNIEWSKI, 2010).

Graças a seu caráter de onipresença, definir trabalho se torna uma tarefa árdua exatamente porque o trabalho sempre esteve onde qualquer sociedade está (CODD, 1997). O trabalho e suas práticas variam de uma situação para outra, como também seu sentido varia ao longo do tempo e de uma sociedade para outra (TERSAC; MAGGI, 2004). De modo sintético, apresenta-se o trabalho a partir de dois pontos de vista, como presentes na literatura. Uma primeira conceituação essencial apresenta a existência de uma dupla relação de transformação entre o homem e a natureza, sendo que “[...] o trabalho é o ato de transmitir significado à natureza” (CODD, 1997, p. 41). Outra consideração aborda o trabalho como uma atividade humana, individual ou coletiva, de caráter social, complexa, dinâmica, mutante, sendo caracterizada como a atividade humana por excelência, visto sua natureza reflexiva, consciente, propositiva, estratégica, instrumental e moral (COUTINHO, 2009; NEVES *et al.*, 2018).

Mediante o exposto e diante da diversidade de olhares sobre o trabalho, o presente estudo adota a noção de atividade de trabalho como proposto pela ergonomia da atividade (a vertente franco-belga da ergonomia), escola que, desde seus primórdios, tem possibilitado a compreensão e transformação das situações de trabalho. Sua proposta se apresenta como uma abordagem baseada em uma perspectiva antropocêntrica: parte do entendimento de que as principais causas dos problemas existentes no contexto de trabalho estão na inadequação de trabalho às características humanas. Então, transformar o trabalho é a finalidade primeira das análises e da ação ergonômica (GUÉRIN *et al.*, 2001). Seu objeto de análise é a pessoa que trabalha e seu objetivo é a adaptação do trabalho ao homem, adaptação às diferentes características do homem, desde aspectos materiais até a organização do trabalho (TERSAC; MAGGI, 2004).

No intuito de apresentar uma conceitualização mais ampla, Tersac e Maggi (2004) relacionam o trabalho humano como uma construção social multidimensional, onde o trabalho aparece como produto de uma ação individual e coletiva, assim como um mediador da relação entre o indivíduo e a sociedade. Trata-se de um processo dinâmico que possui uma finalidade e, nesse processo de interação do indivíduo com o ambiente técnico, ocorre uma transformação recíproca, onde o indivíduo transforma

o ambiente por meio de atividades em que imprime suas particularidades e habilidades, assim como transformando e ressignificando o trabalho do outro (FERREIRA, 2003). Neste sentido, Ferreira e Mendes (2003, p. 38) apresentam o conceito de trabalho como uma:

[...] atividade humana ontológica, finalística por meio da qual os trabalhadores forjam estratégias de mediação individuais e coletivas vis-à-vis um contexto de produção de bens e serviços. As estratégias visam a confrontar e superar a diversidade de contradições existentes, com a finalidade de garantir a sobrevivência física, psicológica e social e, dessa forma, forjar sua própria história.

Por conseguinte, a ergonomia da atividade conceitua o trabalho a partir do olhar na atividade de trabalho e propõe que

O trabalho é um fator de produção: é, portanto, um determinante de eficiência. É também a expressão da atividade humana. Sendo assim, o trabalho põe em jogo as capacidades físicas, cognitivas, psicológicas, os reflexos sensoriomotores, as competências, a experiência. (GUÉRIN *et al.*, 2001, p. XV)

Portanto, da mesma forma que a atividade de trabalho é considerada o objeto de investigação e análise da ergonomia da atividade, assim também a análise das situações reais do trabalho é essencial dentro desta abordagem. Vista desta maneira, a atividade de trabalho pode ser definida como o espaço existente entre o que é prescrito e o que é real. A atividade de trabalho “[...] é uma estratégia de adaptação às situações reais de trabalho, e a distância entre o prescrito e o real constitui-se na manifestação concreta das contradições sempre presentes nos contextos e no ato de trabalho” (ALMEIDA; FERREIRA; GUIMARÃES, 2013, p. 566).

Resumindo, a ergonomia se propõe a recompor o conhecimento sobre as pessoas que trabalham visando transformá-lo. Este estudo entende o trabalho como uma atividade humana fundamental, não é ao acaso que Guérin *et al.* (2001) iniciam sua obra falando da atividade. Por outro lado, o trabalho não é só uma relação de emprego onde o indivíduo vende sua mão de obra e é remunerado por isso. O trabalho é muito mais do que isso. O trabalho é a atividade em que o indivíduo pode se identificar como pessoa: ali ele é protagonista da sua própria ação, conseguindo deixar uma marca da sua personalidade, expressão da sua inteligência e habilidades. A partir disso, a justificativa da escolha da abordagem da ergonomia da atividade para

o presente trabalho reside em considerar que o conceito de trabalho proposto é o mais completo, não centrado meramente na produção e não apenas visando uma relação social de venda de força de trabalho; é muito mais que isso: está centrado na compreensão do trabalho humano objetivando transformá-lo, buscando adaptar a atividade de trabalho ao homem e não ao contrário. Portanto, não se trata de adaptar o trabalho ao homem, mas propô-lo como uma forma de humanizar o trabalho para promoção de sentimentos de bem-estar e não de mal-estar, de estresse e sofrimento (CAZAMIAN, 1973; WISNER, 1995).

2.1.1 Identificação do sujeito que trabalha

O trabalho é uma atividade mediadora entre o sujeito e um contexto singular, assim como também é personalizado em um sujeito singular, que conduz o ato de trabalhar. Esta atividade interativa e transformadora envolve e engaja o sujeito em sua totalidade: seu corpo biológico, sua inteligência, seu afeto, marcando o ponto de interseção entre a história singular do sujeito e as relações sociais que este estabelece com os outros (FERREIRA, 2000).

Por conseguinte, para a compreensão dos pressupostos fundamentais da ergonomia da atividade é essencial o entendimento de sua concepção de ser humano, do sujeito que trabalha, uma vez que tal visão respalda todas as demais formulações. A ergonomia da atividade concebe o ser humano como um ser singular, único, que só pode ser compreendido na interrelação que estabelece no contexto de trabalho (FERREIRA, 2000; FERREIRA, 2003). Um ser inteligente, que coloca essa inteligência à prova nas diferentes situações de trabalho, que possui vínculo com a realidade e não apenas com abstrações, um ser que não é variável de ajuste (TERSAC; MAGGI, 2004; ALMEIDA; FERREIRA; GUIMARÃES, 2013). Busca-se que o trabalho se adéque ao homem e não que o homem se adéque ao trabalho, já que o ser humano não é uma máquina que pode facilmente ser moldada e adaptada conforme os gostos dos gestores. Pelo contrário, é um ser pensante, que sente, que tem vontades e desejos, que tem objetivos com a sua atividade de trabalho. A ergonomia da atividade é centrada no homem, contra uma visão taylorista de que o homem é que tem que se adequar ao trabalho ou às máquinas: é o trabalho que tem que se adequar ao trabalhador, é por isso que a ergonomia da atividade busca transformar o trabalho.

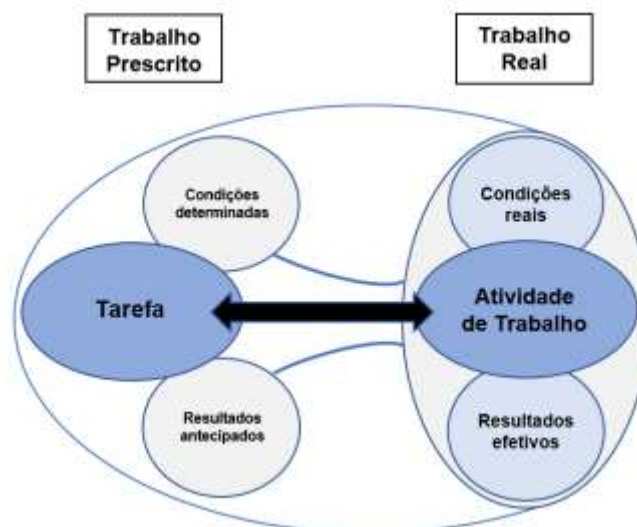
O trabalhador é concebido como sujeito inteligente, realizador de uma atividade que é colocada à prova constantemente nas diferentes situações de trabalho. Todo aquele que trabalha e executa tarefas pagas ou não, busca um duplo movimento: atender a seu sustento e meio de ganhar a vida, assim como uma forma de desenvolvimento pessoal ou social (GUÉRIN *et al.*, 2001). É esse foco, no ser humano trabalhador, que permite classificar a ergonomia da atividade como “[...] uma abordagem antropocêntrica e humanizadora das situações de trabalho” (ALMEIDA; FERREIRA; GUIMARÃES, 2013, p. 567), “[...] voltada para transformação de situações reais, na qual a participação dos sujeitos nelas envolvidos deve ter lugar privilegiado” (ALMEIDA; FERREIRA; GUIMARÃES, 2013, p. 563).

2.1.2 Componentes do trabalho

A ergonomia da atividade tem por objeto de análise o trabalho, categoria que abrange diferentes componentes. Por conseguinte, compreende-se que o trabalho pode designar qualquer uma destas três realidades: a atividade de trabalho, as condições de trabalho e o resultado da atividade. Elas não existem independentemente umas das outras e o trabalho é a unidade dessas três realidades (GUÉRIN *et al.*, 2001). Observa-se que, na prática, esses componentes são vistos separadamente e não há a ideia de uma unidade tanto nas práticas empresariais como nas disciplinas científicas. Conforme sustentado por Guérin *et al.* (2001) e como exposto na Figura 1, a análise do trabalho é rigorosamente a análise do conjunto de um sistema: a atividade que se confronta com outros elementos do trabalho, que são a prescrição da atividade ou tarefa, as condições em que o trabalho se realiza e os resultados antecipados ou efetivos em que atividade se desenvolve. Sistematizando, convém distinguir três realidades na compreensão do trabalho:

- a tarefa como resultado antecipado fixado em condições determinadas;
- a atividade de trabalho como o resultado da relação entre trabalho prescrito e trabalho real, na qual o trabalhador busca realizar a tarefa e emprega diferentes estratégias individuais ou coletivas; e
- o trabalho como unidade de atividade de trabalho, das condições reais e dos resultados efetivos dessa atividade.

Figura 1 – A análise do trabalho entre a atividade e a tarefa



Fonte : Guérin *et al.* (2001, p. 15).

O conceito de atividade como exposto pela ergonomia da atividade possui suas origens na Psicologia Sócio-Histórica, ao compreender que existem várias atividades e, entre elas, a mais importante no desenvolvimento do indivíduo é a atividade de trabalho (LEÓNTIEV, 1972). Por conseguinte, a atividade de trabalho apresenta-se como uma forma de atividade humana e como condição para a existência do trabalho. Normalmente, a atividade de trabalho é facilmente diferenciada da atividade humana em geral. Em suma, o trabalho é uma atividade específica inerente à vida ativa (GUÉRIN *et al.*, 2001).

Concebe-se a atividade de trabalho como um processo (LEPLAT, 2006), as vivências que o trabalhador desenvolve conforme realiza seu trabalho. Enquanto processo, é caracterizado como composto por ações: é um conjunto de fenômenos que caracterizam o ser humano cumprindo atos, que resultam de um movimento do conjunto do ser humano adaptado a um objetivo (GUÉRIN *et al.*, 2001). O processo de trabalho é composto por dois focos: a tarefa ou trabalho prescrito e o real da atividade ou trabalho real. Em outras palavras, a atividade inclui o comportamento (o fator observável ou manifesto) e seus mecanismos reguladores, que direcionam e regulam o comportamento (os componentes inobserváveis ou internos) (LEPLAT, 2006). Assim, a atividade de trabalho pode ser definida como o espaço existente entre o que é prescrito e o que é real. Conforme salientam Guérin *et al.* (2001, p. 15), a atividade de trabalho “[...] é uma estratégia de adaptação à situação real de trabalho,

objeto de prescrição. A distância entre o prescrito e o real é a manifestação concreta da contradição sempre presente no ato de trabalho”. No trabalho prescrito, é a organização que coloca o que deve ser feito; já o real da atividade é aquilo que realmente foi feito. Leplat (2006) aponta que existem etapas para que a atividade ocorra: a tarefa é prescrita pela hierarquia da organização ou pelas demandas do cargo/função, a tarefa é considerada pelo trabalhador, que passa a redefini-la a partir de estratégias individuais e coletivas, sendo, por fim, realmente realizada.

O foco da tarefa se refere ao que é prescrito pela organização do trabalho. Esta prescrição é imposta e exterior ao trabalhador, sendo determinante e constrangedora de suas ações. A tarefa pode ser fixada com diferentes graus de precisão, podendo variar de estritamente estabelecida até uma maior maleabilidade de condução. Pode se constituir como o resultado de uma atividade anterior, a atividade de quem desenhou o cargo/função ou a atividade de quem desempenhou o cargo/função anteriormente (LEPLAT, 2006). O trabalhador não tem domínio sobre as condições nem sobre os resultados da sua atividade profissional, assim como não tem controle sobre as condições do exercício de seu ofício. Entretanto, ao mesmo tempo, a tarefa é um quadro indispensável para que ele possa operar: ao determinar uma atividade, ela o autoriza a agir (GUÉRIN *et al.*, 2001). Sendo assim, a tarefa se constitui como um conjunto de prescrições e de representações: o trabalho a ser realizado é o mesmo para todos os trabalhadores de cargo idêntico em um dado local de trabalho; estes devem conhecer os objetivos de sua atividade e desenvolvê-las sob certas condições ambientais, estando definidos os modos operatórios, as instruções e normas de segurança; a tarefa objetiva reduzir o trabalho improdutivo e otimizar o trabalho produtivo: os trabalhadores empregam maneiras e métodos que permitam eficiência e condução satisfatória da atividade; a tarefa se torna um padrão de avaliação da produtividade (GUÉRIN *et al.*, 2001; DANIELLOU, 2006).

A tarefa, frequentemente, não leva em conta as particularidades dos trabalhadores e muito menos o que eles pensam sobre as escolhas impostas. É, pois, apenas posta pelos gestores para ser cumprida, desconsiderando-se as condições para realizá-la, as contribuições e as características do trabalhador (que poderia estar envolvido no processo de elaboração da tarefa). Na realidade, as pessoas não falam do seu trabalho, mas de sua tarefa. Portanto, uma tarefa: “[...] é um resultado antecipado, fixado dentro de condições determinadas” (GUÉRIN *et al.*, 2001, p. 14) e mantém uma relação estreita com o trabalho através de suas condições e resultados.

É essencial a diferenciação entre a tarefa e a atividade real de trabalho, sendo fundamento para a análise do trabalho (TERSAG; MAGGI, 2004). De um lado, os trabalhadores conduzem suas atividades conforme as demandas da tarefa, tendo sempre em consideração as descrições de seu cargo e os objetivos organizacionais. Por outro lado, a atividade real é desenvolvida como um sistema de tratamento da tarefa (LEPLAT, 2006): o trabalhador emprega uma série de meios, instrumentos e recursos próprios de suas características pessoais e provenientes de sua experiência profissional para cumprir a tarefa, sendo a criatividade um elemento imprescindível mesmo em meio a atividades repetitivas e monótonas. Sendo assim, a atividade de trabalho não é apenas dada por prescrições formais, mas também é um processo pessoal e coletivo de criação: os trabalhadores mobilizam seus corpos, inteligência e personalidade para completar as tarefas. A atividade é aquilo que o trabalho realmente faz, suas próprias vivências, aquilo que foi desenvolvido em sua realidade de trabalho, como formas de responder às demandas da tarefa e como soluções aos problemas que vão surgindo. O trabalhador não é um aplicador da tarefa ou o resultado de forças que se cruzam, mas uma fonte de decisões e produtor de fatos (HUBALT, 2004).

As condições de trabalho dizem respeito às situações de trabalho como contextos da atividade vivida (HUBALT, 2004). As situações de trabalho são mais bem compreendidas a partir da variabilidade dos contextos e dos indivíduos (GUÉRIN *et al.*, 2001; TERSAC; MAGGI, 2004): a atividade de trabalho se desenvolve na multiplicidade, na complexidade e em contradições constantes; a situação de trabalho é mutável, variável e ativa, apesar de manifestar-se como estáveis, imóveis e inertes; se constitui como variabilidade organizacional (diversidade dos meios técnicos e organizacionais), interindividual (diversidade entre as pessoas) e intra-individual (variações do estado de cada pessoa). A variabilidade é resultado de escolhas organizacionais reguladoras e pelo cotidiano das pessoas que desenvolvem seu trabalho em dado ambiente, já que o trabalho não é apenas organizado, mas também organizador (TERSAC; MAGGI, 2004). Assim sendo, a atividade de um trabalhador, em dado momento, se constitui como o resultado de um compromisso complexo diante de numerosos fatores (GUÉRIN *et al.*, 2001).

A situação de trabalho [...] [é] o resultado de escolhas organizacionais (escolas de pré-ordenação, de regulação) referindo-se aos objetivos e aos meios para atingi-los: as escolhas da ação, a realização das ações

relativas a sujeitos específicos, aos meios, aos objetos, às técnicas. (TERSAC; MAGGI, 2004, p. 100).

Diante da variabilidade das condições de trabalho, os trabalhadores realizam o movimento de adaptação ao ambiente de trabalho, às tecnologias e instrumentos disponíveis, às pessoas com as quais trabalha, à hierarquia e ao controle exercido sobre sua atividade. A adaptação tem a ver com processos de ajuste para a atividade humana, uma vez que, para a gestão (ou seja, para os gestores), as condições de trabalho explicitam eficiência e otimização quando se trata de sistemas técnicos, e de eficácia quando se relaciona aos sistemas de produção (HUBALT, 2004).

No enquadramento da variabilidade, podem ser apontados diversas condições ou fatores reais em que o trabalho se desenvolve. Hubalt (2004) aponta para os sistemas técnicos onde o ser humano toma suas decisões, como os ambientes físicos, os ambientes psicossociais e as normas. Já Daniellou (2006) indica três fatores: a) a tecnologia, no progresso tecnológico (aplicação do conhecimento científico para desenhar artefatos) e escolhas tecnológicas (mecanismos que entrelaçam o mundo cultural humano com a realidade); b) a organização do trabalho, nas faces da estrutura organizacional (que determina o quadro de tarefas a serem realizadas) e a vida organizacional (composta das atividades sociais diárias de todos os trabalhadores de uma organização); e c) a mudança enquanto os resultados das interações sociais entre os trabalhadores. Ainda, Guérin *et al.* (2001) elencam fatores externos (como os objetivos decididos pela empresa e os meios disponíveis para atingi-lo) e fatores internos (como o corpo, o raciocínio, os saberes adquiridos ao longo da vida profissional, os valores, a personalidade e os projetos pessoais) ao trabalhador. Salienta-se que essas condições de trabalho variam com o tempo e se atualizam constantemente.

A articulação entre a atividade de trabalho e as condições de seu desenvolvimento levam aos resultados do trabalho. Os resultados dependem das estratégias empregadas pelos trabalhadores para administrar as variações nas condições internas e externas da atividade, as definições da tarefa e das normas, assim como o planejamento em vista dos objetivos institucionais (TERSAC; MAGGI, 2004). Por conseguinte, podem ser indicadas duas características do resultado do trabalho: a definição das metas, de um lado, e a eficiência e eficácia, de outro. As metas são os resultados antecipados pela organização por meio de estabelecimentos

institucionais. A avaliação sobre o trabalho se constitui como os resultados efetivados da atividade de trabalho, expressos na eficiência e na eficácia (HUBALT, 2004): a eficiência é a medida do esforço empregado para atingir o resultado obtido, sendo ação conjunta do sistema técnico e das estratégias empregadas pelo trabalhador em vista da confiabilidade; e a eficácia está relacionada com a qualidade, pois instrui a escolha da organização e permite produzir o melhor resultado para uma dada alocação de recursos.

Os resultados podem ser expressos como consequências múltiplas para os trabalhadores, assim como para a produção e os meios de trabalho (GUÉRIN *et al.*, 2001). Por parte do trabalhador, as consequências podem envolver sua saúde física e mental, seu estado funcional, a limitação das possibilidades de evolução das competências, a restrição da ampliação da experiência profissional, tendo repercussões sobre sua vida social e econômica, sua formação e emprego; além disso, também podem acarretar efeitos positivos, como o desenvolvimento de competências profissionais e maior retorno financeiro. Por parte da organização, os resultados podem se manifestar de maneira direta e manifesta, como na qualidade do produto produzido ou no retorno financeiro da compra de nova tecnologia, ou indireta e menos manifesta, como no índice de engajamento e melhores relações interpessoais no ambiente de trabalho; ainda, podem ser expressas em consequências negativas e positivas.

2.1.3 Dimensões pessoal e socioeconômica do trabalho

O trabalho, com todos os seus componentes (atividade de trabalho, condições de trabalho e resultados da atividade), apresenta sempre um caráter duplo, conforme o ângulo em que é abordado: o da pessoa que trabalha (caráter pessoal) ou da empresa (caráter socioeconômico). Por conseguinte, as dimensões do trabalho são discutidas a seguir e são resumidas na Figura 2:

Figura 2 – Duplo caráter pessoal e socioeconômico do trabalho



Fonte : Guérin *et al.* (2001, p. 17).

Segundo Guérin *et al.* (2001), a dimensão pessoal do trabalho se expressa concretamente nas estratégias usadas pelos trabalhadores para realizarem suas tarefas. São estas o objeto real da análise ergonômica da atividade. Então, surge a pergunta inicial: como esse trabalhador, tendo características pessoais particulares, faz para atingir os objetivos que ele fixa em função da tarefa que lhe foi confiada? Assim, o resultado da atividade de um trabalhador é sempre singular, ainda que discreto, deixando um traço pessoal por meio do trabalho humano ali investido, seja ele um objeto, parte de um objeto ou de um serviço cujas características dependem, na sua totalidade, da atividade desenvolvida para executá-la. Os traços pessoais podem estar relacionados a um conjunto de conhecimentos específicos, modos particulares de utilização das máquinas, das ferramentas ou dos instrumentos. Guérin *et al.* (2001) apontam que esses traços pessoais possuem uma função informativa extremamente importante. A matéria-prima do trabalho não é, para o trabalhador, uma página em branco: é como uma transferência de informação, em que se consegue traduzir a marca de outro trabalhador no objeto que se recebe e, por sua vez, o próprio trabalhador o transforma impregnando a sua marca ao entregá-lo.

Deriva-se, assim, a importância dessa dimensão para o indivíduo: trabalhar não é somente ganhar a vida, mas também tem a ver com o sentido, com sua relação com o mundo, como desempenha um papel, como socializa, como acontece seu

reconhecimento (GUÉRIN *et al.*, 2001). Algo parecido acontece com respeito às condições de trabalho onde o trabalhador marca seu território, identifica-o como seu, personaliza seu espaço quase que com um sentido possessivo, chegando a se referir a “sua empresa”, “sua máquina”, “sua mesa de trabalho” (GUÉRIN *et al.*, 2001). A dimensão pessoal das condições de trabalho ganha sentido em função da carreira profissional do trabalhador e de suas experiências no ofício, na empresa, no setor, no posto ocupado; diz respeito à aprendizagem obtida nos vários postos ocupados e à destreza com que o trabalhador adquiriu durante toda sua carreira. Tudo isto faz dessa dimensão algo muito particular do trabalhador, algo muito pessoal transcrita como uma marca pessoal. Toda atividade é sempre a atividade de uma pessoa (LEPLAT, 2006), de um trabalhador, que visa responder às tarefas demandadas e aos objetivos pessoais de um modo próprio: a atividade “[...] encontra seu significado em demandas externas (tarefa) e em relação com os próprios propósitos do trabalhador” (LEPLAT, 2006, p. 569).

Por outro lado, conforme aponta Guérin *et al.* (2001), o trabalho tem um caráter socioeconômico, já que resulta da sua inserção numa organização social e econômica da produção. Esta dimensão deve estar presente na análise do trabalho, uma vez que é ela que transforma a atividade humana em atividade de trabalho. Portanto, reduzir a atividade de trabalho à atividade pessoal não permite captar as reais características das situações de trabalho a se transformar.

O trabalho é uma atividade social porque, geralmente, seu resultado leva à produção de objetos ou serviços mediante uma atividade coordenada e com vários trabalhadores. Essa socialização é resultado da divisão de tarefas e continua com a tendência das parcerias e cooperações, dada a complexidade cada vez maior dos objetos a se fabricar ou dos serviços a se prestar (GUÉRIN *et al.*, 2001). Desse ponto de vista, as condições de trabalho são sempre as condições sociais de produção. A fábrica, o serviço, a organização, o sistema de informação, dispositivos técnicos mantidos, tendo em vista a assegurar essas condições.

O caráter social do trabalho é inseparável de sua dimensão econômica. Os objetos e serviços são reconhecidos como resultado de um trabalho somente se podem ser vendidos no mercado. Há aí uma verdadeira transformação do resultado concreto em um valor econômico. (GUÉRIN *et al.*, 2001, p. 22)

Todo trabalho tem, portanto, uma dimensão ao mesmo tempo pessoal e socioeconômica. As dificuldades encontradas pelos trabalhadores nas empresas residem na articulação entre esses dois termos. O lugar onde se dá essa articulação é a situação de trabalho. Uma análise do trabalho implica justamente na articulação imediata das dimensões pessoal e socioeconômica, assim como na maneira como o trabalhador lida com elas no contexto do trabalho.

2.2 Esporte como trabalho: aproximações e conceituações

Considera-se este trabalho como uma reflexão, a partir das evidências colhidas na literatura, sobre o fenômeno do esporte como trabalho na era moderna e na contemporaneidade. Aborda a conceituação, resenha histórica e dimensões, assim como traz reflexões sobre os elementos e racionalidades do esporte que o assemelham ao mundo do trabalho.

2.2.1 Conceituação do esporte

O conceito de esporte representa a pluralidade ou a multiplicidade das vozes presentes nos textos das diversas disciplinas que o abordam. No vocabulário comum do dia a dia, tende-se a usar palavras como “esporte” e “jogo” de maneira bastante vaga ou sem grandes distinções. No entanto, para o presente estudo, o esporte é abordado como um fenômeno humano, que possui alta relevância social no desenvolvimento da história humana e que está profundamente relacionado ao processo cultural nas diferentes sociedades e comunidades. Dessa forma, adota-se a conceituação de esporte como apresentada por Barbanti (2006, p. 58):

O esporte é um fenômeno cultural e social que influencia e sofre influência da sociedade e muitas vezes seus problemas são os mesmos da própria sociedade. Cada vez mais o esporte se torna parte do nosso mundo social. Ele se relaciona com a vida familiar, com a educação, política, economia, artes e religião. Com maior entendimento é possível mudá-lo de forma que mais pessoas se beneficiem das coisas positivas que ele tem a oferecer.

Guttmann (2004) apresenta uma diferenciação entre brincadeira, jogo e esporte, apontando uma deficiência conceitual no entendimento do conceito de esporte nas escolas de educação física. Assim, chega ao entendimento de que o

esporte pode ser definido como uma competição organizada, de caráter lúdico e não utilitário, em que as exigências físicas superam os componentes intelectuais. A obra de McPherson, Curtis e Loy (1989) fornece uma definição de esporte aproximada à de Guttman (2004), mas com algumas diferenças: o esporte é uma forma de jogo estruturada, orientada para objetivos e competição. Esta concepção é composta por quatro elementos: 1) é estruturada, governada por regras de algum tipo (formais, mais formais ou altamente estruturadas); 2) é orientada por objetivos que determinam o sucesso ou fracasso; 3) é competitiva; e 4) é um jogo com elemento lúdico, significando o brincar. Já Helal (1990) entende o esporte como jogos institucionalizados: para o autor, o esporte é sempre um jogo competitivo organizado com normas e regras definidas, sendo uma das instituições sociais mais sólidas do mundo moderno. Ainda, destaca a importância do estudo da sociologia do esporte como uma exigência tanto para aqueles interessados na complexidade do fenômeno esportivo como para aqueles interessados em compreender a realidade social de forma a vincular o entendimento sociológico do esporte no mundo moderno e encará-lo como um fato social em constante transformação de mudança de hábitos, valores e costumes. Helal (1990) analisa as distinções e diferenciações do esporte moderno para com as práticas lúdicas e o mero jogo, mas sua análise não distingue outras dimensões da prática de esportes em sentido amplo.

Por outro lado, à luz da psicologia do esporte, Rubio (2001, 2018) aponta para elementos que ajudam a conceituar o fenômeno do esporte, de uma forma limitada, uma vez que a prática usual desta disciplina está mais centrada nos estudos de avaliação, intervenção ou análise do comportamento social do ser humano que pratica o exercício, isto é, que realiza uma atividade física e esportiva, seja ela competitiva ou não. A psicologia esportiva está usualmente associada a um público de atletas que exercem a prática esportiva onde o foco final é a vitória veiculada por mídias sociais, de comunicação e *marketing*, devendo obter o máximo desempenho no chamado esporte de alto rendimento, espetáculo que envolve sonhos, políticas e grandes investimentos (RUBIO, 2018).

2.2.2 Breve histórico do esporte moderno e contemporâneo

Para considerar o esporte como trabalho na história contemporânea, torna-se necessária uma visita à trajetória histórica do esporte, fazendo um breve percurso nas práticas pré-esportivas e esportivas até os tempos atuais. Vale enfatizar que o

esporte, como um importante fenômeno sociocultural, deixa permear na sua história a própria história cultural do mundo.

Com um olhar histórico, Tubino (2010) divide a história do esporte entre esporte antigo, esporte moderno e esporte contemporâneo. O autor aponta que, ao longo da história, diferentes significados foram atribuídos ao esporte:

As lógicas do Esporte têm uma variabilidade marcante praticamente desde a sua origem, recebendo diferentes sentidos nas civilizações antigas, nas primeiras manifestações esportivas pelos gregos, nos séculos de suas decadências (civilização romana, Idade Média e Renascença), depois quando se tornou Esporte Moderno e, finalmente, chegou ao Esporte Contemporâneo. (TUBINO, 2010, p. 32).

O esporte antigo aconteceu desde a antiguidade até o início do século XIX, com práticas diferentes das atuais. Essas práticas eram denominadas de pré-esportivas, uma vez que a caracterização dessas práticas atendia às necessidades de sobrevivência das pessoas e era como uma preparação para as guerras. Entre elas encontravam-se as corridas, a natação, os saltos, os arremessos, as artes marciais, o tiro com arco, a corrida de carros, o remo e os duelos armados (TUBINO, 2010).

Já o esporte moderno foi concebido em 1820 na Inglaterra, quando recebeu o apoio decisivo de Pierre de Coubertain para a restauração dos Jogos Olímpicos, suspensos há muito tempo (CRAIG, 2016). O esporte, assim, obteve forte impulso e deu-se reinício ao movimento olímpico, permanecendo até meados dos anos de 1970. Este olimpismo foi fundado nos pilares do ideário olímpico: o *fair play* nas competições (no sentido da ética e convivência humana) e no amadorismo (associado com a prática de uma atividade esportiva não remunerada e com uma característica de passatempo) (RUBIO, 2001; BRACHT, 2005; TUBINO, 2010).

O esporte moderno, conectado a elementos racionalizados, passou a ser distinguido das manifestações lúdicas e brincadeiras recreativas de épocas anteriores. Com este entendimento, Craig (2016) enfatiza que ambas as práticas (esportivas e de lazer) se tornaram significativas na modernidade e foram se consolidando na vida pública e privada da sociedade no final do século XIX. Nessa época, marcada pela influência global do império britânico vitoriano com seus processos internos de modernização, aconteceu a criação de muitos dos esportes que hoje dominam o

cenário global. Entre eles, uma gama de atividades chamadas de atletismo, um leque de esportes de futebol (tradicional, futebol americano, *rugby*), modalidades com taco e jogos de bola (críquete, beisebol e tênis), e o boxe.

É notória a acolhida dessas práticas esportivas em ambientes educacionais, uma vez que o esporte foi concebido inicialmente como prática aristocrática e considerada uma atividade para os momentos de ócio (CRAIG, 2016). Gradualmente, o esporte foi galgando um grau de importância tal no ambiente cultural que se chegou à crença de que, por meio da prática desses esportes, se obteria um passaporte para aquisição de virtudes morais e benefícios sociais. Apesar disso, essas práticas apresentavam uma forte evidência de estratificações sociais de classe, gênero e raça na prática esportiva (CRAIG; MELLOR, 2010).

O esporte concebido como prática para momentos de ócio, com caráter de brincadeira, irracionalidade e improdutividade, foi progressivamente deslocado e inserido no novo racionalismo do domínio da economia e das relações de trabalho nas estruturas sociais, ideológicas e políticas, elaborando, dessa forma, uma nova organização e governança do esporte moderno (HUIZINGA, 2014). Essa percepção permite remontar aos anos 1960, quando o esporte começa a assumir uma presença significativa no mundo moderno, passando a haver um cruzamento com estruturas e interesses políticos, econômicos, sociais, culturais, internacionais, nacionais e locais (CRAIG, 2016).

Com o avanço do século XX, o esporte moderno manifestou um conjunto diferente de valores e práticas absorvidas da sociedade industrial moderna. O ideário olímpico enfrenta o antagonismo entre o amadorismo perante o profissionalismo. Assim, tal esporte amador colapsa a partir da década de 1970. Elementos como a competição, o rendimento e a recompensa monetária tornam-se valores primordiais do esporte, deixando para atrás valores da prática esportiva não remunerada, tais como o prazer e o divertimento (MARKUNAS, 2018).

No final da década de 1970, surgiu, a nível global, a reivindicação do direito da prática esportiva para todos: em 1978, a Unesco divulga a Carta Internacional de Educação Física e Esporte, reinvidicando o direito da prática esportiva para todos, independentemente de idade, raça, estado físico ou qualquer outra condição. A partir da aceitação do esporte como direito de todos, tem início o esporte contemporâneo. Nessa perspectiva, o esporte não é mais visto como única perspectiva de prática

esportiva de competição e alto rendimento, mas sim como uma prática socializada de esporte para todos (TUBINO, 2010).

Em 1985, no âmbito nacional, a Comissão de Reformulação do Esporte Brasileiro sugeriu que a realidade esportiva mudasse a perspectiva da prática do esporte de rendimento para a consideração do fomento das práticas desportivas de educação e de participação ou lazer, abrindo, desta forma, a possibilidade de um esporte social. Foi assim que se criou uma governança que priorizava as responsabilidades sociais do Estado, usando o esporte como um meio de desenvolvimento da sociedade (TUBINO, 2010).

Como exemplo do acolhimento do conceito de esporte como direito para todas as pessoas, o Estado Brasileiro começou a atuar no chamado esporte social, enfatizando manifestações de fomento do esporte-educação e do esporte-participação (TUBINO, 2010); o esporte de alto rendimento ficou, aos poucos, direcionado para iniciativas do setor privado relacionando o apoio ao retorno da mídia. No entanto, o papel do Estado assume responsabilidades de natureza pública especificadas na segurança dos centros onde são realizadas as competições, no desenvolvimento de infraestrutura (a depender da competição), na contribuição nas delegações que representam o país em eventos nacionais e internacionais, e no controle de *antidoping* por meio de agências especiais para tal efeito (TUBINO, 2010). Ainda, criaram-se formas de auxílio aos atletas profissionais, que eram beneficiados com bolsas de auxílio financeiro (eram concedidas para atletas de alto rendimento em modalidades olímpicas e paralímpicas que não tinham patrocínio e que cumpriam certos requisitos estipulados).

2.2.3 Dimensões sociais do esporte

Nas conceituações acerca do esporte, pode-se perceber dois elementos comuns: o lúdico do jogo e a competição. O entendimento de Helal (1990) é de que o jogo sempre está presente no esporte; a diferença se encontra na organização do jogo que o eleva à condição de esporte, sendo essa a distinção entre o esporte moderno/contemporâneo e o esporte antigo. Azevedo e Gomes Filho (2011), por sua vez, contestam essa colocação, afirmando que “Esportes, porém, não são *apenas* jogo. Jogos podem ou não ser competitivos; mas esportes são *sempre* jogos competitivos organizados” (p. 591, grifo dos autores). Os autores passam, assim, a questionar a abordagem sobre a diferenciação entre esporte, jogo e brincadeira:

“Seria sua distinção entre esporte, jogo e brincadeira capaz de capturar todas as ‘dimensões’ das práticas esportivas?” (AZEVEDO; GOMES FILHO, 2011, p. 591).

Por conseguinte, passa-se a distinguir três dimensões sociais da prática esportiva, a partir da fundamentação apresentada por Tubino (1987, 2002, 2006): esporte-educação, esporte-lazer e esporte-desempenho. Com essa diferenciação, esse autor reconhece que a prática do esporte estaria ao alcance de todos dentro da perspectiva do esporte como direito social, propondo que, dentre as três dimensões, a que mais se adapta à prática de oportunizar esportes sem distinções sociais é a do esporte-lazer ou esporte-participação (TUBINO, 2002). Azevedo e Gomes Filho (2011), por outro lado, reconhecem nessa distinção proposta uma intenção social e ética, mas contestam o reconhecimento da dimensão esporte-participação como a mais completa, já que consideram que, nessa forma, o esporte seria apenas uma ampliação de oportunidades para práticas do jogo ou hábito de brincar, e não como uma oportunidade que permita experimentar uma prática esportiva.

O presente estudo adota a tripla dimensão apresentada por Tubino (1987, 2002, 2006) que considera o esporte como um direito ao alcance de todas as pessoas, sem distinção, que podem exercer esse direito por várias formas, seja pelo esporte-educação, esporte-participação ou esporte-performance, de forma a contribuir para a formação do ser humano como indivíduo e como ser social. O Quadro 1, a seguir, apresenta um explicativo das formas de exercício do direito ao esporte, as dimensões sociais da prática esportiva e os princípios que regem cada forma:

Quadro 1 – Dimensões sociais do esporte e seus princípios

ESPORTE					
Formas de exercício do direito esportivo	<i>Esporte-educação</i>		<i>Esporte-lazer</i>	<i>Esporte-desempenho</i>	
Princípios das dimensões	Formação da cidadania		Prazer, inclusão e participação	Ética, superação e desenvolvimento esportivo	
Divisões das formas de exercício do esporte	Esporte educacional	Esporte escolar	Esporte enquanto lazer	Esporte de rendimento	Esporte de alto rendimento
Princípios das subdivisões	Participação, coeducação, cooperação, corresponsabilidade, inclusão	Desenvolvimento esportivo, desenvolvimento do espírito esportivo	Participação, prazer, desenvolvimento esportivo	Desenvolvimento esportivo, superação	

Fonte: adaptado de Tubino (2010, p. 44).

A primeira dimensão do esporte é o esporte-educação, que possui como princípio norteador a formação da cidadania. É possível dividi-lo entre esporte educacional e esporte escolar. O esporte educacional está destinado para a infância, adolescência e juventude em período de formação escolar. Também é oferecido para crianças e adolescentes de comunidades carentes evitando a seletividade dos participantes.

Já o esporte escolar está fundamentado nos princípios do desenvolvimento esportivo e do espírito esportivo com valores de ética e determinação, objetivando também a formação para cidadania. É dirigido pelos professores e as regras devem ser estabelecidas pelos educadores. É exercitado por jovens com algum talento para a prática esportiva e realizado no ambiente escolar com a participação em competições interescolares. Uma manifestação do esporte escolar são as Olimpíadas Escolares (TUBINO, 2010).

O esporte-lazer é a segunda dimensão social do esporte que atende e respeita os princípios de prazer, inclusão e participação, também chamado de esporte comunitário, esporte-ócio e esporte-participação. Uma dimensão em que todas as pessoas, independentes da faixa etária, têm direito de participar. Nesse sentido, tem relação direta com o lazer e o tempo livre: essas manifestações acontecem em espaços descompromissados com o tempo e livre de obrigações, com propósito de divertimento e descontração, de inserir o prazer lúdico, daí que o esporte-lazer esteja “[...] referenciado com o princípio do prazer lúdico” (SILVA; TUBINO, 2009, p. 92).

O esporte enquanto lazer promove a convivência esportiva sem a rigidez de normas e controles, podendo agir com a liberdade de escolha de ficar ou desistir caso deseje, sem compromisso ou obrigatoriedade. As convenções são estabelecidas pelos participantes, podendo ser oficiais, adaptadas ou até criadas. Essa dimensão contribui para o desenvolvimento social, já que há forte relação entre os participantes e se garante o contentamento a todos que dele fazem parte: o que conta é a socialização, desenvolver o espírito comunitário e a integração social (SILVA; TUBINO, 2009).

O objetivo do esporte-lazer está direcionado à promoção do bem-estar social, da saúde e da qualidade de vida. Os locais de prática prazerosa e voluntária das atividades no esporte-lazer podem ser espaços públicos, associações, clubes, residências, praias e até bares. Na maioria das vezes, essa prática conta com a

intervenção do profissional de Educação Física como agente subsidiador (SILVA; TUBINO, 2009).

Por fim, a terceira dimensão é a do esporte-desempenho, também denominada de esporte-performace, esporte-competição ou esporte institucionalizado. Dividido em esporte de rendimento e alto rendimento, é praticado por atletas que possuem habilidades e talentos para a prática de uma modalidade específica (TUBINO, 2010). Está relacionado a esquemas de treinamento de alto volume e exigência visando recordes, vitórias, desafios, imagem de *marketing*, retorno financeiro e processos de gestão (RUBIO, 2018). O esporte-desempenho é regido pelo princípio da superação e desenvolvimento esportivo. O espírito esportivo também está presente, envolvendo determinação e acompanhado por códigos de ética na realização da prática esportiva, seja em treinamentos ou em competições (TUBINO, 2010; BRACHT, 2005).

2.2.4 Esporte como jogo lúdico e competição

Conforme explanado na história do esporte, com o avanço do Século XX, o esporte moderno absorveu valores e prática próprias da sociedade industrial mercantilista e, juntamente, trazia o conflito social da sociedade capitalista: capital *versus* trabalho reproduzido na questão de amadorismo *versus* profissionalismo (BRACHT, 2005). Desta forma, nos anos 1970 o ideário olímpico sofreu uma forte ruptura, uma vez que os fundamentos do *fair play* (entendido como jogo justo e ético) e do *amadorismo* (associado com a prática de uma atividade esportiva não remunerada, inicialmente praticado por poucos e para ser usada em tempo ocioso) confrontaram com a nova tendência da prática esportiva profissional e remunerada. Assim, Rubio (2001, p. 213) comenta:

É a partir desse momento que os dois elementos fundantes do esporte moderno, o amadorismo e o *fair play*, passaram a sofrer seu grande revés. Considerados a base do Olimpismo, esses conceitos foram norteadores do esporte ao longo do século XX, até aproximadamente os anos 70, quando a relação causal dinheiro e desempenho esportivo passaram a compor uma dupla inseparável [...].

Desta maneira, o esporte moderno se converteu numa complexa construção social e cultural, absorvendo as características da sociedade moderna e tendo como valores primordiais a competição, o rendimento e a recompensa monetária.

(MARKUNAS, 2018). Esse evento de transformação de dimensão do esporte é comentado por Constantino (1990, p. 169), que afirma que:

O desporto começa por ser sinônimo de divertimento, cerca de meio século mais tarde era reconhecidamente entendido como atividade física, exercida no sentido do Jogo, cuja prática supunha treino, regras e um sistema codificado de avaliação. O lúdico, o prazer, cedia lugar ao esforço e ao rendimento.

Embora a história evidencie que o sentido lúdico do esporte (brincadeiras recreativas e o jogo) tenha sucumbido ao sentido da competição, alguns autores apontaram que o esporte conserva ambas as esferas de significado: físico e abstrato, competitivo e divertido, que fazem parte do bem comum dos seres humanos, capturando o caráter do lúdico e da brincadeira.

Evidenciando a conexão entre o elemento lúdico da humanidade com o desenvolvimento histórico da civilização humana, Huizinga (2014) explana que a cultura nasce em forma de jogo: este incorpora, na sua essência, algo sério e fundamental para diversas sociedades contemporâneas. Ele descreveu o jogo como algo que possui um aspecto lúdico, guardando a percepção de algo sagrado ou místico, se fazendo presente na poesia ou em outras facetas da humanidade. O autor escreveu sobre a fertilidade lúdica e os jogos na cultura: uma das reflexões mais importantes do seu trabalho é o conceito de círculo mágico, como uma área na qual o homem pode adentrar e sair quando se está envolvido com atividades de entretenimento; essa área é um ambiente cheio de sonhos, narrativas e diversão da qual o homem sempre sai transformado e carregado de significados ou vivências.

Já Cagigal (1966) refere-se à prática esportiva escolar como uma tentativa de resgatar os valores que em tempos passados nortearam o esporte e que, de certa forma, ficaram parados acompanhando as exigências da modernidade, onde a racionalização do esporte fez prevalecer os valores da competição e do rendimento. Apostando no valor formativo e educativo do esporte-prática, concebe o esporte como um jogo praticado de forma lúdica, competitiva e com exercício físico, com a visão de ser fonte de desenvolvimento da expressão corporal, um espaço para relações sociais, que possibilita a formação da personalidade, o desenvolvimento ético e até a melhoria do sistema fisiológico (CAGIGAL, 1966; TUBINO, 2010). Trata-se de realizar uma atividade desligada das noções de ganho ou perda, ao mesmo tempo em que resgata no aluno o seu papel de protagonista. O movimento mais enriquecedor nessa

percepção do esporte é o caráter espontâneo e voluntário que dá ao jogo um valor inestimável, quase um movimento de rebeldia e fuga do pré-estabelecido por padrões e pela institucionalização dos hábitos modernos/contemporâneos, como um passo atrás à procura das qualidades primitivas que resgatam o sentido lúdico (CAGIGAL, 1966).

Igualmente, Neuenfeldt e Canfield (2001) dissertaram sobre o fato de o esporte-prática possuir as características intrínsecas do jogo, da opcionalidade, do propósito de divertimento e descontração, de inserir o prazer lúdico e de possuir regras que geram incertezas quanto ao resultado. Tais considerações foram aproveitadas nas práticas escolares de forma a promover na criança o desenvolvimento da expressão corporal, relacionamento social e melhoria física

Para se afirmar a presença do elemento lúdico no esporte, resgata-se a etimologia da palavra “esporte”. É possível perceber indícios da sua transformação de sentido ao longo da história, quando se passa da noção de lúdico para o esporte institucionalizado com elementos de competição, vitória, recorde e alto rendimento. Esse caráter institucionalizado é o que permanece mais visível na atualidade: ao se referir ao esporte na atualidade, ele é relacionado primeiramente ao significado de atividade ou exercício físico, apresentando regularidade e prática, vindo em seguida a noção do lúdico. Conforme pode-se observar no relatório do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD, 2016, p. 69), as primeiras manifestações da palavra esporte estavam relacionadas ao lúdico:

Na língua portuguesa, “esporte” vem do inglês “sport” (séc. XV), que por sua vez provém do francês antigo “disport” e “déport” (séc. XII), que significavam “recreação, passatempo, lazer”. Em Portugal, registram-se, no século 16, os vocábulos “deporte” e “deporto” (de onde derivam “desporte” e “desporto”), também com as acepções de “recreação, divertimento”. Mas foi o vocábulo inglês, “sport”, que se disseminou nas línguas latinas ao longo do séc. XIX.

Mais contemporaneamente, o termo esporte foi se ligando ao elemento competitivo e de alto rendimento, como podem se observar na dicionarização em língua portuguesa do vocábulo esporte:

Prática metódica, individual ou coletiva, de jogo ou qualquer atividade que demande exercício físico e destreza, com fins de recreação, manutenção do condicionamento corporal e da saúde e/ou

competição. Atividade lúdica ou amadora; hobby, passatempo (HOUAISS; VILLAR, 2019 apud PNUD, 2016, p. 69).

Passatempo, divertimento. Prática metódica dos exercícios físicos, que consistem geralmente em jogos competitivos entre pessoas, ou grupos de pessoas, organizados em partidos. (MELHORAMENTOS, 1969 apud PNUD, 2016, p. 69).

2.2.5 Esporte como trabalho: elementos de comparação

Conforme exposto, a história acompanhou a transição do caráter lúdico do esporte, que passou do amadorismo para o esporte de competição. Nos anos 1970, surgiu a relação causal entre dinheiro e desempenho esportivo acompanhando a ideologia do capitalismo do momento, elementos estes que levaram o esporte a ser visto como uma carreira profissional e opção de vida para indivíduos que consideravam possuir habilidades diferenciadas para se destacar esportivamente (RUBIO, 2001).

Com o intuito de delinear a caracterização dessa jornada profissional, Rubio (2001) discursa sobre as especificações físicas e mentais necessárias para o indivíduo que lhe permitem extrapolar os limites de superação exigidos no esporte de alto rendimento. Uma figura provinda do imaginário coletivo é a de um indivíduo que se leva ao limite todos os dias desde o momento que decidiu encaminhar sua vida na dedicação ao esporte escolhido por meio de treinamentos físicos e psicológicos. Este caminho geralmente se inicia na adolescência, sequencialmente sendo seguido pela participação em competições. Passa-se a haver destaque como talento e a lograr vitórias que representam seu valor comercial estipulado em contratos de trabalho (com direitos e deveres), como produto de troca e *marketing*. Por motivo planejado ou inesperado, geralmente o atleta profissional está submetido ao momento da aposentadoria cedo, em torno dos 30 ou 40 anos. Dessa forma, o esporte delinea-se com a caracterização de uma jornada profissional com compromissos de competição e performance.

A partir do momento em que o esporte absorveu os elementos de racionalização e de conexão com a modernidade, ele se converteu numa complexa e significativa construção social e cultural, fornecendo uma imagem distinta sobre aspectos sociais do nosso tempo, dependendo da dimensão que é visto, seja como jogo ou como trabalho (VERMEULEN *et al.*, 2016). Como aponta Stone (1955, p. 85, tradução nossa): “[...] devido ao seu caráter agonístico intrínseco e ao fato de seu

envolvimento na ‘agonia’ da grande sociedade, o esporte e o jogo estão repletos de anomalias”.

Na atualidade, o esporte conquista espaços de relevância em diversas áreas da sociedade e cuja importância vai além do campo esportivo enquanto lúdico (conforme citado na escola, no divertimento popular e enquanto lazer), acontecendo também na economia, política, educação, trabalho, entre outras esferas (CRAIG, 2016). Porém, o esporte convive com contradições e até consegue nivelar diferenças políticas e sociais quando se trata de convergir nos campos, pistas e cenários esportivos, sendo visto como instrumento de inclusão ou exclusão social (AZEVEDO; GOMES FILHO, 2011). Esse caráter paradoxal do esporte faz com que simultaneamente possa ser considerado uma iniciativa popular de confraternização global ou uma atividade profissional e comercial, se configurando como um grande negócio e se presta para disputas políticas, mas que igualmente pode gerar sentimentos de amor ou ódio, de prevenção ou provocação com o mesmo ímpeto (VERMEULEN *et al.*, 2016).

Segundo Vermeulen *et al.* (2016), ao olhar o esporte pelo prisma da visão cultural de uma organização, pode-se perceber o caráter anômalo do esporte que imprime tensão e que, simultaneamente, o situa como jogo e trabalho. Conforme aponta Huizinga (2014), o jogo encanta, atrai, diverte, é voluntário, tem regras e não pode ser negado. De igual forma, permanece no esporte esse sentido controverso de jogar e trabalhar ao se enquadrar na padronização da atividade e cercear o lúdico do espírito do jogo, o deixar acontecer, estabelecendo uma relação instável, ameaçadora que faz com que o aspecto lúdico seja continuamente pressionado pelas atividades organizadas e eficientes apresentadas nos moldes da organização (FLEMING, 2005).

Nesse entendimento, Vermeulen *et al.* (2016) relataram a compreensão do esporte como um equilíbrio instável entre o jogo e o trabalho, expondo essa relação gerencialista e disciplinadora do esporte com seus atletas, por um lado, e o prazer e a alegria de praticá-lo, por outro lado. A dimensão do desempenho no trabalho prevalece na atividade do esporte em detrimento da importância do fluxo da atividade esportiva e no prazer que o jogo gera. O foco de valoração e importância não está mais no talento nato ou na habilidade, nas alegrias ou destrezas, mas é transferido para outras atenções e valores próprios de uma organização: a disciplina, o controle, os regulamentos, os rendimentos, a competitividade. Vermeulen *et al.* (2016, p. 201, tradução nossa) confirmaram essa percepção: “Quando a disciplina, a regulação e a

vigilância, a comercialização e a mercantilização começam a desempenhar um papel fundamental no esporte, tendemos a perder de vista o elemento lúdico do jogo”.

Por conseguinte, ao passo que o esporte deixa suspenso o elemento lúdico, passa a se alinhar com as propostas da gestão, seja quanto aos esforços coletivos e individuais, seja quanto ao desempenho (HELAL, 1990). O esporte tem seus trabalhadores em seus atletas. Ele sabe bem como administrar e gerenciar a excelência, a liderança e o direcionamento, como desenvolver táticas e estratégias. Tem sua própria regulamentação, procedimentos, controles e ações disciplinares (CRAIG, 2016). Gerenciar está no seu âmago: como tal, é uma organização institucionalizada, porém leva consigo intrinsecamente a dimensão lúdica do jogo (VERMEULEN *et al.*, 2016). É justamente esse prazer e essa alegria de praticá-lo que o faz diferente das outras organizações (AZEVEDO; GOMES FILHO, 2011).

Da mesma forma, Donnelly (2007) e Fleming (2005) apontaram como a dimensão do esporte de rendimento é prodigiosamente captada pelos gestores das organizações. Dentro do âmbito empresarial, o esporte é convertido num apelo atrativo e conveniente para exaltar os muitos benefícios que o esporte pode trazer para melhorar a qualidade de vida, o comprometimento dos trabalhadores e o cumprimento das metas organizacionais. Estes apelativos são oferecidos de forma leve e lúdica para o trabalhador, chegando até a oferecer um local de trabalho convidativo do tipo *playground* ou como uma extensão da casa do trabalhador. O esporte entra no jogo da organização trazendo consigo seus gritos de guerra, denominações e práticas de excelência, vinculando a questão de rendimento à obtenção de sucesso, enfatizando o trabalho de equipe como um *slogan* das práticas organizacionais (DONNELLY, 2007), tudo dentro da normalidade da racionalidade corporativa. Metáforas que são usadas pelas empresas para se referirem à concorrência, ao trabalho em equipe, à produtividade e ao *coaching* são expressões tomadas do esporte e acabam relacionadas ao trabalho (DONNELLY, 2007; VERMEULEN *et al.*, 2016).

Por sua vez, Sugden e Tomlinson (2002) demonstraram a configuração do esporte assemelhando-se cada vez mais às empresas e criticaram o formato espelhado no taylorismo-fordismo: a forma de gestão, a medição do trabalho, o controle, a disciplina repetitiva e como estão presentes nos trabalhos de planejamentos, *coaching* e treinamento no esporte contemporâneo. O esporte, por meio dos seus atletas, se torna produto visado para o mundo comercial e para a

manipulação no jogo político (DONNELLY, 1997; DONNELLY; PETHERICK, 2004). A ênfase no resultado do produto delineia a configuração do esporte cada vez mais parecido com a empresa, passando a se profissionalizar e a se tornar parecido com a estrutura organizacional, assim surgindo o *marketing* esportivo, a programação de eventos e a contratação de atletas. Esse mesmo movimento pode ser observado no surgimento de um leque amplo de ocupações e segmentos de mercados. Entre as ocupações e segmentos, encontram-se atletas, treinadores, funcionários de instituições públicas e privadas, profissionais de *marketing* esportivo, advogados, cientistas do esporte (médicos, paramédicos e pesquisadores), jornalistas, dirigentes de clubes, animadores, organizadores de eventos esportivos, profissionais de mídias televisivas e comunicação, vendedores de equipamentos, manufatura de artigos esportivos, acessórios e vestuário, engenheiros e ofícios de construção de instalações esportivas, voluntários da comunidade entre outros (DONNELLY, 2007).

No intuito de responder questões relativas à competição e à produção de desempenho esportivo, Demazière, Ohl e Le Noé (2015) consideraram que a competição e a produção de desempenho esportivo caminham juntas, sendo o foco de toda atividade esportiva. Igualmente, a produção de desempenho esportivo é considerada uma atividade coletiva, cujo trabalho não depende exclusivamente do atleta e dos seus atributos, habilidades e talentos individuais, uma vez que para se obter um resultado se faz necessário o envolvimento de outros profissionais, organizações e instituições. Da mesma forma, os autores consideram uma tarefa quase impossível achar uma fórmula mágica para identificar mecanismos de produção de performances e de sucesso, bem como de trabalhar a maneira de standardizar as habilidades ou talentos individuais para sobrepor limites e alcançar altos desempenhos. Com isso, pode-se identificar a dimensão pessoal que está presente: cada atleta é um ser diferente e responde de forma diferente a condicionamentos e treinamentos. Portanto, não existe um método que possa funcionar igualmente para todos, pois cada qual impõe sua marca pessoal. A dimensão social igualmente valida a consideração do esporte como uma atividade coletiva cujo trabalho não depende exclusivamente do atleta na busca da produção de desempenho esportivo: existe toda uma equipe de suporte para facilitar o trabalho.

Para melhor abordar o tema, Demazière, Ohl e Le Noé (2015) desenharam um paralelo entre a produção no desempenho esportivo e no desempenho do trabalho industrial. Os autores apresentaram características similares em ambos, chegando à

consideração de duas formas de relacionar o esporte ao trabalho. 1) Primeiramente, os autores referem-se ao trabalho no setor esportivo: no primeiro momento de comparação, como setor específico, o esporte envolve um amplo leque de atividade e segmentos na economia, *marketing*, atividades sociais, políticas, atividades de recursos humanos, e até em eventos financeiros já apresenta a assinatura de código e nomenclatura de reconhecimento como setor esportivo. 2) No segundo momento, focam no trabalho da atividade esportiva e nos mecanismos de produção de desempenho: o esporte enquanto trabalho está relacionado à atividade do esporte, às suas carreiras, investimentos e remuneração. De igual forma o desempenho na prática esportiva vai sendo moldado por questões disciplinares, com o surgimento de novas normas, novos regulamentos, novas codificações que acompanham igualmente a evolução de regulações disciplinares. Ainda, Demazière, Ohl e Le Noé (2015) relataram diferenças abismais entre condições econômicas e financeiras. Apesar da categorização de profissional do esporte, os ganhos financeiros apresentam muita disparidade entre os atletas e mesmo entre as modalidades esportivas.

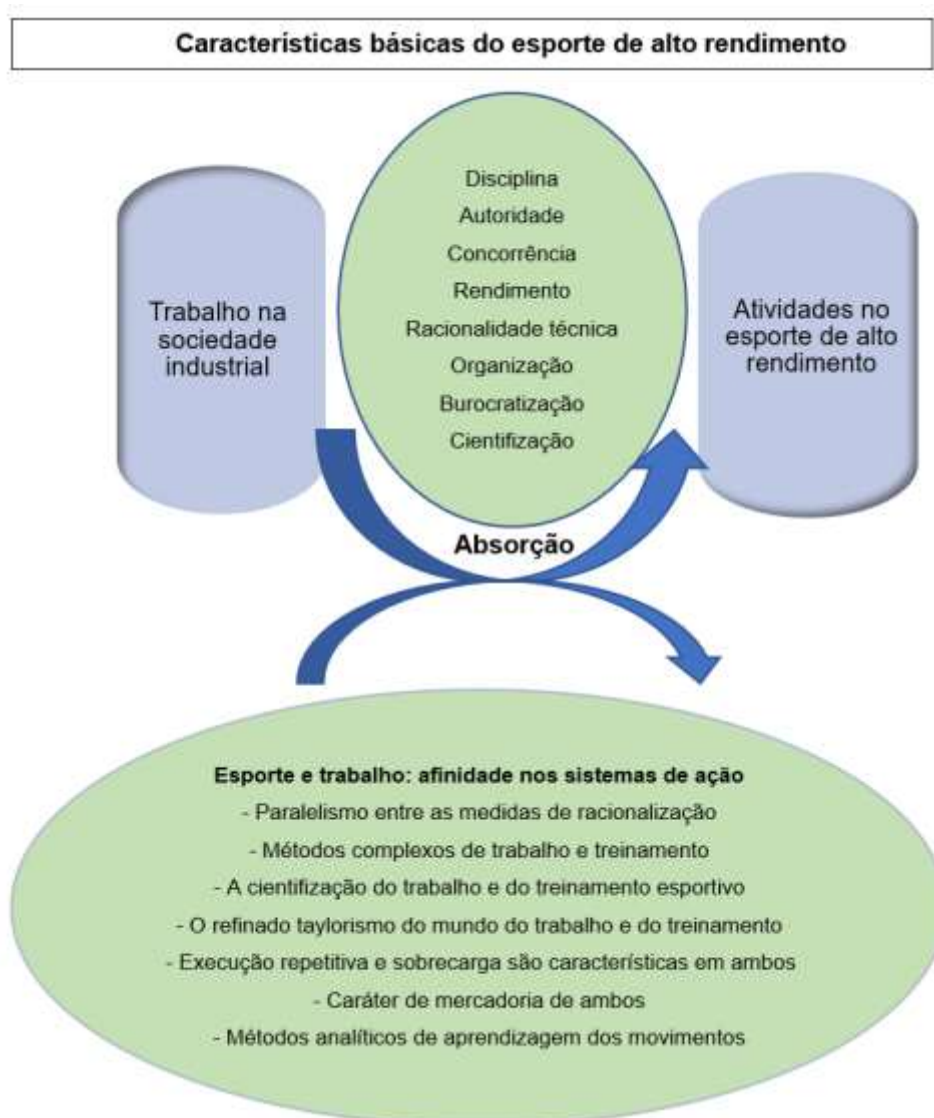
Estudos sobre o trabalho esportivo e seus mecanismos de produção de desempenho e sucesso diferencial têm sido objeto de pesquisas dos mais diversos temas. Entre tais temas, pode-se mencionar as propriedades das carreiras dos esportistas centradas nas condições de trabalho, as deficiências de regulamentação e estatutos, os modelos de competição, o processo de produção de talentos, os trabalhos específicos de adequação corporal e mental, os mecanismos sociais e culturais na produção de elites esportivas, o papel das organizações responsáveis pela formação de esportistas, o gerenciamento de risco consequente da prática esportiva, os problemas e consequências do *doping*, os gestores de carreiras esportivas (SUGDEM; TOMLINSON, 2002; CRAIG, 2016; RUBIO, 2018).

No âmbito organizacional, a definição de desempenho no trabalho apresenta uma variação atrelada às situações de trabalho, em que as características das atividades requerem uma organização da produção em volume, o que sugere uma métrica de trabalho. Da mesma forma, no trabalho esportivo, a abordagem de desempenho é espelhada no trabalho executado dentro de organizações. A performance é expressa em valor numérico, é medida, cronometrada, quantificada, seja em pontuação, distância percorrida, tempo realizado ou peso levantado. A ideia de medir e quantificar o resultado do trabalho esportivo inseriu a noção de desempenho, aumentando as semelhanças entre o esporte e o trabalho executado

dentro de organizações (DEMAZIÈRE; OHL; LE NOÉ, 2015; CRAIG, 2016), ainda que exista outra forma mais subjetiva de avaliar o resultado, como o engajamento do atleta na atividade esportiva. Esta quantificação do trabalho enquanto esporte está relacionada com a atitude no trabalho a ser realizado e que também está sujeita a códigos comparativos. Conforme o alto nível de exigência, passa a corresponder a um tratamento diferenciado, traduzido em convocação para seleções e reconhecimentos em diversas formas, até de remuneração (DEMAZIÈRE; OHL; LE NOÉ, 2015). Portanto, fica evidente que a utilização de mecanismos que avaliam o desempenho como elemento presente em qualquer etapa da carreira de um indivíduo dentro de uma organização se reflete na avaliação de desempenho na atividade esportiva do atleta.

Contribuição importante é a de Rigauer (1981), que detalhou aspectos análogos de comportamento entre trabalho e esporte. Delineou uma série de características que mostraram a afinidade de comportamentos entre ambas as esferas, o que acentua os aspectos da racionalização do trabalho refletidos no esporte. A Figura 3 apresenta as características básicas presentes no esporte de alto rendimento, que foram absorvidas da sociedade industrial, e as afinidades nos sistemas de ação presentes tanto no trabalho na sociedade industrial quanto no alto rendimento, como proposto por Rigauer (1981).

Figura 3 – Características e afinidades entre trabalho na sociedade industrial e trabalho na atividade esportiva de alto rendimento



Fonte: baseado em Rigauer (1981).

Em sua exposição, Rigauer (1981) discutiu como o esporte imita o mundo do trabalho e a sociedade industrial, seja no planejamento da atividade esportiva, no ciclo de treinamento comparado com um processo de produção ou na adaptação para o sistema industrial. A mecanização do trabalho no esporte faz com que o atleta seja reduzido a condições mecânicas, como parte integrante de uma máquina. Da mesma forma que se comporta a peça de uma máquina, o atleta, no momento do treinamento, deve executar atividades repetitivas de força muscular, explosão, sincronia física de movimentos de passada; o corpo do atleta é a máquina e as partes do corpo correspondem às peças da engrenagem, devendo testar características de

velocidade, força, potência, lubrificação nas articulações. Segundo Rigauer (1981, p. 61, tradução nossa), “[...] a redução da força de trabalho à forma abstrata e quantitativa de mercadoria implica uma coisificação concreta do agir humano”.

O autor detalhou a forma como o princípio de especialização do trabalho se mostra similar no mundo da prática esportiva. Assim, pode-se distinguir a especialização no esporte como trabalho ao se observar os atletas do atletismo: diferentes modalidades entre velocistas (provas de 100m, 200m ou 400m, revezamentos 4x100m e 4x400m), saltadores (salto triplo ou salto de altura), atletas de lançamentos (especializados em disco ou dardo), além das provas especializadas de fundo, meio-fundo e maratonas. O princípio da especialização é percebido já nos primeiros anos da prática do esporte de alto-desempenho e está baseada nas qualidades e habilidades do atleta que o técnico desenha a partir de um treino dirigido para sua especialidade. Com essa concepção de especialização é que o atleta se relaciona no mundo do esporte. Ele precisa ter referências das melhores figuras de atletas especializados na sua prova específica.

O esporte contemporâneo apresenta atributos da tecnocracia e seu princípio de realização norteia a prática do esporte assim como no trabalho, sempre associada a ganhos monetários, a *status* profissional, a alta competitividade e mobilidade social. Este princípio é visível quando o atleta, por seu excelente desempenho tem maior exposição à mídia e ao mundo do *marketing*. Significa que, para o mercado de consumo de produtos esportivos, ele é um bom produto de mobilização ou de criação de conteúdo. Passa-se à manipulação de sua imagem, sempre ligada à contrato de patrocínios e ganhos monetários, em paralelo com o *status* social do atleta como uma subcelebridade.

A proposta taylorista também se aplica ao esporte quando o atleta é submetido a estímulos físicos e mentais de forma sistematizada até alcançar a sua melhor forma. As metas traçadas serão continuamente elevadas para acompanhar a incansável jornada de obtenção de melhores resultados e quebra de recordes, elevando na mesma medida o grau de realização e reconhecimento social, características importadas da sociedade industrial e de mercados onde prevalece a concorrência, sendo o vencedor um objeto do melhor valor de troca do produto da sua atividade de trabalho (SUGDEN; TOMLINSON, 2002). Nesse aspecto, fica claro o desenho da luta pelos melhores desempenhos na competição atlética e é desta forma que o esporte de alto nível revisita o princípio da concorrência (RIGAUER, 1981).

Durante os períodos de treinos dos atletas de alto nível, eles são ajustados à atividade e condicionados aos treinos, visando exclusivamente o objetivo da competição próxima. É desta forma que o calendário emitido pelas confederações nacionais e internacionais, assim como os eventos mundiais das grandes ligas, provocam no atleta esse ajuste ou condicionamento de todo seu comportamento atlético, social e pessoal na mira do objetivo. “Em ambos, trabalho e esporte, a luta na competição demonstra os mesmos aspectos socialmente determinados: a concorrência promete ganhos de prestígio social e reconhecimento que segue o sucesso na atividade profissional” (RIGAUER, 1981, p. 16, tradução nossa). De igual forma, os métodos analíticos de trabalho e treinamento são compostos por processos repetitivos e com o incremento de cargas, no estilo taylorista. Assim como na organização do trabalho industrial, o treinamento no esporte é planejado para ser realizado de forma coercitiva, em que se simula uma linha de montagem. Um exemplo disso é um treino intervalado: o atleta apenas tem que cumprir o treino sem opinar muito; ao final, o corpo dele é a máquina de ajuste (FRASCARELI, 2010).

Além do método de repetição e de evolução de cargas, há um método amplamente aplicado e conhecido: a realização de treinos em circuitos sem pausa ou com pausas curtas para maximizar a resistência aeróbica do atleta. Esse método consiste em uma série de atividades, cada uma com uma tarefa destinada a estimular e melhorar uma parte do corpo ou finalidade específica: “Em suma, vemos como o atleta está vinculado a um plano definitivo de trabalho” (RIGAUER, 1981, p. 23, tradução nossa). Assim sendo, a atividade atlética é programada para ser executada e ajustada de acordo com o plano de treinamento (CRAIG, 2016). Novamente, é notória uma visão taylorista validando a atividade esportiva de alto nível.

A burocratização no mundo esportivo está expressa na sua institucionalização, expressa no Comitê Olímpico Brasileiro (COB) e o Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB), no caso brasileiro. Esse elemento também é expressão das influências do mundo do trabalho no âmbito organizacional sobre o esporte profissional. Ainda, a burocratização se manifesta no contrato profissional, presente na relação entre atleta-patrocinador ou atleta-clubes, registrando todas as expectativas de compromissos esperadas de ambas as partes (HELAL, 1990).

O princípio de organização do trabalho é reproduzido exemplarmente em trabalhos coletivos de equipe, onde a cooperação contribui para que exista, paralelamente a um sistema formal de papéis, um sistema informal. Por outro lado,

para que a atividade de trabalho/treinamento aconteça pressupõe-se a sincronização de processos, de uso de tempos nas máquinas de preparo físico, organização de horários de uso, calendários de testes antidoping, reserva de espaços para treinamento, promoção de eventos entre outros.

A racionalidade técnica é outro elemento presente e marca registrada nos esportes modernos (RIGAUER, 1981). As condições técnicas do esporte de alto nível são expressas no equipamento padronizado usado nas competições, tais como os uniformes padronizados, os vestuários e os acessórios (DEMAZIÈRE; OHL; LE NOÉ, 2015). Os eventos esportivos, por sua vez, acontecem em lugares ou circunstâncias padronizadas: todas as condições de produção são atendidas e integradas à tecnologia da qual se tornam dependentes. Simultaneamente, essa mesma tecnologia fornece os instrumentos de controle e quantificação de desempenho da atividade esportiva. Encontramos, assim, medidas cada vez mais sofisticadas como cronômetros, trenas, *fotofinish*, controles ópticos, *chips* sensíveis ao toque com o corpo, aparelhos de fotografia, mesas de controle, entre outros (WILSON, 2007), todo um conjunto de controle do tempo e de organização. A “máquina humana” é adaptada à atividade e, por sua vez, os equipamentos ou instrumentos usados na atividade respondem a essa procura de melhor performance (RIGAUER, 1981). A ciência e a tecnologia acompanham, de forma muito próxima, a atividade esportiva de alto rendimento, sempre desafiando os limites e obtenções de recordes.

3 ABORDAGENS CONTEMPORÂNEAS PARA A QUALIDADE DE VIDA NO TRABALHO NO BRASIL

Este capítulo descreve as cinco abordagens contemporâneas para qualidade de vida no trabalho no Brasil, introduz as duas escolas que abordam a ergonomia do trabalho e caracteriza a abordagem da ergonomia da atividade aplicada à qualidade de vida no trabalho – de origem na escola franco-belga – como opção de abordagem escolhida para este estudo, apontando para suas características e pressupostos, objeto de ação e desafios.

A questão da qualidade de vida no trabalho está fortemente presente na sociedade contemporânea e tem sido tema presente de debate e de interesse social assim como também muito presente no discurso dos gestores e dirigentes dentro das organizações (FERREIRA, 2012; LIMONGI-FRANÇA, 2009.) No Brasil, a partir dos anos 1990, o tema da qualidade de vida no trabalho tem despertado um crescente interesse de pesquisadores e profissionais que atuam nas organizações e têm sido realizados estudos, sobretudo, no campo da Administração e da Psicologia Organizacional e do Trabalho (FERREIRA, 2011, 2012).

Dada a multiplicidade de conceitos e abordagens da qualidade de vida no trabalho encontradas na literatura, essas podem ser sintetizadas em dois tipos: um hegemônico, de natureza individualista e essencialmente assistencialista; e outro de orientação contra-hegemônica, de natureza preventiva, interessada no papel do trabalhador e no sentido do trabalho (FERREIRA, 2012). Contemporaneamente, são encontradas cinco abordagens para a qualidade de vida no trabalho no Brasil e, neste estudo, serão apresentadas tais abordagens que superam o assistencialismo, como encontradas na literatura nacional. As abordagens são: a abordagem biopsicossocial e organizacional, a abordagem da ergonomia da atividade, a abordagem da psicodinâmica do trabalho, a abordagem da ergopsicologia e a abordagem das representações sociais (TAVEIRA; LIMONGI-FRANÇA; FERREIRA, 2015). Dentre essas abordagens, neste trabalho será adotada a perspectiva da ergonomia da atividade para a qualidade de vida no trabalho, que postula uma visão preventiva e contra-hegemônica acerca do papel do trabalhador e do sentido do trabalho (FERREIRA, 2011). A seguir, são apresentadas as cinco abordagens da qualidade de vida no trabalho e suas especificidades.

3.1 Abordagem biopsicossocial e organizacional (BPSO-96)

A definição apresentada por Limongi-França está associada à abordagem biopsicossocial e organizacional (BPSO-96). Essa abordagem foi desenvolvida e validada em 1996, em sua tese de doutorado, na qual a definiu a qualidade de vida no trabalho como “o conjunto de escolhas de bem-estar que busca o equilíbrio dinâmico equitativo das diversas necessidades do ser humano, nos fatores biológico, psicológico, social e organizacional” (LIMONGI-FRANÇA, 1996, p. 19). A partir da visão biopsicossocial que vai ao encontro da definição de saúde da Organização Mundial da Saúde, Limongi-França (1996) acrescenta uma quarta dimensão, a organizacional, considerando a organização do trabalho e a cultura organizacional.

Com uma visão mais abrangente de gestão de qualidade de vida no trabalho, a autora define “como o conjunto de escolhas de bem-estar, visando o equilíbrio dinâmico e harmônico das dimensões biológicas, psicológicas, sociais e organizacionais em nível organizacional, pessoal e comunitário” (LIMONGI-FRANÇA, 2010). A partir disso, o modelo proposto BPSO-96 (biológico, psicológico, social e organizacional) visa a identificar as ações ofertadas pelos gestores que buscam promover o bem-estar do trabalhador, assim como identificar a satisfação dos empregados frente a tais ações promovidas (LIMONGI-FRANÇA, 2010).

Os elementos integrados do modelo BPSO-96 objetivam ampliar a compreensão das ações e programas de qualidade de vida no trabalho em sua natureza multidisciplinar, a partir da pessoa, conforme apresentado na Figura 4. Para a autora, a compreensão do ser humano vai além de um único aspecto do indivíduo, mas deve revelar as condições e experiências vividas e desejadas em uma proposta conceitual holística do homem. Portanto, o indivíduo é o elo fundamental da qualidade de vida no trabalho (LIMONGI-FRANÇA, 2015).

Figura 4 – Marcadores da metodologia BPSO-96 para ações de qualidade de vida no trabalho



Fonte: Limongi-França (2020, p. 4).

O pressuposto do modelo BPSO-96 é que todas as dimensões respondem simultaneamente às condições de vida, com respostas de variadas combinações e intensidades (LIMONGI-FRANÇA, 2015). A definição específica de cada dimensão corresponde aos seguintes elementos:

I. **Dimensão biológica:** características físicas. Inclui metabolismo e referem-se especialmente aos hábitos saudáveis, resistência, vulnerabilidade dos órgãos e sistemas;

II. **Dimensão psicológica:** clima organizacional, oportunidade de carreira, relacionamento com colegas e chefes, processos afetivos e emocionais que formam a personalidade do indivíduo, afetos, emoções, autoestima, reconhecimento;

III. **Dimensão social:** crenças e valores socioeconômicos, associados principalmente a benefícios, educação, consumo e comunidade;

IV. **Dimensão organizacional:** missão e valores da organização, tecnologia, mercado e demandas de gestão, produtividade e lideranças. Representado especialmente por lideranças, comunicação e produtividade saudável, natureza da atividade, ergonomia.

3.2 Abordagem da psicodinâmica do trabalho

Esta abordagem tem como fundador o médico francês Christophe Dejours. Atualmente, a psicodinâmica do trabalho é considerada no Brasil uma das principais

referências teóricas da disciplina analítica e clínica do trabalho, e procura entender as condutas humanas e os significados resultantes na relação homem-trabalho.

Partindo do pressuposto de que, pela organização do trabalho, o sujeito ao executar a tarefa é colocado frente ao real e incerto, então ele busca novas soluções para executá-la, situação que o conduz à situação de sofrimento (LIMA; MENDES; COSTA, 2015). Evidencia-se, assim, uma organização do trabalho prescrito e uma organização do trabalho real, situação essa que leva o trabalhador ao adoecimento.

Lima, Mendes e Costa (2015) e Martins (2015) apontam que esta abordagem apresenta o sofrimento gerado pelo conflito entre a organização do trabalho e a saúde mental do trabalhador como base central de análise. Tal abordagem conta ainda com o apoio da psicanálise, da teoria social e do debate sistemático com outras áreas como a ergonomia francesa, a filosofia, a sociologia do trabalho dentre outras (LIMA; MENDES; COSTA, 2015; MARTINS, 2015). O intuito é ampliar a análise procurando entender os diferentes destinos que o sofrimento toma, chegando a se transformar em prazer e criatividade ou em aprofundamento do adoecimento (LIMA; MENDES; COSTA, 2015; MARTINS, 2015). Essa abordagem passou a ser denominada também como análise psicodinâmica das situações de trabalho.

Na abordagem da psicodinâmica do trabalho a qualidade de vida no trabalho está relacionada com as percepções dos trabalhadores sobre os múltiplos aspectos (positivos e/ou negativos) da sua atividade laboral, tratando das consequências do trabalho para a saúde dos trabalhadores, assim como o prazer que suscita ou o sofrimento que produz (HELOANI; LANCMAN, 2004).

O método adotado pela psicodinâmica também é chamado de clínica do trabalho, cujo objeto é a análise da organização do trabalho juntamente com a reflexão dos trabalhadores sobre a situação vivenciada (LIMA; MENDES; COSTA, 2015).

3.3 Abordagem da ergopsicologia

Abordagem da ergopsicologia considera a qualidade de vida no trabalho como um conjunto de ferramentas tendo o ponto de vista da atividade de trabalho para a gestão compreender e transformar o mundo do trabalho (ATHAYDE; SOUZA, 2015). Essa abordagem poderia ser vista como uma Psicologia do Trabalho e das Organizações (PT&O) orientada pelo ponto de vista da atividade, articulando-se no sentido de compreender e transformar positivamente os mundos do trabalho desde

processos de trabalho, percepção do trabalho pelos trabalhadores, saúde e doença, sempre objetivando acompanhar as demandas e questões advindas dos contínuos desafios contemporâneos.

Os autores consideram que o ponto de vista da atividade e a defasagem permanente entre tarefa e atividade descobertas pela ergonomia, ao lado de outras fontes da psicologia francesa, colaboraram para emergência de uma perspectiva chamada ergologia. Nessa orientação de ergologia estão envolvidos os diálogos entre a ergonomia da atividade, a psicodinâmica do trabalho e a clínica da atividade para encaminhar esses assuntos que fundamentam o sistema produtivo relacionados com modelos de relação de serviços e de competências, assim como na discussão de maiores questões do trabalho humano, respeito a sua governança, espaço público interno, regras de cooperação, coordenação, avaliação (ATHAYDE; SOUZA, 2015).

Para Athayde e Souza (2015), as descobertas da ergonomia da atividade e da Psicopatologia do Trabalho assinalaram o caráter sempre enigmático do trabalho. No que se relaciona às diversas abordagens presentes no campo da psicologia, algumas clínicas do trabalho estão sendo mobilizadas para colocar o problema e seu encaminhamento

Enfim, os representantes da abordagem da ergopsicologia que participaram da obra de qualidade de vida no trabalho: Estudos e metodologias brasileiras procuraram apresentar pistas que estivessem relacionadas com o ponto de vista da atividade que leva ao desenvolvimento de uma PT&O, considerando entre elas: o de compreender e transformar positivamente os processos de trabalho, passando por diálogos entre saberes, disciplinas correntes, uma busca conjunta de produtividade, qualidade, saúde e segurança, relação de serviço e competência, relações entre coordenação e cooperação, ciclos de vida, trajetórias pessoais e profissionais, relações de gênero, temas que se apresentam como leque para proposta da ação da ergologia (ATHAYDE; SOUZA, 2015).

Essa abordagem está cada vez mais presente no Brasil e permite a percepção de que ao final “o entendimento de que a incorporação dos protagonistas do trabalho em análise ao diálogo já não parece tão extravagante como antes” (ATHAYDE; SOUZA, 2015, p. 274).

3.4 Abordagem das representações sociais

Essa abordagem compreende a qualidade de vida no trabalho a partir do ponto de vista da teoria das representações sociais, como uma parte da construção do conhecimento organizacional que impacta na realidade do cotidiano e no comportamento organizacional (TAVEIRA, 2015). Segundo a autora a teoria das representações sociais surgiu como proposta de renovar a psicologia social psicológica apropriando-se de contribuições sociológicas.

Articulando teorias que visam avaliar a qualidade de vida no trabalho e seus impactos sobre a produtividade, Taveira (2015, p. 392) infere que “a qualidade de vida no trabalho se correlaciona diretamente com o sentido que é dado ao trabalho seja individualmente ou coletivamente, o que está atrelado às questões subjetivas”. Isso sinaliza que, em se tratando de qualidade de vida no trabalho, os estudos e práticas devem mostrar preocupação não só em variáveis relacionadas à sobrecarga de trabalho, mas também com variáveis relacionadas ao significado do trabalho e políticas e regras organizacionais

Nesse contexto, as representações sociais, ao abordar a construção da realidade organizacional, contribuem para o campo das organizações e do trabalho, principalmente no que se refere ao processo de construção do conhecimento organizacional e sua influência sobre o comportamento organizacional (TAVEIRA, 2015).

Taveira (2015) representante no Brasil desta abordagem, destaca que sabendo que a qualidade de vida no trabalho influencia as atitudes e comportamentos dos trabalhadores frente ao mercado de trabalho e ante as empresas das quais fazem parte, as representações sociais a respeito da qualidade de vida no trabalho são construídas e formatadas nas relações sociais de trabalho a nível individual, grupal e organizacional.

Por outro lado, Taveira (2015) fala de discrepâncias ou similaridades das representações sociais da qualidade de vida no trabalho nos diversos contextos organizacionais que vão de acordo com cada realidade psicossocial e com o conteúdo e organização da representação social de qualidade de vida no trabalho, que dependem do sentido que é dado ao trabalho e do sentido que é dado a qualidade de vida no trabalho. Com isso, a insatisfação com a qualidade de vida no trabalho pode

ocorrer em função da incoerência entre valores pessoais e organizacionais, ou entre o perfil profissional e as tarefas executadas.

Percebe-se, nessa abordagem, a preocupação do elemento humano dentro da organização. “A humanização do trabalho passa pela organização do trabalho” (TAVEIRA, 2015, p. 403).

3.5 Abordagem da ergonomia da atividade aplicada à qualidade de vida no trabalho

Este item apresenta os fundamentos teóricos, metodológicos e éticos da abordagem contra hegemônica que entende a qualidade de vida no trabalho sob a ótica dos trabalhadores como fundamento central da abordagem em ergonomia da atividade.

Esta abordagem preventiva é uma perspectiva que se apoia na centralidade do olhar dos trabalhadores para investigar e intervir em qualidade de vida no trabalho e foi inaugurada no Brasil por Ferreira (2012), em trabalho intitulado ergonomia da atividade aplicada à qualidade de vida no trabalho. Nessa abordagem, o “[...] foco central está em remover ou atenuar os problemas geradores de mal-estar nos contextos de produção, atuando, para tal, nas condições, na organização e nas relações sócio profissionais de trabalho, sempre sob a ótica de quem trabalha” (MEDEIROS; FERREIRA, 2015, p. 172).

A ergonomia da atividade aplicada à qualidade de vida no trabalho como uma proposta de análise para promoção de qualidade de vida no trabalho é uma abordagem em construção pelo Grupo de Estudos em Ergonomia Aplicada ao Setor Público (ErgoPublic) no Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília, que articula os campos disciplinares de ergonomia da atividade, psicologia do trabalho e da administração, tendo como disciplina de referência a ergonomia da atividade (FERREIRA, 2011, 2012).

3.5.1 Perspectivas das práticas de qualidade de vida no trabalho nas organizações

A partir da análise da literatura, observações e estudos do grupo de estudos de Brasília sobre ações e práticas corporativas de qualidade de vida no trabalho, Ferreira (2012) distinguiu duas perspectivas. A primeira perspectiva trata do caráter

assistencialista, cujo enfoque está no indivíduo como variável de ajuste e é nesta perspectiva que aparecem de forma mais inequívoca em diversas práticas de qualidade de vida no trabalho nas organizações (FERREIRA; ALVES; TOSTES, 2009) com função compensatória frente ao desgaste vivido em função do trabalho.

As empresas oferecem um cardápio de ações tipo antiestresse, denominada ótica de restauração corpo-mente, com um “menu” de atividades e programas bastante diversificados. São ofertados programas paliativos dos efeitos negativos do custo humano advindos das vivências de mal-estar no trabalho, como eventos esportivos, sociais, comemorativos, ginástica etc. Tais programas desconsideram ou desconhecem os reais problemas e possuem efeito de curto prazo (até terminar o efeito da ação) objetivando revigorar a motivação do trabalhador para voltar a produzir mais e melhor. Aqui não existe a necessidade de modificar a produção. O trabalhador é o responsável pela sua qualidade de vida no trabalho (FERREIRA *et al.*, 2009; FERREIRA, 2012).

A segunda perspectiva é a preventiva, cujo foco compreende a remoção de causas de mal-estar no trabalho e, por sua vez, considera três variáveis básicas: condições do trabalho, organização do trabalho e relações sócio profissionais. Essa perspectiva considera a intervenção em variáveis do contexto de trabalho, além do envolvimento mais amplo dos membros organizacionais. A qualidade de vida no trabalho é compreendida como uma tarefa de todos na organização, devendo haver uma busca permanente pela harmonia entre bem-estar, eficiência e eficácia nos ambientes organizacionais (FERREIRA *et al.*, 2009).

3.5.2 Fundamentos teóricos da ergonomia da atividade aplicada à qualidade de vida no trabalho

De acordo com Ferreira e Torres (2015, p. 161), “a abordagem de QVT tem como disciplina de referência, sua âncora teórica-metodológica, a Ergonomia da Atividade”. A interpretação teórica da abordagem da ergonomia da atividade enfoca suas dimensões analíticas centrais da interação indivíduo-ambiente passando necessariamente pela mediação da atividade de trabalho (FERREIRA, 2012). É com esta concepção que procura compreender o trabalho, para transformá-lo fazendo alusão ao trabalho de Guérin *et al.* (2001). Assim a abordagem da ergonomia da atividade aplicada à qualidade de vida no trabalho tem uma perspectiva antropocêntrica que dialoga com as ciências humanas e da saúde, buscando

parcerias científicas para responder aos novos desafios sociotécnicos do trabalho na contemporaneidade (FERREIRA, 2011).

Portanto, ao se pensar em qualidade de vida no trabalho, apresenta-se a ergonomia da atividade como abordagem mais adequada, sustentável e com menor risco de insucessos para se promover a qualidade de vida no trabalho (FERREIRA, 2011, 2012). A ênfase desta abordagem contra hegemônica está em manter coerência com a perspectiva da ergonomia de atividade de adaptar o trabalho ao trabalhador e atender as múltiplas exigências, proporcionado bem-estar, eficiência e eficácia na organização (FERREIRA, 2011). Sendo assim, a melhor forma de explorar sobre a realidade de uma organização é perguntando aos próprios trabalhadores o que eles pensam sobre a qualidade de vida no trabalho.

3.5.3 Dimensões para investigar a qualidade de vida no trabalho

Com base no referencial teórico da ergonomia da atividade é possível observar alguns conceitos chave apresentados como dimensões analíticas que buscam fornecer bases interpretativas para a investigação de qualidade de vida no trabalho. Tais conceitos são discutidos a seguir.

3.5.3.1 Perspectivas da qualidade de vida no trabalho

Tais perspectivas incluem a ótica das organizações e a ótica do sujeito,

Sob a ótica das organizações:

A qualidade de vida no trabalho é um preceito de gestão organizacional que se expressa por um conjunto de normas, diretrizes e práticas no âmbito das condições, da organização e das relações socioprofissionais de trabalho que visa à promoção do bem-estar individual e coletivo, o desenvolvimento pessoal dos trabalhadores e o exercício da cidadania organizacional nos ambientes de trabalho. (FERREIRA 2012, p. 173).

Destaca-se que a organização do trabalho espelha um mundo de contextos organizacionais com complexos sistemas administrativos, hierarquias, divisão de trabalho, demarcações de espaço e acesso ao poder e aos recursos que, ao final, alimentam a produção de representações mentais (TAVEIRA, 2015).

Sob a ótica do sujeito:

Ela se expressa por meio das representações globais (contexto organizacional) que estes constroem sobre o contexto de produção no

qual estão inseridos, indicando o predomínio de vivências de bem-estar no trabalho, de reconhecimento institucional e coletivo, de possibilidade de crescimento profissional e de respeito às características individuais. (FERREIRA, 2012, p. 173).

3.5.3.2 Fatores constituintes da qualidade de vida no trabalho pela ótica dos trabalhadores

Conforme apontado anteriormente, o pressuposto central desta abordagem contra hegemônica de Qualidade de Vida no Trabalho está ancorada no caráter antropocêntrico, cuja referência de intervenção está no ponto de vista dos trabalhadores inseridos no mundo do trabalho. Esse é o grande diferencial da abordagem que está associada a cinco fatores constituintes: (a) condições de trabalho; (b) organização do trabalho; (c) relações socioprofissionais de trabalho; (d) reconhecimento e crescimento e profissional; e (e) elo trabalho-vida social (FERREIRA, 2012).

3.5.3.3 O enfoque cognitivo do “olhar” dos trabalhadores sobre a qualidade de vida no trabalho

A qualidade de vida no trabalho se expressa por meio das representações mentais dos trabalhadores que revelam o contexto de trabalho no qual eles estão inseridos (FERREIRA, 2012). O ponto de vista dos trabalhadores sobre qualidade de vida no trabalho é interpretado no campo das ciências cognitivas com enfoque na ergonomia cognitiva. Refere-se então ao enfoque teórico das representações dos trabalhadores (FERREIRA, 2012). Para sua compreensão, consideram-se três modalidades de representações em ergonomia da atividade aplicada à qualidade de vida no trabalho:

I) Representações descritivas do contexto do trabalho: são as representações que revelam o olhar dos trabalhadores sobre os múltiplos e distintos aspectos que caracterizam o mundo do trabalho;

II) Representações descritivas do custo humano do trabalho: são representações que revelam o olhar dos trabalhadores sobre os diversos impactos resultantes das exigências do trabalho e do contexto organizacional vivenciado;

III) Representações operativas das situações de trabalhar: são representações que revelam estratégias de modos operatórios, como o trabalhador

lida com o mundo e que lhe permite lidar com as exigências nas situações de trabalho (FERREIRA; TORRES, 2015).

Ao se pensar em ações de qualidade de vida no trabalho partindo das representações que revelam as dinâmicas de interações dos trabalhadores com o contexto social no qual estão inseridos, é possível ter uma visão integral do coletivo de trabalhadores e dirigentes, gestores, técnicos e operários (FERREIRA; TORRES, 2015).

3.5.3.4 *Bem-estar e mal-estar no trabalho*

A presença ou ausência de qualidade de vida no trabalho é perceptível pelas noções de bem-estar e mal-estar no trabalho relatadas pelos trabalhadores; eles registram o olhar do trabalhador sobre as principais fontes de bem-estar e mal-estar no trabalho, definidas como:

Bem-estar no trabalho:

[...] é um sentimento agradável que se origina das situações vivenciadas pelo(s) indivíduos(s) na execução das tarefas. A manifestação individual ou coletiva do bem-estar no trabalho se caracteriza pela vivência de sentimentos (isolados ou associados) que ocorrem, com maior frequência, nas seguintes modalidades: alegria, amizade, ânimo, confiança, liberdade, prazer, respeito, satisfação, segurança, simpatia. A vivência duradoura deste sentimento pelos trabalhadores constitui um fator de promoção de saúde nas situações de trabalho e indica a presença de Qualidade de Vida no Trabalho. (FERREIRA, 2012, p. 179).

O Quadro 2 apresenta os elementos constitutivos do bem-estar no trabalho, segundo a conceitualização do autor. Entende-se oportuno visualizar estes elementos constitutivos que ajudarão na análise dos dados da pesquisa deste projeto para atingir o objetivo de perceber e identificar as situações de bem-estar dos atletas paralímpicos.

Quadro 2 – Elementos constitutivos do construto de bem-estar no trabalho

O que é?	Origem	Manifestação	Característica	Modalidades mais comuns	
Sentimentos agradáveis	Situações de trabalho	Individual ou coletiva	Presença de sentimentos isolados ou associados de...	<ul style="list-style-type: none"> • Alegria • Amizade • Ânimo • Confiança • Conforto • Disposição • Equidade • Equilíbrio • Estima 	<ul style="list-style-type: none"> • Felicidade • Harmonia • Justiça • Liberdade • Prazer • Respeito • Satisfação • Segurança • Simpatia

Fonte: adaptado de Ferreira (2012, p. 182).

Mal-estar no trabalho:

[...] é um sentimento desagradável que se origina das situações vivenciadas pelo(s) indivíduos(s) na execução das tarefas. A manifestação individual ou coletiva do mal-estar no trabalho se caracteriza pela vivência de sentimentos (isolados ou associados) que ocorrem, com maior frequência, nas seguintes modalidades: aborrecimento, antipatia, aversão, constrangimento, contrariedade, decepção, desânimo, desconforto, descontentamento, desrespeito, embaraço, incômodo, indisposição, menosprezo, ofensa, perturbação, repulsa, tédio. A vivência duradoura deste sentimento pelos trabalhadores constitui um fator de risco para a saúde nas situações de trabalho e indica a ausência de Qualidade de Vida no Trabalho. (FERREIRA, 2012, p. 180-181).

O Quadro 3 apresenta os elementos constitutivos do mal-estar no trabalho, segundo a conceitualização do autor. Entende-se oportuno visualizar estes elementos constitutivos que ajudarão na análise dos dados da pesquisa deste projeto para atingir o objetivo de perceber e identificar as situações de bem-estar dos atletas paralímpicos. O conteúdo das representações de bem-estar e mal-estar no trabalho, faz leitura do custo humano, vivenciado pelos trabalhadores durante a realização da atividade do trabalho (FERREIRA, 2012).

Quadro 3 – Elementos constitutivos do construto de mal-estar no trabalho

O que é?	Origem	Manifestação	Característica	Modalidades mais comuns	
Sentimentos desagradáveis	Situações de trabalho	Individual ou coletiva	Presença de sentimentos isolados ou associados de...	<ul style="list-style-type: none"> • Aborrecimento • Antipatia • Aversão • Constrangimento • Contrariedade • Decepção • Desânimo • Desconforto • Descontentamento 	<ul style="list-style-type: none"> • Desrespeito • Embaraço • Incômodo • Indisposição • Menosprezo • Ofensa • Perturbação • Repulsa • Tédio

Fonte: adaptado de Ferreira (2012, p. 182).

Por outro lado, o autor aponta os cinco fatores onde são geradas as vivências de bem-estar e mal-estar no trabalho sendo eles: condições do trabalho e suporte organizacional, organização do trabalho, relações socioprofissionais do trabalho, reconhecimento e crescimento profissional, e trabalho-vida social.

4 PESSOA COM DEFICIÊNCIA E ESPORTE PARALÍMPICO

O quarto capítulo trata das relações entre deficiência e esporte de alto rendimento. Inicialmente, é apresentada a conceitualização de deficiência, bem como a deficiência no contexto nacional. Em seguida, a partir da conceituação proposta, é feita uma reflexão sobre o esporte como uma via de inclusão social da pessoa com deficiência. Também são expostos os significados do esporte paralímpico, sendo feita uma breve resenha histórica do movimento paralímpico e buscando refletir sobre o valor do atleta como ser humano para as instituições olímpicas. Por fim, é apresentado o atletismo como esporte paralímpico e as peculiaridades da classificação funcional do atletismo paralímpico.

4.1 Conceituando a deficiência

Para fundamentar o conceito de deficiência, que possui uma multiplicidade de definições, parte-se de duas abordagens/perspectivas. O primeiro enfoque aborda a deficiência como sendo resultado da interação com o ambiente social, o que permite o desenvolvimento humano da pessoa com deficiência e o considerando como um portador de direitos. Já o segundo enfoque se refere ao olhar da saúde e da medicina, apresenta a deficiência como doença e limitação. Traz-se, a seguir, as diferentes concepções sobre deficiência e as críticas realizadas a essas construções.

Para a Organização das Nações Unidas (1982), deficiência é um conceito em construção, que responde diretamente à maneira como lida com os obstáculos que limitam sua integração na sociedade. Independe do grau ou classe de deficiência, quanto maior o grau de impossibilidade de interação da pessoa com deficiência com o meio, mais deficiente essa pessoa se torna e, conseqüentemente, mais dependente. Foi assim que a Organização das Nações Unidas, após vários anos de negociação, estando preocupada com a proteção dos direitos à dignidade das pessoas com deficiências e com a promoção da participação na vida social deles, promulgou a Convenção das Nações Unidas sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e seu Protocolo Facultativo em 13 de dezembro de 2006 (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS, 2006). O Brasil, como país signatário da Organização das Nações Unidas, incorporou a Convenção desde 2008, por meio do Decreto Nº 6.949/2009 (BRASIL, 2009).

O estudo de Amiralian *et al.* (2000) tomou como referência os conceitos da Organização Mundial da Saúde. Chamaram a atenção para com a imprecisão entre os conceitos de deficiência, incapacidade e desvantagem, reafirmando a importância da terminologia científica aplicada à deficiência de modo que as pessoas desse grupo possam receber maior atenção, podendo haver um maior favorecimento na promoção de ações, na interação entre as pessoas da comunidade em geral e na comunicação entre os especialistas.

O conceito de deficiência apresentado pela Organização Mundial da Saúde é entendido como a combinação dos conceitos de deficiência/incapacidade entre os modelos médico e social. Este conceito enfatiza as possibilidades de inclusão e reabilitação do indivíduo e aponta que a deficiência não se restringe apenas à limitação das funções fisiológicas ou psicológicas dos sistemas do corpo, mas destaca igualmente a importância da interação entre um indivíduo e fatores pessoais e ambiente social (DI NUBILA; BUCHALLA, 2008; AMIRALIAN *et al.*, 2000). Na mesma linha, Melo, Damascena e Batista (2012) reafirmam a tendência da concepção da Organização Mundial da Saúde em prol da promoção dos direitos humanos, apontando que a deficiência não se restringe apenas à limitação no corpo, mas destaca igualmente a importância da interação com o ambiente social.

Já Niehaus, Bauer e Kohl (2016), ao se referirem ao conceito de deficiência, destacam que este conceito não faz referência só às limitações do corpo, mas também aos efeitos de doenças físicas e psíquicas graves. Os autores destacam, por sua vez, que, na maioria das vezes, a deficiência não é inata, mas adquirida, sendo manifestada no transcurso da vida do trabalhador. Complementam dizendo que, na maioria das pessoas com deficiência, a limitação não é perceptível à primeira vista, motivo que promove o isolamento da pessoa deficiente que se sente avaliada socialmente de forma negativa e quase estigmatizada.

Por outro lado, Souza, Ferreira e Soares (2020) estão de acordo que não existe um consenso acerca do conceito de deficiência. A deficiência repousa no entendimento de que um determinado grau de possibilidade de discriminação ou inserção social está relacionado com a forma como se articula a condição biológica da pessoa com deficiência e o momento social na história. Brumer, Pavei e Mocelin (2004) conceituam a deficiência por um ângulo histórico-social afirmando que, no decorrer da história, as pessoas com deficiência foram segregadas e excluídas do contexto social, sendo consideradas incapazes e dependentes. Já o consenso atual

estimula perceber a pessoa não em razão da sua deficiência, mas estimulá-la para que possa desenvolver a sua autonomia física e social na medida de suas capacidades no ambiente em que vive (RECHINELI; PORTO; MOREIRA, 2008).

No que lhe concerne, Souza (2001) promove uma reflexão sobre o entendimento que tem a sociedade atual a respeito de como a deficiência é pautada pelo conhecimento que o médico tem sobre a saúde e a doença, além de como tal conhecimento permite a marcação e o reconhecimento do doente. A preocupação da autora faz sentido, uma vez que esse pensamento se torna referência conceitual para toda a sociedade e incide na formulação de leis e políticas públicas que atingem as pessoas com deficiência. Azevedo e Barros (2004) comentam sobre as implicações na saúde mental e física das pessoas com deficiência derivadas do processo de exclusão histórica a que têm sido submetidas. Os autores identificam ainda a existência de conceitos que criam barreiras e dificultam a compreensão das necessidades da pessoa com deficiência. Exemplos desses conceitos são anormalidade de uma estrutura corporal ou uma condição desviante, ou seja, diferente do normal.

A consideração de Campeão (2011) complementa a conceituação sobre deficiência. Embora haja elementos comuns a partir da visão social nas várias conceitualizações propostas, a autora demonstra preocupação com a manutenção de visões erradas e conceitos fora dos âmbitos sociais:

Consideramos importante compreender que, enquanto as sociedades apresentarem, como concepção de deficiência, a incapacidade, dificilmente encontrarão programas eficazes, que desenvolvam as habilidades e a autonomia dessas pessoas. À medida que a deficiência for compreendida para além de suas características e restrições, pessoas com deficiência ocuparão seu lugar na sociedade, exercendo sua cidadania. Para tanto, reconhecemos que é no corpo deficiente que recaem todas as crenças e valores sobre a incapacidade. A suposição de que um corpo com restrições impede também as capacidades de produção assegura às pessoas com deficiência um lugar de meros e passivos receptores das decisões de outros sobre suas vidas. (CAMPEÃO, 2011, p. 30).

Este estudo deixa de lado o modelo médico, relacionado exclusivamente às limitações físicas, sensoriais e cognitivas dos indivíduos deficientes (FONTES, 2016). Toma-se como referência o modelo social da deficiência, que não restringe a deficiência a um atributo do indivíduo, mas, ao contrário, a apresenta como o resultado

de uma complexa interação entre o sujeito e o contexto (LEITÃO, 2015). Nesse sentido, é pertinente destacar que é no contexto social que as pessoas adquirem habilidades e se desenvolvem, assim como é por meio das relações sociais que os homens atribuem significados e aprendizados sobre o que é normal. Por outro lado, é importante considerar “[...] as condições sociais como fontes geradoras de incapacidades, uma vez que é no próprio meio social que determinados indivíduos se tornam reconhecidos como deficientes” (SAETA, 2006, p. 67).

Afirmar essa concepção do modelo social com a analogia de Campeão (2011): a partir das marcas que ocasionam a deficiência na vida da pessoa, é possível a ressignificação das possibilidades nos processos de integração que passam pela inclusão. A deficiência cria efeitos importantes no desenvolvimento da personalidade e do processo de adaptação social do indivíduo. O sentido da deficiência na vida de uma pessoa é produto do entrelaçamento de sua história pessoal com o meio social onde vive. O sujeito, ao se relacionar com o outro e ao compartilhar seus limites e suas possibilidades, pode redimensionar as possibilidades e os limites de seu corpo, de seu papel social.

4.2 Contextualização sobre a situação de deficiência no Brasil

Segundo a “Cartilha do Censo 2010: sobre pessoas com deficiência” (OLIVEIRA, 2012), estima-se que existam 45,6 milhões de brasileiros com deficiência àquela época, ou seja, 23,9% da população apresenta algum tipo de deficiência. Dentre as regiões brasileiras, o Nordeste possui a maior proporção (26,63%) de população com pelo menos uma deficiência, seguido da região Norte com 23,40% e da região Sudeste com 23,03%. As regiões Centro-Oeste e Sul têm proporções de 22,51% e 22,5%, respectivamente.

Dentre as pessoas com pelo menos uma deficiência, de acordo com o Censo de 2010, 26,5% eram mulheres e 21,2% eram homens. Em relação ao tipo de deficiência, foi estimado que 18,6% da população deficiente tem deficiências visuais, 5,10% têm deficiências auditivas, 7% têm deficiências motoras e 1,4% têm deficiências intelectuais. Das pessoas com pelo menos uma das deficiências investigadas pelo Censo de 2010, 7,53% eram crianças e adolescentes de 0 a 14 anos e 24,94% tinham entre 15 e 64 anos. Já entre as pessoas com deficiência severa,

2,39% eram crianças e adolescentes de 0 a 14 anos, e 7,13% estavam entre 15 e 64 anos (OLIVEIRA, 2012).

Com o intuito de promover a inclusão da população com deficiência e para que seus direitos sejam reconhecidos em todas as esferas da vida em sociedade, o Brasil conta com um sistema de normas protetivas em relação aos direitos das pessoas com deficiência, que foi ratificado em 2008 a partir do acolhimento da Convenção das Nações Unidas de 2006 e com o estabelecimento da Lei sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência.

4.3 Esporte como inclusão social da pessoa com deficiência

Conforme o Censo de 2010, quase um quarto (23,9%) da população brasileira apresenta algum tipo de deficiência e, apesar da significância dos números, percebe-se que essa população ainda possui dificuldades para exercer seu papel social (OLIVEIRA, 2012). Conforme pode se perceber, a conceituação amplamente compartilhada na literatura afirma que a pessoa com deficiência possui o direito de ser integrada na sociedade nos diversos meios sociais. Propõe-se uma reflexão sobre as questões da inclusão da pessoa com deficiência por meio do esporte e do lazer, a partir do modelo social da deficiência.

O desafio da inclusão como direito humano, já preconizado pela Organização das Nações Unidas desde 1981, se materializou em 2006 com a promulgação da Lei na Convenção das Nações Unidas sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS, 2006). A Constituição da República Federativa do Brasil, em seu artigo 203, afirma que é obrigação dos órgãos e entidades do Poder Público assegurar às pessoas com deficiência o pleno exercício dos seus direitos básicos, inclusive os direitos à cultura, esporte, turismo e lazer (BRASIL, 1988).

Os profissionais do esporte entenderam que o esporte é como um caminho oferecido às pessoas com deficiência para abrir oportunidades e, dessa forma, alcançar a inclusão social (BARROZO *et al.*, 2012). Torna-se, então, um desafio para esses profissionais refletirem sobre a viabilização e a aplicação das diversas formas da prática esportiva pela inclusão, assim como discutir a elegibilidade de atletas com deficiência perante as limitações dos programas esportivos oferecidos nos municípios e comunidades, sendo uma queixa constante dos profissionais do esporte.

Mello e Winckler (2012) reconhecem que a Educação Física é um cenário muito propício para o desenvolvimento da pessoa com deficiência, já que envolve um ambiente de educação que considera o corpo em sua totalidade. Nesse sentido, o esporte se apresenta como uma enorme oportunidade de interação cultural e social por meio de suas infinitas possibilidades de movimentos, configurando-o como um excelente instrumento para o desenvolvimento humano (MELLO; WINCKLER, 2012)

Paralelamente, ao longo das últimas décadas, tem-se verificado um ambiente de mudanças positivas na qualidade de vida das pessoas com deficiência em virtude do aumento das oportunidades de inclusão. Tais oportunidades incluem o acesso à educação, ao emprego, à facilidade de mobilidade e acessibilidade, ao lazer e ao esporte. No que tange ao esporte, pode-se dizer que a prática da atividade física regular e a atividade de adaptação motora, por meio de jogos e esportes, ambas proporcionam um maior bem-estar e qualidade de vida para a pessoa com deficiência, uma vez que incrementam o seu desenvolvimento motor, suas habilidades motoras básicas, suas capacidades e potencialidades físicas, além de contribuir para maior autoestima e autonomia (DIEHL, 2008).

Entende-se que as dimensões sociais do esporte (o esporte-educação, o esporte-participação e o esporte-competitivo) são promovidas tanto pela educação física inclusiva como pelo paradesporto por meio de atividades físicas desenvolvidas para pessoas com deficiência (COSTA; SOUSA, 2004; ARAÚJO, 2011). Por um lado, a educação física inclusiva trabalha a inclusão por meio de atividades lúdicas e recreativas de cooperação, onde participam pessoas com e sem deficiência, com o intuito unicamente de participar (ROMERO, CARMONA, 2017). Por outro lado, o paradesporto diz respeito aos esportes que foram adaptados conforme as deficiências; possui regras e controles, locais e material de treino adaptados especialmente para o público deficiente. O paradesporto procura talentos, objetivando prepará-los e formá-los para a vida de atleta. Paralelamente, manifesta-se em atividades que focam na busca pela performance, competitividade e alto rendimento, potencializando as habilidades à procura de um ideal de que todos têm possibilidades dentro do esporte (ROMERO, CARMONA, 2017).

É importante também ressaltar a diferença existente entre o esporte adaptado e esporte paralímpico. Ambas as manifestações do esporte são para atletas com deficiência. No entanto, apesar de apresentarem, às vezes, o mesmo tipo de deficiência e trabalharem a questão do rendimento, adaptação às regras e utilização

de equipamentos adaptados, a diferença é que os esportes paralímpicos fazem parte do programa oficial dos Jogos Paralímpicos, enquanto os esportes adaptados, não. Vale mencionar que o ciclo paralímpico acompanha o calendário olímpico que se apresenta a cada quatro anos (MELLO; WINCKLER, 2012).

4.4 Os significados do esporte paralímpico

Ao entender o esporte de alto rendimento como a escolha do atleta com deficiência na procura da sua inclusão no ambiente social, abre-se espaço para um olhar diferenciado em relação a esse atleta. É possível analisar como ele chegou ao esporte, sua jornada, seu cotidiano de treinos e competições, as representações mentais sobre seu trabalho, os significados de sua nova atividade, a percepção de cidadania, a percepção dele próprio como ícone na carreira esportiva, as conquistas, as tristezas e os medos, os desafios e os planos para o futuro, a consciência da força que possui para mobilizar e promover ações que visam a melhoria do esporte paralímpico e em geral.

Como mencionado anteriormente, aponta-se o potencial do esporte (MELLO; WINCKLER, 2012) como uma capacidade de interação cultural e social, de possibilidades de movimentos e do reconhecimento como uma ferramenta de desenvolvimento humano. Tratando de esporte para pessoas com deficiência, essas características se potencializam: características são associadas ao processo de inclusão e integração social, a um maior bem-estar, à promoção de saúde, ao auxílio e incremento do desenvolvimento motor, às habilidades motoras básicas e às potencialidades físicas, além de contribuir para uma maior autoestima e autonomia (DIEHL, 2008).

O fenômeno do esporte para atletas com deficiência desenhou uma sequência de melhorias na vida dos atletas que mobilizou causas representativas, permeando vários significados. Por essa razão, é pertinente fazer um percurso no tempo mencionando esses movimentos de significado e como que eles se vinculam ao desenvolvimento do atleta com deficiência. Segundo Haiachi (2017), o primeiro movimento é o terapêutico-educacional, que olha o movimento do corpo e a preocupação da inclusão dessas pessoas como membros autônomos na sociedade (por exemplo, nesse momento surgiu o idioma Braille para a comunicação dos cegos). O segundo movimento diz respeito à reabilitação e demonstra a preocupação de

reabilitar ex-combatentes da Segunda Grande Guerra, as práticas esportivas surgindo como uma forma de tratamento dos traumas da guerra. O terceiro movimento faz relação aos movimentos sociais em prol da promoção e reconhecimento da inclusão das pessoas com deficiência como um direito humano, alcançando a sua legitimação com a Convenção das Nações Unidas sobre Direitos das Pessoas com Deficiência em 2006 (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS, 2006). O quarto movimento se associa à saúde, uma vez que acentua o aspecto preventivo e os benefícios da atividade física e esportiva para as pessoas com deficiência. Desta forma, a Organização Mundial da Saúde reconheceu a importância e favoreceu a combinação entre os modelos médico e social da deficiência, ainda que com um olhar mais social, enfatizando as possibilidades do indivíduo e apontando as desvantagens resultantes de circunstâncias do ambiente físico e social. O quinto movimento é visto como uma quebra de paradigma ao entender a prática esportiva como um esporte de alto rendimento: o *status* de carreira esportiva é dado aos atletas paralímpicos, já que possuem elevados níveis de exigência e devem se dedicar com treinos programados, buscando constantemente a superação de limites e obtenção de excelência esportiva (RUBIO, 2018). Ademais, a prática esportiva passa a ser atrelada a uma relação de contrato de trabalho, onde se encontra o binômio esporte-valor monetário (RUBIO, 2018). A tecnologia inovadora também se faz presente na melhoria do desempenho atlético, seja nos equipamentos mais sofisticados de treinamento, na recuperação do esforço, em acessórios e roupas cada vez mais diferenciadas, nos controles mais apurados de medição de tempo e intensidade. Todas essas características compõem um ambiente para o espaço do profissionalismo no esporte paralímpico (HAIACHI, 2017).

A trajetória individual percorrida pelo atleta até chegar a esse nível também desenha uma linha de momentos da vida que se iniciou a partir da reabilitação, passando pela educação física inclusiva, continuando com a participação em jogos do esporte adaptado e chegando ao topo do esporte de alto rendimento. Como já citado, os atletas de alto rendimento têm treinamentos rígidos, agenda de competições como embaixadores do país, exposições na mídia, contratos com patrocinadores, são criadores de opinião e exercem em toda sua plenitude a cidadania com apoio a projetos de responsabilidade social (PARSONS; WINCKLER, 2012).

Desta forma, o paradesporto inicialmente se apresentou de forma lúdica e recreativa, passando a ser considerado com o caráter de alto rendimento convergindo

na participação do evento máximo do esporte nos moldes olímpicos. Assim, confirma-se a força que representa o esporte paralímpico cuja história demonstrou que não apenas assinala um caminho real para promover a inclusão social, como foi além, colocando-se na sociedade como um produto de comunicação (NUNES, 2015).

4.5 O movimento paralímpico

O movimento paralímpico surgiu na Inglaterra quando o Dr. Ludwig Guttman, a partir das experiências de utilizar a prática esportiva como forma de reabilitar os pacientes com lesões medulares, idealizou a organização dos primeiros Jogos de Stoke Mandeville em homenagem aos avanços na recuperação dos ex-combatentes da Segunda Guerra (SILVA; WINCKLER, 2019). Esses jogos coincidiram com o calendário de realização dos Jogos Olímpicos de verão de Londres em 1948. A primeira edição dos Jogos Paralímpicos foi organizada em Roma, em 1960, e apresentou a mesma configuração dos Jogos Olímpicos coincidindo em periodicidade, sede e aproveitamento dos cenários olímpicos para a competição paralímpica (SENATORE, 2016; SILVA; WINCKLER, 2019). Após algumas mudanças, os jogos retomaram a configuração Olímpica em Seul 1988. Um acordo assinado em 2001 entre o Comitê Olímpico Internacional (COI) e o Comitê Paralímpico Internacional (CPI) consolidou esta prática consolidando o formato atual ocorrendo nas mesmas cidades e em sequência. Desta forma aconteceram as versões Paralímpicas a cada quatro anos até chegarem à edição Rio 2016 (SILVA; WINCKLER, 2019).

O Quadro 4 mostra a participação do Brasil em Jogos Paralímpicos até a última edição em Rio 2016, apontando a cidade sede, ano, colocação em medalhas e número de atletas participantes divididos por sexo.

Quadro 4 – Participação brasileira em Jogos Paralímpicos

Paraolimpíada	Colocação	Número de atletas
Heidelberg 1972	32	20 atletas (20 homens)
Toronto 1976	31	33 atletas (31 homens e duas mulheres)
Arnhem 1980	42	14 atletas (14 homens)
Stoke Mandeville e Nova Iorque 1984	24	29 atletas (23 homens e seis mulheres)
Seul 1988	25	62 atletas (51 homens e 11 mulheres)
Barcelona 1992	32	43 atletas (33 homens e 10 mulheres)
Atlanta 1996	37	60 atletas (41 homens e 19 mulheres)
Sidney 2000	24	64 atletas (53 homens e 11 mulheres)
Atenas 2004	14	98 atletas (76 homens e 22 mulheres)
Pequim 2008	9	188 atletas (133 homens e 55 mulheres)
Londres 2012	7	182 atletas (115 homens e 67 mulheres)
Rio 2016	8	278 atletas (181 homens e 97 mulheres)

Fonte: Comitê Paralímpico Brasileiro (2016, p. 19).

Os Jogos Paralímpicos são considerados um evento internacional de esporte de alto rendimento, e com esta caracterização o evento “[...] enfatiza mais as conquistas do que as deficiências dos participantes” (COMITÊ PARALÍMPICO BRASILEIRO, 2016, p. 18). Neste sentido o movimento paralímpico apresenta um crescimento significativo desde seu início em número de atletas participantes como em número de países. A última edição do Rio 2016 contou com a participação de 176 países e mais de 4000 atletas integrando a equipe paralímpica.

Cabe, todavia, mencionar que a última edição dos Jogos Olímpicos e Paralímpicos estava programada para acontecer em Tóquio, no ano de 2020. Porém, com a decretação em 11 de março da pandemia de *Coronavirus disease 2019* (Covid-19), a Organização Mundial da Saúde fez um chamado ao isolamento da população em todos os cantos do planeta, de forma a evitar a propagação do contágio e piorasse a situação de saúde pública ao nível global. Inicialmente, os organizadores dos Jogos não demonstraram preocupação com a não realização do evento e continuaram os protocolos do início do evento. Muitas foram as instâncias consultadas por eles para decidir definitivamente acerca do encaminhamento dos jogos: desde autoridades do esporte olímpico e paralímpico, governos, empresas e comitê de organização geral dos jogos (AFP, 2020). Percebeu-se que o principal protagonista da festa olímpica, o atleta, foi a figura menos consultada. A preservação da sua integridade e saúde física foram quase menos apreciadas nesse momento (RUBIO, 2020).

A postura do *International Olympic Committee* após reuniões com os comitês olímpicos nacionais e com um grupo de atletas da associação de atletas olímpicos causou revolta. A Olimpíada em 2020 ficou cada vez mais insustentável por vários motivos. Iniciou-se então um movimento para o adiamento dos jogos para Tóquio 2021 com o pronunciamento oficial de boicote por parte dos Comitês Olímpicos de alguns países como o Canadá, seguido pela Alemanha e Austrália, que iniciaram um movimento contra a realização dos jogos. “Os planos foram alterados depois que diversos *stakeholders* importantes do movimento olímpico começaram a se pronunciar publicamente a favor do adiamento para 2021” (VECCHIOLI, 2020, on-line). No dia 24 de março de 2020, o comitê organizador de Tóquio e o *International Olympic Committee* anunciaram o adiamento dos Jogos Olímpicos e Paralímpicos (LANDERS; BACHMAN, 2020), mas não sem antes contar com a cobertura das companhias de seguros para arcar com os prejuízos financeiros e materiais (RUBIO, 2020).

É de conhecimento que a festa olímpica envolve uma infraestrutura e movimentação de recursos financeiros de grande volume, tais como patrocínios, concessão de mídia televisiva, rede hoteleira, transporte aéreo, montagem do evento em geral, entre outros elementos que trazem um sentido de mercantilização do esporte, tendo nos Jogos Olímpicos e Paralímpicos uma de suas maiores expressões (NUNES, 2015). Nessa ocasião, Rubio (2020, on-line) comentou que “o prejuízo material pode ser coberto pelo seguro. O prejuízo humano não tem preço”. No entanto, o pronunciamento oficial por parte do brasileiro Andrew Parsons, Presidente do *International Paralympic Committee*, apresentou um discurso com viés mais humano olhando pela ótica do atleta e pela preservação da saúde dos esportistas e público em geral que fariam parte desse grandioso evento (PARSONS, 2020).

O fato do adiamento dos jogos, sem precedentes, fez reescrever a história olímpica. A postura dos dirigentes da organização provocou muitos questionamentos a respeito da significação do esporte e, principalmente, dos seus protagonistas: os atletas (RUBIO, 2020). Apesar da qualificação de super-homens, os atletas mantêm a condição de humanos e não de máquinas de produzir recordes. São eles que fazem dos Jogos a maior festa do esporte Olímpico e Paralímpico, mas sua voz foi a última a ser considerada (RUBIO, 2020).

Sandel, professor e filósofo estadunidense, chama a refletir sobre esse momento de pandemia e não hesita em afirmar que “[...] a vida humana é preciosa, não podemos sacrificá-la. O ganho econômico não deve ser comprado com a perda

de vidas” (SANDEL, 2020, on-line). Em entrevista, o filósofo se posiciona sobre o que significa o bem comum no contexto de pandemia, referindo-se a compartilhar os riscos, benefícios e responsabilidades, bem como proteger os mais vulneráveis. Sandel convoca, dessa forma, a prática de uma solidariedade compartilhada dos cidadãos mais privilegiados.

As Olimpíadas de Tóquio têm uma nova data confirmadas para serem realizadas entre 23 de julho e 8 de agosto de 2021. Os Jogos Paralímpicos estão programados para acontecer entre 24 de agosto e 5 de setembro de 2021 na capital japonesa (APF, 2020). A decisão pelo adiamento impactou de maneira geral a comunidade atlética, porém pouco se falou sobre as perdas associadas a tal adiamento, uma vez que também foram adiados todos os sonhos e planejamentos de quatro anos e que, para alguns deles, significou o fim de muitos projetos profissionais, pessoais e familiares. De igual forma, também foram fechados todos os locais, espaços e cenários para treinamentos, atendendo as determinações das autoridades de saúde dos governos. Portanto, os planejamentos, treinamentos e pré-competições foram pausados e assim aguardam por novos calendários.

4.6 O atletismo como esporte paralímpico no Brasil

O esporte paralímpico no Brasil surgiu a partir do empenho de duas pessoas com deficiência, que buscaram tratamento e reabilitação de lesão medular nos Estados Unidos (ARAÚJO, 1998). Em 1958, ao regressarem ao Brasil, cada qual fundou um clube no Rio de Janeiro e em São Paulo para a prática do esporte para pessoas com deficiência (ARAÚJO 1998). Após várias tentativas de organização da prática esportiva para pessoas com deficiência, em 1992 foi criado o Departamento de Esporte das Pessoas Portadoras de Deficiências integrado ao Ministério da Educação e Cultura. O objetivo desse departamento é a promoção e a qualificação profissional para o desenvolvimento da prática desportiva para essa população (ARAÚJO, 2011).

Desde os Jogos de Stoke Mandeville em 1948, o Brasil teve participação nos Jogos Paralímpicos. Porém, foi em Seul, no ano de 1988, que o país despontou como uma força no ambiente paralímpico (SENATORE, 2016).

Em 1995, foi criado o Comitê Paralímpico Brasileiro como uma instituição privada sem fins lucrativos, que concentrou a organização de várias modalidades,

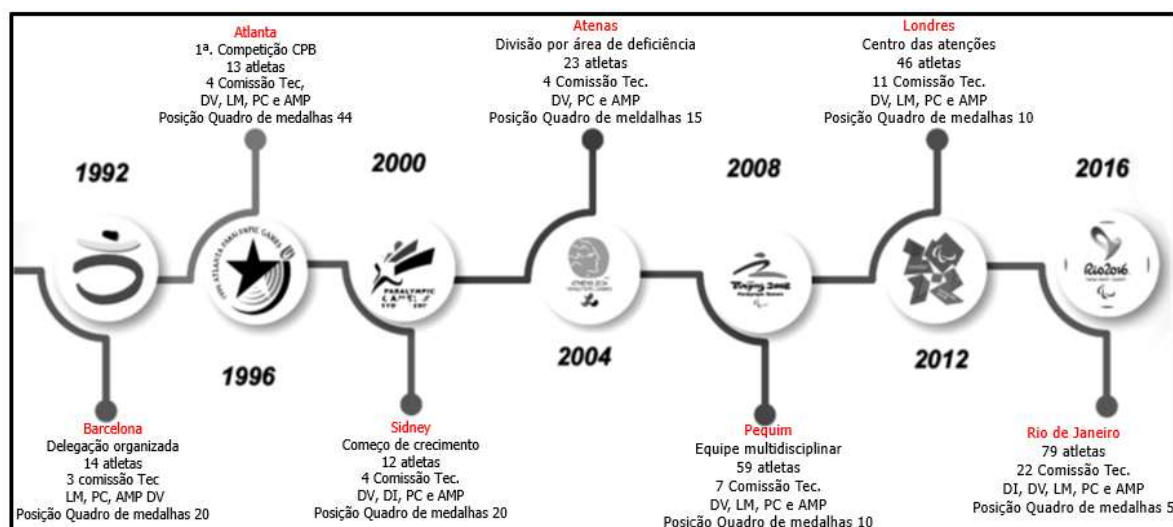
entre elas o atletismo. Desde então, o Comitê passou a ser responsável por todas as ações, eventos e organização de competições, incrementou programas escolares para promoção e inclusão da prática esportiva, assim como organizou a prática do esporte de alto rendimento (SENATORE, 2016).

Em 2001, foi sancionada a Lei Agnelo/Piva (BRASIL, 2001), que propôs fazer repasses de verbas federais para o Comitê Olímpico Brasileiro e o Comitê Paralímpico Brasileiro. A partir dessa data, inicia-se um novo estágio de organização e planejamento estratégico do movimento paralímpico brasileiro, contribuindo para a consolidação e expansão do movimento paralímpico em todo o país (SILVA, WINCKLER, 2019).

No alto rendimento, o Brasil ratificava sua melhoria na performance de medalhas como uma das potências do esporte paralímpico. Foi em Londres 2012 e durante a gestão de Andrew Parsons que o Brasil obteve a sétima melhor classificação, ficando entre as 10 melhores delegações; em Rio 2016, conquistou a oitava classificação geral e o atletismo representou a *quinta potência no atletismo paralímpico*.

Ao longo da história dos Jogos Paralímpicos, o atletismo brasileiro apresentou-se em 15 edições, a partir de Roma 1960. A evolução da modalidade, ao longo das sete últimas edições dos Jogos Paralímpicos, pode ser vista na figura 6 abaixo, que compreende o período entre 1992 e 2016, apresentando o número de atletas, eventos, países e as deficiências em cada edição dos jogos. Os Jogos de Barcelona 1992 são apresentados como ponto de partida, sendo que essa edição se tornou referência do ponto de vista organizativo, já que marcou a entrada do esporte paralímpico na era moderna. A organização dos jogos de Barcelona permitiu a reestruturação do sistema de classes e delimitação no número de provas oferecidas (SILVA; WINCKLER, 2019).

Figura 5 – Participação brasileira no atletismo nos Jogos Paralímpicos entre 1992-2016



Fonte: Silva e Winckler (2019, p. 78).

A participação de populações com diferentes deficiências é facilmente perceptível ao longo da história dos Jogos Paralímpicos. Por essa razão, tornou-se necessário desenvolver uma criteriosa classificação para permitir a participação dessa população tão diversa em igualdade de condições. O quadro 5 apresenta o modelo atual de classificação, permitindo diferenciar 10 tipos de deficiências, as suas respectivas incapacidades e os grupos funcionais. A classificação funcional é considerada pelos atletas como a identificação no mundo das competições no paratletismo. O atleta se vincula com seu nome a sua classificação funcional. É considerada pelo atleta como o passaporte da elegibilidade para competir, já que identifica sua deficiência. Por outro lado, deve se apontar que o atleta com deficiência visual recebe o auxílio do atleta-guia ligados a ele por uma corda. Já para outras deficiências, existem eventos com uso de próteses e em cadeiras de rodas (SILVA; WINCKLER, 2019).

Quadro 5 – Classificação funcional do atletismo paralímpico

	Elegibilidade	Pista	Campo
Ambulantes	Deficiência visual	T11, T12, T13	F11, F12, F13
	Deficiência intelectual	T20	F20
	Deficiência de coordenação (hipertonia, ataxia e atetose)	T35, T36, T37, T38	F35, F36, F37, F38
	Baixa estatura	T40, T41	F40, F41
	Deficiência do membro inferior sem próteses (diferença de comprimento, déficit de força ou amplitude)	T42, T43, T44	F42, F43, F44
	Deficiência do membro superior	T45, T46, T47	F45, F46
	Deficiência do membro inferior com próteses (amputação, dismilia ou comprimento)	T61, T62, T63, T64	F61, F62, F63, F64
Cadeirantes	Deficiência de coordenação (hipertonia, ataxia e atetose)	T32, T33, T34	F31, F32, F33, F34
	Deficiência do membro inferior (diferença de comprimento, déficit de força ou amplitude)	T51, T52, T53, T54	F51, F52, F53, F54, F55, F56, F57
	Número total de classes	27	30

Legenda: os competidores são divididos em grupos de acordo com o grau de deficiência constatado pela classificação funcional. Os atletas que disputam provas de pista, de rua (velocidade, meio fundo, fundo e maratona) e salto em distância são identificados com a letra T (de *track*, do inglês “pista”) em sua classe. Já os atletas que fazem provas de campo (arremessos, lançamentos e saltos em altura) são identificados com a letra F (de *field*, do inglês “campo”) na classificação. O número que representa a dezena corresponde ao grupo da deficiência, e a unidade, corresponde ao nível de comprometimento do atleta naquele grupo de deficiência.

Fonte: Silva e Wincker (2019, p. 73).

É importante registrar que, para cada grupo de classes, são oferecidos eventos tanto de pista como de campo (SILVA; WINCKLER, 2019). As provas têm relação direta com o tipo de deficiência do atleta demonstrando uma relação do esporte com o atleta paralímpico. Apresentamos as provas do programa de atletismo paralímpico:

a) Os eventos de pista são divididos em suas distâncias, ambientes e saltos: velocidade (100, 200 e 400 metros), meio fundo (800 e 1500 metros), fundo (5000 metros), provas de rua (10 km e meia-maratona), saltos horizontais (à distância e triplo) e salto vertical (altura). Em 2017, foi incluído o revezamento 4 x 100 metros misto: equipes combinadas de 2 atletas do masculino e 2 atletas do feminino de diferentes classes.

b) Os eventos de campos são lançamento de club, arremesso de peso, lançamento de disco e lançamento de dardo

5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este capítulo apresenta os procedimentos metodológicos que permitem alcançar os objetivos geral e específicos propostos para esta pesquisa, descrevendo, para tanto, o delineamento da pesquisa na abordagem qualitativa e as suas características. Os procedimentos de coleta de dados apresentam a estratégia da pesquisa e o modo como se obteve acesso aos participantes. Na coleta de dados, se descreve a entrevista com roteiro semiestruturado. Em seguida, foram descritos os instrumentos utilizados: os roteiros da entrevista semiestruturada e a incorporação de imagens fotográficas obtidas espontaneamente junto aos atletas. Por fim, apresenta-se a técnica de análise qualitativa sobre as entrevistas com base na análise de conteúdo temática como proposta por Creswell (2015) e a utilização do *software* Novo NVivo para contribuir no processo de codificação.

5.1 Delineamento da pesquisa

A proposta metodológica desta pesquisa contempla um estudo de abordagem qualitativa, de caráter descritivo-exploratório, com pesquisa de campo de corte transversal. Acentua-se que a essência da investigação qualitativa foca em “[...] compreender os fenômenos, explorando-os desde a perspectiva dos participantes no seu ambiente natural e em relação a seu contexto” (SAMPIERI; COLLADO; LUCIO, 2013, p. 358). Portanto, a escolha da abordagem qualitativa vai ao encontro do “[...] propósito de examinar a forma como os indivíduos percebem e experimentam os fenômenos que os rodeiam, enfatizando em seus pontos de vista, interpretações e significados” (SAMPIERI; COLLADO; LUCIO, 2013, p. 358).

Conforme indica Creswell (2010), a pesquisa qualitativa é interpretativa, permitindo que a interpretação dos dados se realize pelo desenvolvimento da descrição do paratleta no seu mundo e nos seus cenários de treinamentos e de competições, chegando a identificar as percepções que o atleta de alto rendimento tem sobre a qualidade de vida no esporte como trabalho, das suas condições de trabalho, da organização do trabalho, das suas relações socioprofissionais, do seu reconhecimento profissional, assim como do seu elo entre trabalho e vida social. Seus relatos de vida permitem entender os fatores que resultam em vivências de bem-estar e de mal-estar no contexto de trabalho, procurando interpretar seus pontos de vista,

significados e representações sobre o que entendem como qualidade de vida no esporte como trabalho e as situações de prazer ou desconforto que vivenciam nessa atividade de trabalho. Por outro lado, as narrativas dos atletas constituem um instrumento que fornece conteúdo para análise e que permite apreender as consequências para a qualidade de vida no trabalho do atleta em um ano atípico que estava idealizado como ano olímpico e que, em pouco tempo, teve que ser reconfigurado. A abordagem qualitativa se constitui como um momento singular que permite observar a distância entre o que estava programado para treinos e competições, assim como a dramática mudança e seus impactos na vida pessoal e profissional.

O Quadro 6 apresenta as características da presente pesquisa, caracterizada como um estudo de abordagem qualitativa, de caráter descritivo-exploratório, com pesquisa de campo de corte transversal:

Quadro 6 – Caracterização da pesquisa

Caracterização	Objetivo	Relevância da abordagem
<i>Pesquisa descritiva</i>	Busca descrever o fenômeno estudado, apontando suas propriedades, características e os perfis das pessoas, grupos, comunidades, processos, objetos ou fenômenos que possam ser objeto de análise (SAMPIERI; COLLADO; LUCIO, 2013).	Demonstra os ângulos ou dimensões de um fenômeno, grupo, contexto ou situação.
<i>Pesquisa exploratória</i>	Objetiva examinar um tema ou problema de investigação pouco estudado, do qual se tem muitas dúvidas ou que não foi abordado antes (SAMPIERI; COLLADO; LUCIO, 2013).	Permite a familiarização com fenômenos desconhecidos, a obtenção de informação para realizar uma investigação mais aprofundada, a exploração de novos problemas e o estabelecimento de prioridades para pesquisas futuras.
<i>Corte transversal</i>	Coletar os dados em um único ponto no tempo, mesmo período e oportunidade única (BOURQUE, 2003).	Obtém-se um registro instantâneo ou um cenário do fenômeno que está sendo pesquisado.

Fonte: elaborado pela autora (2021).

5.2 Procedimentos de coleta de dados

5.2.1 Definição dos participantes da pesquisa

O projeto inicial para a presente pesquisa era, além de acessar os atletas paralímpicos para compreender suas percepções, avaliar o discurso da gestão

institucional do Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB). Objetivava-se ter acesso a documentos institucionais e dados do referido órgão público, bem como entrevistar seus membros e profissionais de suporte, podendo, assim, contribuir com as narrativas dos paratletas entrevistados. Como essa proposta não se mostrou viável, o recorte recaiu sobre a voz dos atletas.

Assim sendo, os participantes da pesquisa são atletas paralímpicos brasileiros da modalidade de atletismo (feminino e masculino), que competem em eventos de pista e campo. Eles compõem o quadro de atletas do programa de alto rendimento do Comitê Paralímpico Brasileiro. Esses atletas já participaram de uma Paraolimpíada, obtiveram ou estão próximos da obtenção do índice estabelecido pela Comitê Paralímpico Internacional – requisito para participarem no evento – e estão em preparação para a próxima edição dos Jogos Paralímpicos. Os atletas que não competiram em Paraolimpíadas anteriores ou não obtiveram o índice necessário para compor o quadro da próxima competição não compuseram a pesquisa, pois estes são considerados atletas com deficiência ou simplesmente atletas, conforme o Comitê Paralímpico Brasileiro (2016).

Dependendo da classificação funcional, é importante esclarecer que o atleta com deficiência visual total recebe o auxílio de um atleta-guia nos treinamentos e nas competições, sendo considerado competidor em prova individual. Existem também atletas com deficiência intelectual, atletas com deficiência física com lesão medular (o que limita funcionalmente os membros superiores) e atletas com deficiência de coordenação também dos membros superiores. Alguns deficientes de membros inferiores competem com o auxílio de cadeiras de rodas e outros atletas amputados com o auxílio de próteses adaptadas. Atletas com paralisia cerebral podem ser considerados também dentro desta classificação funcional (SILVA; WINCKLER, 2019).

O atletismo foi escolhido de forma intencional, já que é o esporte-base mais acessível e que permite ao atleta a prática inicial em um espaço adaptado, além de ser uma prática individual. Por outro lado, o fato de a modalidade possuir a maior quantidade de atletas permitiu atingir o maior número possível de participantes, atentando-se para a preocupação em relação à qualidade e à fidedignidade dos resultados. A delegação paralímpica de atletismo é maior em participação quanto ao número de competidores em 2016, tendo tido 30% a mais do que a natação, a segunda em número de competidores (SILVA; WINCKLER, 2019). Isto se deve à

diversidade de provas e à maior classificação funcional por atletas com possibilidade de pódio. Na história das Paraolimpíadas (desde a primeira edição de Roma em 1960 até a última realizada no Rio de Janeiro em 2016), o atletismo é a modalidade em que o Brasil possuiu o maior número de medalhas: um total de 142 (das quais 40 são de ouro, 61 de prata e 41 de bronze) (COMITÊ PARALÍMPICO BRASILEIRO, 2019).

5.2.2 Coleta de dados

Adotou-se a entrevista em profundidade com roteiro semiestruturado como principal método de coleta de dados. Foram entrevistados onze atletas paralímpicos. Todos constavam na lista do Comitê Paralímpico Brasileiro (2019) como os mais bem ranqueados em 2020. Foram enviadas mensagens para todos os cinquenta atletas que constam nesta lista. Onze paratletas responderam, sendo estes os participantes da pesquisa. As entrevistas individuais, inicialmente, foram idealizadas para serem realizadas no Centro de Treinamento do Comitê Paralímpico Brasileiro. Porém, devido à situação pandêmica da COVID-19 que impôs o isolamento social e o fechamento dos centros esportivos pelo país, não foi possível proceder como programado. Assim sendo, as entrevistas foram conduzidas pela pesquisadora por videoconferência, propondo-se algumas plataformas (como *Skype*, *Google Meet*, *Zoom*) que fossem mais acessíveis e convenientes aos participantes. Esclareceu-se que as entrevistas teriam duração aproximada de 1 hora, de modo que os participantes pudessem se planejar e disponibilizar tempo suficiente para a atividade proposta.

O Comitê Paralímpico Brasileiro disponibiliza em seu endereço eletrônico uma lista contendo os 50 melhores atletas ranqueados na modalidade de atletismo em 2020, que já foram pré-selecionados em 2019 para participarem da próxima edição dos Jogos Paralímpicos, documento que pode ser consultado no Anexo A (COMITÊ PARALÍMPICO BRASILEIRO, 2020). Esta lista serviu como guia ou referência para identificar a maioria dos respondentes. Os convites para participação foram realizados nas redes sociais (*Instagram* e *WhatsApp*) dos paratletas. É importante sinalizar que as entrevistas foram conduzidas até atingirem a saturação teórica com esse público, de forma que o acréscimo de observações em pouco contribuiria com os dados já existentes para a compreensão do fenômeno, se apresentando, assim, como um critério de validade em pesquisa qualitativa (GLASER; STRAUSS, 2006). Todas as entrevistas foram gravadas conforme a autorização dos participantes, observando-se os cuidados éticos para garantir o anonimato dos entrevistados.

O roteiro para a condução das entrevistas foi desenvolvido em três partes: 1) o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), que consta no Apêndice A, 2) as questões sociodemográficas e profissionais, e 3) as questões a serem feitas aos participantes – que podem ser observadas no Apêndice B.

1) As informações referentes à segurança do participante e à confidencialidade da pesquisa constaram no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Como as entrevistas foram conduzidas remotamente, o documento foi enviado antecipadamente para leitura dos participantes, com a solicitação de que o retornassem assinado para a pesquisadora e dando seu consentimento para participação.

2) Iniciando o roteiro, foram acrescentadas questões sociodemográficas e profissionais para descrever as características dos participantes, assim como foram consideradas questões relacionadas ao histórico de vida para compor a temática dos relatos de vida e a aquisição da deficiência.

3) As entrevistas com roteiro semiestruturado consistiram em um guia de assuntos ou perguntas sobre o tema, se apresentando de forma parcialmente estruturada para compreender as visões e opiniões dos participantes. Como se adotou uma abordagem semiestruturada para o roteiro, a entrevistadora teve a liberdade de introduzir perguntas adicionais caso compreendesse a necessidade de aprofundar a compreensão de algum conceito ou para obter mais informações (SAMPIERI; COLLADO; LUCIO, 2013). Regularmente, na investigação qualitativa, as primeiras entrevistas são de tipo piloto e vão se estruturando conforme avança o trabalho de campo (FLICK, 2009; SAMPIERI; COLLADO; LUCIO, 2013). Portanto, a proposta de maior flexibilidade no roteiro semiestruturado se manteve a partir das necessidades de adaptação ou mudança provenientes das primeiras entrevistas. O roteiro de entrevista foi estruturado em quatro partes:

a) Perguntas sobre a história de vida dos paratletas: como adquiriram a deficiência, conheceram o esporte e chegaram ao esporte de alto-rendimento. Estas questões permitiram a contextualização dos participantes e o entendimento do contexto em que esses participantes estão envolvidos.

b) Perguntas que contribuem para caracterizar o esporte enquanto trabalho. Procurou-se identificar afirmações que contribuíssem para o embasamento teórico, como desenvolvido na revisão teórica: a caracterização ou tipificação da atividade do esporte como trabalho nos componentes da atividade, condições de trabalho e resultados; as dimensões pessoal e socioeconômica desta atividade; comparativo da similaridade com as características de atividade de trabalho da sociedade industrial e descrição do significado do esporte como trabalho segundo a percepção do atleta.

c) Perguntas provenientes do Inventário de Avaliação de Qualidade de Vida no Trabalho (IA_QVT). As questões do roteiro de entrevista foram desenhadas tendo como base os cinco fatores constituintes da qualidade de vida no trabalho sob a ótica dos trabalhadores na abordagem da ergonomia da atividade. O uso do referencial da ergonomia da atividade ficou restrito à sua parte qualitativa, já que a análise da ergonomia da atividade aplicada à qualidade de vida no trabalho pressupõe o uso do Inventário de (IA_QVT), que está associado a uma “cartografia” para leitura e interpretação dos resultados, tal como proposto por Ferreira *et al.* (2013). O Quadro 7 apresenta os cinco fatores constituintes da qualidade de vida no trabalho como proposto pela ergonomia da atividade e as suas respectivas definições (FERREIRA *et al.*, 2013). Os fatores se constituem como guias para a construção dos instrumentos de pesquisa e análise dos dados.

Quadro 7 – Fatores constituintes da qualidade de vida no trabalho na abordagem da ergonomia da atividade

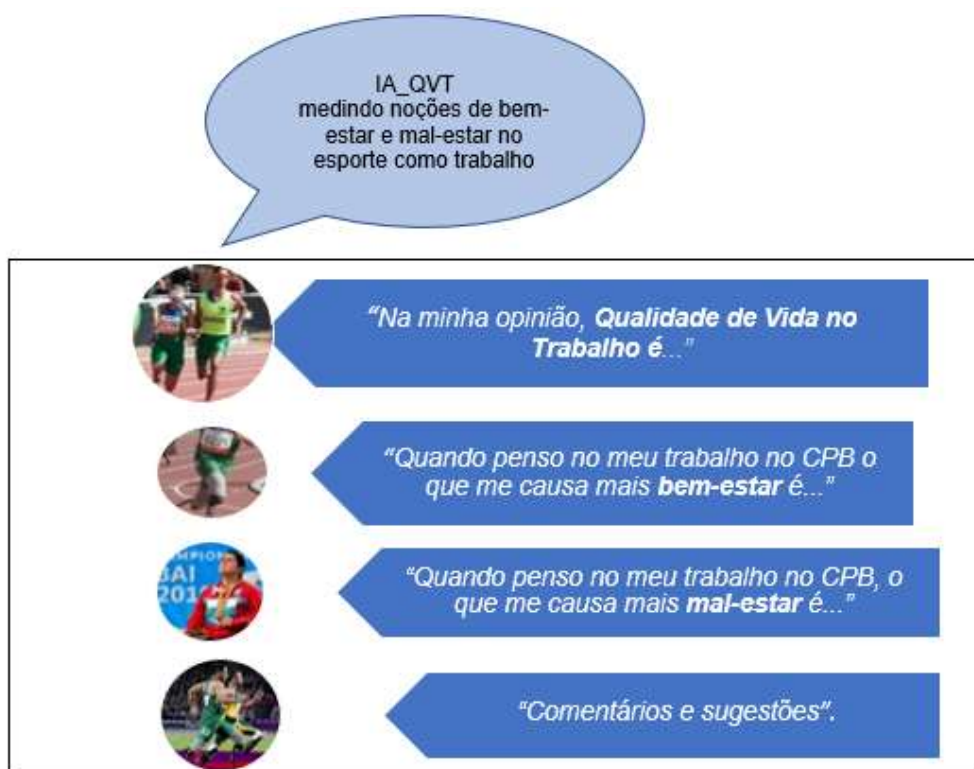
<p>Condições de trabalho e suporte organizacional</p>	<p>Equipamentos arquitetônicos: piso, paredes, teto, portas, janelas, decoração, arranjos físicos, pistas, locais para treinos, fisioterapia e descanso, banheiros adaptados, locais de acesso.</p> <p>Ambiente físico: espaços de trabalho, iluminação, temperatura, ventilação, acústica.</p> <p>Instrumental: material de treinamento, máquinas de treinos físicos e de reabilitação, dispositivos informacionais, documentação, postos de trabalho, mobiliário complementar.</p> <p>Matéria-prima: materiais e bases informacionais.</p> <p>Suporte organizacional: informações, suprimentos, tecnologias, política de remuneração, de capacitação e de benefícios.</p>
<p>Organização do trabalho</p>	<p>Divisão do trabalho: hierarquia, divisão técnica e social.</p> <p>Missão, objetivos e metas organizacionais: qualidade e quantidade, parametragens.</p> <p>Trabalho prescrito: planejamento, tarefas, regras formais e informais, procedimentos técnicos, prazos.</p> <p>Tempo de trabalho: jornada de trabalho, pausas, descansos, flexibilidade.</p> <p>Processo de trabalho: ciclos, etapas, ritmos previstos, pressão.</p> <p>Gestão do trabalho: controles, supervisão, fiscalização, disciplina.</p> <p>Padrão de conduta: conhecimento, atitudes, habilidades previstas, higiene, vestimentas e uniformes de treino ou competição.</p>
<p>Relações socioprofissionais de trabalho</p>	<p>Relações hierárquicas: chefia imediata (técnico) e chefias superiores (diretoria).</p> <p>Relações com os pares: colegas de trabalho e membros da equipe.</p> <p>Relações externas: cidadãos, patrocinadores, mídia.</p>
<p>Reconhecimento e crescimento profissional</p>	<p>Reconhecimento: reconhecimento do próprio trabalho realizado (empenho e dedicação), da hierarquia (chefia imediata e superiores), da instituição, dos cidadãos, dos patrocinadores, das autoridades de governo e da sociedade.</p> <p>Crescimento profissional: uso da criatividade, desenvolvimento de competências, capacitações, oportunidades, incentivos e carreira.</p>
<p>Elo trabalho-vida social</p>	<p>Sentido do trabalho: prazer, valorização do tempo vivenciado na organização, sentimento de utilidade social, sentimento de inclusão, de integração na sociedade e de cidadania.</p> <p>Importância da instituição empregadora: significado pessoal, significado profissional, significado familiar e significado social.</p> <p>Vida social: relação trabalho-família, relação trabalho-amigos, relação trabalho-lazer e relação trabalho-sociedade.</p>

Fonte: adaptado de Ferreira (2012, p. 186).

Assim sendo, optou-se por perguntas semiestruturadas construídas e relacionadas com cada um dos cinco fatores constituintes descritos, assim como por

perguntas da parte qualitativa do Inventário de (IA_QVT) relacionadas com as noções de bem-estar e mal-estar no trabalho. Estes fatores são: condições de trabalho, organização do trabalho, relações socioprofissionais, reconhecimento e crescimento pessoal, elo trabalho-vida social (FERREIRA, 2012). Para contribuir com o roteiro, foram incluídas as questões da Figura 6, como apresentada mais abaixo, desenhadas a partir das perguntas recomendadas pela parte qualitativa do (IA_QVT) (FERREIRA *et al.*, 2013) relacionadas com as noções de bem-estar e mal-estar no trabalho. As questões constituem as quatro perguntas abertas da parte qualitativa do referido Inventário, que avaliam a situação de bem-estar ou de mal-estar no ambiente de trabalho, incluídas no roteiro semiestruturado dos atletas paralímpicos.

Figura 6 – Questões construídas a partir do IA_QVT, relacionadas com as noções de bem-estar e mal-estar no esporte enquanto trabalho



Fonte: elaborado pela autora (2021).

d) Perguntas sobre a pandemia da (COVID-19), adiamento dos Jogos Paralímpicos e impacto sobre os atletas. Finalmente, foram incluídas questões relacionadas ao adiamento dos Jogos Paralímpicos devido à pandemia da (COVID-19), inicialmente programados para setembro de 2020 em Tóquio. A pandemia gerou

o isolamento social, acarretando a interrupção dos treinos nos Centros de Treinamento e os atletas tiveram que adaptar suas rotinas de treino em seus domicílios ou outros locais apropriados. Assim, os participantes também foram interrogados sobre os impactos que o adiamento do evento e a nova estrutura de treinos geraram na qualidade de vida no trabalho do atleta paralímpico.

No intuito de enriquecer ou ilustrar as entrevistas, ao final destas solicitou-se que os atletas paralímpicos participantes enviassem espontaneamente fotografias que representassem visualmente o significado do esporte enquanto trabalho para eles e situações de bem-estar ou mal-estar no contexto dessa atividade. Ao proceder à solicitação, deu-se a seguinte justificativa para os participantes: as fotografias comporiam os dados da pesquisa de modo a se obter uma melhor descrição da representação da qualidade de vida nesse contexto da atividade esportiva realizada como trabalho. Desta forma, proporcionou-se uma oportunidade para os participantes compartilharem diretamente sua realidade e, de forma criativa, captar sua visão de mundo visualmente (CRESWELL, 2010).

A abordagem qualitativa possui nas fotografias uma fonte valiosa de dados. Elas permitem ajudar o pesquisador a entender o fenômeno central do estudo, mesmo porque são produzidos pela maioria das pessoas, grupos e organizações da sociedade para narrar a sua história e estado atual. Esses registros ajudam o pesquisador a conhecer os antecedentes de um ambiente, assim como as vivências ou situações que nele acontecem e o seu funcionamento cotidiano (FLINK, 2009; SAMPIERI; COLLADO; LUCIO, 2013).

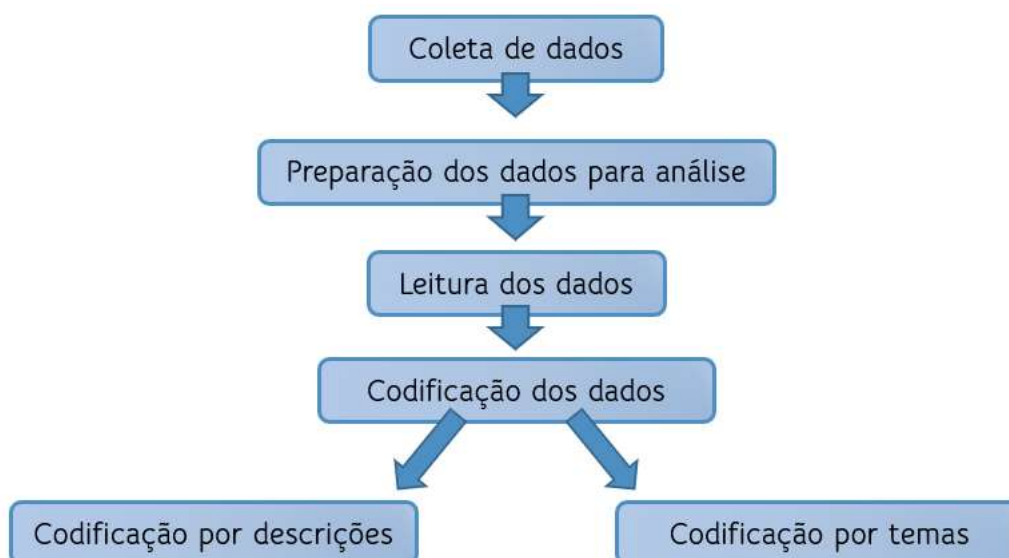
5.3 Análise dos dados

Após a coleta de dados, procedeu-se à transcrição de todos os áudios das entrevistas em formato Microsoft Word e a disposição das fotografias em arquivo único a fim de facilitar as análises. Então, se adotou a análise de conteúdo temática como proposta por Creswell (2015) para examinar as evidências das fontes (transcrições e fotos enviadas pelos participantes) e encontrar sentido entre a diversidade de materiais. Nesse sentido, as entrevistas semiestruturadas com os atletas paralímpicos permitiram vislumbrar a visão da qualidade de vida no trabalho a partir do olhar do atleta-trabalhador e a inclusão das fotografias permitiu uma riqueza interpretativa. O conteúdo textual e visual foi analisado, observando-se os cuidados éticos para garantir

o anonimato dos entrevistados, como constou no roteiro da entrevista, no item de confidencialidade da pesquisa no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

A pesquisa qualitativa objetiva compreender determinado fenômeno social, enfocando opiniões, percepções e experiências dos participantes no seu ambiente e sua relação com o contexto, sua vida real. Nesse sentido, “[...] o processo de análise de dados consiste em procedimentos de extrair sentido dos dados de texto e imagem” (CRESWELL, 2010, p. 194). Além disso, métodos qualitativos contribuem para que a análise seja mais aprofundada, permitindo que surjam elementos que não se encontram presentes em pesquisas anteriores, trazendo novas evidências (CRESWELL, 2015). Sendo assim, o pesquisador começa reunindo informações detalhadas dos participantes e separa essas informações em categorias ou temas. Esses temas ou categorias são desenvolvidos em padrões amplos, teorias ou generalizações, que são, então, comparados com a literatura existente sobre o assunto (CRESWELL, 2015; SAMPIERI; COLLADO; LUCIO, 2013).

Por conseguinte, a análise de conteúdo temática como proposta por Creswell (2015) e adotada nessa pesquisa é um processo de análise. Pode-se visualizar na Figura 7 uma estrutura geral que os pesquisadores geralmente incluem para a análise de conteúdo. Adicionalmente, o Quadro 8 apresenta os passos envolvidos na análise e interpretação de dados qualitativos: 1) Preparação e organização dos dados para análise; 2) Exploração inicial e codificação da base de dados; 3) Descrição das descobertas e formação de temas/subtemas; 4) Representação visual e relato das descobertas; 5) Interpretação dos significados das descobertas; e 6) Validação da precisão das descobertas.

Figura 7 – Processo qualitativo de análise dos dados

Fonte: adaptada de Creswell (2015, p. 236).

Quadro 8 – Passos comumente envolvidos na análise e interpretação de dados qualitativos

Passo 1 – Preparação e organização dos dados para análise	Organização dos dados em pastas ou arquivos de computador, facilitando a identificação e o manuseio. Transcrição dos dados (11 entrevistas com atletas paralímpicos). Análise por meio do <i>software</i> NVivo 13.
Passo 2 – Exploração inicial e codificação da base de dados	Leitura de todas as transcrições na íntegra com a finalidade de se obter uma compreensão ampla das entrevistas. Codificação: rotulação e segmentação dos dados contextuais para formar descrições e temas amplos nos dados (códigos similares).
Passo 3 – Descrição das descobertas e formação de temas e subtemas	Fornecimento de informações detalhadas sobre os temas e subtemas encontrados, apontando as perspectivas múltiplas e evidências a partir das falas dos respondentes. Organização dos temas em camadas, partindo de temas elementares básicos até temas mais sofisticados.
Passo 4 – Representação visual e relato das descobertas	Demonstração dos resultados visualmente. Reporte dos resultados por meio de discussão descritiva.
Passo 5 – Interpretação dos significados das descobertas	Formação de significados amplos sobre o fenômeno baseando-se em visões pessoais e comparações com estudos passados.
Passo 6 – Validação da precisão das descobertas	Determinação da precisão ou credibilidade dos resultados por meio de estratégias de validação dos resultados.

Fonte: adaptado de Creswell (2015, p. 237-259).

Creswell (2015) sinaliza que o processo de codificação pode ser facilitado com o uso de *softwares* para análise de dados qualitativos. Optou-se pela utilização do Novo NVivo, um reconhecido *software* para análise de dados qualitativos que permite avaliar, interpretar e explicar fenômenos sociais. A utilização deste software facilita o processo analítico de dados, pois, devido às suas funcionalidades e ferramentas automatizadas permitem uma maior eficiência e otimização no processo de codificação dos dados (ALVES, FIGUEIREDO FILHO, HENRIQUE, 2015; MOZZATO *et al.*, 2016).

6 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Este capítulo apresenta a análise dos dados com base na técnica de análise de conteúdo temática sobre as entrevistas realizadas como proposta por Creswell (2015). O processo de codificação e categorização teve auxílio do *software* Novo NVivo para análise dos dados. A primeira parte proporcionará o detalhamento das entrevistas, assim como o perfil sociodemográfico e profissional dos atores entrevistados. Na sequência, serão resgatadas as categorias encontradas e, a partir delas, a construção da análise dos dados apresentando a percepção dos atletas simultaneamente com a discussão dos resultados confrontados com o referencial teórico. Paralelamente e no sentido de enriquecer e ilustrar estas análises, foram introduzidas fotografias solicitadas aos atletas após as entrevistas e fornecidas espontaneamente pelos entrevistados.

6.1 Descrição das entrevistas e do perfil dos participantes

Foram entrevistados onze atletas paralímpicos. O primeiro contato com os paratletas se deu por meio de convites nas redes sociais *WhatsApp* e *Instagram*. Respeitando os compromissos de trabalho de cada participante, eles mesmos propuseram as datas, os horários e a plataforma de preferência para a realização das entrevistas. Assim, as entrevistas foram conduzidas por videochamada nas plataformas *WhatsApp* e *Zoom*.

O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) foi enviado por e-mail para cada atleta antes da realização da entrevista, informando a necessidade de aceitação na participação da entrevista, além da permissão para gravação do áudio e a solicitação da devolução do documento assinado. Estes documentos foram recebidos e devidamente arquivados. Para garantir o estabelecido no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), os nomes dos atletas foram preservados como anônimos e passaram a ser nomeados pelo tratamento “E” (sigla para “entrevistado”) mais o número correspondente à ordem de condução das entrevistas.

As entrevistas com os atletas paralímpicos aconteceram entre 6 de outubro e 17 de novembro de 2020. A gravação das entrevistas totalizou 13 horas e 22 minutos, compondo 157 páginas em *Microsoft Word*. A mais breve durou 50 minutos e a mais longa 1 hora e 28 minutos. As entrevistas obtiveram o tempo médio de 1 hora e 12

minutos, ficando próximas do estabelecido com os entrevistados (média de duração de 1 hora de entrevista).

No intuito de expor o detalhamento do perfil sociodemográfico dos participantes, apresentam-se os dados no Quadro 10, obtidos na primeira parte do roteiro de entrevista com os paratletas.

Quadro 10 – Dados sociodemográficos dos atletas paralímpicos

Atleta	Sexo	Idade	Raça	Naturalidade	Estado civil	Escolaridade	Residência	Trabalhos anteriores
E1	M	41 anos	Parda	Rio Branco/AC	Casado (2 filhos)	Superior completo	São Caetano/SP	Vendedor de peixes
E2	M	28 anos	Parda	Aiá/PB	Noivo	Ensino médio completo	João Pessoa/PB	Trabalhador rural
E3	M	23 anos	Branca	Caicó/RN	Noivo	Superior completo	João Pessoa/PB	Trabalhador rural
E4	M	28 anos	Branca	Marabá/PA	Solteiro	Superior incompleto	São Paulo/SP	Sempre foi atleta
E5	F	24 anos	Branca	Maringá/PR	Noiva	Superior incompleto	São Paulo/SP	Sempre foi atleta
E6	M	29 anos	Parda	Diadema/SP	Noivo	Superior incompleto	São Paulo/SP	Vendedor
E7	M	41 anos	Negra	Nova Venécia/ES	Casado	Superior completo	São Caetano/SP	Encarregado de serraria de granito
E8	M	28 anos	Parda	Duque de Caxias/RJ	Casada (1 filho)	Superior incompleto	São Paulo/SP	Sempre foi atleta
E9	F	38 anos	Parda	Rio Branco/AC	Casada	Ensino médio completo	Presidente Prudente/SP	Estagiária do CIEE
E10	F	25 anos	Negra	Rolim de Moura/RO	Solteira	Superior incompleto	São Paulo/SP	Treino sem remuneração
E11	M	26 anos	Parda	Porto Velho/RO	Solteiro	Superior incompleto	São Caetano/SP	Vendedor de rua

Fonte: elaborado pela autora (2021).

A pesquisa teve a participação de 3 atletas do sexo feminino e 8 atletas do sexo masculino. As idades dos participantes variaram entre 23 e 41 anos: constam 8 atletas na faixa etária entre 23 e 29 anos, assim como 3 atletas entre 38 e 41 anos. A classificação étnica dos atletas ficou assim composta: 6 atletas se autodeclararam como pardos, 2 como negros e 2 como brancos. O estado civil do grupo de atletas está assim composto: 3 atletas são solteiros e 4 estão noivos; nota-se que, na maioria das vezes, ainda que solteiros, alguns atletas já levam vida conjugal com seus parceiros ou parceiras porque são figuras essenciais no processo da adaptação aos treinamentos assim como de suporte na rotina doméstica; 3 atletas são casados, sendo que 1 possui dois filhos e 1 com apenas um filho.

As faixas etárias dos atletas paralímpicos diferenciam-se bastante do encontrado no atletismo convencional: é expressivo que constem 3 atletas com mais de 38 anos. No atletismo convencional, os atletas tendem a exercer suas atividades, em média, até os 35 anos e, dependendo da prova, encerram suas atividades como atleta antes dessa idade. No paralímpico, essa média é de 43 anos. O fato de atletas

paralímpicos apresentarem mais idade deve-se a diferentes razões, como as diferentes épocas de chegada à modalidade, as oportunidades de acesso à prática esportiva, o conhecimento do movimento paralímpico, a descoberta das aptidões esportivas, o acometimento da deficiência e a mudança do atletismo convencional para o paradesporto.

A naturalidade dos paratletas tem, na sua grande maioria, origem em localidades distantes de grandes centros urbanos, como pode se observar nos seguintes participantes: E1 é de Cruzeiro do Sul e E9 de Rio Branco, localizados no Acre; E2 é de Aiá, na Paraíba; E3 é de Caicó, no Rio Grande do Norte; E4 é de Marabá, no Pará; E7 é de Nova Venécia, no Espírito Santo; E10 é de Rolim de Moura e E11 é de Porto Velho, ambos em Rondônia. Os demais entrevistados são provenientes de cidades maiores: E5 de Maringá, no Paraná, E6 de Diadema, em São Paulo, e E8 de Duque de Caxias, no Rio de Janeiro. Quanto à residência atual, 5 atletas vivem em São Paulo/SP, 3 em São Caetano do Sul/SP, 2 em João Pessoa/PB e 1 em Presidente Prudente/SP. A residência atual deve-se às atribuições das atividades destinadas ao desenvolvimento da modalidade esportiva: os paratletas tiveram que fixar residência nessas cidades por serem a localização dos clubes e das áreas de preparação para competições, gerando, assim, vantagens e desvantagens. Vantagens por dispor dos centros de treinamento que oferecem as condições necessárias para treinamentos adaptados com atendimento de suporte técnico, médico e administrativo, além de oportunidade para estudar em grandes centros urbanos. Desvantagens pelo fato de estarem separados das suas famílias e terem que fixar residência próxima aos centros de treinamento.

Ressalta-se que 6 atletas treinam com técnicos que não fazem parte do quadro técnico do Comitê Paralímpico Brasileiro. Eles decidiram escolher seu próprio técnico e pagam esse serviço visando treinamento mais diferenciado. Desses 6 paratletas, 3 não treinam no centro de treinamento do Comitê Paralímpico Brasileiro, preferindo treinar em cidades alternativas, aproveitando as instalações ou convênios com instituições dessas cidades, relatando que preferem “[...] treinar com mais liberdade, menos cobrança e menos fofoca” (E9).

Quanto à escolaridade atual dos atletas participantes, constam aqueles que originariamente enfrentaram as dificuldades do acesso à educação e outros nem tanto; alguns tomaram a decisão de dar continuidade nos estudos, trocar de curso ou, ainda mesmo, esperar o término da vida de atleta para iniciar os estudos, garantindo,

assim, o sustento futuro. Totalizam-se 2 atletas com ensino médio, 6 atletas com ensino superior incompleto nas áreas de educação física, direito, enfermagem e nutrição, e 3 atletas com ensino superior completo em ciências da computação, educação física e direito. Percebe-se que o esporte permite aos paratletas garantir o ensino superior e se sentirem incentivados para continuar ou retomar os estudos pensando no pós-carreira esportiva.

Os participantes relataram que, antes da atividade remunerada no esporte, exerceram outras atividades de trabalho. E4, E5, E8 e E10 exerceram atividades em áreas esportivas, em formatos lúdicos ou no esporte de base (declararam como se estivessem “sempre no esporte”). E2 e E3 trabalharam no campo, como trabalhadores rurais. Por fim, E1, E6, E7, E9 e E11 desenvolveram ocupações profissionais nas áreas comerciais, sendo prestadores de serviço ou vendedores.

Sobre a deficiência e sua aquisição, pediu-se aos participantes deterem-se nas próprias histórias de vida. Os entrevistados apresentaram as conclusões médicas que os classificam como: 4 atletas possuem deficiência visual total (classificação funcional T11) e 1 com deficiência visual parcial (classificação funcional T12), ambos grupos necessitando de atletas-guia para acompanhá-los nos treinos e competições; 3 atletas com paralisia cerebral (classificações funcionais: T35, T37 e T38); 2 atletas com amputações de membros, que estão nas classificações funcionais T47 (superior direito) e T62 (bi-inferiores abaixo do joelho, dependendo de prótese); e 1 atleta com má formação bilateral dos pés (classificação funcional F57, dependendo de cadeiras de rodas).

As formas de aquisição das deficiências dos atletas paralímpicos, como relatadas nas entrevistas, apareceram de forma congênita, no pós-parto ou foram adquiridas por acidente. 6 paratletas possuem doenças congênitas e as doenças estão relacionadas à má formação congênita bilateral dos pés, paralisia cerebral, glaucoma e catarata. 1 paratleta relata que o motivo para a perda da visão foi genético: outros familiares possuíam o mesmo problema de perda remota da visão, sintoma que também se desenvolveu com ele, passando a perder a visão paulatinamente a partir dos 7 anos. Outro paratleta relata a perda de visão semelhante, sem afirmar ter conhecimento prévio sobre a doença. 1 participante informou que adquiriu a deficiência por infecção no pós-parto, o que provocou a amputação bilateral das pernas. Outros dois informaram que suas deficiências foram devidas a acidentes: um

devido a ocorrência de acidente em ambientes de trabalho e outro devido a acidente no ambiente de trabalho do pai quando ainda era criança.

O Quadro 11 apresenta os tópicos relacionados aos dados profissionais dos atletas paralímpicos: como chegaram ao esporte, as classes e provas em que competem, o tempo que vivem exclusivamente do esporte, o esporte que praticavam antes de ingressarem no esporte de alto rendimento e a consideração sobre a remuneração.

Quadro 11 – Dados profissionais dos atletas paralímpicos

Atleta	Como chegou ao esporte	Classe e prova	Tempo no paratletismo	Esporte que praticava antes	Remuneração
E1	Convite institucional	T38 - velocista	6 anos	Tênis de mesa	Suficiente
E2	Apresentação por outro cadeirante	F57 - dardo	6 anos	Natação	Suficiente
E3	Jogos escolares	T47 - velocista	6 anos	Futebol	Suficiente
E4	Jogos escolares	T62 - velocista	13 anos	Escola lúdica	Insuficiente
E5	Iniciação lúdica	T11 - velocista F11 - distância	7 anos	Ballet	Suficiente
E6	Transição do atletismo convencional	T11 - meio-fundo e fundo	5 anos	Atletismo convencional	Suficiente
E7	Apresentação por uma professora	T11 - velocista	13 anos	Não	Suficiente
E8	Assistindo os Jogos Parapan Rio	T35 - velocista	11 anos	Futebol de 7	Suficiente, mas espera melhoria
E9	Convite de um amigo	T11 - velocista	14 anos	Não	Suficiente
E10	Paraolimpíada escolar	T12 - 400m	2 anos	Não	Suficiente
E11	Assistindo palestras sobre o esporte paralímpico na escola	T37 - velocista F37 - salto em distância	8 anos	Atletismo	Suficiente

Fonte: elaborado pela autora (2021).

Os participantes informaram que encontraram boa adaptação no paradesporto, em conformidade com suas classes funcionais, nas seguintes provas do atletismo: E1, E3, E4, E7, E8 e E9 nas provas de velocidade, E2 no lançamento do dardo, E5 nas provas de velocidade e do salto em distância, E6 nas provas de meio-fundo e fundo, E10 nas provas dos 400 metros rasos e E11 nas provas de velocidade e de salto em distância. O tempo de atuação no paratletismo variou entre 2 anos e 14 anos.

Com a falta de políticas de inclusão, as pessoas com deficiência ficavam restritas e não tinham possibilidades de ação. A inclusão deu destaque a muitos portadores de deficiência nas atividades que exerciam e o esporte não ficou de fora deste viés. Assim, perguntou-se aos paratletas como encontraram o esporte ou o paradesporto. E1 manifestou que a preferência esportiva sempre esteve presente em

sua vida e chegou ao esporte adaptado numa associação de deficientes. E2 indicou que outro cadeirante se apresentou como atleta paralímpico e, assim, propôs-lhe conhecer o paradesporto. E3 participava de treinos de futebol, mas se sentia menosprezado pela deficiência, até que um coordenador do esporte o convidou a participar de provas individuais no atletismo paralímpico. E4 e E10 chegaram ao esporte participando de competições escolares dos Jogos Escolares e das Paraolimpíadas Escolares. E5 encontrou o balé adaptado e, posteriormente, a modalidade do paratletismo. E6 praticava o atletismo com atletas convencionais e, com a chegada da deficiência, passou ao paratletismo, mesmo apesar de sua relutância inicial. E7 considera que uma professora do Instituto para Cegos de Vitória/ES lhe fez a apresentação da modalidade. E8 e E11 começaram assistindo atividades do paradesporto, o que os incentivou ao esporte paralímpico (no caso, os Jogos Parapan-Americanos Rio de 2007 e uma palestra sobre o esporte paralímpico na escola). E9 teve um amigo que lhe fez o convite.

Excluindo o participante E11, que teve sua carreira direcionada de forma direta para o paratletismo, os demais participantes, antes de chegarem propriamente ao esporte paralímpico, praticaram esportes diversos (como no esporte convencional, no esporte lúdico ou em ambas as áreas), até conseguirem definir o esporte de preferência. Descrevem-se os esportes: E1 no tênis de mesa, E2 na natação, E3 na modalidade do futebol nos Jogos Escolares, E8 no futebol 7, E6 no atletismo, E4 e E5 nas escolinhas lúdicas, e E9 e E10 já estavam no paradesporto, todavia sem as condições de desenvolvimento e definição da modalidade e das provas.

Considerando o esporte paralímpico de alto rendimento como uma atividade remunerada, buscou-se questionar os participantes acerca da opinião destes sobre as condições de remuneração. Apenas E4 manifestou que a remuneração recebida é insuficiente. Este é um caso diferenciado de um atleta muito jovem que conquistou todos os títulos, recordes e patrocínios, mas, por falta de orientação, ficou desmotivado, acabou descendo no *ranking* e perdendo patrocinadores. E8 manifestou que a remuneração recebida é suficiente, mas que espera melhoria; os demais participantes consideraram suas remunerações como suficientes. Vale salientar que a remuneração para o atleta paralímpico depende do seu *status* na classificação mundial, sendo formada por benefícios ofertados pela área de esportes do governo federal, como o Bolsa Pódio e o Bolsa Atleta. Também depende da sua exposição na mídia e das conquistas, podendo ganhar contratos de patrocinadores, seja na forma

de fornecimento de material esportivo, convênio médico, aporte de valores mensais por temporada, entre outros.

6.2 Descrição da categorização temática

Foram identificadas quatro grandes categorias, estruturadas em tópicos no intuito de buscar responder os objetivos propostos neste trabalho: 1) Uma jornada de superação: o lugar da deficiência e do esporte na vida do atleta paralímpico; 2) Esporte como trabalho: uma relação desvendada; 3) Fatores estruturantes da qualidade de vida no esporte como trabalho; e 4) Impacto da pandemia da COVID-19 e o adiamento dos Jogos Paralímpicos de Tóquio. O Quadro 9 apresenta essas grandes categorias, estruturadas em subcategorias:

Quadro 9 – Categorias emergentes das entrevistas com os atletas paralímpicos

Categorias	Subcategorias
1) Uma jornada de superação: o lugar da deficiência e do esporte na vida do atleta paralímpico	a) Dupla superação dos atletas: superação da deficiência e esporte de alto-rendimento como superação de vida.
	b) O esporte adaptado como instrumento de inclusão social.
	c) A relevância do atletismo para o esporte paralímpico.
2) Esporte como trabalho: uma relação desvendada	a) Caracterização da atividade esportiva como trabalho.
	b) Componentes do esporte como trabalho: atividade, condições e resultados.
	c) Dimensões pessoal e socioeconômica do esporte como trabalho.
	d) “Eu não me vejo fazendo outra coisa fora do esporte”: o pós-carreira do atleta paralímpico.
	e) “É a minha vida”: significado do esporte como trabalho.
3) Fatores estruturantes da qualidade de vida no esporte como trabalho	a) Condições de trabalho e suporte organizacional.
	b) Organização do trabalho.
	c) Relações socioprofissionais de trabalho.
	d) Reconhecimento e crescimento profissional: “infelizmente a gente não tem ainda esse reconhecimento todo”
	e) Elo trabalho-vida social: a importância do esporte como trabalho para a sociedade e a família dos paratletas.
	f) Fatores de bem-estar e mal-estar.
4) Impacto da pandemia da COVID-19 e adiamento dos Jogos Paralímpicos de Tóquio	a) Sentimentos gerados pelo adiamento dos Jogos Paralímpicos.
	b) Adaptação dos treinamentos, aquisição de materiais e decisão de ficar em casa ou voltar para seus familiares

Fonte: elaborado pela autora (2021).

A Figura 8, obtida com o suporte do *software* Novo NVivo, apresenta uma nuvem de palavras que contém a percepção e as frequências das palavras evocadas nas entrevistas. Para tanto, os arquivos contendo as transcrições em *Microsoft Word* das entrevistas com os onze participantes foram importadas para dentro do programa Novo NVivo. Uma vez importadas, procedeu-se à criação de códigos nomeados de acordo com a frequência de palavras ou significados comuns encontrados nas entrevistas. Foram criados 17 subcódigos ao todo.

Figura 8 – Nuvem de palavras com expressões mais significativas das entrevistas



Fonte: elaborado pela autora (2021).

A figura gerada engloba as frequências de palavras de todos os códigos identificados nas entrevistas. Nesta figura, evidencia-se a centralidade do ser humano, visto que as palavras em destaque fazem referência a palavras como: gente, pessoas, vida, atleta, apontando-se para a importância da humanidade neste exercício que continua sequenciado por palavras como trabalho, esporte, casa, atletismo, competição, tempo, treino, treinador, paralímpico, resultado, reconhecimento. Palavras todas identificadas como comuns nas entrevistas codificadas e muito presentes neste estudo. Se faz pertinente comentar que a categorização foi feita a partir dos 17 subcódigos que foram reagrupados em 4 grandes categorias temáticas,

criadas a partir da significância da codificação e que corresponderam aos temas contemplados nas entrevistas.

6.2.1 Categoria 1 – “Uma jornada de superação: o lugar da deficiência e do esporte na vida do atleta paralímpico”

A primeira categoria se refere aos relatos do histórico de vida dos atletas paralímpicos, sobre como a deficiência foi adquirida, a jornada que o atleta percorreu, o contexto em que aconteceu o encontro com o esporte paralímpico, especificamente com o atletismo de alto-rendimento e o significado da dupla superação da deficiência. Do mesmo modo, pretende-se mostrar a importância do esporte escolar como instrumento de inclusão social e, finalmente, apresenta-se a percepção do esporte paralímpico para o atleta e a relevância para a sociedade brasileira.

a) Dupla superação dos atletas: superação da deficiência e esporte de alto-rendimento como superação de vida.

Esta subcategoria visa apresentar a vida dos atletas como uma dupla superação: a superação das dificuldades relativas à aquisição da deficiência e o ingresso no esporte como uma conquista, sendo a chegada no esporte paralímpico o ápice das conquistas. Por conseguinte, apresenta-se a deficiência do paratleta e como foi adquirida, seguindo com os relatos das vivências e o contexto em que o esporte adaptado lhes foi apresentado passando pela jornada de mudanças e decisões de vida até chegarem ao esporte de alto rendimento.

Ao questionar os entrevistados, surpreende a variedade de narrativas que apontaram para formas de aquisição da deficiência: desenvolvimento de deficiência visual na adolescência, acidente no parto comprometendo membros do corpo, infecção no parto ocasionando posterior amputação de membros inferiores, acidente na infância e acidente de trabalho. Nota-se que muitas deficiências foram adquiridas nas horas dos partos, que ocorreram na zona rural ou em regiões de periferia de pequenas cidades com precário atendimento à saúde. Portanto, a vida dos paratletas indica uma primeira grande superação: a da própria deficiência. As limitações físicas lhes impuseram dificuldades de diversas naturezas. Entre tais dificuldades, podem ser inclusas limitações de locação, liberdade de ação, preconceitos sofridos, a falta de inclusão social e de oportunidades de desenvolvimento de uma vida profissional.

Uma segunda grande superação ocorreu por meio do esporte. O esporte foi um caminho encontrado pelos paratletas para ganhar autonomia, estabilidade financeira e emocional, liberdade. A chegada ao esporte paralímpico seguiu caminhos prováveis e improváveis, daqueles que já conheciam e alguns até com algum domínio do paradesporto e outros que não tinham a menor informação sobre esse domínio. Todos os eventos que levaram ao paradesporto possuem uma relação direta com o ambiente e o entorno do paratleta com deficiência. Tomando como referência o modelo social da deficiência, aponta-se a deficiência não como um atributo do indivíduo, mas como o resultado de uma complexa interação entre o sujeito e o contexto (LEITÃO, 2015). Nesse sentido, é pertinente destacar que é no contexto social que as pessoas adquirem habilidades e se desenvolvem. O sujeito, ao se relacionar com o outro e ao compartilhar seus limites e suas possibilidades, pode redimensionar suas possibilidades e limites (CAMPEÃO, 2011).

Nesse sentido, destaca-se a diversidade de situações em que os participantes chegaram ao paradesporto: convite de professores e amigos, ajuda da família, mudança de residência em busca de melhor infraestrutura e de apoio financeiro, falta de condições de treino, mudança de modalidade na prática do esporte paralímpico, escolha pelo atletismo, sentimentos como depressão e raiva. O primeiro contato acontece em entidades do paradesporto, em escolas ou clubes; pelo convite de professores, de outros paratletas, de vizinhos e amigos; pelo acompanhamento de eventos esportivos nos canais esportivos da televisão – já que o esporte tem essa particularidade de construir ídolos, especialmente pelas mídias sociais e canais de comunicação e principalmente pela televisão.

Para alguns atletas, o esporte foi apresentado na infância ou adolescência como opção de lazer, de brincadeira na escola, a convite de vizinhos ou professores. Retoma-se, aqui, a teoria de Cagigal (1966) e Tubino (2010), que apostam no valor formativo e educativo do esporte-prática. Concebem o esporte como um jogo praticado de forma lúdica, competitiva e com exercício físico, com a visão de ser fonte de desenvolvimento da expressão corporal, um espaço para relações sociais, que possibilita a formação da personalidade, o desenvolvimento ético e até a melhoria do sistema fisiológico. Os seguintes relatos remetem à referida teoria, resgatando no aluno o papel de protagonista, já que, perante os bons resultados obtidos, percebem seu futuro como profissionais do esporte:

Bem, eu comecei no esporte com 8 anos de idade por uma vontade minha de querer ser atleta. Sempre tive vontade. No primeiro momento, vizinhos meus faziam atletismo e aí veio essa vontade de querer entrar no atletismo. Lógico que tudo começou como uma brincadeira, uma iniciação, escolinha e tudo. Eu comecei brincando no atletismo. Depois as minhas primeiras participações foram em 2002. Eu vim a participar da minha primeira competição acho que 2004. Então, em 2005, eu participei do Campeonato Norte Nordeste, do Campeonato Brasileiro e, a partir daquele momento, comecei a entender que dava pra viver do esporte adaptado no Brasil. (E4).

Outros paratletas receberam um primeiro convite de um professor ou profissional do esporte para participarem diretamente em campeonatos escolares organizados já com a conotação de competição e resultado. À vista disso, Huizinga (2014) aponta o caráter de encantamento do jogo, que atrai, diverte, é voluntário e tem regras. Porém, ainda permanece no esporte esse sentido controverso do lúdico e da organização: ao se enquadrar na padronização da atividade e cercear o lúdico do espírito do jogo, estabelecendo uma relação instável, o aspecto lúdico é continuamente pressionado pelas atividades organizadas e eficientes (FLEMING, 2005). Pode-se visualizar essa tensão entre a atividade e a organização na seguinte narrativa:

Eu conheci o esporte em Rondônia em 2012. Na escola ainda, na Paraolimpíada Escolar, um técnico precisava de atletas com baixa visão, a escola me encontrou e mostrou o esporte pra mim e pro meu irmão. Só que no início, eu não me desenvolvi. Então, eu fiquei um bom tempo, 6 anos, sem uma remuneração. Eu só treinava, tentava alcançar bons resultados, mas não conseguia. Lá em Rondônia, a gente não tinha estrutura de treinamento. Quando eu cheguei em São Paulo que eu consegui deslanchar, desenvolver e encontrar minha prova também. (E10).

Outro atleta, antes do envolvimento direto com o paradesporto, tinha sonhos e carreiras em construção, que foram interrompidos por um acidente de trabalho. Acabou recebendo convite para praticar o esporte, que partiu de uma professora do instituto para cegos onde o atleta comparecia com frequência:

Sempre fiz alguma atividade esportiva e, enquanto cego, não estava fazendo nada. Então, foi dois anos após meu acidente. Primeiro, eu fui apresentado ao esporte por uma professora no instituto para cegos porque tinha um biotipo legal para fazer a atividade esportiva, ela me apresentou o esporte paralímpico mesmo, me mostrou várias

modalidades, dentre elas o atletismo. Então, foi mais um convite para estar fazendo uma atividade esportiva do que para fazer alto rendimento. (E7).

Outro relato refere-se ao fato de o entrevistado ter sido atleta de alto-rendimento do atletismo convencional antes da intensificação da deficiência visual. Ele convivia com a deficiência, que avançava lentamente desde os treze anos e dificultava sua participação no esporte. O participante não aceitava migrar para o esporte paralímpico:

[...] eu não aceitava, eu com toda a dificuldade e falava: “Não, eu enxergo, como eu vou para o paralímpico...”. Pra todo mundo que questionava comigo, eu dizia: “Não vou”. E eu fiquei ali retardando esse processo até que chegou uma época em que fui competir e percebi que não dava mais, “O que eu vou fazer da minha vida? Quero continuar correndo, eu amo correr, eu amo isso que eu faço, eu preciso dar um jeito na minha vida”. Então foi aí que eu tomei conhecimentos, com todo mundo me ajudando. Um técnico amigo acabou me convencendo de testar e acabei entrando pro paradesporto. (E6).

A seguinte imagem retrata o atleta que protagonizou esta transição do esporte convencional para o esporte paralímpico. Conviveu com o sentimento de não-aceitação, retardando o momento para ingressar no paratletismo. Na foto, o atleta compete em evento internacional junto com seu atleta-guia.

Fotografia 1 – Paratleta competindo após transição do esporte convencional para o esporte adaptado



Fonte: cedida pelo Entrevistado 6.

Houve um relato de uma situação inusitada em que o convite veio por acaso. O Entrevistado 2, que dependia dos cuidados de familiares e morava em uma cidade muito pequena no sertão da Paraíba, mudou para a capital de Rio Grande do Norte, quando recebeu o convite para ingressar no paradesporto por outros paratletas:

Eu vinha passando na rua com minha irmã, e tinham dois cadeirantes paratletas que por coincidência estavam em um bar e chegaram a me abordar. E me convidaram a conhecer e a testar uma entidade do paradesporto que eles me informaram. (E2).

Em relação à chegada no atletismo, identificaram-se motivações e oportunidades que levaram os entrevistados a encontrarem essa modalidade. Um primeiro grupo de paratletas informaram terem entrado direto no atletismo. Para o Entrevistado 5, “[...] foi amor à primeira vista”. Já o Entrevistado 11 entrou para a modalidade por meio de uma atividade escolar falando sobre esporte paralímpico:

Assisti uma palestra do esporte paralímpico na escola. Eu fui lá falar com um professor: “Professor: eu sou deficiente. Como é que funciona?” Ele me mostrou, me apresentou, falou como funcionava e eu gostei. Aí que deu início. Era corrida, eu já corria na rua descalço e, quando foi pra pista, falei que isso aqui iria ser minha vida. Na primeira competição que eu fui, já ganhei medalha de prata. (E11).

Outros começaram em esportes diversos, mas, decepcionados em tais modalidades pela falta de oportunidades, aceitaram o convite de professores e fizeram a mudança para o atletismo, onde se identificaram, se esforçaram e teceram seus sonhos olímpicos. Haiachi (2017) indica que a não identificação com um determinado esporte pode desenvolver percepções reduzidas de competência e autoestima, reduzindo, assim, a confiança para enfrentar outras situações da vida.

[...] eu cheguei no paratletismo em 2015, quando houve a renovação da seleção do Futebol de 7. Não era convocado e fui tendo um princípio de depressão e comecei até ficar um pouco acima do peso. Então, um professor de atletismo, que hoje é um dos meus técnicos, apareceu como um anjo da guarda. Ele chega e fala: “Cara, consigo ajudar você a treinar, perder peso e participar das competições”. (E8).

[...] fui apresentado para um ex-coordenador do esporte aqui na Paraíba, que me viu jogar em partidas escolares de futsal e me

convidou para participar do atletismo paralímpico. Me perguntou por que eu não estava inscrito nas provas paraolímpicas. Na época, a gente não tinha nenhum conhecimento do esporte paralímpico e, até eu ter o conhecimento, foi em 2013 que o esporte paralímpico foi apresentado à minha pessoa. Cheguei correndo e fiquei. No esporte convencional, eu cheguei a ser menosprezado pela minha deficiência, mesmo mostrando a minha diferença em campo, cheguei a sofrer esse preconceito no futebol. (E3).

Acerca da escolha do atletismo, pode-se afirmar que é um esporte mais acessível, permitindo ao praticante, inicialmente, um espaço adaptado e uma prática individual. As modalidades individuais, quando comparadas com os esportes coletivos, têm suas preferências devido ao uso de poucos equipamentos para sua prática, não existe a necessidade de administração de grupo (como as dificuldades de reunião, horários, objetivos e variedades individuais) (HIACHI, 2017).

Por outro lado, é importante sinalizar que o esporte convencional do atleta olímpico tem suas origens enraizadas nas atividades da infância e na escola. No paradesporto, a origem não é a mesma, já que é distribuída em quase todas as faixas etárias. A entrada dos atletas pesquisados no paradesporto não segue os rigores das faixas etárias, comuns aos atletas sem deficiência. É expressivo que constem 3 atletas com mais de 38 anos. O fato de atletas paralímpicos apresentarem mais idade está relacionado à vários fatores, como diferentes épocas de chegada à modalidade, oportunidades de acesso à prática esportiva, processo migratório do local de origem para fixação de residência em cidades que oferecem melhores condições e estrutura para treinamentos.

Note-se, nas falas da maioria dos entrevistados, o destaque para o processo migratório de residência para uma cidade ou centro urbano maior que ofereça melhores condições e que permita melhorar seus resultados. Essas condições estão diretamente relacionadas a fatores de infraestrutura (como locais de treinamento e acessibilidade), financeiros, de inovações em equipamento de treinamento e de reabilitação, psicológicos (emocionais, autoestima, autoconfiança) e sociais (relação com treinador, dirigentes, atletas e apoio familiar). Quando somados, tais fatores oferecem um ambiente mais adequado, seguro e competitivo, facilitando a obtenção de resultados, o que não era possível nos locais de procedência. O depoimento da Entrevistada 9 e sua jornada denota forte vontade de superação em meio a falta de condições e limitações de infraestrutura encontradas na cidade onde morava:

Sai do Rio Branco, Acre. Eu já passei por Cuiabá, Mato Grosso, e daí que eu vim para cá. Eu tô aqui em Prudente desde outubro de 2008. Então, os 6 anos que eu fiquei em Rio Branco, eu não tava dando nada. Eu não tinha nem uma sapatilha para treinar, mas não era por falta de condições financeiras pra comprar, é porque lá é tudo muito difícil, a gente tinha que mandar buscar de fora. E o treinador, bem inexperiente, não sabia nem o que fazer.

Mas eu queria mais, queria chegar mais longe. Então, fui pra Cuiabá. Não foi nem meu treinador de Cuiabá que me chamou, foi eu que corri atrás. Tentei entrar em contato com ele, ficava ligando pros treinadores do Brasil, se tinha como eu ir, se tinha como eles me treinar. Aí o de Cuiabá aceitou. Ele falou: "Pode vir que eu dou um jeito". Ele sabia que eu precisaria de um atleta-guia, ele sabia que eu era cega total, ele sabia da responsabilidade. E eu tinha muita vontade de sair da minha terra. Daí eu fui, mas não tava legal lá em Cuiabá também por causa justamente disso: da pista de atletismo ser muito ruim, calor insuportável, eu não conseguia treinar, era mais lesionada do que treinando. Aí um amigo nosso de lá veio para cá, pra Presidente Prudente, conversou com treinador daqui e perguntou se a gente não queria ir para Presidente Prudente. Ele era lá de Cuiabá também. A gente veio, ficamos duas semanas na casa dele, a gente gostou daqui e resolvemos ficar de vez.

Por fim, destaca-se o elemento família como pilar de apoio, incentivo e luta por melhores oportunidades. Mesmo porque os entrevistados são procedentes de famílias de uma classe social menos favorecida e o empenho familiar tornou-se referência determinante. Isso aponta para a importância dessa instituição nas suas vidas, além do sentimento de construção e permanência desse vínculo nas suas vidas pessoais, até porque os companheiros-cônjuges tornam-se seus parceiros e maiores incentivadores para continuar na prática esportiva. Depoimentos destacando a importância da família são evocados nas falar a seguir:

Então, hoje é tudo muito bem-organizado porque tem toda uma estrutura, a começar pela estrutura familiar. Aqui em casa, a esposa deixa tudo, ela organiza tudo, a parte alimentar, nutricional, é tudo bem organizadinho, material esportivo também, a parte de uniformes, essa parte ela cuida de tudo. (E1).

A minha família me apoiou em tudo. Tanto é que, se eu cheguei aonde cheguei no atletismo, é por causa da minha família. Porque meus pais que me davam tudo, né? Era o tênis, roupa, suplementos. [...] quando eu decidi vir para São Paulo, minha mãe ficou assustada, porque, menina com dezoito anos, saindo de Goiânia, pegar pra vim morar na capital, né? Ela ficou com muito medo. Mas ela falou: se você quer ir, tem de correr atrás. (E5).

[...] ela [minha esposa] contribui muito pro meu dia a dia, ou seja, nós somos uma equipe 24 horas porque, da mesma forma que acontece

com meu guia, acontece com minha família: nós rimos juntos, choramos juntos, estamos felizes, estamos tristes. Estamos juntos o tempo todo e isso faz com que nosso o dia a dia, o nosso social fique bem parecido: porque no nosso social, nós estamos juntos [...]. (E7).

A minha família é uma família muito forte. Meus pais são mineiros. Meu pai sofreu muito. Minha mãe é sofredora com dois filhos deficientes, criar a gente praticamente sozinha. Meu pai trabalhava fora pra trazer sustento. E minha mãe sempre falava: “Nunca deixa ninguém te botar para baixo, falar que você não é capaz, porque vocês são capazes de tudo”. Então, acho que a família criou essa força pra gente, que a gente tem hoje. (E10).

b) O esporte adaptado como instrumento inclusão social.

Os profissionais do esporte compreendem-no como um caminho oferecido às pessoas com deficiência para possibilitar oportunidades e, dessa forma, alcançar a inclusão social (BARROZO *et al.*, 2012). Torna-se, então, um desafio para que reflitam sobre a viabilização e a aplicação de diversas formas da prática esportiva inclusiva, assim como discutir as limitações dos programas esportivos oferecidos nos municípios e comunidades para pessoas com deficiência.

Mello e Winckler (2012) reconhecem que a disciplina educação física, no âmbito escolar, é um cenário muito propício para o desenvolvimento da pessoa com deficiência, já que envolve um ambiente de educação que considera o corpo em sua totalidade. Nesse sentido, o esporte se apresenta como uma enorme oportunidade de interação cultural e social por meio de suas infinitas possibilidades de movimentos, configurando-o como um excelente instrumento para o desenvolvimento humano (MELLO; WINCKLER, 2012). Entende-se que as dimensões sociais do esporte (o esporte-educação, o esporte-participação e o esporte-competitivo) são promovidas tanto pela educação física inclusiva como pelo paradesporto por meio de atividades físicas desenvolvidas para pessoas com deficiência (COSTA; SOUSA, 2004; ARAÚJO, 2011).

A educação física trabalha a inclusão por meio de atividades lúdicas e recreativas de cooperação, onde participam pessoas com e sem deficiência, com o intuito unicamente de participar (ROMERO; CARMONA, 2017). Observa-se esta confirmação no depoimento de um atleta, em que inclusão pelo esporte cumpriu-se tanto na dimensão social da educação com atividade lúdicas e recreativas quanto na dimensão social da competição de alto-rendimento:

[...] eu não escolhi o esporte, o esporte é que me escolheu. Porque eu era bailarina. Entrei no balé muito novinha. Com sete anos de idade já fazia balé e eu conheci o esporte nessa escola de balé. Na escola de cegos, o professor de educação física foi lá para buscar as crianças, para convidar para conhecer o esporte. Eu fui de curiosa, muito agitada, fui pra conhecer e aí gostei, me apaixonei [...]. Comecei a ir tanto no balé, quanto nos treinos. (E5).

Após o contato com o esporte lúdico no âmbito escolar é que muitos atletas passam a se interessar pelo esporte profissional. Assim, o paratletismo se mostra também um instrumento de inclusão social:

Comecei no esporte com 16 anos. E aí, em 2013, com dezessete anos, fui convocada para o meu primeiro Campeonato Mundial Adulto. Eu nem era adulta ainda, né? Tinha dezessete anos, era juvenil, mas fui convocada para o campeonato e fui medalhista de ouro. E aí é que eu senti realmente o peso do que eu estava fazendo, né? Eu tive muitas entrevistas, muita gente perguntava o que eu fazer? Como ia ser de agora pra frente? Eu precisei pensar. Eu dava uma resposta aqui na hora, dizia que queria ir para a Olimpíada de 2016. Mas depois eu tive que botar a cabeça no travesseiro, ver se era isso realmente que eu queria e o que eu precisaria fazer para buscar isso. Aí, quando eu comecei a buscar, deu pra entender o atletismo enquanto profissão. E, aí, veio as mudanças de Goiânia, completei 18 anos no final do ano 2013 e aí vim para São Paulo em 2014, para buscar essa melhor preparação para estar na paraolimpíada. Foi isso que me fez entender que realmente isso ia me dar um futuro. A partir dessa medalha, portas se abriram, né? Fui convidada para vir para São Paulo, para integrar a equipe, ser treinada pelo técnico da seleção brasileira e então estaria entre os melhores do Brasil [...]. (E5).

Vários entrevistados relataram o início no esporte por meio de eventos esportivos escolares, outro meio de inclusão social das pessoas com deficiência, como é o caso dos Jogos Escolares, dos Jogos da Juventude do Comitê Olímpico Brasileiro. Tais programas estão à procura de talentos e acabam enfocam na busca pela performance, competitividade e alto-rendimento, potencializando as habilidades à procura de um ideal de que todos têm possibilidades dentro do paradesporto (ROMERO; CARMONA, 2017). Relatos identificam esta dimensão social do esporte de competição e de alto-rendimento desde tenra idade:

Eu comecei brincando no atletismo e minhas primeiras participações foram em 2002. Eu vim a participar da minha primeira competição acho que em 2004. Então, em 2005, eu participei do Campeonato Norte Nordeste, do Campeonato Brasileiro e, a partir daquele momento,

comecei a entender que dava pra viver do esporte adaptado no Brasil. (E4).

[...] o programa que o Comitê [Paralímpico Brasileiro] implantou, [...] que tinha a paraolimpíada escolar, revelava bastante talento. (E7).

A minha primeira competição foi escolar. A partir da primeira competição que eu fui, que eu já ganhei medalha de prata, eu falei que eu queria isso pra minha vida. Foi indo... Eu participei de várias provas de velocidade: eu fiz arremesso de peso, eu fiz prova de fundo, prova de 1.500m. Mas eu não me encaixava. Aí eu fui correr 100 metros e foi aí que eu descobri o salto. Fui me encaixando nas provas, já me colocaram no salto e eu fui super bem. Aí eu falei: “Olha aí, já descobri mais uma prova: a velocidade o salto à distância”

Quando eu tinha 17, comecei o salto. Aí eu descobri que tinha a seleção brasileira, que eu poderia entrar na seleção. Nas competições, eu já começava a vestir a blusa da seleção brasileira, uma blusa do Brasil que eu ganhei na copa de 2006. Nas competições eu já ia com a camisa do Brasil falando que: “Olha, vou botar a camisa do Brasil porque assim o presidente e os treinadores da seleção vão ver e vão querer me chamar”. Mas não tinha nada a ver por que o negócio era resultado. Mas eu fui me destacando. Fui treinando e, quando fui “acordar pra vida”, foi em 2012 que, sem eu saber, tinha sido pré-convocado pras paraolimpíadas de Londres em 2012. (E11).

Paralelamente, ao longo das últimas décadas, tem-se verificado um ambiente de mudanças positivas na qualidade de vida das pessoas com deficiência em virtude do aumento das oportunidades de inclusão. No que tange ao esporte, pode-se dizer que a prática da atividade física regular e a atividade de adaptação motora, por meio de jogos e esportes, proporcionam um maior bem-estar e qualidade de vida para a pessoa com deficiência, uma vez que incrementam o seu desenvolvimento motor, suas habilidades motoras básicas, suas capacidades e potencialidades físicas, além de contribuir para maior autoestima e autonomia (DIEHL, 2008).

No caso do paradesporto de alto-rendimento, esta afirmação pode ser verificada a partir dos depoimentos que retratam sentimentos de pertencimento, sentido de responsabilidade e compromisso, de reconhecimento, remuneração, desafio, aceitação, aumento da autoestima, superação, gratidão, contato com novas culturas e países, sentido de empreendedorismo social e construção de relações sociais. A identificação do atleta com o esporte contribui para a construção de uma nova identidade do paratleta de alto-rendimento. O esporte dá um redirecionamento no curso da vida, agora recheado de experiências e sentimentos novos, alimentados pelas conquistas esportivas, assim como um sentido de pertencimento a uma equipe de elite que lhe oferece suporte multidisciplinar, oportunidade de representar o Brasil

em competições, rotinas diárias de treinamento, ser visto de forma diferente. Essa nova identidade surgida a partir de uma oportunidade que lhes foi oferecida trouxe uma realidade diferente.

[...] quando eu comecei a conhecer outras classes, outros atletas, acabei me apaixonando por esse meio, pelo esporte paralímpico, porque é um meio de superação. Não tem essa de “Ah, o coitadinho que não tem uma perna, o coitadinho que é cadeirante”. Não, somos atletas de alto-rendimento, que busca nosso melhor em cima da nossa dificuldade. (E3).

Foi uma das melhores decisões na minha vida viva que eu aceitei [o esporte paralímpico]. Eu acho que essa aceitação foi o principal pra deslanchar na minha carreira, aí eu me entreguei totalmente. Hoje, eu não sei o que seria de mim sem tudo isso que eu faço. Eu acho que o esporte me transformou, me resgatou. Sou muito grato. Assim, eu aprendi a viver melhor ainda depois que eu comecei a me entregar ao esporte, ver quanta coisa boa o esporte tá me trazendo, que o que eu sei fazer de melhor é tá dentro da pista e fazer resultados. (E6).

c) A relevância do atletismo para o esporte paralímpico.

O esporte paraolímpico é a manifestação esportiva de maior visibilidade no esporte para pessoas com deficiência. Na última Paraolimpíada Rio 2016, o Brasil ratificou sua melhoria na performance de medalhas como uma das potências do esporte paralímpico (SILVA; WINCKER, 2019). Todos os paratletas entrevistados expressaram o orgulho de pertencer a uma equipe paraolímpica e de terem colaborado cada um com sua melhor história de performance na conquista de pódios e medalhas para a equipe nacional:

[...] acho que essa forma me deu mais força, me deu mais vontade, mais gana de ir pra cima, de conquistar mais títulos e aumentar mais ainda a minha história. Há eu sinto uma realização de verdade. Eu sinto que perante a sociedade, eu fiz um trabalho muito bom. Então, eu me senti muito orgulhoso e com dever cumprido perante a sociedade. (E4).

São expressivas nas falas dos respondentes as particularidades sobre a modalidade do atletismo e sua dinâmica. O paratletismo brasileiro cresceu e continua crescendo, mas não é por isso que deixa de enfrentar dificuldades. Por um lado, a pesquisa registra várias situações e enfrentamentos que norteiam o acompanhamento profissional especializado no início da carreira. Por outro lado, observam-se

depoimentos que expressaram discordância com algumas atitudes e condutas vindas de colegas, gestores e patrocinadores:

- Conforme comentado pelo Entrevistado 2, episódios de discriminação, como a preferência pelo próprio público do paratletismo pelas provas de pista em relação às provas de campo, incidindo diretamente na exposição à mídia e na conquista de patrocinadores:

A gente [paratletas da modalidade de lançamento de dardo] é caracterizado como os primos pobres do atletismo. Muita gente fala isso porque, tipo assim, a visibilidade que tem um corredor e a visibilidade que tem um lançador é totalmente diferente, a gente vê isso na prática". Se puder passar por uma prova de campo, um atleta lá for lançar e for dar uma largada dos 100 metros, vão cortar a câmera ali do lançamento e correr direto pra pista, essa questão aí é nítida. Então, isso aí influencia muito na questão da visibilidade, tipo, se você for acompanhar uma competição, digamos que um campeonato mundial, 80%, 90% do que é transmitido ali é prova de pista.

- Relatos de sentimentos de exclusão por parte de algumas empresas que não querem ter suas marcas vinculadas aos deficientes. "[...] é difícil da gente encontrar um patrocínio individual. As marcas não olham pra gente como um meio de retorno" (E8). O Entrevistado 3, quando perguntado sobre o reconhecimento e sua relação com a falta de apoio de empresas, respondeu:

[...] creio que algumas empresas ainda não querem colocar a sua marca associada a uma pessoa com deficiência. Ainda existe esse pequeno preconceito. Por exemplo, eu acabei fuçando na internet e observando qual atleta era patrocinado por qual marca. Um exemplo: já vi a Red Bull patrocinando vários atletas, mas nunca vi patrocinando um atleta paralímpico. Se tem, eu desconheço. Já viu a Red Bull patrocinar atletas do atletismo? Eu já vi do vôlei, do atletismo, mas não nacional, aqui no país não. O futebol tem patrocínio aqui da Red Bull, alguns atletas do vôlei de praia tem o patrocínio da Red Bull, jogadores individuais tem o patrocínio da Red Bull, o skate tem patrocínio da Red Bull.

- Relatam-se vivências desconfortáveis com patrocinadores e gestores, que visivelmente veem no paratleta um produto de troca e de exposição na mídia, exclusivamente de produção de resultados. A fala do Entrevistado 4 ilustra o desencantamento com o patrocinador:

Então, eu acho que a pessoa responsável por esse patrocínio e que trabalha para empresa, ele não tem uma [...] humanização dentro dele, em saber que o atleta não é uma máquina que a todo momento vai dar resultado, vai ter momentos que ele vai estar bem, vai ter momentos que ele não vai estar. Logicamente há, mas o Bolt, sim o Bolt foi um cara fora do comum dentro do atletismo. Mas, eu acho que isso acaba chateando muito a gente porque os patrocínios vieram de 2012 pra 2016, porque ia acontecer no Brasil e de repente, quando acabou as Olimpíadas no Brasil, as empresas simplesmente deixaram de patrocinar.

[...] o patrocinador, quando ele vai atrás do atleta, ele quer o resultado, ele quer aparecer junto com o atleta, é uma troca. [...] só que muitas vezes eles esquecem que nem sempre o atleta vai tá bem, pode ser uma lesão, pode ser que no dia o atleta não esteja bem, enfim, eles esquecem desse lado humano dos atletas, né.

Encontram-se também situações de desconforto com respeito à classificação funcional da deficiência. A classificação funcional está sempre em aperfeiçoamento: existem casos em que a deficiência é pré-existente e estável, outros em desenvolvimento de melhora ou piora. Se essa mudança na classificação funcional muda, o grupo de atletas que competirá também sofre alterações. O relato da paratleta 5 mostra situações de mudança na modalidade e seus efeitos no emocional:

[...] tem uma coisa que me deixa magoada, mas é uma coisa que já estou trabalhando bastante com a minha psicóloga: o que me atingiu muito foi a mudança da classificação visual. Antigamente o T11, que é cego total, era realmente só para pessoas cegas, 100% cegas. [...] teve uma alteração na regra, uma pessoa que enxerga 10% de visão se encaixa no T11, e para mim foi muito complicado, se você tá mais ou menos a um metro de distância, ela consegue te ver. Querendo ou não, a pessoa está com muita vantagem para treino e a competição é reflexo do treino, então eu já estaria na desvantagem (...) então isso, acabou impactando um pouco no meu desempenho de 2015; porque entrou uma menina que tinha um resquício visual na classe e ela saltava mais do que eu na época, ela tirou a medalha do mundial, medalha de ouro, isso foi um choque pra mim. e tipo, se quer driblar mais essa barreira e só depende de mim, então, vou treinar o dobro se for preciso; mas naquela época eu fiquei muito revoltada, então, foi muito difícil, perder a medalha de ouro foi o que pegou, mas já superei (E5).

6.2.2 Categoria 2 – “Esporte como trabalho: uma relação desvendada”

A segunda categoria foi denominada “Esporte como trabalho: uma relação desvendada” e engloba a opinião dos participantes acerca da atividade esportiva como representando o trabalho deles, trazendo a referência da “profissão atleta”. Relatam-se as características desta atividade, seus componentes e dimensões, as

formas de como se desenvolve, o custo humano gerado e o significado do trabalhar neste contexto. Assim sendo, foram geradas as seguintes subcategorias, enquanto padrões relacionados aos códigos encontrados nas falas dos participantes: a) caracterização da atividade esportiva como trabalho, b) os componentes do esporte como trabalho: atividade, condições e resultados, c) as dimensões pessoal e socioeconômica do esporte como trabalho, d) o pós-carreira do atleta paralímpico e e) o significado do esporte como trabalho”.

a) “É o meu trabalho hoje. A minha profissão é ser atleta”: caracterização da atividade esportiva como trabalho.

A primeira subcategoria que emerge é a expressão de que o esporte de alto-rendimento é o trabalho dos paratletas. Sendo assim, identificou-se que eles possuem representações acerca do esporte enquanto trabalho. Percebe-se, nas falas dos participantes, padrões de representação mental que caracterizam o esporte como trabalho, que envolvem elementos como a dedicação exclusiva, a disciplina, a rotina de trabalho (atividade que ocorre com periodicidade), os horários de treinamento pré-definidos, a remuneração, o contrato, o compromisso, as cobranças por resultados e a competitividade entre os diferentes atletas. Diversas falas dos paratletas atenuam o reconhecimento do esporte como seu próprio trabalho:

Sim, [o esporte] é um trabalho. Porque hoje, pra eu ser um atleta paralímpico do nível de competição que a gente participa, de competição mundial ou paraolimpíadas, a gente tem que ter dedicação exclusiva. (E1).

Hoje [o esporte] é um trabalho pra mim. A minha renda hoje se dá através do esporte. Eu estou dedicado todos os dias, eu tenho um compromisso com meus treinos e viso buscar o nível que almejo hoje, que é sempre tá representando bem o nosso país, buscando sempre subir no ponto mais alto do pódio. Então, é meu trabalho: é minha missão treinar e competir. Você acorda de manhã, vai treinar, volta, descansa, igual a um trabalhador, que tem que bater cartão, [...] tem férias. (E3).

[...] [o atletismo] é como se fosse um trabalho mesmo: eu tenho hora para chegar, eu tenho objetivos a serem cumpridos, eu tenho metas, eu sou cobrada, eu sou muito cobrada como eu seria em qualquer outro trabalho por resultados. (E5).

Eu falo que ele [o esporte] possui todas as características de um trabalho porque eu tenho um horário a cumprir, eu tenho um objetivo para cumprir, eu sou subordinado. Então, todas as características de

um contrato de trabalho tão inclusas aí: porque eu tenho uma meta de produtividade pra bater, [...] são metas que eu coloco a serem cumpridas, a serem alcançadas. [...] Eu falo que eu sou atleta 24 horas. (E7).

O esporte imita o trabalho constituído na sociedade industrial/capitalista. Por conseguinte, o desenvolvimento do esporte contemporâneo demonstrou uma adaptação para o sistema industrial (RIGAUER, 1981).

Dessa forma, o planejamento da atividade esportiva e os ciclos de treinamento podem ser compreendidos como partes de um processo de produção. A mecanização do esporte enquanto trabalho faz com que o atleta seja reduzido a condições exclusivamente mecânicas: metaforicamente, o corpo do atleta é a máquina e as partes do corpo correspondem às peças da engrenagem; deve-se testar diferentes características em prol de uma melhor produtividade, que é a vitória em competições. Assim, o atleta, no momento do treinamento, deve executar atividades repetitivas de potência muscular, força muscular, explosão, sincronia física de movimentos de passada. Além desse ponto, o princípio da especialização, como parte integrante do capitalismo, se mostra presente no mundo da prática esportiva profissional (RIGAUER, 1981).

Neste sentido, métodos complexos de trabalho e treinamento (como rotinas de trabalho, repetições, ciclos e microciclos de treinamentos, períodos de treinamento, treinamento de força, de potência, de velocidade, dedicação exclusiva), assim como a exigência de execuções repetitivas e sobrecargas compõem o cotidiano do esporte de alto-rendimento.

O participante a seguir relata o contínuo esforço exigido em suas atividades cotidianas:

Eu só faço isso. É a única coisa que eu me dedico. É o meu trabalho hoje. A minha profissão é ser atleta. Então, geralmente, a gente, na segunda-feira, faz trabalho de força. Terça-feira faz tiros. Quarta-feira a gente faz postura e fortalecimento: é um treino mais de descanso. Na quinta-feira, é um trabalho mais voltado à velocidade e mais técnico, de não tanta intensidade. Sexta-feira [a gente] volta a fazer um trabalho de força novamente. E, no sábado, é o tiro mais forte. Sempre tem um descanso entre as sessões de treino mais fortes. Porém, sempre trabalhando. (E4).

Por sua vez, Sugden e Tomlinson (2002) demonstraram que a configuração do esporte na sociedade capitalista vai, progressivamente, se assemelhando ao contexto

organizacional. Isso significa que o esporte como trabalho passa a espelhar o modelo do taylorismo-fordismo: formas de gestão e controle, medição do trabalho, a disciplina repetitiva, os trabalhos de planejamentos, *coaching* e treinamento. O atleta deve estar completamente sincronizado para render melhor e para chegar a seus limites, sempre conduzido pelos profissionais de sua equipe. A situação de subordinação (e sujeição da subjetividade, implícita) parece ser bem aceita nesse contexto de trabalho. Destaca-se, na fala do Entrevistado 6, a destreza com que o taylorismo-fordismo vai se incorporando na prática esportiva de alto-rendimento, ao ponto de o atleta afirmar: “Eu sou a própria máquina”, ideia que a ergonomia da atividade vai contra, lembrando que a mesma é centrada no homem contra uma visão taylorista de que homem é que tem que se adequar ao trabalho ou às máquinas, é por isto que a EA busca transformar o trabalho (GUÉRIN *et al.*, 2001). Nessa perspectiva de crítica resgata-se a fala do E6:

É como um trabalho mesmo. Então, isso é o meu trabalho, isso é minha vida: todo dia de manhã eu saio com o objetivo de treinar pra evoluir, pra continuar crescendo, pra continuar rendendo. É o meu trabalho e eu sou a própria máquina: sou conduzido pelos profissionais que me rodeiam. (E6).

Apesar de serem paratletas que, em determinados casos e dependendo da deficiência, precisam da adaptação de aparelhos para a prática da atividade esportiva (como próteses, cadeiras de rodas ou ajuda de atletas-guia), permanece também essa condição de estarem sempre sujeitos à sincronização, de se adaptarem constantemente, de serem variáveis de ajuste. Reflete-se, aqui, a anomalia do trabalho, conforme expõe a ergonomia da atividade.

Outro elemento comum, encontrado nas falas dos participantes, é o relacionado à remuneração satisfatória, que é proveniente do desenvolvimento da atividade do esporte como trabalho: há uma relação de dependência entre o esporte de alto-rendimento e uma boa remuneração. A expressão “viver do esporte” é recorrente entre os respondentes. Porém, é considerável destacar que esta situação de boa remuneração, relatada pelos paratletas, aplica-se apenas para o reduzido grupo de elite dos atletas paralímpicos beneficiários da Bolsa Atleta Pódio (benefício mensal concedido pelo governo federal ao paratleta detentor de medalhas no nível paralímpico e mundial), sem contar com ganhos provenientes de patrocínios de empresas privadas vinculadas aos atletas da elite. Chegar a esse grupo significa

mostrar resultados expressivos; os outros atletas de alto-rendimento têm fontes de ganhos provenientes do auxílio do Programa Bolsa Atleta (programa federal de apoio mensal ao atleta de alto-rendimento).

Por conseguinte, o esporte como trabalho se aproxima da meritocracia presente na ideologia capitalista, uma ferramenta de captura da subjetividade e no acirramento da individualização. É expressiva a concepção de remuneração como uma conquista individual: “[O esporte] é como um trabalho mesmo. Tipo, com os meus resultados eu tenho uma renda. Como eu falo: ‘dinheiro é consequência’. Com meus esforços, eu tenho uma renda” (E6). Ainda, a fala do Entrevistado 1 denota a existência do contrato que tacitamente vincula a performance à remuneração, condição para a manutenção da remuneração:

[...] pela remuneração que a gente tem, a gente tem que ter a dedicação exclusiva só para o esporte paralímpico. É um trabalho. [...] eles [o Comitê Paralímpico Brasileiro] põem no contrato que a gente tem que manter o nível que a gente tá pra manutenção ou renovação do contrato. (E1).

O esporte de alto-rendimento mantém alto grau de exigência: os paratletas tendem a apresentar seu cotidiano de trabalho como uma rotina muito pesada, um dia a dia muito árduo que só pode ser encarado por pessoas com características diferenciadas, que estariam muito acima de uma pessoa normal. Aqui emerge o imaginário do atleta mito do herói, conforme mencionado por Rubio (2001). Seguem falas ilustrativas:

[...] o esporte de alto rendimento não é para todos, é para poucos. (E5).

Porém, o nosso dia a dia é muito difícil, é um dia a dia que é pesado. O dia começa às 7:30 [da manhã] e termina 5:00 da tarde, e é por isso que eu costumo dizer que nós temos uma carga horária bem alta. “A vida da gente é pesada, a vida do atleta de alto-rendimento é muito pesada”. Sim, temos que nos reinventar porque somente o treino já vai te sugar, var sugar a sua energia. Só que você tem que buscar o além da sua energia: você tem que buscar mais de você pra você executar aquilo que que foi colocado pra você fazer. (E8).

Eu me considero uma esportista, mulher, deficiente, negra, que venceu e que todo mundo pode. Eu sou demais! [...] eu me considero uma pessoa muito forte por ter passado tudo que a gente passou e nunca ter perdido a alegria, nunca ter perdido a vontade de sempre tá

me superando como atleta. Então, eu me considero uma superesportista, uma superatleta. (E10).

A remuneração também aparece como um meio de sustento que permite atender às demandas pessoais e familiares. Nesse sentido, os rendimentos provenientes do esporte são um meio para independência financeira e manutenção da vida. De qualquer forma, é necessário que o paratleta se mantenha no patamar da seleção nacional para garantia do próprio sustento. “Através do esporte, hoje, eu consegui dar condições melhores a minha família, aos meus pais e a mim mesmo. Então, o esporte me fez me apaixonar cada vez mais, porque o esporte proporciona várias coisas, várias oportunidades” (E3). “Com meus esforços eu tenho uma renda, eu consigo sustentar minha família, eu consigo pagar as minhas contas” (E6).

Os elementos da competitividade e da estipulação de metas a serem atingidas, próprios da sociedade industrial, se encontram expressas nas falas dos participantes: “competir é a melhor parte”, expressado pela grande maioria dos respondentes. Estes deixaram evidente que existem objetivos a serem cumpridos: as metas a serem atingidas e as cobranças que pressionam o seu trabalho se constituem como mais intensos do que em outras formas de trabalho.

Essa disciplina de atleta, no meu trabalho hoje, acabou chegando de acordo com os resultados. Então, se os meus resultados estão ficando maiores, a cobrança começou a aumentar; a cobrança começou a aumentar, a gente tem que mudar os detalhes. Como eu sempre falo, às vezes o atleta tem que abrir mão de coisas que ele gosta por um sonho, por um objetivo. A competitividade é muito [grande]. A cobrança eu tenho comigo mesmo, por que a é uma meta para mim mesmo, que a cada competição importante que eu participar tenho que tentar melhorar meu resultado. Se eu não melhorar o meu resultado, acabou ficando meio mal, acabo me pressionando para treinar mais e mais, e mais. (E3).

Nesse entendimento, Vermeulen *et al.* (2016) relataram a compreensão do esporte como um equilíbrio instável entre o jogo e o trabalho, expondo essa relação gerencialista e disciplinadora do esporte com seus atletas, por um lado, e o prazer e a alegria de praticá-lo, por outro lado. A dimensão do desempenho no trabalho prevalece na atividade do esporte em detrimento da importância do fluxo da atividade esportiva e no prazer que o jogo gera. O foco de valoração e importância não está mais no talento nato ou na habilidade, nas alegrias ou destrezas, mas é transferido para outras atenções e valores próprios de uma organização: a disciplina, o controle,

os regulamentos, os rendimentos, a competitividade. A subjetividade fica restrita às determinações impostas pela organização do trabalho, havendo a possibilidade de subtração do indivíduo em prol das metas e objetivos: “[...] o atleta tem que abrir mão de coisas que ele gosta por um sonho, por um objetivo” (E3).

Um senso de organização do trabalho também está presente como elemento padrão em algumas falas. Deste modo, os atletas montam a sua própria equipe de trabalho, escolhem os profissionais para compô-la e arcam com todas as despesas, renunciando à contribuição dos profissionais e da infraestrutura oferecida pelo Centro de Treinamento do Comitê Paralímpico Brasileiro. O intuito de realizarem um movimento de empreendedorismo é de melhorar os próprios records. São expressivas as afirmações do Entrevistado 7:

Então, eu sempre busco estar trabalhando com os melhores profissionais porque eu dou o meu melhor. Eu quero que as pessoas que estejam trabalhando, elas no mínimo façam da forma que eu estou fazendo: eu tenho um bom nutricionista, eu tenho um bom osteopata, eu tenho um bom massagista, eu tenho um bom fisioterapeuta, um bom médico, tenho um bom treinador. Eu busco bons profissionais porque eu me dedico bastante. Eu busco extrair o melhor deles porque eu tenho que ser atleta 24 horas.

Eu já tive uma equipe do Comitê [Paralímpico Brasileiro], [mas] hoje eu tenho uma equipe própria. [...] Mas essa é uma equipe particular que eu montei pra poder trabalhar [...] pra alcançar meu objetivo.

Eu me identifico mais com alguns profissionais, prefiro trabalhar com alguns profissionais e aí eu tenho que arcar com as despesas que eu possa ter com esses profissionais, porque eu optei por trabalhar com profissionais diferentes que o Comitê [Paralímpico Brasileiro] disponibilizasse. (E7).

Por outro lado, o Entrevistado 8 possui outra percepção, que seria menos romantizada, a este respeito. Ele enxerga o movimento de constituição de equipe própria não só como um investimento, mas como uma despesa necessária:

Nós não temos apenas que pensar nos prós, nós temos que pensar nos contras também. E os contras são exatamente esses pontos: nós temos que gastar e investir na gente, seja numa nutrição, seja numa fisioterapia por fora, seja com médico. Então, nós temos que investir naquilo que nos dá a base pra poder conquistar a vida financeira. (E8).

É importante destacar, em alguns relatos, o caráter paradoxal impresso no esporte de alto-rendimento: a presença de sentimentos de dor, sofrimento, sacrífico, ter que realizar renúncias, sendo que os paratletas consideram o esporte como

prazeroso. Então, percebe-se o caráter dicotômico do esporte que imprime tensão e que, simultaneamente, o situa como um jogo, atividade que traz prazer. Fato que é corroborado com o apontamento de Stone (1955, p. 85): “[...] devido ao seu caráter agonístico intrínseco e ao fato de seu envolvimento na ‘agonia’ da grande sociedade, o esporte e o jogo estão repletos de anomalias”. As falas de dois participantes externalizam estes elementos:

O esporte ainda é muito importante na minha vida. Não me atrapalha, em nada é cansativo; é doído, doí os treinos, mas é prazeroso. A gente não quer sair daquele sofrimento: a gente tá ali, por mais que você esteja ali, sentindo ardência no corpo, o ácido láctico, o cansaço, a dor, as lesões que vêm, então a gente não consegue ficar sem. (E9).

O que eu gosto é a hora em que eu tô ali sofrendo nos treinos, porque eu sei que eu tô evoluindo. Quando eu percebo que eu tô ali na exaustão, que tá sofrido, eu falo assim: “Eu tô evoluindo no trabalho, eu tô evoluindo na minha profissão, eu tô evoluindo fazendo o que eu amo. Eu tô sofrendo, mas eu tô evoluindo”. Eu penso dessa forma. Eu gosto muito quando eu tô fora da minha zona de conforto, eu sei o quanto isso daí tá sendo bom para mim, isso aí me motiva bastante a chegar lá. Tô cansado, mas tá saindo. Tô cansado, mas tô rendendo. (E7).

Por outro lado, pode-se perceber um elevado custo humano relatado pelos atletas de alto-rendimentos no cumprimento das atividades de treinamento e competição. Desta forma, encontram-se padrões comuns relacionados à dor, câimbras, vômitos, exaustão no cumprimento da tarefa. As falas corroboram com o que a literatura fala sobre o custo humano do trabalho, enquanto “[...] exigências físicas, cognitivas e afetivas que caracterizam as situações de trabalho nas quais os trabalhadores estão inseridos” (FERREIRA; TORRES, 2015, p 163). Nesse sentido seguem falas que exemplificam o custo humano no trabalho do paratleta:

Eu sei que é preciso, eu não digo sofrer, é preciso você levar o seu limite um pouco mais e, em alguns momentos, levar esse limite [de modo] calmo. Causa dor, mas é necessário. Não dá para fazer um bolo sem quebrar uns ovos. (E7).

A musculatura, às vezes ela fica gritando de dor, mas eu não paro não. Hoje, dá para ir 90%. Aí quando chego na pista faço 100%. Assim vou vencendo o dia. (E11).

São, muitos técnicos. Fico até doída, muita gente me cobrando, muita gente falando na minha cabeça, nossa senhora, tem hora que estressa (E5).

No início, quando eu vim pra São Paulo, falando do alto rendimento, eu tive um pouco de dificuldade porque eu tive que me abster de muitas coisas. Eu vim pra São Paulo, abandonei minha família, tranquei a faculdade, deixei meus amigos, a minha igreja, eu cantava, tinha uma banda. Então, tipo assim, eu abri mão de muitas coisas pra tá no esporte de alto rendimento. No início, eu sofri um pouco, a saudade de tá no meio da galera (E10).

b) Componentes do esporte como trabalho: atividade, condições e resultados.

A segunda subcategoria evidencia a presença dos componentes do trabalho conforme apresentados pela ergonomia da atividade. A literatura compreende que o trabalho pode designar qualquer uma destas três realidades: a atividade de trabalho, as condições de trabalho e o resultado da atividade. Elas não existem independentemente umas das outras e o trabalho é a unidade dessas três realidades (GUÉRIN *et al.*, 2001). Esta seção traz uma novidade para a pesquisa na ergonomia da atividade, pois não existem outras pesquisas que relacionem a Ergonomia da Atividade com o esporte como trabalho.

Para grande parte dos atletas, identificou-se nitidamente a distinção das três realidades na compreensão do esporte como trabalho: onde a) a atividade de trabalho são os treinos e competições, as preparações para os treinos, a preparação alimentar deles, as longas sessões de fisioterapia e recuperação pós-treino, o descanso, tudo isto porque os paratletas trabalham com corpo.

b) As condições reais no cotidiano dos treinos são as próprias condições pessoais (como paratleta se apresenta fisicamente e mentalmente) e as condições da estrutura das instalações dos treinamentos (as condições de trabalho serão mais bem enfocadas na Categoria 2).

c) E os resultados efetivos dessa atividade são a quebra de limites ou de recordes, as vitórias nas competições e as conquistas nos pódios e conseqüentemente melhores ofertas de contratos com patrocínios o que significa melhoria nos ganhos.

A atividade de trabalho fica bem identificada nos padrões comuns encontrados: treinar e competir. O atleta 3 a chama de missão, além de relacionar o esforço inerente ao trabalho e a dedicação exclusiva com vistas a melhorar o nível na busca do pódio como o resultado da atividade. As falas seguintes falas ilustram os elementos acima mencionados:

O meu trabalho precisa da minha dedicação, do meu foco. (E11).

[...] faz parte do trabalho competir, é a hora pra ver o resultado do meu trabalho, é a hora da competição. Uma meta que ainda está para ser alcançada é eu ser o melhor atleta do ano do Brasil. [...]

O meu trabalho é, basicamente, treinar e competir. No dia a dia, eu tenho que treinar para conseguir a melhor performance na competição, cumprir a minha tarefa que é chegar na competição, buscar fazer um bom resultado e chegar no pódio. (E10).

A Fotografia 2 ilustra a “gaveta sagrada” de um paratleta, como um arsenal de orgulho, onde guarda as muitas medalhas conquistadas no transcurso da sua carreira como melhor velocista do mundo na classe T47. Retrata as medalhas como expressão dos resultados da atividade do esporte como trabalho, medalhas como concretização dos sonhos.

Fotografia 2 – Gaveta contendo medalhas ganhas em competições: recordações dos resultados da atividade



Fonte: cedida pelo Entrevistado 3.

c) As dimensões pessoal e socioeconômica do esporte como trabalho.

A terceira subcategoria encontrada aponta para o caráter duplo do trabalho: pessoal e socioeconômico. Como apontam Guérin *et al.* (2001), o trabalho possui a característica de ser uma atividade humana que é realizada pelo sujeito, que usa de seu corpo, subjetividade e sociabilidade, de modo coletivo em determinada realidade social e econômico.

A dimensão pessoal está presente no esporte enquanto trabalho ao se identificar padrões relacionados à subjetividade do atleta quando coloca em ação sua

atividade de trabalho, como superação, vencimento de obstáculos, crescimento pessoal, como algumas das estratégias usadas para realizarem suas tarefas e alcançarem suas marcas. Percebe-se o movimento que o sujeito faz para desenvolver o trabalho para alcançar sua melhor performance.

O atleta faz algo diferente, imprime no seu trabalho uma marca pessoal, o que permite atingir seus objetivos. O trabalho como marca pessoal tem tudo a ver com o esporte como trabalho do paratleta: tendo suas características pessoais particulares, suas limitações contribuem para chegar aos seus objetivos; o paratleta vê com seu próprio corpo os resultados do seu trabalho e, por isso, tem uma forte marca pessoal. Os elementos identificados relacionados com a dimensão pessoal da atividade esportiva estão elucidados nas falas seguintes:

O esporte me permitiu fazer isso: superação a cada dia, superação a cada resultado, superação a cada treino. Pra quem não sabe, ser um atleta faltando um membro superior dificulta muito a corrida e o equilíbrio, mas eu tô tentando mostrar que, através da minha força de vontade, essa minha mão não vai me fazer falta, essa minha mão vai me fazer ser diferente. Através da minha dificuldade, eu poderia estar bem abaixo de outros atletas e de outros resultados. Mas não, eu estou mostrando que eu sou capaz, que a dificuldade não está na forma física do ser humano, a dificuldade está apenas na mente. A cobrança eu tenho comigo mesmo, por que a é uma meta para mim mesmo, que a cada competição importante que eu participar tenho que tentar melhorar meu resultado. (E3).

Meu crescimento pessoal foi minha evolução e minha mudança pra São Paulo foi muito grande. Eu mudei bastante. Agora é só nos detalhes eu vou evoluindo. Eu cheguei aqui bruto, uma pedra muito grande e agora eu tô assim num cristalzinho, mas ainda falta pra um formato de diamante. (E11).

O esporte enquanto trabalho também pode ser considerada uma atividade social. Os resultados obtidos no esporte como recordes, pódios e vitórias são frutos de uma coordenação do trabalho entre vários trabalhadores envolvidos, sejam atletas, técnicos e o pessoal de suporte. Tais resultados, por sua vez, dependem das condições e da organização das atividades esportivas. Pode-se identificar, na percepção dos participantes, que o elemento padrão de trabalho em equipe está relacionado com esta dimensão socioeconômica:

Eu já tive uma equipe do Comitê [Paralímpico Brasileiro], [mas] hoje eu tenho uma equipe própria. Então, eu sempre busco estar trabalhando com os melhores profissionais [...]. (E7).

Então, somos uma equipe, então é tudo dividido. A parte do treino, na pista, é o técnico. [...] Na parte nutricional, tem a nutricionista. Na parte da recuperação, tem um fisioterapeuta que faz esse processo de recuperar pra chegar no técnico e repetir o trabalho novamente do treino. (E1).

A literatura confirma que na atividade esporte-trabalho dos paratletas é aplicada em toda sua dimensão o conceito da ergonomia da atividade que concebe o ser humano como um ser singular, único, que só pode ser compreendido na interrelação que estabelece no contexto de trabalho (FERREIRA, 2000; FERREIRA, 2003).

d) “Eu não me vejo fazendo outra coisa fora do esporte”: o pós-carreira do atleta paralímpico.

Apesar da dificuldade em conceituar esporte como carreira no nível do alto-rendimento, pode-se perceber que a jornada profissional percorrida pelo atleta paralímpico sofre oscilações a partir de sua entrada no mundo competitivo até a preparação para retirada do esporte profissional. Por conseguinte, a quarta subcategoria identifica elementos comuns que foram comentados pelos paratletas quando questionados sobre o momento da retirada do universo competitivo e a inserção em uma nova situação profissional fora do ambiente de rotina de treinamento e competição.

Percebe-se nas entrevistas que a maioria dos paratletas já estão pensando no momento do pós-carreira e alguns deles planejam a reinserção em uma nova atividade profissional. Ao se falar de vida pós-atividade competitiva, confere-se que a maioria dos atletas busca uma proximidade com atividades e funções relacionadas ao esporte, como uma forma de manterem-se ativos e úteis para a sociedade. Tal proposta de continuarem próximos ao esporte é devido ao sentimento de autonomia e importância que adquiriram como campeões paralímpicos, já que passaram por um processo pessoal em que descartaram o sentimento de limitação que esteve presente na vida anterior ao atletismo. Na proximidade de sua aposentadoria do esporte, uma atleta narrou os motivos para esse momento e a possibilidade de continuar trabalhando com algo relacionado ao esporte:

Eu estou hoje com 24 anos, pretendo ir ainda pra Tóquio ano que vem e depois em 2024. E aí, já começar talvez a pensar uma campanha de aposentadoria. Alguma coisa do tipo. Porque, eu acho que meu corpo não vai estar mais rendendo o quanto eu gostaria. E o quanto me faz bem para o meu psicológico. Porque eu não consigo fazer uma coisa pela metade. Assim sabe? Não me contento com pouco, sempre quero o melhor. E então? Eu preciso pensar nesse segundo plano. Até mudei meu curso de direito para jornalismo. Quem sabe ser uma boa comentarista em competições paralímpicas. (E5).

A nova ocupação e os desafios pertinentes ao pós-carreira estão ligados à mesma vida esportiva de trabalho com pessoas com deficiência, particularmente em instituições que trabalham com este público, quase que como uma continuidade do que hoje realizam. O Entrevistado 4 aponta para a importância de continuar na área esportiva e as dificuldades que podem compor sua vida no momento da aposentadoria do esporte:

Eu me sinto muito, muito feliz hoje, em estar treinando. Eu não me vejo fazendo outra coisa, logicamente que eu já penso um dia virar treinador, virar coordenador, trabalhar dentro do Comitê Paralímpico Brasileiro. Isso é uma vontade, uma coisa que eu penso e pode ser que isso aconteça, mas eu quero, eu acho que sair das pistas de imediato assim, vai ser bem difícil pra mim.

Pode-se perceber a tensão que existe no interior do paratleta ao se referir ao processo de aposentadoria. Os atletas têm consciência de que o esporte enquanto trabalho possui um prazo mais curto do que em outras profissões tradicionais. Isso gera sentimentos de ansiedade e a possibilidade de sofrer com o processo, já que o esporte como trabalho se mostrou a grande perspectiva de vida para essas pessoas com deficiência. Pode-se apreender as emoções que afluem no Entrevistado 7:

É óbvio que nós trabalhamos bastante pra poder fazer que quando esse momento chegar, eu possa fazer essa transição aí sem sentir muito, porque dizer que eu não vou sentir eu estou mentindo. Eu tenho certeza de que eu vou sentir falta e vou sentir muito. Então, nós estamos fazendo algumas transições, fazendo algumas capacitações pra que eu possa estar fazendo algo futuramente. Quando esse momento chegar, eu possa tá fazendo algo que também consiga continuar levando a vida de forma tão boa quanto eu levo hoje, continuar vivendo bem, feliz, alegre e fazendo algo que goste também. (E7).

Outros relatos indicam que os paratletas desejam devolver à sociedade a oportunidade que eles tiveram, sentindo-se empenhados em contribuição na superação e capacitação de outros atletas. Assim, o seguinte participante expressou tendências empreendedoras no trabalho social, incentivando pessoas com deficiência a também ingressarem no esporte. A fala do E11 relata uma iniciativa de empreendedorismo em academias e preparação física; segue o exemplo:

No futuro, eu pretendo me formar, abrir uma academia e continuar no esporte, continuar no atletismo. Isso seria legal. Depois que eu me aposentar, acharam um atleta e formar ele, levar aonde cheguei. Eu não pensei nisso ainda. [...] Mas continuar no esporte porque hoje eu não vivo sem ele. (E11).

e) É tudo na minha vida: o significado do esporte como trabalho.

A quinta subcategoria retrata as falas expressas acerca dos significados atribuídos ao esporte como trabalho pelos paratletas. Sustenta-se, com isso, a centralidade do esporte como trabalho na vida dessas pessoas: como o esporte contribuiu para redesenhar a vida de cada um deles, para reescrever uma história de sucesso misturada com sentimento de dor e sacrifício. Percebe-se nestes relatos um sentimento de liberdade e de autonomia, pois os paratletas decidiram encarar a vida com normalidade, desenvolvendo suas vidas de forma ativa e superando as limitações da incapacidade física, uma passividade que a deficiência tenderia a gerar. As conquistas e realizações alcançadas por meio do esporte deram um novo sentido à incapacidade, permitindo uma identificação como profissionais e esportistas olímpicos. O depoimento do entrevistado E8 deixa claro esta percepção: “[...] a gente não quer que os outros vejam a gente como deficiente né, como coitadinho lá. ‘Não tem o que fazer, vai praticar esporte’. A gente quer que vejam a gente como eficiente, como um atleta convencional, normal” (E8).

Desta forma, destaca-se uma diversidade de atribuições de significados ao esporte como trabalho:

- *Sentimentos de superação, extrapolação dos próprios limites, vencimento de adversidades e geração de um novo sentido à vida pela prática esportiva:* “Um dia, em entrevista, me perguntaram: ‘Se fosse pra você ter mudado, hoje você queria ter sua perna?’. Eu falei: ‘Eu não. Tudo que aconteceu comigo, foi pra me ajudar e ser quem eu sou hoje’. Porque se eu não tivesse perdido minha perna, eu não teria me tornado atleta paralímpico, não teria me tornado o campeão mundial e recordista

mundial e tudo mais, várias medalhas nas paraolimpíadas e tudo mais” (E2); “O esporte me permitiu fazer isso: superação a cada dia, superação a cada resultado, superação a cada treino. O esporte, em si, ele já inspira superação” (E3); “O que mais o pessoal fica admirado é por eu ser uma pessoa cega e sempre independente” (E5); “Foi essa parte que eu já falei, que eu era muito tímida, que eu vivia em depressão. Hoje eu sou mais animada, tem como se fosse um motivo pra tá aqui, um motivo pra viver. O esporte mudou completamente a minha vida” (E8); “Pra mim [o esporte] significa superação, é a minha motivação do dia a dia. Mais que tudo, praticar esporte é tudo porque, antes do esporte, eu e meu irmão a nossa expectativa de vida não era tão feliz quanto agora. A gente era pessoa com deficiência, mas que não sabíamos a capacidade que tinha. Então, o esporte agora é a nossa vida” (E10).

A fotografia a seguir ilustra o ápice da superação: um atleta no momento de glória após ganhar a prova e o sentimento de alegria que acompanha pela conquista alcançada.

Fotografia 3 – Vencer competições como o ápice da superação dos limites pessoais



Fonte: cedida pelo Entrevistado 11.

- *A realização de sonhos pessoais e familiares que o esporte como trabalho tornou possível, a independência financeira:* “[...] não conquistei muita coisa ainda, mas tudo que eu conquistei, foi através do meu trabalho no esporte, então, para mim o esporte é tudo, mudou minha, eu falo que o esporte mudou minha vida, não é nem 100%, é mais que isso” (E2); “Na minha família impacta com relação ao financeiro.

Certo? Jamais imaginava poder ter, consegui dar uma casa para minha mãe, dar uma qualidade de vida melhor para ela, pra meus irmãos, no caso; então, isso tudo foi justamente através do esporte” (E2); “Através do esporte, hoje, eu consegui dar condições melhores a minha família, aos meus pais e a mim mesmo. [...] Hoje, através do esporte, eu consegui dar uma casa para o meu pai, dar um sítio, uma pequena propriedade pra ele ser o próprio dono, mandar e desmandar no que é dele. [...] uma sensação de gratidão ao esporte e por tudo que ele me proporcionou, ao meu pai e a minha mãe. Isso me deixa muito feliz. Se pessoalmente quando eu vejo um sorriso no rosto da minha mãe, no rosto do meu pai, isso não tem preço” (E3); “Eu me sinto realizada no esporte porque ele me deu independência: eu não tinha independência financeira” (E8).

É oportuno comentar que todos os atletas entrevistados, por pertencerem à seleção, já representaram o país em competições e torneios internacionais e, por meio do esporte, conheceram outros países e diferentes culturas. Estas trocas de experiência com atletas de diferentes nacionalidades trouxeram mais confiança para trilhar seu caminho. A fotografia seguinte retrata um momento de descontração do paratleta em uma competição internacional, em que aproveita para conhecer lugares turísticos e a cultura local:

Fotografia 4 – Paratleta em passeio no lugar da competição: Grand Prix, Alemanha, realização de um sonho



Fonte: cedida pelo Entrevistado 6.

- *Autonomia*: “[...] eu me sinto livre porque aquilo me deixa leve, me deixa feliz. É uma coisa que quem dita o ritmo sou eu, não as outras pessoas por mim” (E6).
- *O prazer em desenvolver uma atividade*: “[...] eu estou fazendo o que eu gosto, eu tô fazendo o que me dá prazer, que é correr, que é treinar, que é ver até onde eu consigo chegar, ver os meus limites. Não, hoje eu não me imagino fazendo outra coisa a não ser treinar. Isso, eu acho que a superação diária no treino ali” (E4); “Então, eu me sinto 100% realizada quanto profissional porque é uma coisa que me traz um retorno emocional, me traz satisfação fazer o que eu faço, eu consigo estabelecer metas, eu consigo atingir essas metas, então, isso me traz felicidade” (E5); “[...] é uma coisa que eu faço por amor, é uma coisa que eu faço porque eu gosto, eu acho que, quando a gente trabalha com que a gente gosta, é a melhor coisa do mundo” (E5); “Hoje vou ter treino, então já me levanto feliz” (E11).
- *O sentimento de um dever cumprido perante a sociedade, contribuindo com um retorno para a sociedade e se tornando uma referência*: “Eu sinto uma realização de verdade. Eu sinto que, perante a sociedade, eu fiz um trabalho muito bom. Então, eu me senti muito orgulhoso e com dever cumprido perante a sociedade” (E4); “[...] o pessoal vê a gente como um espelho, né, como exemplo de superação, como exemplo de força de vontade, é até uma coisa que eu bato muito na tecla, tipo, me admiro pela minha profissão e não pela minha deficiência” (E5); “Pensei no lado também do social porque, eu fazendo isso, posso inspirar outras pessoas, outras crianças a serem atletas também. Se não forem atletas, fazer alguma atividade que vai agregar na sociedade” (E6); “[...] quando você vai fazer um evento, vai fazer vai fazer uma palestra, você vê uma criança e a criança fala que vai correr igual a você, que tá imitando você dentro de casa quando vê passando na televisão, quando me viu correndo. Porque é sinal de que você tá alcançando um objetivo interessante, porque a partir do momento em que você alcança uma criança, você alcança um futuro porque eles são o amanhã. É muito gratificante” (E7).

Esta diversidade de representações acerca do trabalho é expressiva na literatura sobre os significados que o trabalho vem assumindo na sociedade contemporânea (ROSSO; DEKAS; WRZESNIEWSKI, 2010). Os resultados de diversas pesquisas apontam para os múltiplos significados do trabalho com diferentes públicos.

6.2.3 Categoria 3 – “Fatores estruturantes da qualidade de vida no esporte como trabalho”

A presente categoria engloba as visões dos participantes acerca da qualidade de vida na atividade esportiva como trabalho dos paratletas. A abordagem da Ergonomia da Atividade Aplicada à Qualidade de Vida no Trabalho (EAA_QVT) orienta a análise, a partir dos cinco fatores constituintes da qualidade de vida no trabalho sob a ótica dos trabalhadores. Segundo Ferreira (2012), seus elementos constitutivos centrais são: as condições de trabalho, a organização do trabalho, as relações socioprofissionais, o crescimento e reconhecimento profissional, e o Elo trabalho-vida social.

a) Condições de trabalho e suporte organizacional.

O fator condições adequadas de trabalho, que aparece como um componente fundamental da qualidade de vida no trabalho, resgata uma demanda clássica dos trabalhadores: a demanda por condições materiais e instrumentais de trabalho adequadas, não precárias, que contribuam para o bom desempenho da atividade de trabalho e para o bem-estar dos que a realizam (FERREIRA, 2012). Emerge o primeiro fator constituinte, que pode ser expresso na seguinte fala: “[...] é a melhor estrutura que a gente poderia ter” (E4). Aponta-se para características relacionadas a:

- *Equipamentos arquitetônicos* como piso, paredes, teto, portas, janelas, decoração, arranjos físicos, pistas, locais para treinos, fisioterapia e descanso, banheiros adaptados, locais de acesso;

- *Ambiente físico* como espaços de trabalho, iluminação, temperatura, ventilação, acústica;

- *Instrumentos* como material de treinamento, máquinas de treinos físicos e de reabilitação, dispositivos informacionais, documentação, postos de trabalho, mobiliário complementar;

- *Matéria-prima* como materiais e bases informacionais;

- *Suporte organizacional* como informações, suprimentos, tecnologias, política de remuneração, de capacitação e de benefícios.

Identificou-se que os paratletas que residem em São Paulo (oito no total) dispõem de dois centros de treinamento muito bem equipados. Um corresponde às

instalações do Centro de Treinamento do Comitê Paralímpico Brasileiro, cujas estruturas foram pensadas e adaptadas exclusivamente para atletas paralímpicos, e o outro é Núcleo de Alto Rendimento, voltado para a pesquisa e recuperação de todos os atletas de alto-rendimento. Nessa perspectiva, todos os entrevistados descreveram suas condições de trabalho como excelentes, como evidenciadas na fala do Entrevistado 7: “É uma estrutura de primeiro mundo, é uma estrutura de fato pra atleta que treina alto-rendimento, pra você viver exclusivamente fazendo aquilo: a estrutura, o local é perfeito, é excelente, não tem onde colocar defeitos nas nossas estruturas” (E7). A fala seguinte do Entrevistado 1 descreve em detalhes as instalações, a pista, a academia e os locais de recuperação, a equipe de suporte organizacional na área da saúde, as condições de higiene e a acessibilidade, confirmando o grau de excelência de centro de treinamento:

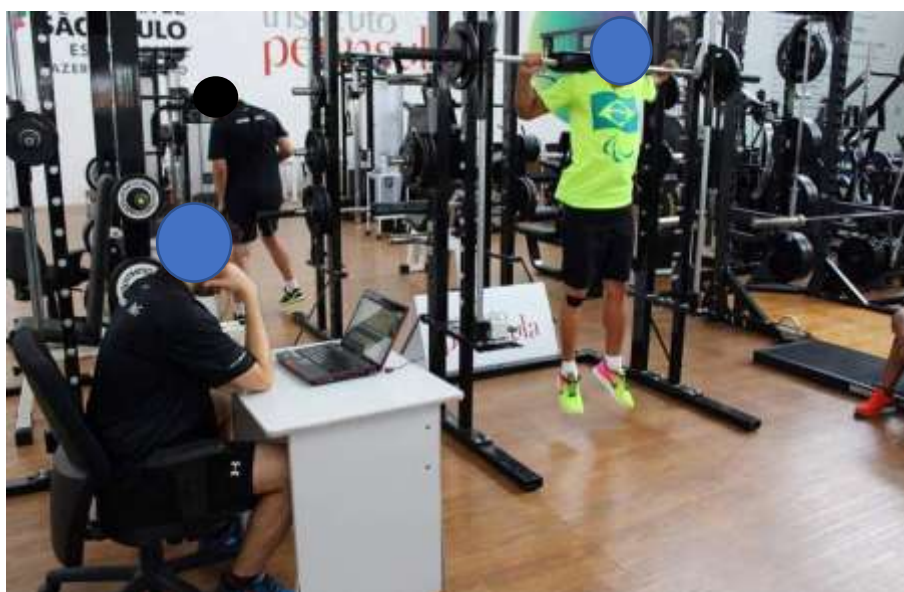
[...] olhando a estrutura que nós temos no CPB [Comitê Paralímpico Brasileiro] e a estrutura do NAR [Núcleo de Alto Rendimento], é uma estrutura que não deixa em nenhum lugar do mundo a desejar. No CPB, nós temos uma estrutura em que tudo é adaptado: os banheiros, a academia (se não for a academia mais top do mundo, eu fico na dúvida), a pista é uma pista nível 1 de qualidade internacional, os acessos são muito bons (tem acesso aos banheiros com facilidade), a higiene é uma coisa que o CPB zela muito (tem sempre zelador dentro do banheiro pra manter a higiene). [...] Para o atleta, a academia é muito fácil: o cadeirante anda dentro da academia tranquilamente, sem problemas, sem bater em nada, sem esbarrar em nada. A parte de recuperação do Centro de Treinamento (que são a piscina aquecida, a piscina gelada, a equipe de profissionais de fisioterapeutas, massagistas, o departamento médico, psicologia, nutricionista, ambulâncias) é toda uma estrutura excelente. Essa parte estrutural do NAR também é muito boa. (E1).

Essa descrição é complementada com a descrição dos serviços de restaurante que o Centro de Treinamento oferece e o serviço de hospedagem para os programas de competição e eventos de capacitação nacional e internacional:

A gente tem local para almoçar, local para tomar café, para jantar, tem local de descanso, lá dentro do CT [Centro de Treinamento] a gente faz tudo. A gente, consegue fazer tudo mesmo. E tanto que, mesmo morando próximo ao CT, tinha dias que eu ia para lá, tomava café, treinava, almoçava, descansava por lá, treinava de tarde, jantava e eu vinha para casa. Eu me sinto bem, não troco aqui por onde estava. Eu gosto muito daqui, acho que é onde tudo acontece, onde todas as competições acontecem, o centro de tudo, querendo ou não. (E4).

A Fotografia 5 a seguir retrata a qualidade da academia do Núcleo de Alto Rendimento. Destaca-se a adaptação da academia aos paratletas, os equipamentos de alta qualidade e o acompanhamento de profissionais, que fazem avaliações contínuas de força, motricidade e pesquisa de fisiologia esportiva (observe-se o profissional de educação física sentado à mesa com computador).

Fotografia 5 – Qualidade das instalações da academia do Núcleo de Alto Rendimento



Fonte: cedida pelo Entrevistado 3.

Já a Fotografia 6 apresenta a pista do Centro de Treinamento do Comitê Paralímpico Brasileiro, além de diversos materiais dispostos ao longo do local de treinamento. A pista é muito boa, emborrachada e acondicionada para competições internacionais.

Fotografia 6 – Condições da pista e qualidade dos equipamentos para treino do Centro de Treinamento do Comitê Paralímpico Brasileiro



Fonte: cedida pelo Entrevistado 4.

O paratleta não tem dificuldade em descrever a excelência que o Comitê Paralímpico Brasileiro oferece por meio do Centro de Treinamento e do Núcleo de Alto Rendimento. Entretanto, percebe-se, nessas afirmações, o olhar positivo que os paratletas desenvolveram, devido à história de superação de vida, quando passaram por uma trajetória de dificuldades até alcançarem o *status* de elite. Além disso, também se depreende uma tácita deseabilidade social, no sentido de que os atletas precisam falar bem das instalações, porque é desejável apresentar apenas os aspectos positivos das instituições que os acompanha profissionalmente. Por conseguinte, algumas falas vão além da compreensão acerca da excelência nas instalações e condições de trabalho, expressando abertamente a preocupação desta estrutura ser para poucos, concentrada em São Paulo e para usufruto de uma reduzida equipe de elite. Até os paratletas chegarem aqui leva tempo, uma jornada longa de comprovação de excelentes resultados, fazendo com que o paratleta seja convidado pelo Comitê Paralímpico Brasileiro para treinar em São Paulo.

O que eu costumo falar nas entrevistas: eu não tenho do que reclamar, mas, infelizmente, essa é uma realidade para poucos; quarenta atletas do atletismo treinando nessa maravilha toda. E os outros? Onde estão? né; tem gente que tem uma assistência, tem outros estados que têm um atendimento legal, não igual ao do Centro de Treinamento,

bacana, mas e os outros atletas, que estão na situação que eu estava em Goiânia e não tem como sair dela. Como fica, né? (E5).

Esta colocação é significativa, pois expressa uma deficiência de gestão: o baixo suporte, por parte dos órgãos competentes do esporte paralímpico, no atendimento às pequenas cidades que se encontram longe dos grandes centros urbanos brasileiros e a carência de ampliação de oferta de instalações para prática do esporte em regiões carentes, situação que provoca a migração do atleta para São Paulo, sede do Centro de Treinamento. O depoimento do Entrevistado 9 desenha também em detalhes esta dissonância entre regiões:

Eu fiquei 6 anos aguentando lá em Rio Branco. Não ganhava nada, não tinha remuneração nenhuma. O meu antigo treinador lá, que era responsável de fazer as inscrições dos atletas no Bolsa Atleta, ele não fazia [a inscrição], ele perdia o prazo e aquilo foi me cansando: “Não vai dar certo, tenho que mudar daqui, eu sei que eu tenho condições de melhorar, mas aqui não dá”. Foi quando eu cheguei em Cuiabá, porque, até então, os 6 anos que eu fiquei em Rio Branco, eu não tava rendendo nada. Eu não tinha nem uma sapatilha para treinar, mas não era por falta de condições financeiras pra comprar, é porque lá é tudo muito difícil, a gente tinha que mandar buscar de fora. E o treinador bem inexperiente, não sabia nem o que fazer. Daí eu percebi que dava pra ganhar alguma coisa sim, mas eu deveria ir pra Cuiabá, porque o pessoal lá era mais evoluído, mais avançado. Aí eles faziam a minha inscrição direitinho no bolsa atleta, o pessoal lá no clube não deixava passar a inscrição. Aí foi quando eu comecei a receber também um auxílio do Comitê Paralímpico: foi o Comitê Paralímpico que ligou para mim, falou que como eu já tava começando a fazer marcas específicas, isso com 10 meses em Cuiabá, eles ligaram para mim e me disseram que eu ia ganhar uma bolsa incentivo de R\$ 750,00 na época. (E9).

É oportuno destacar algumas falas de atletas que preferem contratar seus próprios profissionais para um atendimento mais individual e personalizado, como fisioterapeutas, massoterapeutas e psicólogos. A fala da Entrevistada 5 exemplifica essa necessidade: “Se eu quero continuar no alto nível, quero continuar ali no topo do mundo, eu preciso ter condição para isso e, aí, investir, né? Investir no melhor suplemento, é investir nos melhores profissionais”. É sempre muito presente essa dimensão de competição e de rendimento que esporte de alto-rendimento impõe (VERMEULE *et al.*, 2016).

E mesmo com a disposição de profissionais de psicologia por parte do Centro de Treinamento do CPB, chamou atenção o depoimento do Entrevistado 5, respeito

ao direcionamento do atendimento: “Eu pago minha psicóloga particular. [...] A gente conversa tanto da parte “eu atleta, quanto da eu pessoa”. Que eu falo: um dos defeitos das psicólogas esportivas é que elas querem que a gente separe as coisas da eu atleta, da eu pessoa. Assim não dá, né?” (E5). Recorde-se as colocações de Rubio (2018) sobre a psicologia esportiva que usualmente é associada a um público de atletas que exercem a prática esportiva onde o foco final é a vitória veiculada por mídias sociais e *marketing*.

Na Fotografia 7, pode-se visualizar o momento de recuperação pós-treino do paratleta, que inclui procedimentos de aplicação de gelo nas articulações dos membros inferiores, serviço oferecido pelo Comitê Paralímpico Brasileiro como suporte organizacional.

Fotografia 7 – Momento de recuperação na fisioterapia após o treino



Fonte: cedida pelo Entrevistado 6.

Por outro lado, as entrevistas evidenciaram que existe outro grupo de atletas paralímpicos que residem e treinam em outras regiões do país. Os locais de treinamento, pistas e laboratórios pertencem a centros esportivos de universidades federais que mantêm parcerias com o Comitê Paralímpico Brasileiro e que, apesar de oferecerem instalações com boas condições e de receberem ajuda com materiais, não estão no nível das instalações e de equipamentos de pesquisa e tecnologia oferecidos pelo Centro de Treinamento de São Paulo. Porém, o critério desses atletas primou pela escolha de permanecer nos seus locais de residência, perto das suas raízes e de suas famílias. Ali, tem seus próprios treinadores, que não fazem parte do quadro

de funcionários do Comitê Paralímpico Brasileiro. Na fala do Entrevistado 2, fica bem evidenciado o motivo de permanência: “Aqui me sinto realizado, é tanto que já surgiram propostas para a gente sair daqui, ir para São Paulo, [...] mas o que pesa não sair daqui da Paraíba pra ir para outro estado é justamente por isso, estar aqui, estar com os amigos, com a família, estar próximo dessas pessoas” (E2). Percebe-se que não são só as condições de infraestrutura que atraem o atleta, mas também o meio ambiente, a cultura local, a proximidade com os familiares e para se sentirem menos sufocados pelas cobranças do Comitê Paralímpico Brasileiro. Foi esta apreciação que destacou o Entrevistado 9: “Chamaram a gente pra ir para São Paulo, mas eu prefiro aqui. Aqui a gente treina mais com liberdade, não fica o povo do Comitê em cima. [...]tem que tá à disposição deles e eu teria que usar o treinador deles, aí iam querer que eu treinasse dois períodos, ia treinar muito e não aguento. (E9).

Perante estes depoimentos, é salientar apontar, conforme expressam Guérin *et al.* (2010), que cada atleta/trabalhador é um ser único que se relaciona de forma única com sua atividade de trabalho. Nem sempre uma mesma fórmula de treinamento funciona eficazmente para os todos os atletas de uma específica prova, as pressões não surtem os mesmos efeitos e o ambiente de trabalho precisa ser adaptado conforme as necessidades das pessoas. Aplicam-se, ainda, os apontamentos do Demazière, Ohl e Le Noé (2015) relativos às questões de competição e produção do desempenho esportivo. Os autores consideram uma tarefa quase impossível achar uma fórmula mágica para identificar mecanismos de produção de performances e de sucesso, bem como de trabalhar a maneira de standardizar as habilidades ou talentos individuais para sobrepor limites e alcançar altos desempenhos. Com isso, pode-se identificar a dimensão pessoal que está presente: cada atleta é um ser diferente e responde diversamente a condicionamentos e treinamentos. Portanto, não existe um método que possa funcionar igualmente para todos, pois cada qual impõe sua marca pessoal.

Portanto, percebe-se que as condições do esporte como trabalho apropriadas, convenientes, oportunas e ajustadas às situações de trabalho são fatores que estão estreitamente relacionadas à vivência de qualidade de vida no trabalho e que influenciam o desempenho dos paratletas nas situações de trabalho.

b) Organização do trabalho.

As variáveis de tempo, dos traços das tarefas, do papel do controle e da produtividade esperada são aspectos determinantes da organização do trabalho, sendo essenciais para a promoção de qualidade de vida no trabalho e que ficam mais evidentes ao serem questionados como fontes de bem-estar e mal-estar do trabalho (FERRERIA, 2012). No campo da organização do trabalho e no intuito de identificar a percepção dos paratletas sobre os elementos que a compõem, surge esta subcategoria que resgata os aspectos evocados pelos participantes como associados com:

- *Divisão do trabalho* como hierarquia, divisão técnica e social;
- *Missão, objetivos e metas organizacionais* como parametragens, qualidade e quantidade;
- *Trabalho prescrito* como planejamentos, tarefas, regras formais e informais, procedimentos técnicos, prazos;
- *Tempo de trabalho* como jornada de trabalho, pausas, descansos, flexibilidade;
- *Processo de trabalho* como ciclos, etapas, ritmos previstos, pressão;
- *Gestão do trabalho* como controles, supervisão, fiscalização, disciplina; e
- *Padrão de conduta* como conhecimentos, atitudes, habilidades previstas, higiene, vestimentas e uniformes de treino ou competição.

A organização do trabalho aparece, nas falas dos entrevistados, impregnada de um forte componente de similaridades com as características e o *modus operandi* da atividade de trabalho da sociedade industrial. Ao olhar o esporte pelo prisma da visão organizacional, Vermeulen *et al.* (2016) e Fleming (2005) relataram a compreensão do esporte como um equilíbrio instável entre o jogo e o trabalho, expondo essa relação gerencialista e disciplinadora do esporte com seus atletas, por um lado, e o prazer e a alegria de praticá-lo, por outro lado. Os entrevistados expuseram detalhes sobre a organização do trabalho esportivo e detalharam a divisão do trabalho, a hierarquia, a missão e as metas organizacionais, o tempo de trabalho, o trabalho prescrito, as normas e padrões de conduta.

Segue uma breve descrição de divisão do trabalho da atividade esportiva, alusiva ao planejamento e procedimentos técnicos, pausas e descansos, apresentado pelo Entrevistado 1.

Na rotina do dia a dia de treino, a gente já tem uma rotina estabelecida: horário de treinar, horário de voltar para casa, horário de descanso. Então, é tudo dividido. A parte do treino, na pista, é o técnico. O professor que faz toda essa rotina: ele faz uma planilha com a periodização, de período de trabalhar força, período de trabalhar mobilidade, o intervalo de descanso, ele faz os cálculos do tempo de descanso, quando é trabalho de resistência, então essa parte é toda ele que faz. Na parte nutricional, tem a nutricionista. Na parte da recuperação, tem um fisioterapeuta que faz esse processo de recuperar pra chegar no técnico e repetir o trabalho novamente do treino. Então, por exemplo, a gente vai para o treino, eu fico lá mais ou menos 4 horas com o técnico treinando. Nessas 4 horas, ele estabelece uma rotina: “Ah, vamos fazer tiro de velocidade com pausa de 5 minutos, depois vamos fazer um trabalho de força com salto, aí vamos fazer um trabalho de resistência em cima disso”. E aí ele vai estabelecendo isso daí, vai dosando e vai sempre olhando. (E1).

Com relação à organização e procedimentos com viagens internacionais, os atletas relataram um planejamento apurado em todo o processo, já que é a imagem do país que está em jogo. O relato do Entrevistado 1 acerca das viagens internacionais representando o Brasil assim ficou registrado: “[o Comitê Paralímpico Brasileiro] já deixa essa parte organizada pra a gente não ter problema. Quando nós vamos pra competição, a gente não tem preocupação de nada: quando eles levam a gente para competição, até água eles providenciam, alimentação, material esportivo, o transporte, a passagem. A gente não tem preocupação com nada” (E1). Porém, isso não acontece quando se trata de viagens nacionais para participação em competições internas, sobretudo em despesas com passagem e hospedagem, que acabam sendo custeadas pelo próprio atleta. Essa prática por parte da organização do trabalho causa estranheza, uma vez que é no período de iniciação nos resultados que o atleta tem uma bolsa reduzida; porém, é justamente nos processos iniciais que a ajuda institucional deveria se concentrar, a fim de que expandir o esporte paralímpico e atingir novas marcas. A seguir, o Entrevistado 7 e seus guias, com uniformes e malas identificadas como seleção brasileira para o Panamericano 2019:

Fotografia 8 – Apurada organização e procedimentos com viagens internacionais

Fonte: cedida pelo Entrevistado 7.

Os padrões de conduta são estabelecidos pela organização do trabalho e se apresentam como um conjunto de regras para o bom funcionamento do cotidiano de uma entidade, com intuito de normatizar as dinâmicas e relações de trabalho. A fala da Entrevistada 10 faz relação à algumas regras internas do Centro de Treinamento e as trata como as de uma empresa convencional:

Temos bastante regrinhas. As mais importantes são os que a gente tem que andar sempre uniformizados porque é uma empresa, a gente sempre tem que estar com os patrocinadores do CPB [Comitê Paralímpico Brasileiro] e do CT [Centro de Treinamento]. [...] no dia a dia normal, a gente sempre está uniformizado, tratamos com respeito às outras pessoas, cumprimos sempre os horários; a gente não pode chegar antes ou depois. Acho que são as regras de uma empresa normal. (E10).

São três regras que o atleta tem que seguir, três coisas que o atleta não pode extrapolar, que são o descanso, o treino e a alimentação. São essas três coisas fundamentais na vida do atleta. Ele tem que seguir essa disciplina corretamente. (E3).

Outra constatação obtida nas falas dos entrevistados destaca que o foco de valorização da atividade esportiva não está mais no talento nato ou nas habilidades ou destrezas, mas é transferido para outras atenções e valores próprios de uma

organização: a disciplina, o controle, os regulamentos, os rendimentos e a competitividade (VERMEULEN *et al.*, 2016). A questão de disciplina e competitividade estão sempre presentes na atividade esportiva. O paratleta está continuamente desafiando seus limites e treinando sempre para atingir novas metas ou objetivos; dependendo do local onde treinam, são pautados com estratégias e controles diferentes.

Então, a questão das metas: como eu não estou em São Paulo, o CPB [Comitê Paralímpico Brasileiro] não chega para mim e fala: “A meta é essa”. Essa meta aí quem tem que traçar sou eu e o meu técnico, é buscar e alcançar. Os atletas que treinam no CT [Centro de Treinamento] já são diferentes: para estarem lá eles têm justamente metas, têm que estar sempre alcançando essas metas ou ali bem próximos e a gente que treina fora é um pouco diferente. Lógico, com relação aos índices, o índice não; independente de treinar no CT ou fora do CT, tudo é o mesmo: saiu o índice lá, você tem que correr atrás e de tentar bater o índice. (E2).

Ficou evidenciado que a questão das metas já está inserida na cultura do paratleta que treina no Centro de Treinamento de São Paulo. Elas são expressas no preenchimento de relatórios mensais como pré-requisitos ao paratleta de alto-rendimento. Tal pressão pelo cumprimento de metas parece ser normalizada e justificada, fazendo parte do protocolo de pertencimento ao grupo de elite.

Eu tenho relatórios, que temos que fazer, porque a partir do momento que alguém está investindo em você, pra que você alcance um objetivo, ele tem que saber no mínimo como que tá o andamento desse objetivo do investimento que ele fez, porque eles investem um recurso financeiro pra que eu possa desenvolver o meu trabalho. [...] Nós colocamos nesse plano de trabalho o objetivo pro ciclo. Não são eles que colocam esse objetivo, geralmente são os atletas. No meu caso, sou eu que coloco esses objetivos, e aí eles fazem os cálculos deles em cima dos nossos objetivos. [...] Então, é estipulado por nós, no meu caso é estipulado por mim, e o Comitê trabalha em cima desse objetivo que eu estipulei pra que eles possam fazer cálculos pra saber as nossas pretensões nas competições. (E7).

A produção de desempenho esportivo é considerada uma atividade coletiva, cujo trabalho não depende exclusivamente do atleta e dos seus atributos, habilidades e talentos individuais, uma vez que, para se obter um resultado, se faz necessário o envolvimento de outros profissionais, organizações e instituições que ficaram explicitados na fala do Entrevistado 3 como valores próprios de uma organização:

O meu trabalho tem que ser muito disciplinado porque eu sou o atleta que está correndo atrás. Eu tenho que seguir toda uma regra. Por mais que todos tenham uma equipe com nutricionista, com fisioterapeuta, com fisiologista, com treinador, [todas essas pessoas] me orientando o que eu tenho que fazer, pra minha pessoa seguir essa linha, porque a partir do momento que eu não consigo saber eu tô indo contra os profissionais. Tem toda uma organização. [A parte] de treinos e de competições partem do meu treinador: ele tem o calendário de competições, quais competições eu vou participar, em quais competições eu vou tá melhor. Toda essa organização vem do meu treinador, mas, como eu falei, depende da minha disciplina, da sequência dos meus treinos pra poder chegar a esses objetivos. (E3).

No âmbito organizacional, a definição de desempenho no trabalho apresenta uma variação atrelada às situações de trabalho, em que as características das atividades requerem uma organização da produção em volume, o que sugere uma métrica de trabalho. Da mesma forma, no trabalho esportivo, a abordagem de desempenho é espelhada no trabalho executado dentro de organizações. A performance é expressa em valor numérico, é medida, cronometrada, quantificada, seja em pontuação, distância percorrida, tempo realizado ou peso levantado. A ideia de medir e quantificar o resultado do trabalho esportivo inseriu a noção de desempenho, aumentando as semelhanças entre o esporte e o trabalho executado dentro de organizações (DEMAZIÈRE; OHL; LE NOÉ, 2015; CRAIG, 2016): a utilização de mecanismos que avaliam o desempenho como elemento presente em qualquer etapa da carreira de um indivíduo dentro de uma organização se reflete na avaliação de desempenho na atividade esportiva do atleta. O desenho deste cenário ficou descrito na fala do Entrevistado 8, que sempre se mostrou muito preocupado com seu desempenho e a sua permanência no grupo de elite: “Só que, se você quer o alto escalão, se você quer o alto rendimento, conseqüentemente você tem que ter trabalho, então você tem que trabalhar pra poder você ter o reconhecimento, entendeu?” (E8). De igual forma, o desempenho na prática esportiva vai sendo moldado por questões disciplinares, com o surgimento de novas normas, novos regulamentos, novas codificações que acompanham igualmente a evolução de regulações disciplinares, o gerenciamento de risco, problemas e conseqüências do *doping* (SUGDEM; TOMLINSON, 2002; CRAIG, 2016; RUBIO, 2018).

A alternativa de realizar pactos o estabelecimento dos prazos e a negociação de prazos não estão em consideração por parte dos paratletas; pode-se perceber que

para o atleta só existe um prazo que deva ser cumprido: o estipulado pelo Comitê Paralímpico Brasileiro e pelo Comitê Paralímpico Internacional para obtenção dos índices para convocação da equipe paralímpica. O Comitê Internacional Paralímpico anuncia os índices de participação; só as melhores máquinas entram na festa olímpica. Não há espaço para pensar em outra coisa senão o máximo rendimento. Essa pressão institucional tende a causar mal-estar no trabalho entre os paratletas, situação que não é diretamente expressa pelos participantes. Conforme aponta Ferreira (2012, p. 126):

O estabelecimento de metas de produtividade que não respeitam os limites e as capacidades humanas e operam sempre no limite do supostamente tolerável. Tal perspectiva de prescrição vai na contramão do bem-estar no trabalho, conduzem aos quadros de esgotamento físico e mental dos trabalhadores e configuram contextos que impactam negativamente na QVT. Este é um modelo de produtividade que adocece, mata e produz sequelas. É de sustentabilidade zero.

A questão de desempenho e performance está expressa em valor numérico, cronometrado, medido, quantificado sem nenhuma apelação para outros atributos. Condição esta que aumenta e extrapola as semelhanças entre o esporte e o trabalho executado dentro da organização, com o agravante de que ciclo olímpico é composto de quatro anos e, uma vez na prova, o tempo de apresentação do paratleta é de minutos ou segundos. A “máquina humana” precisa estar sincronizada física, técnica e psicologicamente para esse momento. Entretanto, é justamente isso que precisa ser apontado como controverso, uma vez que o uso dessa expressão ficou tão generalizado nas conversas cotidianas que parece ter ficado no subconsciente do atleta e do técnico. Conforme indica a Ergonomia da Atividade, o trabalhador não é uma máquina, que pode ser adaptada aos locais e objetivos de trabalho, mas é o contrário que deve acontecer: transformar o trabalho em prol do trabalhador.

É pertinente mencionar a questão dos regulamentos e novas normas de classificação e reclassificação funcional, pois está relacionada com a adaptação de equipamentos para treinos e competições para cadeirantes ou amputados, assim como a reclassificação para deficientes visuais ou outras deficiências intelectuais. Tal questão tem se tornado polêmico e causado atritos entre as entidades paralímpicas nacionais e internacionais. Além disso, se converteram em geradores de situações de mal-estar e estresse entre os próprios paratletas, que se sentem injustiçados pela

mudança ou alteração de classe e acomodação às exigências da nova classe, podendo aumentar o grau de dificuldade na obtenção de novos índices. É importante lembrar que as regras de reclassificação são feitas por agência especializada do Comitê Paralímpico Internacional.

Indo ao encontro da contribuição de Rigauer (1981), que detalhou aspectos análogos entre trabalho e esporte, é oportuno lembrar que, para que a atividade de trabalho/treinamento aconteça, pressupõe-se a sincronização de processos, o uso de tempos nas máquinas de preparo físico, a organização de horários de uso, os calendários de testes *antidoping*, a reserva de espaços para treinamento, a promoção de eventos, entre outros. A “máquina humana” é adaptada à atividade e, por sua vez, os equipamentos ou instrumentos usados na atividade respondem a essa procura de melhor performance (RIGAUER, 1981). A ciência e a tecnologia acompanham, de forma muito próxima, a atividade esportiva de alto-rendimento, sempre desafiando os limites e obtenções de recordes.

Já Craig (2016) aponta que o esporte tem em seus trabalhadores os seus jogadores. Estes sabem bem como administrar e gerenciar a excelência, a liderança e o direcionamento, bem como desenvolver táticas e estratégias. Tem sua própria regulamentação, procedimentos, controles e ações disciplinares. Assim, uma primeira faceta da organização do trabalho do esportista é a adaptação do trabalho, sua capacidade de imprimir sua marca pessoal na atividade que está desenvolvendo, a condução da atividade real (GUÉRIN *et al.*, 2001). Há uma desconexão entre a atividade prescrita e a atividade real, quando a tarefa não condiz com a prática. Isto porque quando o atleta se refere a pausas e descansos para a atividade esportiva de alto-rendimento, o normal são pausas cronometradas, descansos curtos, sempre testando o corpo e seus limites, nem sempre realizadas conforme acordado previamente. Também é possível perceber um descompasso entre as características da tarefa nos treinamentos e competições (exigências técnicas e características das situações de trabalho), aumentando o risco da saúde dos atletas-trabalhadores. Gerenciar está no seu âmago: como tal, é uma organização institucionalizada, porém leva consigo intrinsecamente a dimensão lúdica do jogo (VERMEULEN *et al.*, 2016). É também esse prazer e essa alegria de o praticar que o faz diferente das outras organizações (AZEVEDO; GOMES FILHO, 2011) e que constitui outra faceta da organização do trabalho.

c) Relações socioprofissionais saudáveis.

Esta subcategoria apresenta as relações socioprofissionais nos ambientes de trabalho como sendo um fator constitutivo da qualidade de vida no trabalho. As falas dos entrevistados evocam as percepções dos paratletas em três momentos de interações socioprofissionais vivenciadas:

- *Relações hierárquicas* com a chefia imediata (técnico) e as chefias superiores (diretoria);
- *Relações com os pares*: com colegas de trabalho e diversos profissionais da equipe de trabalho; e
- *Relações externas* com cidadãos, patrocinadores e mídia.

Para se promover a qualidade da vida no trabalho, é imprescindível que existam relações profissionais saudáveis nessas três instâncias, assim como uma comunicação clara e objetiva. De forma geral, algumas falas demonstraram relações saudáveis nos três níveis de relacionamento socioprofissional. Em outros momentos, percebe-se alguns desencontros entre grupos que treinam no Centro de Treinamento do Comitê Paralímpico Brasileiro e o grupo dos atletas que treinam fora. Outras situações resgatam atritos ou alinhamentos entre os atletas deficientes visuais com seus atletas-guia.

Respeito às relações hierárquicas, as entrevistas trazem falas que realçam as relações com o técnico: em muitas ocasiões, atleta e técnico acabam se tornando próximos, gerando liberdade e autonomia como valores apreciados nessa relação. Também é possível perceber que a qualidade da relação do atleta com a diretoria do Comitê Paralímpico Brasileiro é mais próxima daqueles atletas que treinam no Centro de Treinamento do que para o resto dos atletas, de forma está regida pelo respeito à hierarquia do cargo. Já a qualidade do relacionamento com os profissionais de saúde e de apoio é de confiança, uma vez que o atleta tem o elemento confiança muito presente ao se tratar de cuidados com a saúde e recuperação.

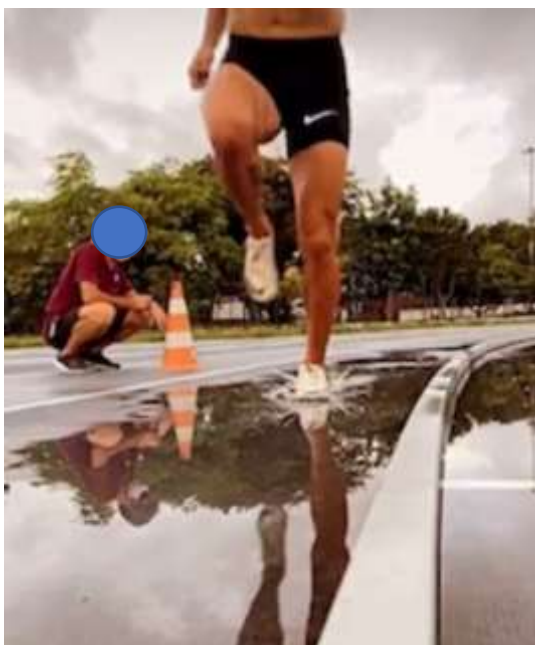
Hoje, a gente tem uma relação bem legal. Inclusive, eu e meu treinador, a gente tem uma relação quase de o pai e filho, ele sempre está ali puxando minha orelha, me corrigindo não só nos treinos, mas também fora dos treinos. Também sempre tô ali apoiando ele ao máximo, corrigindo-o, da mesma forma como ele fala que “a gente tem que ser livre para ouvir e também tem que ser livre na hora de falar” a gente tem bastante liberdade. (E3).

eu chegava no treino, fazia o meu treino, conversava com o meu treinador, sempre me dei muito bem, gosto dele demais, meu ex-treinador e era um cara que me aconselhava muito. (E4).

O relacionamento com o pessoal do CPB [Comitê Paralímpico Brasileiro], um pessoal da coordenação me dou muito bem, com o presidente também. Nós temos uma abertura bem tranquila pra chegar e conversar legal. (E8).

A fotografia a seguir mostra o trabalho do atleta se desenvolvendo após uma chuva e a relação criada entre atleta e treinador, mesmo em meio a alguma dificuldade.

Fotografia 9 – “Faça chuva, faça sol, o meu técnico está ali para me orientar”



Fonte: cedida pelo Entrevistado 3.

Nos relatos a seguir, pode-se perceber uma relação muito boa entre os entrevistados com o grupo e com os profissionais da equipe de suporte:

Eu sou amigo de todo mundo, eu tenho uma amizade super boa com todo mundo. Então, se alguém tiver chateado comigo por alguma coisa, eu vou lá e conversa. Às vezes, o meu técnico até briga comigo porque eu falo demais, “Tu parece até político”. Eu gosto de falar com as pessoas, eu gosto de chegar e cumprimentar todo mundo. Eu tenho esse vínculo com todo mundo, me dou super bem com todos: com público, com os meus amigos, com os coordenadores, com os professores, com todos. (E1).

A relação fica bem tranquila no grupo geral: com o meu fisioterapeuta, com meu nutricionista. Sempre que a gente tá assistindo alguma coisa que eu não goste, eu vou lá e falo para eles. O contrário também: se eu estou fazendo alguma coisa que eles não gostam, eles chegam até a minha pessoa e converso também. Tudo é respeito. A gente é bem aberto. (E3).

A relação com os patrocinadores também foi resgatada nas falas seguintes, demonstrando uma boa relação com os externos:

Com os patrocinadores também [tenho bom relacionamento]. Quando eu faço o evento com eles, eles gostam bastante da minha presença. (E8).

É boa a relação com meus patrocinadores. Eu tenho patrocinadores no nosso estado, em Rondônia, e aqui em São Paulo é o governo federal, que é o Bolsa Pódio, e as Loterias Caixas. (E10).

Por outro lado, em alguns momentos das falas, os entrevistados deixam perceber uma espécie de disputa entre os paratletas que treinam no Centro de Treinamento de São Paulo, que têm à disposição toda aquela excelência de instalações, equipamentos e serviços para desempenharem seus treinos, e os paratletas que treinam em regiões fora.

Aí no CPB [Centro Paralímpico Brasileiro] também tem uma parte legal. Apesar de sentir que têm pessoas que querem diminuir o nosso trabalho, querem dizer que nosso trabalho não é superior ou não é igual ao mesmo trabalho [que o deles], às vezes acaba criando um clima chato com algumas pessoas, não todas. (E3).

Em outros momentos, o distanciamento é a estratégia escolhida pelo Entrevistado 4, que se apresenta como seletivo em suas amizades e evocando situações ou episódios de egocentrismo dentro da equipe:

[...] lá dentro existia questão de ego né, questão de um querendo ser melhor que o outro. Tudo aquilo não me fazia bem e, então, eu não me sentia bem treinando e aí eu fui estreitando os relacionamentos, e tanto que meus amigos viraram poucos, hoje de quarenta são quatro meus amigos mesmo [...].

Merece destaque o relacionamento dos paratletas com deficiência visual com seus guias. Estes têm que estar em sincronia, para que ambos alcancem bons resultados e haja colaboração, o que nem sempre acontece. A seguir, encontram-se

relatos de dois casos, cujo relacionamento influencia e muito na performance do atleta com deficiência visual:

Eu sempre tive uma relação muito boa com os meus guias porque eu acredito que os guias não têm que necessariamente serem amigos, mas quando casa de os dois trabalharem com o mesmo objetivo, deles terem um pouquinho mais do que simplesmente profissionalismo, as coisas fluem um pouco melhor [...] e não adianta ele querer tirar o máximo de mim em um momento errado porque eu posso me lesionar, eu posso me machucar, e se eu perco, ele perde [...] porque nós temos meio que uma dependência que se um cai o outro cai. Então, nós temos que trabalhar bastante afiados. Nós somos bastante amigos dentro da pista, fora da pista. (E7).

Eu começo a ser muito chato e sistemático na parte do desempenho, quando tipo começam a fazer alguma coisa de errado sobre o treino. Aí eu já começo a me sentir afetado, porque eu sou uma pessoa muito profissional, eu amo o que eu faço e eu levo muito a sério. [...] Mas esse ano meus guias vieram dando muitos problemas: foi bebedeira no treino; foram problemas de tipo reclamando de salário. Às vezes, você depende da pessoa, você depende da pessoa para correr, a pessoa é seus olhos, mas você escuta que ele te deu a medalha, ele fez isso, fez aquilo, na verdade, “Eu fiz isso, eu fiz aquilo, eu te dei medalha”. É ruim você escutar isso, são coisas que vão minando, que vão desgastando, que você pensa que guia, pelo menos os meus guias, a gente deveria ser um só, deveriam pensar que se eles querem dinheiro. (E6).

Este último relato resgata um relacionamento socioprofissional saudável, benéfico e proveitoso, conforme expressado pelo Entrevistado 11.

A relação entre atleta e colegas, técnicos, ela é muito divertida, ela é muito importante pro nosso rendimento. Se você não está bem com um atleta que treina junto com você, conseqüentemente os seus treinos também vão estar mal. Porque o atleta amigo vai te dar forças, ele vai chegar pra você e vai te dar mais incentivo, vai te incentivar a melhorar, a ter um alto rendimento junto com o técnico, com a equipe técnica, ela vai fazer com que você chegue no seu reconhecimento, no alto, no topo. E, conseqüentemente, te ajudando a executar aquilo que você faz de melhor.

As relações socioprofissionais se constituem em fator de qualidade de vida no trabalho quando são produtoras de bem-estar. A importância estratégica para o bem-estar no trabalho, a partir do relacionamento social, é abordada como algo que é salutar, benéfico proveitoso para quem trabalha em relacionamentos duradouros e cotidianos com outras pessoas (FERREIRA, 2012). Em se tratando de atletas que compõem uma equipe paralímpica, os pactos de solidariedade são indispensáveis

para se atingir as metas da equipe, com os desempenhos esperados e especificamente em grandes eventos internacionais, como os Campeonatos Mundiais, ParaPan e Paralímpicos. Porém, verificou-se um descompasso de alinhamento na função compensadora das relações socioprofissionais dentro da equipe paralímpica. Nesses momentos, espera-se a predominância do espírito coletivo, do modelo da grande família brasileira, que permita a promoção de impactos positivos para a saúde individual e coletiva dos paratletas.

d) Reconhecimento e crescimento profissional.

Esta subcategoria aborda o reconhecimento e crescimento profissional como sendo outro fator fundamental que integra o ponto de vista dos trabalhadores sobre a promoção da qualidade de vida no esporte como trabalho. Abrangem duas temáticas:

- *Reconhecimento*: reconhecimento do próprio trabalho realizado (empenho e dedicação), da hierarquia (chefia imediata e superiores), da instituição, dos cidadãos, dos patrocinadores, das autoridades de governo e da sociedade; e

- *Crescimento profissional*: uso da criatividade, desenvolvimento de competências, capacitações, oportunidades, incentivos e carreira.

É importante destacar que as temáticas do reconhecimento e do crescimento profissional se complementam no sentido de que a existência do crescimento profissional implica em ter reconhecimento profissional e, nessa perspectiva, a compreensão da forma como se dá o crescimento no trabalho passa por evidenciar os traços de reconhecimento como ferramenta de qualidade de vida no trabalho (FERREIRA, 2012). Por conseguinte, o modo como estas temáticas aparecem no discurso dos paratletas desenha a importância delas como fator gerador de qualidade de vida no trabalho.

Duas questões são destacadas em relação ao crescimento profissional: uma passa pela existência de uma oportunidade e a outra é alusiva ao tratamento de igualdade e justiça dessa oportunidade. Percebe-se que o crescimento na atividade do atleta se desenvolve a partir de oportunidades que surgem e são ofertadas por diferentes âmbitos. Além disso, os paratletas enxergam tais oportunidades como o reconhecimento de algum trabalho desdobrado previamente. Por conseguinte, uma primeira grande oportunidade que lhes é concedida para ingresso no esporte profissional de alto-rendimento é também discernida como fruto do reconhecimento

por parte de terceiros. O reconhecimento é fruto do próprio trabalho realizado por empenho e dedicação (investimento subjetivo no trabalho), uma retribuição da hierarquia por parte da chefia imediata e superiores ou das instituições esportivas, assim como reconhecimento externo ao esporte, como dos cidadãos, dos patrocinadores, das autoridades de governo e da sociedade em geral (reconhecimento coletivo).

A entrevistada seguinte aponta como foi seu processo de crescimento no esporte profissional: com seu esforço pessoal e uma oportunidade que lhe surgiu para se desenvolver, aproveitou o momento para progredir e chegar ao topo do esporte de alto-rendimento:

Eu fui um achado. Eu cheguei de Rondônia em janeiro de 2018 com uma marca bem ruim, eu praticamente não tinha marcas para competir. [...] hoje tenho um *ranking* mundial em primeiro lugar e já consegui vários feitos que pessoas treinam há muito tempo e não conseguem. Então, esse crescimento pra mim foi fundamental pra me manter aqui porque eu precisava desse *start* do zero para conseguir me manter. E, desde então, eu não baixei a minha posição, eu estou sempre entre as três [melhores] do mundo. Eu tô conseguindo todas as metas que eu desenhei, que eu planejei. (E10).

Quanto ao reconhecimento, as falas a seguir exibem as diferentes formas pelas quais os paratletas se sentiram reconhecidos pelo bom desempenho em suas atividades: concessão de bolsas de mérito por parte do governo e de patrocínios, a visibilidade atribuída pela sociedade e comunidades de origem dos paratletas, o reconhecimento dos pares (demais paratletas e equipe técnica).

Eu pude conquistar uma medalha paralímpica, que foi uma das mais faladas no esporte. Então, eu me senti muito orgulhoso e com dever cumprido perante a sociedade. (E4).

É muito gratificante porque quando você alcança o objetivo, quando você alcança um *podium*, quando os amigos disserem que estavam na torcida, os patrocinadores te dão os parabéns, toda a equipe técnica te parabenizar porque o objetivo foi alcançado, é sinal de que o trabalho foi bem-feito, de que o trabalho tá sendo bem-feito e que nós temos total condição de dar continuidade pra fazer com que aquele trabalho se mantenha tão bom quanto é ou que possa melhorá-lo cada vez mais. Então, esse retorno que você tem no dia a dia das pessoas na rua, dos seus patrocinadores, da sua equipe técnica. (E7).

Eu já entrei nos patrocínios do Governo Federal como atleta pódio entre as três [melhores] do mundo. No meu Estado, eu sou muito

querida por isso, porque lá a gente só tem quatro atletas. Então, lá a gente é muito querido, muito requisitado, e isso me deixa muito feliz. Quando a pessoa vê o nome sabe que eu estou entre às três melhores do mundo, a pessoa já fala: “Nossa, é a top 3 do mundo, ela é medalha de bronze, ela já foi pro mundial”. Eu acho que o reconhecimento vem sim, mas da parte dos atletas por terem a curiosidade de saber quem são os melhores do mundo, então esse reconhecimento sempre tem em época de competição, todo mundo sabe, não tem como esconder quem sou. (E10).

As situações de reconhecimento conduzem à promoção de qualidade de vida no trabalho e sua carência tende a conduzir para uma condição de mal-estar (FERREIRA, 2006). O modo como estas duas temáticas aparecem no discurso dos paratletas traz nuances entre situações de bem-estar, de muita satisfação, e algumas situações de descontentamento que ao final desenharam a importância do reconhecimento e crescimento profissional como fator gerador de qualidade de vida no trabalho. Conforme indica Ferreira (2012), o reconhecimento no trabalho se faz presente quando os atletas-trabalhadores constatam que a dedicação à atividade esportiva foi valorizada, que a postura da gestão revelou preocupação com o bem-estar demonstrando respeito e interesse pela equipe de atletas e que o elogio e a retribuição monetária são os modos adotados de reconhecimento por resultados obtidos.

- O reconhecimento institucional e coletivo traz vivências de situações de bem-estar. Os seguintes entrevistados apontam para sentimentos de missão cumprida e de identificação com o sucesso; além disso, o reconhecimento transborda o âmbito pessoal e o paratleta se sente no dever de espelhar seu esforço para a sociedade: “[...] quando eu sou reconhecido assim, eu me sinto muito bem, eu fico feliz comigo mesmo e pensando: ‘Cara, ainda bem que eu tô sendo o espelho para outras pessoas fazerem a mesma coisa que eu tô fazendo’. E sempre uma coisa que eu falo pras pessoas: ‘Seja herói de si mesmo pra depois ser herói de outras pessoas’ ” (E8); “O que me faz bem hoje, no esporte, é o reconhecimento e, através do meu esforço, da minha história, estar conseguindo motivar outras pessoas, de incentivar outras pessoas que às vezes não acreditam no seu próprio sonho, mas por causa de um pequeno detalhe que está interferindo ali e acaba desistindo. Eu, hoje, pegando minha história desde o início, consigo motivar outras pessoas, outras pessoas normais e outras pessoas com deficiência no geral” (E3).

• Na falta de reconhecimento, o atleta-trabalhador se vê diante de obstáculos para continuar conduzindo sua atividade de trabalho e se sente menos motivado para continuar a estabelecer estratégias para crescer profissionalmente. Com a dificuldade na construção de modos operatórios, sentimentos de não reconhecimento e outras manifestações de mal-estar são geradas e afetam negativamente a qualidade de vida no trabalho. A fala do Entrevistado 3 reproduz um descontentamento com respeito à falta reconhecimento por parte comunidade esportiva, das mídias e da sociedade, já que ele é o homem mais veloz no mundo paralímpico: “[...] eu queria ser um pouco mais reconhecido, pois infelizmente a gente não tem ainda esse reconhecimento todo, o esporte paralímpico, em comparação com os atletas convencionais, [...] o reconhecimento deles é totalmente diferente, tem milhões de seguidores, de pessoas acompanhando o trabalho deles. Hoje, eu sou o atual recordista mundial de duas provas, sou bicampeão mundial, bicampeão Pan-americano, campeão paralímpico e, no momento, estou com o título e paralímpico mais rápido do mundo. Eu não tenho tanto esse reconhecimento” (E3). O próximo depoimento faz referência a uma situação de desconforto relacionado à falta de atenção e reconhecimento pelo Comitê Paralímpico Brasileiro aos ex-atletas que representaram o Brasil; o relato do Entrevistado 4 tem uma visão que vai além da vida do sportista ativo e se preocupa como o reconhecimento após o tempo de destreino: “Eu sinceramente acho que esses atletas, grandes amigos meus, [...] que estavam encerrando suas carreiras, que foram medalhistas olímpicos, foram medalhistas mundiais, recordistas mundiais e simplesmente foram esquecidos dentro do Comitê Paralímpico. Sim, isso me causa mal-estar, porque, assim, são pessoas que, quando eu iniciei, são pessoas que eram meus ídolos, né? Pessoas que eu me espelhava e ver esses atletas hoje que fizeram tanto pelo Brasil, sem nenhum reconhecimento sequer, isso me deixa chateado”.

e) Elo trabalho-vida social: a importância do esporte como trabalho para a sociedade e a família dos paratletas.

Esta última subcategoria contempla temáticas relativas à importância do esporte como trabalho perante a sociedade e a família dos paratletas, identificados pela ótica dos entrevistados como fatores geradores da qualidade de vida no contexto do esporte-trabalho. Estes indicadores se apresentam como:

- *Sentido do trabalho*: prazer, bem-estar, valorização do tempo vivenciado na organização, sentimento de utilidade social, sentimento de inclusão, de integração na sociedade e de cidadania;

- *Importância da instituição empregadora*: significado pessoal, significado profissional, significado familiar e significado social; e

- *Vida social*: relação trabalho-família, relação trabalho-amigos, relação trabalho-lazer e relação trabalho-sociedade.

Como apontado pela Ergonomia da Atividade, o sentido do trabalho comporta as relações do trabalho como fonte de prazer e como valorização do tempo de vida no trabalho, fator importante no manejo da qualidade de vida no trabalho. Pelo olhar das representações dos paratletas, o significado do trabalho como fonte de prazer promove saúde, previne acidentes e doenças, sendo sinônimo de felicidade, fonte de alegria, de satisfação e de realização pessoal. Outros sentidos que o trabalho produto de felicidade assume é o da noção de utilidade no sentido de ser útil, de sentir-se útil para outras pessoas e de realizar ações úteis em prol da sociedade: é uma expectativa de se sentir oportuno e ser conveniente para os outros através da atividade realizada. O reconhecimento também encampa outro sentido do trabalho como fonte de prazer: expectativa de retribuição por parte dos pares, das chefias, dos dirigentes, da comunidade atlética, da sociedade, seja em forma monetária, seja na valorização do empenho e dedicação ou no investimento afetivo. Nesse sentido, o trabalho como fonte de prazer alimenta e renova a motivação e a disposição dos paratletas trabalhadores e, em consequência, promove efetivamente a qualidade de vida no trabalho.

Paralelamente outro fator estruturante das representações do paratletas sobre a qualidade de vida no trabalho está relacionado com a dimensão temporal sob o ângulo do tempo efetivo vivido no ambiente de trabalho. Parte-se do fato de que a vida atlética produtiva deste esportista usualmente comporta três ou máximo quatro ciclos de paraolimpíadas, de forma que o tempo disponibilizado nesta época de índices seja intenso e nele sejam enfocadas as esperanças de medalhas e novos recordes. Nesse sentido, o paratleta se refere a esse tempo como uma das melhores experiências vivenciadas e depositam todos seus esforços para se manterem na ativa.

Apresentam-se algumas representações dos entrevistados, que identificam o trabalho como fonte de prazer, relatando situações de bem-estar, valorização do

tempo vivenciado na sua vida de paratletas, sentimento de utilidade social, sentimento de inclusão, de integração na sociedade e de cidadania. Um leque de situações com riqueza de detalhes pode ser encontrado nos relatos permitindo apontar que a atividade do esporte como trabalho tem em essência social:

- *O paratleta se torna referência social, um exemplo de esforço e superação, um modelo para as pessoas:* “Sim, eu me sinto super bem, eu fico feliz de que muitas pessoas falam: ‘Posha, você é referência’. [...] Eu me sinto muito orgulhoso por isso, tenho um orgulho muito grande de poder representar as pessoas, de poder representar meu país, de ter sido escolhido entre milhares” (E1); “Como cidadão brasileiro e também representando um povo sofrido, que é o povo nordestino, [...] mostrando a força do brasileiro e a força do nordestino, a garra e a determinação [...], está em mostrar que não importa a sua classe social, não importa de onde você vem, se você tem alguma deficiência ou não. O que importa é a força de vontade” (E3); “[...] o pessoal vê a gente como um espelho, como exemplo de superação, como exemplo de força de vontade [...]. É o que mais me deixa feliz: admiram pela minha profissão, não pela deficiência, e quando o jogo vira, é o que mais me deixa feliz” (E5); “As pessoas se espelham em mim, me usam como modelo e buscam inspiração em mim, eu tenho que sempre dar o meu melhor e me policiar muito também para não decepcionar” (E5); “Todo esportista com uma olimpíada, com paraolimpíada, com uma medalha de ouro pensa só em esporte. [...] eu nunca pensei só neste lado, pensei no lado também do social porque, eu fazendo isso, posso inspirar outras pessoas, outras crianças a serem atletas também. Se não forem atletas, fazer alguma atividade que vai agregar na sociedade” (E6).

- *Os resultados da atividade do atleta-trabalhador ajudam a contribuir com a sociedade:* “Tipo, eu saí lá do seringal e conquistei já um monte de títulos, um monte de coisas, mas sem perder a humildade, a simplicidade, sem deixar as conquistas subirem para a cabeça, sem tentar ser melhor do que os outros. [...] Então, eu vejo essa exposição nossa como muito legal pra sociedade brasileira e, com isso, a gente consegue ajudar as pessoas. [...] tô prestando isso pro meu país e pra sociedade” (E1); “Eu consigo fazer meus trabalhos sociais, que é uma coisa que eu também tenho muita força, que eu tenho muita crença no trabalho social. Eu vim de área pobre, de comunidade, eu sei que o pouco que você faz na comunidade já faz a diferença [...]. [...] então conseguir o sucesso dentro da pista e conseguir passar esse sucesso para o mundo real, pode ter certeza de que essa é a minha intenção que vai refletir em

peessoas” (E6); “Eu falo que meu trabalho e a minha vida social se completam. Então, de uma forma bem interessante, porque onde algumas pessoas veem sacrifício, eu não vejo, eu vejo com alegria, com felicidade. E o retorno que nós damos pra sociedade é quando você... Isso acontece com tanta naturalidade que, às vezes, você não percebe” (E7); “[...] a minha história, os meus resultados podem ser uma boa reflexão pra vida daquela pessoa e, quem sabe, até é o pai ou a mãe de quem tá ouvindo aquilo pode incentivar o filho a fazer também” (E9).

• *Prazer no trabalho, identificação com a atividade, compromisso e identidade profissional*: “Quando devo preencher um cadastro, alguma coisa e eu escrevo, né, profissão, atleta paralímpico profissional, a pessoa leva susto: ‘Nossa você é atleta?’. Aí que ela vai querer descobrir o que que eu faço, se eu estive no Rio [...]. (E5); “Eu vejo como trabalho, mas para mim é um trabalho muito divertido. Meu trabalho é alegre. Quando eu me levanto, já falo: ‘Hoje vou ter treino’, então já me levanto feliz, mesmo tendo trabalho” (E11); “Eu me acho muito dedicado, muito dedicado mesmo! Se o professor [treinador] passa um tiro pra mim e, na hora que acabou o tiro, não me dá um feedback, aí eu não vou saber se eu fiz a coisa certa ou errada. Se ele não passar o feedback, eu sinto que tô fazendo um trabalho em vão e que tô decepcionando” (11); “É um ritual, faz parte do seu dia a dia fazer tudo isso pra treinar bem. [...] ficar mais concentrado no treino, pra ficar mais focado, pra fazer o treino bem-feito, pra fazer alongamento bem-feito pra não se lesionar. Porque se você começa, deixa sua bolsa lá no canto e já vai começar a corrida, é perigoso você se machucar. Eu prefiro chegar mais cedo, deixar meu corpo lá saber que eu cheguei para treinar” (E11).

• *Relação com a família, vetor de reconhecimento, de realização e sustento*: “Na minha família impacta com relação ao financeiro. Jamais imaginava poder ter, consegui dar uma casa pra minha mãe, dar uma qualidade de vida melhor pra ela, pra meus irmãos. Então, isso tudo foi justamente através do esporte” (E2); “Eu pude dar uma vida mais tranquila para os meus pais, para minha mãe, pude dar uma casa para minha mãe e tal, para o meu pai, coisas materiais” (E4); “[...] a família fica orgulhosa, as pessoas lá fora veem o quanto esse trabalho é transformador não só na minha vida, mas pode ser transformador na vida delas também” (E6); “A vida do atleta não somente se baseia em ganhar medalha e ganhar dinheiro, e, sim, ganhar reconhecimento também. ‘Esse cara me fez mudar de vida. Com a vida que ele conseguiu levar no esporte, eu consegui mudar minha vida também’. Então, hoje eu

sou um bom pai, eu sou bom marido, eu sou um bom filho graças ao esporte, graças a disciplina que vem atrelada ao esporte, graças ao aprendizado que você tem no dia a dia, é um aprendizado de vida, um aprendizado social” (E8); “Já fui de família muito humilde e hoje eu sou orgulho da minha mãe, orgulho do meu pai. Posso dar pra eles hoje o que eles não me davam quando eu era criança. Então, isso já é o suficiente, foi algo que o esporte me deu. [...] Meu pai hoje chora quando me viu no pódio, ele chora até hoje ainda” (E11).

f) Bem-estar e mal-estar no contexto esporte como trabalho.

Resume-se, aqui, uma singularidade de sentimentos de bem-estar evocados nas falas dos entrevistados, destacados pelo grau de importância de sentimentos de prazer no trabalho, sentido de referência e inspiração, inclusão social e utilidade social, sentimento de orgulho nacional pelos resultados alcançados no esporte e reconhecimento familiar. O Quadro 10 apresenta as temáticas relativas à importância do esporte como trabalho perante a sociedade e a família pela ótica dos entrevistados, resumindo os sentimentos destacados em cada temática.

Quadro 10 – Sentimentos mais expressos nas entrevistas com os atletas paralímpicos

Temáticas	Sentimentos percebidos	Importância
<i>Sentido do esporte como trabalho</i>	Felicidade e alegria	Alto
	Sentimento de superação	Muito alto
	Sentimento de referência	Muito alto
	Sentimento de inspiração	Muito alto
	Sentimento de utilidade social	Muito alto
	Sentimento de inclusão	Muito alto
	Reconhecimento social	Médio
	Sentimento de integração social	Alto
	Sentimento de cidadania	Muito alto
	Sentimento de orgulho nacional	Muito alto
	Produtividade social	Alto
<i>Importância institucional, pessoal, profissional e social</i>	Sentimento de coragem	Muito alto
	Significado pessoal	Muito bom
	Significado profissional	Bom
<i>Vida social</i>	Significado social	Bom
	Relação trabalho-família	Muito boa
	Relação trabalho-amigos	Média
	Relação trabalho-lazer	Média

Fonte: elaborado pela autora (2021).

Já as situações de mal-estar ficaram evidenciadas destacando-se a questão da saúde. Todos, em geral, expressaram que esporte de alto-rendimento não é

sinônimo de saúde e, ao contrário, significa dor e sofrimento porque implica levar o corpo a extrapolar limites. Os atletas possuem um alto custo humano com seu corpo, já que levam ao limite as exigências físicas, cognitivas e afetivas. Durante a vida ativa dos atletas, essas dores e lesões são atendidas, medicadas e sobrepostas. Porém, sequelas destas lesões, na maioria das vezes, reaparecem como constantes com a idade e se torna difícil o tratamento. Outra situação evocada como geradora de mal-estar está relacionada ao fato de terem que ficar longe das suas famílias durante longos períodos. Situação parecida relataram ao falarem sobre a dedicação exclusiva para preservar o descanso do corpo e até na hora do lazer, limitando momentos de socialização com amigos.

Situações geradoras de mal-estar e estresse manifestadas pela injustiça estão relacionados à mudança ou alteração em processos de reclassificação nas características das provas feitos pelo Comitê Paralímpico Internacional. Esta situação obriga o paratleta a mudar de classe e se acomodar às exigências da nova classe, que, na maioria das vezes, aumenta o grau de dificuldade para obtenção de novos índices.

Os fatores de relacionamento socioprofissional também se evidenciaram como geradores de mal-estar. Por vezes, o mal-estar recai sobre o relacionamento dos paratletas com deficiência visual com seus guias; entende-se que este relacionamento tem que ser sincronizado, o que não sempre acontece e acaba gerando situações de desconforto. Em outros momentos, a vontade de querer ser melhor leva para situações de individualismo por parte de alguns paratletas, o que também afeta nas relações interpessoais. Mostras de melhor performance de paratletas que treinam no Centro de Treinamento para com os que treinam em outros lugares não contribuem para a unidade e trabalho em equipe no momento de representar o país em grandes eventos. Por outro lado, os paratletas ainda revelaram algumas situações de desconforto relacionadas à falta de reconhecimento por parte das mídias de comunicação, o que implica em menor exposição ao público espectador e a possíveis patrocínios.

Não passou despercebido como um fator gerador de mal-estar por parte de alguns entrevistados a cobrança e controle por parte do Comitê Paralímpico Brasileiro. Lembrando que apesar de o órgão se apresentar como uma organização de excelência com programa de alto-rendimento, ao final os logros de medalhas, quebra de recordes e posicionamento final da equipe nacional em eventos de envergadura

como Campeonatos Mundiais e Paralímpicos se torna uma arma política de exposição dos gestores da instituição.

Apesar das situações de mal-estar relatadas, os sentimentos evidenciados pelos paratletas sobre situações geradoras de bem-estar na sua atividade esportiva se apresentam em maior número. É nitidamente reconhecida a significação do esporte na vida pessoal e na condição da deficiência assim como a nova identidade de trabalhador “de elite” e os reconhecimentos financeiros adquiridos nessa prática esportiva. Entretanto, quando os paratletas se consideram como produtores de recordes e quebra de limites, naturalizam a concepção taylorista do trabalho humano, situação que os assimila à atividade de trabalho na sociedade industrial.

6.2.4 Categoria 4 – “Impactos da pandemia da COVID-19 e adiamento dos Jogos Paralímpicos de Tóquio”

Esta categoria apresenta os relatos que abordam a forma como os atletas administraram a situação do adiamento da realização dos Jogos Paralímpicos de Tóquio 2020 devido à pandemia de COVID-19, assim como as implicações sobre as estratégias de adaptação da rotina de treinamentos. As manifestações foram sequenciadas nos tópicos dos sentimentos gerados, dos treinamentos adaptados no isolamento social e dos investimentos para treinamentos.

É relevante salientar que o presente estudo foi concebido para ser conduzido no contexto específico do ano olímpico. Quando a pesquisa foi iniciada, entre janeiro e metade de março de 2020, os treinos específicos visando competições já programadas estavam acontecendo de modo corriqueiro. Em 11 de março, a Organização Mundial da Saúde decretou situação de pandemia da COVID-19 e a necessidade do isolamento social para deter o contágio. Então, organização do Comitê Olímpico Internacional teve que rever as datas do evento: em 24 de março, após pressões dos comitês olímpicos de vários países, que já haviam vetado a participação de seus atletas, é decretado o adiamento dos Jogos Olímpicos e Paralímpicos de Tóquio 2020 (VECCHIOLI, 2020, on-line). Portanto, devido à pandemia da COVID-19, o ano deixou de ser olímpico, os países suspenderam as competições e os locais de treinamento oficiais foram fechados, impactando na rotina de trabalho dos atletas e na sua qualidade de vida (RUBIO, 2020).

Os atletas das modalidades olímpicas e paralímpicas seguem processos e procedimentos pautados pelos ciclos de realizações esportivas nas diversas

organizações do desporto a nível global (como olimpíadas, mundiais, panamericanos, sul-americanos e as várias competições nacionais). Ao terminar uma olimpíada, a próxima se inicia imediatamente. Esse processo é chamado de ciclo olímpico: serão mais dias de trabalho e planeamento, macrociclos e microciclos de treinamentos, a fim de os atletas se apresentarem em competições e buscarem os resultados que para compor a delegação que participará dos eventos (OLIMPÍADA, 2020).

A vida do paratleta em ano olímpico é muito diferente dos outros anos: em anos olímpicos, todos os esforços do atleta se intensificam. Por esta razão, faz-se necessário dar voz ao atleta para ter oportunidade de relatar este momento. Os paratletas participantes manifestaram suas posições, sentimentos, ações, o modo como enfrentaram a mudança do ciclo olímpico.

a) Sentimentos gerados pelo adiamento dos Jogos Paralímpicos

Partindo desse contexto, esta subcategoria apresenta uma compilação de depoimentos que trouxeram os sentimentos provenientes do adiamento dos Jogos Paralímpicos, que passam pela aceitação, revolta, insegurança, medo, desinformação, preocupação financeira e adaptação, a espera por um novo calendário e o isolamento. Para alguns paratletas, o impacto foi negativo e, para outros, o impacto veio até a ajudar, transformando-se em um ciclo olímpico com mais tempo.

A incerteza foi o sentimento expresso em consonância. Os paratletas refletiram sobre os períodos de treinamento, os desgastes nas últimas competições enfrentadas, os índices conquistados e a conquistar, a incerteza da preparação específica para a paraolimpíada, como farão a preparação durante a pandemia, a falta de calendário de competições, a situação dos principais adversários e a pandemia em seus países de origem, como serão os protocolos no Japão. A seguir, falas ilustrativas dos sentimentos provenientes da paralisação dos treinamentos e da incerteza a respeito da retomada dos treinamentos. Relata-se dúvida, ansiedade, preocupação:

Então, essa mudança impactou bastante numa incerteza muito grande. Sim, insegurança, dúvida do que realmente vai acontecer. Hoje a gente treina na dúvida: “Será que vai ter? Será que não vai ter? Será que vale a pena eu me dedicar tanto ao treino?”.

A gente perde sono. Porque tem todo um processo do treino: a gente treina, chega no pico e desacelera. Quando a gente tá treinando para chegar no pico e, de uma hora para outra, é cortado, porque fomos proibidos de treinar de uma hora pra outra, a gente se viu trancado

entre quatro paredes, não podia sair e foi acumulando as coisas. Ansiedade, insônia, quebrando a rotina. (E1).

Bem no início da pandemia, em que a gente não tinha certeza de que seria adiado ou seria cancelado, acabou confundindo um pouco a minha cabeça, me deixou com muita interrogação, me deixou nervoso, me deixou ansioso, porque, como tudo tava fechando, então a gente não teria mais o local para treinar, porque tudo fechou, íamos correr um risco de saúde ou uma coisa pior. Então, a gente teria que sair da nossa rotina, da nossa área de trabalho pra ficar em isolamento. Então, isso me criou muita dúvida, interrogação, ansiedade, nervosismo

Mas ficou ainda uma outra interrogação que me prejudicou: a mente, “E aí? Foi adiado, mas não tem data, vai ser no próximo ano. Quando que a gente volta a treinar? Como a gente vai treinar em casa?”. (E3).

Foi bem difícil. Porque você já pega um ano fantástico, você acaba ganhando o mundial no ano pré-paraolímpico, já tinha o índice. Você fala que vai entrar o ano treinando e chegar na Paraolimpíada embalado. De repente, você escuta o governo avisar que as paraolimpíadas foram canceladas, que o comércio tinha que fechar. Você tava num êxtase querendo chegar na competição e bombar de novo, e, do nada, e você esfria totalmente. Essa questão da ansiedade aumentada pelo fato de estar tanto tempo dentro de casa, aí você come mais e fica fora do peso. (E6).

Eu comecei a ter um pensamento totalmente voltado a como vai ser, um sentimento de insegurança tremendo, um sentimento de medo, de incerteza, eu não sabia se eu iria pra Tóquio, se, naquele período de pandemia, poderia me colocar entre os melhores do mundo. Então, tem um sentimento de incerteza em relação a tudo, até mesmo na vida financeira, porque nós temos que estar sempre entre os melhores pra poder receber os melhores salários do mundo. (E9).

No início, foi um pouco chocante porque a gente não sabia o que fazer. A gente tava num apartamento pequeno aqui em São Paulo e a gente ficou meio perdido. [...] Então, a gente ficou muito assustado. (E10).

Outro sentimento expresso foi o desânimo devido às paralisações dos treinos. Os atletas necessitam continuamente de treinos para poder garantir vagas nas competições nacionais e internacionais. Sem os treinos, os atletas não conseguem os índices para classificação; sem a classificação, os atletas não competem e podem perder sua remuneração, além do desânimo que prossegue. Continuamente devem ratificar que ainda são donos das melhores marcas. Como expressa o Entrevistado 2, houve uma quebra na intensidade de seus treinos, ocasionando desânimo e incerteza quanto ao futuro. Salieta-se sua preocupação com os atletas de outros países, que já tinham voltado aos treinos normais pouco tempo após o início da pandemia, sendo que, na realidade brasileira, a normalidade dos treinos demorou para acontecer.

O impacto mesmo foi na questão dos jogos [...]. Eu vinha de temporadas bem pesadas de treino, [...] eu vinha no meu melhor, 2020 foi o meu melhor índice de temporadas, disparado que a gente tava, tava vindo de uma excelente preparação até os Jogos, a gente vai chegar lá para brigar pelo ouro; então, quando veio, uma semana depois do regional veio a notícia do corona [vírus] e isso aí deu uma abalada na gente.

[...] e agora vai ter que começar praticamente do zero, até chegar à performance que a gente tava quando parou.

[...] a única diferença que eu vejo com relação ao Brasil [...], eles já voltaram a treinar e eu tô começando agora; então, eles já voltaram faz um bom tempo. [...] por mais que seja campeão, que seja recordista mundial, se a gente estiver parado e eles treinando, com certeza eles vão levar vantagem. E no esporte de alto rendimento, quem convive, quem sabe como é a realidade, sabe que isso é influencia muito, pode ser esse descanso para mim e que seja até bom como falou meu treinador, melhor se eu tivesse treinando; isso a gente só vai saber quando voltar competições, como vai ser a *questão de resultados, de marcas*, aí a gente vai ter um parâmetro. (E2).

Apesar dos sentimentos negativos que surgiram, alguns atletas perceberam o momento como um impacto positivo: por um lado, sendo propício para reflexão (redirecionar as prioridades) e, por outro, em meio a um problema de saúde pública mundial, estipular a centralidade do cuidado com a própria saúde e a dos familiares (instinto de sobrevivência).

[...] eu me senti muito em paz quando os jogos foram adiados. Sim, pra mim foi um impacto positivo, muito positivo; não foi negativo de forma nenhuma; lógico que teve algumas coisas negativas; falta de competição [...]. Aí fui supertranquila; aí, eu consegui botar a cabeça no lugar e falar: “Então, agora é manter o meu condicionamento físico da melhor maneira que eu puder, mas colocando em primeiro lugar na minha saúde”. (E5).

Então, acredito que o adiamento dessa Paraolimpíada, por mais que causa tristeza, foi a coisa mais acertada. Não tinha como ser diferente, porque é uma aglomeração muito grande de pessoas. Temos que ter um mínimo de segurança conosco, com os familiares nossos e com os familiares dos nossos amigos, dos nossos adversários. Eu acho que foi uma atitude muito acertada do Comitê Paralímpico Internacional em adiar esses jogos pro futuro para poder fazer com que ele aconteça com uma segurança melhor. [...] O primeiro instinto foi de sobrevivência, no segundo momento, vamos ver como vamos fazer pra desenvolver, mudar toda estrutura de trabalho. (E7).

Esse adiantamento me pegou de surpresa, porque eu estava me preparando pra ela [a Paraolimpíada]. Mas foi até bom. Bom porque nós tava vindo do mundial já, nós tava vindo do mundial muito forte. “Aproveita esse momento pra você ficar mais forte. Se você tiver com

dor, sarar o corpo pra na hora que voltar os treinos novamente, voltar 100% e começar um novo ciclo que não vai ser de 4 anos, mas vai ser de cinco anos de preparação”. (E11).

b) Adaptação dos treinamentos, aquisição de materiais e decisão de ficar em casa ou voltar para seus familiares

Após a paralisação dos treinos, os atletas conduziram diferentes estratégias para continuar treinando e, assim, evitar uma situação de destreinamento total. O Guia para prática de esportes olímpicos no cenário da Covid-19 (os documentos que compõem o Guia podem ser encontrados em <https://www.cob.org.br/pt/cob/home/guia-esporte-covid>) do Comitê Olímpico do Brasil falam dos impactos e riscos de lesões quando da retomada dos treinamentos, assim como os desafios em fornecer estímulos específicos para a prática do esporte. Após o período de destreinamento do isolamento social, os atletas poderiam estar mais suscetíveis a lesões.

Por um lado, encontram-se falas comuns relatando o suporte recebido do Comitê Paralímpico Brasileiro e o acompanhamento psicológico durante o fechamento dos centros de treinamentos. No depoimento a seguir, destaca-se o acompanhamento com psicóloga, que tem ajudado o paratleta: “Temos acompanhamento da psicóloga. Eu fico sempre uma vez na semana. Agora na pandemia, a gente tá fazendo a cada 15 dias, mas antigamente, próximo do mundial, a gente fazia sempre” (E11). Outro atleta apontou o apoio da instituição e dos patrocinadores: “Nós tivemos o apoio primeiro dos patrocinadores e do Comitê. A ordem primeira era: ‘Fique em casa, se proteja e proteja os seus’ ” (E7). O seguinte atleta aponta o suporte que tem recebido do Comitê Paralímpico Brasileiro:

Eles [o Comitê Paralímpico Brasileiro] decidiram fazer isso [a aplicação de um questionário on-line de acompanhamento] porque nós tínhamos já esse questionário fisicamente. Perguntam sobre os treinos e a parte psicológica. Eles fazem desde sempre em testes e tem esse questionário, só que agora é online. E daí, mediante a pandemia, não tem como ter a presença física, aí tem essa presença online, pros atletas responderem o questionário. [...]
Temos também reuniões online. O CPB [Comitê Paralímpico Brasileiro] deu todo o suporte pra gente, pra poder buscar, perguntar, falar como ia ser, porque tava tudo na incerteza. A gente não sabia quando iria voltar, quando não ia, se ia acontecer os jogos, se não iria. Então, tudo era incerteza que nos deixava apreensivos. (E8).

Por outro lado, a adaptação às rotinas de treinos em confinamento domiciliar, levando os atletas a decidirem entre ficar nas grandes cidades em que treinam ou voltar para suas famílias em suas cidades de origem. O treinamento no próprio domicílio dos atletas trouxe dificuldades:

- *Os contratempos das formulações das adaptações por parte dos treinadores, os treinamentos se restringirem a pontos não essenciais para cobrir a preparação para as competições e a implementação no novo espaço:* “Hoje já foi mudado o trabalho de todo mundo, repercutiu para todo mundo do meu treinador, da minha equipe multidisciplinar, para criar um trabalho pra eu não perder o meu condicionamento físico. Quando eles conseguiram criar isso, comecei a treinar em casa, treinei mais o condicionamento, tudo beleza” (E3); “Eu consegui treinar adaptado em casa, reduzindo muitas coisas, fazendo mais um treino funcional, um treino físico pra manter o condicionamento físico, trabalho de core, abdominal. Na questão da corrida, como eu não tinha espaço maior e não podia sair de casa, acabei me adaptando, sem ser na esteira, com elástico, amarrado em uma pilastra e segurado na minha cintura, que me fizesse simular uma corrida, mesmo sem sair do local, e trabalhar na mesma cadeia muscular que eu iria trabalhar durante uma corrida. Então, foram várias adaptações que a gente fez. Depois teve dias em que podia treinar tiros de velocidade na praia a noitinha” (E3); “Aí você fica dentro de casa, faz um treinamento adaptado, você aluga uma esteira, alugam equipamento, coloca dentro da sua casa. Você vai conseguir treinar? Não, mas você vai conseguir fazer uma atividade física, você vai manter o seu corpo em atividade que você nunca na sua vida ficou tanto tempo sem fazer” (E7); “[...] o professor fez uma planilha diferenciada, me colocou pra fazer algumas atividades dentro de casa; ele passou o treinamento pra mim e eu ia desempenhando, pois temos uma sequência de trabalho, ele deu as normas, pediu o que ele queria que fosse executado e eu tava executando o treinamento conforme ele solicitou via planilha” (E7) “Os treinos eu recebia pela mensagem do WhatsApp e eu podia fazer, sem nenhuma pessoa me auxiliando. Reduziu bastante, mas eu consegui fazer” (E11).

- *A falta de motivação para treinar continuamente em casa:* “O professor passou uma rotina de treinos para eu fazer aqui dentro de casa [...]. [...] Eu procurava treinar todos os dias. Tinha dia que não tinha jeito, tinha que a preguiça batia e não treinava” (E1); “[...] ficou ainda uma outra interrogação que me prejudicou: a mente, não só minha, mas de outros atletas. Como a gente vai treinar em casa? Como é que

um velocista vai dar tiro numa de 100m ou 150m? Não dá” (E3); “Uma outra coisa que acha que prejudicou muito a cabeça do atleta, já teve momentos de eu chegar em alguns treinos em casa e tirar o pé: ‘Ah, hoje eu vou treinar, mas não vou treinar forte, vou treinar fraco’, porque estava sem objetivo nenhum, competição nenhuma pela frente. O atleta sempre treina com o objetivo” (E3).

- *A adaptação dos treinos exigiria a compra de materiais: ainda que essa compra seja percebida como investimento, é uma despesa que o atleta não previa originalmente e que retirou de sua própria remuneração:* “Nesta pandemia, eu mesmo tive que comprar material para ficar treinando em casa, comprei banco de supino, comprei barra, trouxe outros materiais. [...] a gente não podia ficar esse tempo todo em casa parado, então tinha que ver uma forma de treinar” (E2); “Aí você fica meses dentro de casa, sem recursos, os meus guias longe, eu não sabia como eu ia correr ou fazer as coisas. Tive a sorte porque ganhei uma esteira, ela chega só até 16 km/h, mas foi ela que me ajudou e me sustentou durante toda essa pandemia. Cheguei a rodar 29km nessa esteira, a fazer volumes grandes nela para não perder foco. Fizemos grande investimento nisso para conseguir comprar equipamentos de força ativa, o tempo todos os profissionais com a gente” (E6); “[...] impactou na vida financeira, eu tive que gastar mais, eu tive que gastar mais com nutricionista, com suplementos, com viagens, com a volta pro Rio. Porque em São Paulo ficou muito restrito e a gente não podia executar o mínimo do treino que era colocado pra que fizéssemos dentro de casa [...]” (E8); “Então, todo dia nesse período de pandemia, a gente foi pra Rondônia, porque lá a gente tem um espaço maior, [...] e posso dizer que melhorou a qualidade de vida. Porque lá a gente tem uma chácara, a gente construiu uma minipista de terra e todos os dias a gente treinava de manhã e à tarde, eu e meu irmão. Mas, pra construir a pista, a gente teve que desembolsar” (E10).

- *A preocupação dos atletas brasileiros perante os atletas europeus, que logo voltaram a competir, enquanto os treinos e competições no Brasil ainda não haviam se reestabelecidos:* “[...] quando a pandemia deu uma afastada na Europa, os atletas europeus começaram a treinar, começar a entrar em competição e a gente aqui no Brasil treinando em casa ainda” (E3).

- *Desenvolvimento de lesão:* “Não foi fácil manter a qualidade de trabalho nessa pandemia. Eu tentei ir para Maresias na casa de um amigo para treinar. O meu guia passou comigo no terreno irregular, torci o pé, rompi dois ligamentos, acabei ficando um mês sem treinar. Eu poderia ter ficado em casa sem fazer nada estando

machucado. Como eu estava lesionado e minha irmã tinha uma bike de academia, então fiquei pedalando o tempo todo até a recuperação atingir 100%. Tinha cama elástica, fiz fortalecimento” (E6).

Tendo em conta a particularidade do contexto em que se realizou a pesquisa, acredita-se que foram permeadas as implicações do adiamento dos Jogos Paralímpicos e, conseqüentemente, a forma como o paratleta administrou esse período de isolamento e readaptação à sua vida esportiva. O estudo permitiu dar oportunidade para o paratleta relatar esses momentos evidenciando as implicações na sua qualidade de vida no trabalho à luz desses fatos.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa teve por objetivo geral compreender o que é qualidade de vida no trabalho-esporte de atletas paralímpicos brasileiros da modalidade de atletismo, que estão em preparação para a próxima edição dos Jogos Paralímpicos, e quais os principais fatores que resultam em vivências de bem-estar e mal-estar. A partir de roteiro semiestruturado, a pesquisa identificou quatro categorias, que contribuíram para responder ao objetivo proposto: 1) Uma jornada de superação: o lugar da deficiência e do esporte na vida do atleta paralímpico; 2) Esporte como trabalho: uma relação desvendada; 3) Dimensões da qualidade de vida no trabalho; e 4) A pandemia da COVID-19 e o adiamento dos Jogos Paralímpicos de Tóquio.

As análises das entrevistas acerca do esporte como trabalho dos paratletas revelaram uma jornada de dupla superação, que passa primeiro pela superação das dificuldades relativas às limitações da deficiência que lhes impuseram dificuldades de diversas naturezas: limitações de locação, liberdade de ação, preconceitos sofridos, a falta de inclusão social e de oportunidades de desenvolvimento de uma vida profissional e que depois por meio das oportunidades oferecidas pelo esporte e pela chegada ao esporte paralímpico, reconhecido como possuindo um papel transformador e uma oportunidade de aquisição de uma nova identidade. As conquistas de medalhas e pódios internacionais são reconhecidos como o ápice desta jornada de superação dos limites.

Esse trabalho também identificou a constituição da atividade de trabalho desse grupo, a “profissão atleta”: o rendimento, a competitividade e o estabelecimento de metas são elementos pertencentes ao trabalho próprio da sociedade industrial; o gerencialismo e o disciplinamento constituem valores próprios de uma organização capitalista; a mecanização do esporte com atividades repetitivas compõe o cotidiano do esporte de alto-rendimento; o planejamento e os ciclos de treinamento são compreendidos como partes de um processo de produção; há uma estreita vinculação entre performance versus remuneração. Ademais, foram resgatadas expressões que caracterizaram os significados atribuídos ao esporte como trabalho pelos paratletas. Sustentou-se, com isso, a centralidade do esporte como trabalho em suas vidas, que contribuiu para redesenhá-las e reescrever uma história de sucesso misturada com dor e sacrifício. Sentimentos de liberdade e de autonomia foram relacionados com a atividade esportiva, pois, por meio dela, os paratletas decidiram encarar suas vidas

com normalidade, desenvolvendo-as de forma ativa e superando as limitações da deficiência. As conquistas e realizações alcançadas por meio do esporte deram um novo sentido à incapacidade, permitindo uma identificação profissional.

Foram identificados os eixos constitutivos da qualidade de vida no trabalho. No eixo da condição de trabalho, percebeu-se que o ajustamento das condições de trabalho nos Centros de Treinamentos foi apontado como um fator que está estreitamente relacionado com a vivência de qualidade de vida no trabalho e que influencia no desempenho dos esportistas. A condição de excelência dessas instalações foi reconhecida pelo grupo de paratletas, porém apontou-se para a preocupação de ser esta uma estrutura para poucos, concentrada em São Paulo e para usufruto de um reduzido grupo de elite, em detrimento de muitos outros talentos de regiões distantes. No eixo da organização do trabalho, foram caracterizados elementos da gestão como a divisão do trabalho, a hierarquia, o trabalho prescrito (jornadas de treinos, pausas e descansos, tarefas e prazos), desempenho e performance, remuneração. No eixo das relações socioprofissionais de trabalho, as vivências de qualidade de vida no trabalho passam pela vivência de relações profissionais saudáveis, assim como pela comunicação clara e objetiva, ainda que com desencontros entre grupos (como entre os que treinam dentro e fora de São Paulo, e entre os deficientes visuais e seus guias). No eixo do reconhecimento e crescimento profissional, apontou-se para sentimentos de satisfação e, simultaneamente, situações de descontentamento. No eixo do elo trabalho-vida social, apresentou-se o trabalho como fonte de prazer, a valorização do tempo dispendido na atividade, o sentimento de utilidade social, de integração na sociedade e de cidadania. O esporte como trabalho traz um sentido de realização e de utilidade para os paratletas.

A presente pesquisa foi realizada no ano em que se iniciou a pandemia da COVID-19, acarretando o adiamento dos Jogos Paralímpicos, que ocorreriam em 2020 e foram reagendados em 2021. Como última categorização, este estudo buscou compreender as consequências desse adiamento para a vida pessoal e profissional dos paratletas. Foram explicitados os sentimentos provenientes do adiamento dos Jogos Paralímpicos, como aceitação, revolta, insegurança, medo, desinformação, preocupação financeira e adaptação, assim como a espera por um novo calendário e o isolamento social. Para alguns paratletas, o impacto foi negativo e, para outros, o impacto veio como uma contribuição positiva, transformando-se em um ciclo olímpico

com mais tempo. Os paratletas refletiram sobre os períodos de treinamento, os desgastes nas últimas competições enfrentadas, os índices conquistados e a conquistar, a incerteza da preparação específica para a paraolimpíada. Identificou-se o aparecimento de lesões e problemas de saúde mental pela ausência das atividades competitivas, assim como pela indefinição do calendário competitivo. Por fim, evocou-se a adaptação dos treinamentos pelos treinadores para serem executados no isolamento social e a readequação dos espaços de treino, que implicou no retorno ao local de moradia das famílias, em investimentos com material e aparelhos de treino.

7.1 Contribuições da pesquisa

O presente estudo trouxe avanços metodológicos e teóricos. Como contribuição metodológica, esta pesquisa desenvolveu um roteiro semiestruturado na pesquisa qualitativa a partir das perguntas qualitativas presentes no questionário Ergonomia da Atividade Aplicada à Qualidade de Vida no Trabalho. Esse questionário, em sua parte qualitativa, é composto por apenas quatro perguntas qualitativas amplas. Na presente pesquisa, foram adicionadas perguntas referentes aos cinco eixos estruturantes de ergonomia da atividade para a qualidade de vida no trabalho, o que colaborou no processo de identificação de categorias e possibilitou uma exploração mais aprofundada do fenômeno a partir do olhar dos participantes da pesquisa. A realização de uma pesquisa qualitativa utilizando-se a abordagem da ergonomia da atividade para promoção da qualidade de vida no trabalho é considerada outra contribuição metodológica, uma vez que a grande maioria dos estudos do ErgoPublic adotaram uma abordagem quantitativa.

Acredita-se que o estudo contribua para um avanço teórico acerca do esporte como trabalho, no intuito de caracterizar a atividade esportiva como atividade de trabalho e, ao mesmo tempo, contribuir para a identificação dos fatores da ergonomia da atividade para promoção da qualidade de vida e de situações de bem-estar neste contexto de trabalho. Outra contribuição teórica está relacionada com a proposta de enquadrar o trabalho do atleta em geral a partir das três dimensões da ergonomia da atividade: a atividade de trabalho, as condições de trabalho e o resultado da atividade.

7.2 Recomendações

Recomenda-se ao Comitê Paralímpico Brasileiro aumentar o leque de parcerias institucionais com prefeituras, clubes regionais ou outras organizações locais, a fim de se viabilizar a participação de atletas iniciantes de diversas regiões do território brasileiro em competições. Dessa forma, as despesas com viagens em campeonatos nacionais não seriam subsidiadas pelos próprios paratletas iniciantes, uma vez que é nesse primeiro nível que o paratleta precisa se mostrar competitivo para melhorar suas marcas e, geralmente, não dispõe de recursos financeiros suficientes para viajar e acompanhar os campeonatos.

O reconhecimento se mostrou um fator muito relevante para os paratletas. Nesse sentido, faz-se um apelo para que o Comitê Paralímpico Brasileiro reveja um programa de reconhecimento junto aos órgãos competentes, tanto para os que estão na ativa quanto para os aposentados. Quanto a estes últimos, os que obtiveram medalhas paralímpicas poderiam ser contemplados com o programa “Heróis Olímpicos”, no mesmo formato que existe no atletismo convencional. Além disso, faz-se importante a promoção, junto às Secretarias do Esporte nas esferas dos governos locais e às mídias de comunicação local, de ações de reconhecimento para os paratletas que representam seus estados e municípios. Dessa forma, ademais da promoção do reconhecimento, os paratletas podem se tornar referências de superação.

Os atletas vivem em constante pressão para alcançarem resultados nas atividades cotidianas e, mais ainda, nas grandes competições. Por isso, as falas dos participantes apontaram a necessidade de ampliar a disponibilidade de profissionais para acompanhamento de apoio psicológico para os paratletas durante as várias facetas da carreira: no início, durante o período competitivo e ao final da carreira. Além disso, conduzir a ampliação do programa de pós-carreira, para que o paratleta tenha vínculos e parcerias com escolas técnicas e faculdades, podendo estudar e escolher uma profissão para após o esporte.

Aproveitar a atual tendência de inclusão e diversidade nas empresas para promover não só palestras motivacionais, mas um efetivo vínculo institucional que insira o atleta paralímpico no mercado de trabalho como continuação de vida profissional ao término da sua carreira atlética.

Melhorar as condições de infraestrutura de pistas, academias e espaços de reabilitação em regiões retiradas dos grandes centros, uma vez que a procedência da

maioria dos participantes deste estudo é de regiões afastadas, que podem se converter em um celeiro de talentos.

7.3 Limites da pesquisa

A impossibilidade do acesso à Diretoria Executiva e à Academia Paralímpica Brasileira do Comitê Paralímpico Brasileiro para a realização desta pesquisa não permitiu a inclusão da visão institucional e as considerações sobre a gestão do trabalho. De fato, a posição do órgão mencionado se mostrou uma tendência pouco inclusiva.

Uma segunda limitação se refere ao curto espaço de tempo disponível para a condução da pesquisa e análises. Isso acarretou o foco exclusivo aos paratletas, excluindo-se outros públicos como o pessoal de apoio institucional, os familiares e os patrocinadores, no intuito de se conhecer a percepção desses públicos com respeito à qualidade de vida no trabalho do atleta.

A literatura acerca da gestão social e esporte como trabalho ainda se mostra escassa, sendo que predominantemente foram encontrados estudos referentes ao treinamento esportivo, à fisiologia do exercício, ao marketing esportivo, à psicologia do esporte, à legislação, às normativas, a gestão esportiva pela lente de gestão do resultado e o *compliance*. Temas sociais, estão sendo objeto de novos estudos pelo grupo de Estudos Olímpicos da USP.

7.4 Agenda de pesquisa

Para pesquisas futuras, sugere-se um estudo com paratletas de outras modalidades e/ou com atletas olímpicos, a fim de se obter um retrato amplo sobre o esporte como trabalho e a qualidade de vida nesta atividade. O recorte com paratletas do atletismo permitiu uma visão inicial nessas temáticas, mas um maior aprofundamento se mostra necessário. Além disso, a inclusão de públicos diferenciados que prestam suporte administrativo, médico e técnico aos paratletas poderia permitir uma apreensão mais completa. Após a coleta ampla de informações (com os paratletas, os atletas convencionais e os profissionais de suporte), um estudo sintetizando as diferentes compreensões pode ser desenvolvido, com a elaboração de uma teorização do conceito esporte como trabalho, resgatando evidências que sustentam esta argumentação.

Pesquisa sobre o tema de Qualidade de Vida no esporte como trabalho de atletas sobre as lentes das outras abordagens para QVT, particularmente as relacionadas aos fatores biopsicosocial e organizacional (BPSO) e das Representações Sociais.

REFERÊNCIAS

ABRAHÃO, J. I.; PINHO, D. L. M. As transformações do trabalho e desafios teórico-metodológicos da ergonomia. **Estudos de Psicologia**, v. 7, n. especial, p. 45-52, 2002.

ALMEIDA, C. P.; FERREIRA, C.; GUIMARÃES, M. C. Ergonomia da atividade: uma alternativa teórico-metodológica no campo da psicologia aplicada aos contextos de trabalho. *In*: BORGES, L. O; MOURÃO, L. (org.). **O trabalho e as organizações: atuações a partir da psicologia**. Porto Alegre: Artmed, 2013. p. 558-578.

AMIRALIAN, M. L. T. *et al.* Conceituando deficiência. **Revista de Saúde Pública**, v. 34, n. 1, p. 97-103, 2000.

APF. COI anuncia o adiamento dos Jogos Olímpicos de Tóquio-2020. **Uol**, 24 mar. 2020, 12:56. Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/ultimas-noticias/afp/2020/03/24/coi-anuncia-o-adiamento-dos-jogos-olimpicos-de-toquio-2020.htm>. Acesso em: 24 abr. 2020.

ARAÚJO, P. F. **Desporto adaptado no Brasil: origem, institucionalização e atualidade**. Brasília: Ministério da Educação e do Desporto/INDESP, 1998.

ARAÚJO, P. F. **Desporto adaptado no Brasil**. São Paulo: Phorte, 2011.

ATHAYDE, M. R. S.; SOUZA, P. C. Z. Por uma ergopsicologia: uma caixa de ferramentas e pistas. *In*: TAVEIRA, I.; LIMONGI-FRANÇA, A. C.; FERREIRA, M. C. (org.). **Qualidade de vida no trabalho: estudos e metodologias brasileiras**. Curitiba: CRV, 2015. p. 263-276.

AZEVEDO, P. H.; BARROS, J. F. O nível de participação do Estado na gestão do Esporte brasileiro como fator de inclusão social de pessoas portadoras de deficiência. **Revista Brasileira Ciência e Movimento**, v. 12, n. 1, p. 77-84, 2004.

AZEVEDO, M. A. O.; GOMES FILHO, A. Competitividade e inclusão social por meio do esporte. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 33, n. 3, p. 589-603, 2011.

BARBANTI, V. O que é esporte? **Revista Brasileira de Atividade Física & Saúde**, v. 11, n. 1, p. 54-58, 2006.

BARROZO, A. F., HARA, A. C. P., VIANNA, D. C., OLIVEIRA, J.; KHOURY, L. P., SILVA, P. L.; SAETA, B. R. P.; MAZZOTTA, M. J. S. Acessibilidade ao esporte, cultura e lazer para pessoas com deficiência. **Cadernos de Pós-Graduação em Distúrbios de Desenvolvimento**, v. 12, n. 2, p. 16-28, 2012.

BOURQUE, L. B. Cross-sectional design. *In*: LEWIS-BECK, M.; BRYMAN, A. E.; LIAO, T. F. **The SAGE encyclopedia of social science research methods**. Thousand Oaks: SAGE, 2003. p. 229-230.

BRACHT, V. **Sociologia crítica do esporte**: uma introdução. 3. ed. Ijuí: Unijuí, 2005.

BRASIL. [Lei Agnelo/Piva]. Lei nº 10.264, de 16 de julho de 2001. Acrescenta inciso e parágrafos ao art. 56 da Lei no 9.615, de 24 de março de 1998, que institui normas gerais sobre desporto. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, eletrônico, p. 1, 17 jul. 2001. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/leis_2001/l10264.htm. Acesso em: 06 jul. 2020.

BRASIL. Decreto nº 6.949, de 25 de agosto de 2009. Promulga a Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e seu Protocolo Facultativo, assinados em Nova York, em 30 de março de 2007. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, eletrônico, p. 3, 26 ago. 2009. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/decreto/d6949.htm. Acesso em: 06 jul. 2020.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília: Presidência da República, 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 06 jul. 2020.

BRUMER, A.; PAVEI, K.; MOCELIN, D. G. Saindo da “escuridão”: perspectivas da inclusão social, econômica, cultural e política dos portadores de deficiência visual em Porto Alegre. **Sociologias**, v. 6, n. 11, p. 300-327, 2004.

CAGIGAL, J. M.; LÓPEZ-IBOR, J. J. **Deporte, pedagogia y humanismo**. Madrid: Ramos Artes Gráficas, 1966.

CAMPEÃO, M. D. S. **O esporte paraolímpico como instrumento para moralidade das práticas de saúde pública envolvendo pessoas com deficiência**: uma abordagem a partir da bioética da proteção. 2011. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Ciências/Saúde Pública, Escola Nacional de Saúde Pública, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2011.

CAMPOS, R. C.; CAPELLE, M. C. A.; MACIEL, L. H. R. Carreira esportiva: o esporte de alto rendimento como trabalho, profissão e carreira. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, v. 18, n. 1, p. 31-41, 2017

CAZAMIAN, P. **Leçon d’ergonomie industrielle**: une approche globale. Paris: Cujas, 1973.

CODO, W. Um diagnóstico do trabalho (em busca do prazer). In: TAMAYO, A.; BORGES-ANDRADE, J. E.; CODO, W. (org.). **Trabalho, organizações e cultura**. Rio de Janeiro: Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Psicologia, 1997. p. 36-55.

COMITÊ PARALÍMPICO BRASILEIRO. **Guia de imprensa**: Jogos Paralímpicos- de Rio 2016. São Paulo: Centro de Treinamento Paraolímpico Brasileiro, 2016. Disponível em: [06fev2019_guia-de-imprensa-cpb-rio2016_web.pdf](http://www.cpb.org.br/06fev2019_guia-de-imprensa-cpb-rio2016_web.pdf)

COMITÊ PARALÍMPICO BRASILEIRO. **Guia de imprensa**: Jogos Parapan-americanos de Lima 2019. São Paulo: Centro de Treinamento Paraolímpico Brasileiro, 2019. Disponível em: <https://www.cpb.org.br/upload/link/2b9c8751537f4028a39d3774af7acceb.pdf>. Acesso em: 12 abr. 2020.

COMITÊ PARALÍMPICO BRASILEIRO. **50 melhores atletas do Atletismo 2019 (para 2020). ITC – Circuito Brasil LOTERIAS CAIXA 2019**. 2020. Disponível em: <https://www.cpb.org.br/rankingserecordes>. Acesso em: 17 set 2020.

CONSTANTINO, J. M. Reflexões em torno do valor cultural e ético do espetáculo desportivo. **Revista Horizonte**, v. 35, p. 167-172, 1990.

COSTA, A. M.; SOUSA, S. B. Educação física e esporte adaptado: história, avanços e retrocessos em relação aos princípios da integração/inclusão e perspectivas para o século XXI. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 25, n. 3, p. 27-42, 2004.

COUTINHO, M. C. Sentidos do trabalho contemporâneo: as trajetórias identitárias como estratégia de investigação. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, v. 12, n. 2, p. 189-202, 2009.

CRAIG, P. G.; MELLOR, G. Sport's organisation and governance. *In*: CRAIG, P.; BEEDIE, P. (ed.). **Sport sociology**. 2nd. ed. Exeter: Learning Matters, 2010. p. 71-90.

CRAIG, P. G. **Sport sociology**. 3rd. ed. Thousand Oaks: Sage, 2016.

CRESWELL, J. W. **Projeto de pesquisa**: método qualitativo, quantitativo e misto. 3. ed. São Paulo: Bookman, 2010.

CRESWELL, J. W. **Educational research**: planning, conducting, and evaluating quantitative and qualitative research. 5. ed. Boston: Pearson, 2015.

SILVA, D. P. A; FIGUEIREDO, F.D. B. DA SILVA, A. H.; O poderoso NVivo: uma introdução a partir da análise de conteúdo. **Revista Política Hoje**, v. 24, n. 2, p. 119-134, 2015.

DANIELLOU, F. Epistemological issues about ergonomics and human factors. *In*: KARWOWSKI, W. (ed.). **International encyclopedia of ergonomics and human factors**. 2. ed. Boca Raton: Taylor & Francis, 2006. p. 43-47.

DEMAZIÈRE, D.; OHL, F.; LE NOÉ, O. La performance sportive comme travail. **Sociologie du Travail**, v. 57, n. 4, p. 407-421, 2015.

DI NUBILA, H. B. V.; BUCHALLA, C. M. O papel das classificações da OMS-CID e CIF nas definições de eficiência e incapacidade. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, v. 11, n. 2, p. 324-335, 2008.

DIEHL, R. M. **Jogando com as diferenças**. São Paulo: Phorte Editora, 2008.

DONNELLY, P. Child labour, sport labour: applying child labour laws to sport. **International Review for the Sociology of Sport**, v. 32, n. 4, p. 389-406, 1997.

DONNELLY, P. Sport as work. *In*: RITZER, G. (ed.). **The Blackwell encyclopedia of sociology**. Malden: Blackwell, 2007. p. 4716-4718.

DONNELLY, P.; PETHERICK, L. Workers' playtime? Child labour at the extremes of the sporting spectrum. **Sport in Society**, v. 7, n. 3, p. 301-321, 2004.

FERREIRA, A. B. H. **Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa**. 3. ed. Curitiba: Positivo, 2004.

FERREIRA, M. C. Atividade, categoria central na conceituação de trabalho em ergonomia. **Revista Alethéia**, v. 1, n. 11, p. 71-82, 2000.

FERREIRA, M. C. O sujeito forja o ambiente, o ambiente "forja" o sujeito: mediação indivíduo-ambiente em ergonomia da atividade. *In*: DAL ROSSO, S. (org.). **A regulação social do trabalho**. Brasília: Paralelo 15, 2003. p. 21-46.

FERREIRA, M. C. Qualidade de vida no trabalho. *In*: CATTANI, A. D.; HOLZMANN, L. (org.). **Dicionário de trabalho e tecnologia**. Porto Alegre: UFRGS, 2006. p. 219-222.

FERREIRA, M. C. A ergonomia da atividade pode promover a qualidade de vida no trabalho? Reflexões de natureza metodológica. **Revista Psicologia: Organizações e Trabalho**, v. 11, n. 1, p. 8-20, 2011.

FERREIRA, M. C. **Qualidade de vida no trabalho**: uma abordagem centrada no olhar dos trabalhadores. 2. ed. Brasília: Paralelo 15, 2012.

FERREIRA, M. C. Ergonomia da atividade aplicada à qualidade de vida no trabalho: lugar, importância e contribuição da Análise Ergonômica do Trabalho (AET). **Revista Brasileira de Saúde Ocupacional**, v. 40, n. 131, p. 18-29, 2015.

FERREIRA, M. C.; ALVES, L.; TOSTES, N. Gestão de qualidade de vida no trabalho (QVT) no Serviço Público Federal: o descompasso entre problemas e práticas gerenciais. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 25, n. 3, p. 319-327, 2009.

FERREIRA, M. C.; ANTLOGA, C.; PASCHOAL, T.; FERREIRA, R. R. **Qualidade de vida no trabalho**: questões fundamentais e perspectivas de análise e intervenção. Brasília: Paralelo 15, 2013.

FERREIRA, M. C.; MENDES A. M. **Trabalho e riscos de adoecimento**: o caso dos auditores-fiscais da previdência social brasileira. Brasília: LPA Edições, 2003.

FERREIRA, M. C.; TORRES, C. C. Qualidade de vida no trabalho (QVT): uma alternativa em ergonomia da atividade para mudança sustentável nas organizações.

In: TAVEIRA, I. M. R.; LIMONGI-FRANÇA, A. C.; FERREIRA, M. C. (org.). **Qualidade de vida no trabalho**: estudos e metodologias brasileiras. Curitiba: CRV, 2015. p. 159-169.

FERREIRA, R. R.; FERREIRA, M. C.; ANTLOGA, C. S.; BERGAMASCHI, V. Concepção e implantação de um programa de qualidade de vida no trabalho no setor público: o papel estratégico dos gestores. **Revista de Administração – RAUSP**, v. 44, n. 2, p. 147-157, 2009.

FLEMING, P. Workers' playtime? Boundaries and cynicism in a "culture of fun" program. **The Journal of Applied Behavioral Science**, v. 4, n. 3, p. 285-303, 2005.

FLICK, U. **Desenho da pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FONTES, F. **Pessoas com deficiência em Portugal**. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos, 2016.

FRASCARELI, L. Os problemas psicológicos do atleta: um olhar fenomenológico para a experiência esportiva, **Revista Brasileira de Psicologia do Esporte**, v. 3, n. 4, p. 115-129, 2010.

GAULEJAC, V. **Gestão como doença social**: ideologia, poder gerencialista e fragmentação social. Aparecida: Ideias & Letras, 2007.

GLASER B. G.; STRAUSS, A. L. **The discovery of grounded theory**: strategies for qualitative research. New York: Aldine de Gruyter, 2006.

GUÉRIN, F.; LAVILLE, A.; DANIELLOU, F.; DURAFFOURG, J; KERQUELEN, A. **Compreender o trabalho para transformá-lo**: a prática da ergonomia. São Paulo: Edgard Blücher, 2001.

GUTTMANN, A. **From ritual to record**: the nature of modern sport. New York: Columbia University Press, 2004.

HAIACHI, M. C. **O curso de vida dos atletas com deficiência**: a deficiência e o esporte como eventos marcantes. 2017. Tese (Doutorado em Ciências do Movimento Humano) – Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

HELAL, R. G. **O que é sociologia do esporte**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

HELOANI, R.; LANCMAN, S. Psicodinâmica do trabalho: o método clínico de intervenção e investigação. **Production**, v. 14, n. 3, p. 77-86, 2004.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. S. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. São Paulo: Instituto Antônio Houaiss, Editora Objetiva, 2009.

HUBALT, F. Do que a ergonomia pode fazer a análise? *In*: DANIELLOU, F. (org.). **A ergonomia em busca de seus princípios**: debates epistemológicos. São Paulo: Edgard Blücher, 2004. p. 105-123.

HUIZINGA, J. **De lo lúdico y lo serio**. 2. ed. Madrid: Casimiro Libros, 2014.

LALIVE D'ÉPINAY, C. Significations et valeurs du travail, de la société industrielle à nos jours. *In*: COSTER, M.; PICHAULT, F. (dir.). **Traité de sociologie du travail**. 2. ed. Paris: De Boeck, 1998. p. 67-94.

LANDERS, P.; BACHMAN, R. Japan, IOC agree to postpone 2020 Tokyo Olympics by about one year. **The Wall Street Journal**, 24 mar. 2020, 5:57. Disponível em: <https://www.wsj.com/articles/japans-abe-agreed-with-ioc-to-delay-tokyo-olympics-by-about-one-year-11585052548>. Acesso em: 21 jul. 2020.

LEITÃO, G. M. S. M. **Promoção da autodeterminação em pessoas com deficiências e incapacidades**: reflexões em torno de um percurso profissional. 2015. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Faculdade de Psicologia, Universidade de Coimbra, Coimbra, 2015.

LEÓNTIEV, A. **O desenvolvimento do psiquismo**. São Paulo: Moraes, 1972.

LEPLAT, J. Activity. *In*: KARWOWSKI, W. (ed.). **International encyclopedia of ergonomics and human factors**. 2. ed. Boa Raton: Taylor & Francis, 2006. P. 567-570.

LIMA, S. C. C.; MENDES, A. M.; COSTA, M. F. O sujeito entre a normalidade e a patologia: notas sobre a trajetória conceitual da psicodinâmica do trabalho. *In*: TAVEIRA, I. M. R.; LIMONGI-FRANÇA, A. C.; FERREIRA, M. C. (org.). **Qualidade de vida no trabalho: estudos e metodologias brasileiras**. Curitiba: CRV, 2015. p. 201-212.

LIMONGI-FRANÇA, A. C. **Indicadores empresariais de qualidade de vida no trabalho: esforço empresarial e satisfação dos empregados no ambiente de manufaturas com certificação ISO 9000**. 1996. Tese (Doutorado em Administração) – Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1996.

LIMONGI-FRANÇA, A. C. **Qualidade de vida no trabalho – QVT**: conceitos e práticas nas empresas da sociedade pós-industrial. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

LIMONGI-FRANÇA, A. C. Abordagem biopsicossocial e organizacional BPSO-96 para QVT. *In*: TAVEIRA, I. M. R.; LIMONGI-FRANÇA, A. C.; FERREIRA, M. C. (org.). **Qualidade de vida no trabalho: estudos e metodologias brasileiras**. Curitiba: CRV, 2015. p. 19-20.

LIMONGI-FRANÇA, A. C. **Gestão da QVT: conceitos, políticas e agenda BPSO**. Curso Gestão de qualidade de vida no trabalho em ambiente da COVID-19: metodologia e aplicações. Fundação Instituto de Administração, 2020.

MARTINS, S. R. Reconhecimento da inteligência prática e sua repercussão nos processos de saúde. *In*: TAVEIRA, I. M. R.; LIMONGI-FRANÇA, A. C.; FERREIRA,

M. C. (org.). **Qualidade de vida no trabalho**: estudos e metodologias brasileiras. Curitiba: CRV, 2015. p. 233-246.

MARKUNAS, M. Psicologia do esporte no desenvolvimento do papel profissional de atleta. **Revista Brasileira de Psicologia do Esporte**, v. 1, n. 1, p. 1-13, 2018.

MCPHERSON, B. D.; CURTIS, J. E.; LOY, J. W. Defining sport. *In*: MCPHERSON, B. D.; LOY, J. W.; CURTIS, J. E. (ed.). **The social significance of sport**. Champaign: Human Kinetic, 1989.

MEDEIROS, L. F.; FERREIRA, R. R. Qualidade de vida no trabalho: contribuições para a promoção do bem-estar no trabalho. *In*: TAVEIRA, I. M. R.; LIMONGI-FRANÇA, A. C.; FERREIRA, M. C. (org.). **Qualidade de vida no trabalho**: estudos e metodologias brasileiras. Curitiba: CRV, 2015. p. 171-181.

MELHORAMENTOS. **Novo dicionário brasileiro Melhoramentos ilustrado**. 5. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1969.

MELO, F.; DAMASCENA, E.; BATISTA, M. A deficiência está no ambiente de serviços ou no consumidor? Discutindo qualidade na perspectiva de consumidores com deficiência. *In*: ENCONTRO DE MARKETING DA ANPAD – EMA, V, 2012, Curitiba. **Anais [...]**. Curitiba, 2012.

MELLO, M. T.; WINCKLER, C. **Esporte paralímpico**. São Paulo: Atheneu, 2012.

MOZZATO, A. R.; GRZYBOVSKI, D.; TEIXEIRA, A. N. Análises qualitativas nos estudos organizacionais: as vantagens no uso do software NVIVO®. **Revista Alcance**, v. 23, n. 4, p. 578-587, 2016.

NEUENFELDT, D. J.; CANFIELD, M. S. Repensando o esporte na educação física escolar a partir de Cagigal. **Movimento – Revista de Educação Física da UFRGS**, v. 7, n. 14, p. 28-36, 2001.

NEVES, D. R.; NASCIMENTO, R. P.; FELIX JR., M. S.; SILVA, F. A.; ANDRADE, R. O. B. Sentido e significado do trabalho: uma análise dos artigos publicados em periódicos associados à Scientific Periodicals Electronic Library. **Cadernos EBAPE.BR**, v. 16, n. 2, p. 318-330, 2018.

NIEHAUS, M.; BAUER, J.; KOHL, S. A participação das pessoas com deficiência na vida profissional na Alemanha. **1º Guia Brasil-Alemanha de Inclusão: Viver Diversidade**. 2016.

NUNES, C. R. P. O patrocínio das empresas transnacionais nos jogos olímpicos e paraolímpicos Rio 2016: econômico, político, popularizado e/ou "espetacularizado"? **Revista Jurídica da FA7**, v. 12, n. 1, 2015.

OLIMPÍADA será feita pela 1ª vez em ano ímpar, com rara quebra de ciclo. **Uol**, 20 mar. 2020, 11:41. Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/olimpiadas/ultimas-noticias/2020/03/24/olimpiada-sera-feita-pela-1-vez-em-ano-impar-com-rara-espera-de-5-anos.htm?cmpid=copiaecola>. Acesso em: 22 mar. 2021.

OLIVEIRA, L. M. B. **Cartilha do Censo 2010 – pessoas com deficiência**. Brasília: Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República (SDH-PR): Secretaria Nacional de Promoção dos Direitos da Pessoa com Deficiência (SNPD), 2012. Disponível em: <http://www.unievangelica.edu.br/novo/img/nucleo/cartilha-censo-2010-pessoas-com-deficiencia-reduzido.pdf>. Acesso em: 30 jun. 2020.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Programa de ação mundial para as pessoas com deficiência – CEDIPOD**. Resolução 37/52, Nova York: 1982. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/comissoes/comissoes-permanentes/cdhm/comite-brasileiro-de-direitos-humanos-e-politica-externa/ProgAcMundPessDef.html>. Acesso em: 30 jun. 2020.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Convenção das Nações Unidas sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência**. 2006. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=424-cartilha-c&category_slug=documentos-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 21 jul. 2020.

PARSONS, A. **Postponing the Tokyo 2020 Paralympic Games as a result of the global COVID-19 outbreak is absolutely the right thing to do [...]**. 24 mar. 2020. Facebook: Andrew Parsons. Disponível em: <https://www.facebook.com/100019159831924/posts/536563250325665/?d=n>. Acesso em: 21 jul. 2020.

PARSONS, A; WINCKLER, C. Esporte e a pessoa com deficiência: contexto histórico. *In*: MELLO, M. T.; WINCKLER, C. **Esporte paralímpico**. São Paulo. Atheneu, 2012. p. 3-14.

PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO (PNUD). **Movimento é Vida: Atividades Físicas e Esportivas para Todas as Pessoas**. Relatório Nacional de Desenvolvimento Humano do Brasil. Brasília: PNUD, 2017. Disponível em: http://movimentoevida.org/wp-content/uploads/2017/09/PNUD_RNDH_completo.pdf. Acesso em: 10 jun. 2020.

RECHINELI, A.; PORTO, E. T. R.; MOREIRA, W. W. Corpos deficientes, eficientes e diferentes: uma visão a partir da educação física. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 14, n. 2, p. 293-310, 2008.

RIGAUER, B. **Sport and work**. New York: Columbia University Press, 1981.

ROMERO, C. R; CARMONA, E. K. Educação física inclusiva para desporto: semelhanças e diferenças. **Revista Thema**, v. 14, n. 1, p. 29-42, 2017.

RUBIO, K. **O atleta e o mito do herói**: o imaginário esportivo contemporâneo. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.

RUBIO, K.; SANCHES, M, S. A prática esportiva como ferramenta educacional: trabalhando valores e a resiliência. **Educação e Pesquisa**, v. 37, n. 4, p. 825-842, 2011.

RUBIO, K. Reflexões teóricas e práticas sobre a transição entre a iniciação esportiva e a profissionalização – um enfoque psicoprofilático. *In*: RUBIO, K. (org.). **Destreinamento e transição de carreira no esporte**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2012. p. 68-82.

RUBIO, K. Da psicologia do esporte que temos à psicologia do esporte que queremos. **Revista Brasileira de Psicologia do Esporte**, v. 1, n. 1, p. 1-13, 2018.

RUBIO, K. É preciso coragem para falar a verdade sobre o adiamento da Olimpíada. **Folha de São Paulo**, 2 mai. 2020, 00:00. Disponível em: <https://www1-folha-uol-com-br.cdn.ampproject.org/c/s/www1.folha.uol.com.br/amp/colunas/katia-rubio/2020/05/e-preciso-coragem-para-a-falar-a-verdade-sobre-o-adiamento-da-olimpiada.shtml>. Acesso em: 29 jun. 2020.

SAETA, B. P. Gestão educacional e alunos com necessidades especiais: novos desafios. *In*: PEREIRA, B. R.; NASCIMENTO, M. L. B. P. (org.). **Inclusão e exclusão: múltiplos contornos da educação brasileira**. 2. ed. São Paulo: Expressão e Arte, 2006. p. 59-71.

SAMPIERI, R. H.; COLLADO, C. F.; LUCIO, M.P. B. **Metodologia de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Penso, 2013.

SANDEL, M. Sandel: não devemos sacrificar a vida de alguns pelo bem da economia. [Entrevista concedida a] Thiago Bronzatto. **Veja**, 5 jun. 2020, 13:34. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/paginas-amarelas/sandel-nao-devemos-sacrificar-a-vida-de-alguns-pelo-bem-da-economia/>. Acesso em: 10 jun. 2020.

SANTOS, A. L. P.; ALEXANDRINHO, R. R. Desenvolvimento da carreira do atleta: análise das fases e transições. **Conexões**, v. 13, n. 2, p. 185-205, 2015.

SCHWAB, K. **A quarta revolução industrial**. São Paulo: Edipro, 2016.

SENATORE, V. O esporte na inclusão de pessoas com deficiência no Brasil. **1º Guia Brasil-Alemanha de Inclusão: Viver Diversidade**. 2016.

SILVA, C. M. L.; TUBINO, M. J. G. Esporte-lazer: Bem-estar social no aterro do Flamengo, Rio de Janeiro, Brasil. **Revista IRUNDÚ. Revista Científica de Educación y Desarrollo Social**, v. 5, n. 2, p. 67-132, 2009.

SILVA, C. S.; WINCKER, C. **O desporto paralímpico brasileiro, a educação física e profissão**. São Paulo: Conselho Regional de Educação Física da 4ª Região (CREF4/SP), 2019.

SOUZA, F. F. O corpo dança: **con(tradições e possibilidades de sujeitos afásicos**. Dissertação de mestrado. Campinas, 2001.

SOUZA, J. W.; FERREIRA, M. C.; SOARES, K. J. Panorama da produção brasileira sobre inserção de pessoas com deficiência no trabalho: desafios à efetiva inclusão. **Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia**, v. 13, n. 1, p. 1-20, 2020.

SUGDEN, J., TOMLINSON, A. **Power games: a critical sociology of sport**, Routledge, London, 2002.

STONE, G. P. American sport: play and display. **Chicago Review**, v. 9, n. 3, p. 83-100, 1955.

TAVEIRA, I. M. R. Representações da qualidade de vida no trabalho. *In*: TAVEIRA, I. M. R.; LIMONGI-FRANÇA, A. C.; FERREIRA, M. C. (org.). **Qualidade de vida no trabalho: estudos e metodologias brasileiras**. Curitiba: CRV, 2015. p. 385-473.

TAVEIRA, I. M. R.; LIMONGI-FRANÇA, A. C.; FERREIRA, M. C. (org.). **Qualidade de vida no trabalho: estudos e metodologias brasileiras**. Curitiba: CRV, 2015.

TERSAC, G.; MAGGI, B. O trabalho e a abordagem ergonômica. *In*: DANIELLOU, F. (org.). **A ergonomia em busca de seus princípios: debates epistemológicos**. São Paulo: Edgard Blücher, 2004. p. 79-104.

TUBINO, M. J. G. **Teoria geral do esporte**. São Paulo: Ibrasa, 1987.

TUBINO, M. J. G. **Dimensões sociais do esporte**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

TUBINO, M. J. G.; GARRIDO, F.; TUBINO, F. M. **Dicionário enciclopédico Tubino do esporte**. Rio de Janeiro: SENAC, 2006.

TUBINO, M. J. G. **Estudos brasileiros sobre o esporte: ênfase no esporte-educação**. Maringá: Eduem, 2010.

VERMEULEN, J.; KOSTER, M.; LOOS, E.; VAN SLOBBE, M. Play and work: an introduction to sport and organization. **Culture and Organization**, v. 22, n. 3, p. 199-202, 2016.

VECCHIOLI, D. COI cede à pressão, admite adiar Olimpíada e pede um mês para tomar decisão. **UOL**, 22 mar. 2020, 14:52. Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/ultimas-noticias/2020/03/22/coi-estipula-prazo-de-quatro-semanas-para-adiamento-da-olimpiada-diz-site.htm>. Acesso em: 21 jul. 2020.

WISNER, A. **Réflexions sur l'ergonomie (1962-1965)**. Toulouse: Octarés, 1995.

WILSON, B. New media, social movements, and global sport studies: a revolutionary moment and the sociology of sport. **Sociology of Sport Journal**, v. 24, n. 4. p. 457–477, 2007.

APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Este é um convite para você participar da pesquisa: “**Qualidade de vida no trabalho do atleta paralímpico brasileiro da modalidade de atletismo, em ano que seria olímpico**”, que tem como pesquisadora responsável a Nancy Edith Pinilla Cortes, mestranda em Administração de Empresas pela Universidade Presbiteriana Mackenzie.

Sobre o que é a pesquisa?

Esta pesquisa tem como objetivo buscar compreender o que é qualidade de vida no trabalho-esporte de atletas paralímpicos brasileiros, da modalidade de atletismo, em preparação para a próxima edição dos Jogos Paralímpicos, e quais os principais fatores que resultam em vivências de bem-estar e mal-estar nesse contexto de trabalho. A relevância do trabalho está na investigação e discussão do esporte como trabalho, assim como a qualidade de vida nesta modalidade de trabalho para um grupo de indivíduos com tal especificidade: a deficiência. Dada essa caracterização, é pertinente e oportuno abordar a qualidade de vida no trabalho por se tratar de um tema que muito inquieta tanto gestores como não gestores. Caso você decida participar, você deverá responder a uma pesquisa que será conduzida através de uma entrevista, previamente programada e por meio de plataformas convenientes (Zoom, Skype ou outras), em que você terá a oportunidade de expressar a sua percepção sobre qualidade de vida no trabalho, compreendendo sua atividade profissional como trabalho-esporte. O tempo de duração da entrevista será de aproximadamente de 1 hora.

Para efeitos de análises solicitamos a sua permissão para fazer a gravação de voz, assinalando a sua decisão abaixo.

Autorizo a gravação de voz e/ou imagem da entrevista. () SIM () NÃO

Como suas respostas serão utilizadas?

Realizaremos análises apropriadas. Os resultados e discussões serão divulgados apenas em publicações acadêmicas. Os dados que você nos fornecerá serão confidenciais, não havendo divulgação de nenhum dado que possa lhe identificar.

Quais são os riscos da sua participação?

Durante a realização da entrevista, a previsão de riscos é mínima. As questões aqui propostas exigem apenas sua predisposição em colaborar e a sua percepção.

Como posso entrar em contato com os pesquisadores?

Pesquisadora responsável: Nancy Edith Pinilla Cortes, telefone: (11) 98292-3271 e e-mail: nanypinilla@hotmail.com.

Professor orientador: Prof. Dr. Cleverson Pereira de Almeida, e-mail: cleverson.almeida@mackenzie.br

Estou de acordo em participar voluntariamente e espontaneamente.

(rubrica do participante)

(rubrica do pesquisador)

São Paulo, _____ de _____ 2020

APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA

Nome do entrevistado: _____ Número da entrevista: _____
 Data de realização: ____/____/____ Tempo de duração: _____

QUESTÕES SOCIODEMOGRÁFICAS E PROFISSIONAIS

Gênero: () Masculino () Feminino ()

Idade: _____

Formação: () Ensino Fundamental () Ensino Médio () Ensino Técnico
 () Ensino Superior: () Pós-graduação:

Autodeclaração étnico-racial:

() Branco () Pardo () Preto () Amarelo () Indígena

Naturalidade: _____

Cidade onde reside: _____

Estado civil: () Casado () Solteiro () Separado () Divorciado () Outros:

Tem filhos: () Sim () Não

Como você considera a remuneração/rendimentos provenientes do paratletismo? () Suficiente () Atinge o esperado () Insuficiente

Há quanto tempo você vive exclusivamente do esporte? _____

Antes disso você tinha outra profissão e trabalhava em outro lugar? Qual era?

Há quanto tempo você é deficiente? _____

Há quanto tempo você é atleta de alto rendimento ou desde quando?

Qual é a sua classe funcional no paratletismo? _____

TÓPICOS A SEREM COBERTOS

1. História de vida e esporte adaptado

Por que você foi para o esporte paralímpico e fez do esporte uma profissão?

Com quantos anos você conheceu o esporte adaptado?

Em quanto tempo você chegou ao nível de elite?

2. Esporte como trabalho

Para você, a prática do atletismo paralímpico é um trabalho? Por quê?

Qual o significado do esporte como trabalho para você?

O que lhe causa mais bem-estar na sua atividade de trabalho esportiva?

O que lhe causa mais mal-estar na sua atividade de trabalho esportiva?

3. Relações socioprofissionais

Como são as suas relações pessoais no seu ambiente de trabalho (com os outros atletas, o técnico, os profissionais de apoio, os diretores e o público)?

4. Organização do trabalho

Como é a sua rotina de trabalho na prática esportiva?

Como são as periodizações, pausas, normativas de trabalho nos treinos, regras nutricionais?

Você recebe todas as informações necessárias sobre os calendários e as normas nas competições? (Trabalho prescrito e trabalho real)

5. Condições de trabalho

Como é o seu local de trabalho?

O espaço físico para realizar o seu trabalho é adequado? A pista é boa? Faltam instrumentos (como é o material esportivo e de treino) para trabalhar?

E quando você participa de competições as condições são adequadas?

6. Reconhecimento e crescimento pessoal

Como você percebe o reconhecimento e o crescimento pessoal que a atividade esportiva te proporciona ou a falta destes elementos?

Alguma vez você se sentiu injustiçado na sua prática esportiva?

7. Elo trabalho-vida social

Qual o reflexo da sua atividade esportiva na sociedade brasileira?

Você acha que seu trabalho impacta na sua família e nos seus relacionamentos sociais?

8. Lesões e adoecimentos

Fale um pouco dos adoecimentos, lesões graves, problemas relacionados à sua saúde mental consequentes da prática esportiva.

9. Adiamento dos Jogos Paralímpicos

Como o adiamento em um ano dos Jogos Paralímpicos impactou a sua qualidade de vida no trabalho?

Você manteve uma rotina de treinamento? Como?

ANEXO A – LISTA DOS 50 MELHORES ATLETAS PARALÍMPICOS DO ATLETISMO 2019 (PARA 2020)



50 melhores atletas da Atletismo 2019 (para 2020)

ITC – Circuito Brasil LOTERIAS CAIXA 2019

Nº	NOME	CLUBE	ITC	MARCA	PROVA	CLASSE	EVENTO
1	FLÁVIA SILVERIO TORQUATO DE LIMA	ASA - MS	146,524	00:43.59	200M	RR3	2ª FASE NAC
2	SELMA VARGAS FERREIRA	ADD	133,703	00:47.77	200M	RR3	1ª FASE NAC
3	ELIZABETH RODRIGUES GOMES	ASPA	106,204	15.92	L. DE DISCO	F52	REG SÃO PAULO
4	THIAGO PAULINO DOS SANTOS	ADC INTELLI	103,280	15.11	A. DE PESO	F57	2ª FASE NAC
5	VÍTOR ANTÔNIO DE JESUS	ANDEF	102,177	00:22.96	200M	T37	2ª FASE NAC
6	MATEUS EVANGELISTA CARDOSO	A. A. A. UNI SANTANNA	100,940	6.44	S. DISTÂNCIA	T37	2ª FASE NAC
7	DANIEL TAVARES MARTINS	AMEI	100,412	00:48.50	400M	T20	2ª FASE NAC
8	SANDRO VARELO DE OLIVEIRA	CERTO	100,384	31.31	L. DE DARDO	F55	REG NORTE/NORDESTE
9	DANIEL MENDES DA SILVA	INSTITUTO ATHLON	100,355	00:50.59	400M	T11	1ª FASE NAC
10	PETRUCIO FERREIRA DOS SANTOS	ECP	100,331	00:21.10	200M	T47	1ª FASE NAC
11	IZABELA SILVA CAMPOS	SADEVI/MG - CTE-UFMG	99,397	34.66	L. DE DISCO	F11	2ª FASE NAC
12	THOMAZ RUAN DE MORAES	JUNDIAÍ	99,072	00:49.61	400M	T47	1ª FASE NAC
13	ALESSANDRO RODRIGO DA SILVA	ADV-VALE	99,039	13.40	A. DE PESO	F11	2ª FASE NAC
14	LORENA SALVATINI SPOLADORE	INSTITUTO ATHLON	99,015	00:12.19	100M	T11	1ª FASE NAC
15	GUSTAVO HENRIQUE DE OLIVEIRA DIAS	AMEI	98,883	00:49.25	400M	T20	1ª FASE NAC
16	JERUSA GEBER DOS SANTOS	ADAPP	98,853	00:12.21	100M	T11	2ª FASE NAC
17	SAMUEL OLIVEIRA CONCEIÇÃO	IEMA SBC	98,827	14.33	S. TRIPLO	T20	REG SÃO PAULO
18	FABRICIO JUNIOR BARROS FERREIRA	ADVIR	98,811	00:10.94	100M	T12	1ª FASE NAC
19	LUCAS PRADO	INSTITUTO ATHLON	98,581	00:11.28	100M	T11	1ª FASE NAC
20	KESLEY JOSUE PEREIRA TEODORO	A. A. A. UNI SANTANNA	98,541	00:10.97	100M	T12	2ª FASE NAC
21	RODRIGO PARREIRA DA SILVA	APARU UBERLÂNDIA	98,409	5.57	S. DISTÂNCIA	T36	2ª FASE NAC
22	LUCAS DE SOUSA LIMA	SESI SP	98,339	00:49.98	400M	T47	1ª FASE NAC
23	WASHINGTON ASSIS DO NASCIMENTO JUNIOR	INSTITUTO ATHLON	98,253	00:10.88	100M	T47	2ª FASE NAC
24	THALITA VITORIA SIMPLICIO DA SILVA	ADEVIRN	98,226	00:58.64	400M	T11	1ª FASE NAC
25	CLAUDINEY BATISTA DOS SANTOS	CAD	98,148	45.05	L. DE DISCO	F56	1ª FASE NAC

Página 1 – corrigido em 15/01/2020



Nº	NOME	CLUBE	ITC	MARCA	PROVA	CLASSE	EVENTO
26	JOEFERSON MARINHO DE OLIVEIRA	FUNAD	98,133	00:21.97	200M	T12	2ª FASE NAC
27	FERNANDA YARA DA SILVA	AAPPD-PE	98,060	00:58.77	400M	T47	1ª FASE NAC
28	PAULO DOUGLAS MOREIRA DE SOUZA	IPPBRASIL	97,902	42.94	L. DE DARDO	F36	2ª FASE NAC
29	JONAS LICURGO FERREIRA	CEFD	97,755	30.49	L. DE DARDO	F55	REG RIO/SUL
30	EDSON CAVALCANTE PINHEIRO	INSTITUTO ATHLON	97,535	00:11.36	100M	T38	1ª FASE NAC
31	CICERO VALDIRAN LINS NOBRE	IPAD/PB	97,514	46.30	L. DE DARDO	F57	2ª FASE NAC
32	FELIPE DE SOUZA GOMES	ADV-VALE	97,287	00:11.43	100M	T11	1ª FASE NAC
33	YOHANSSON DO NASCIMENTO FERREIRA	IEMA SBC	97,270	00:10.99	100M	T47	1ª FASE NAC
34	ADRIANO FERREIRA DE SOUZA	UMPM	97,213	00:36.61	200M	RR3	2ª FASE NAC
35	GIOVANA GABRIELE DE LIMA BARBOSA	SME-RP	96,928	00:29.95	100M	RR1	1ª FASE NAC
36	RAYANE SOARES DA SILVA	CLUBE TORNADO	96,902	00:58.44	400M	T13	2ª FASE NAC
37	VINICIUS GONCALVES RODRIGUES	ADD/SP	96,800	00:12.50	100M	T63	2ª FASE NAC
38	FLAVIO REITZ	CLUBE RODA SOLTA	96,774	1.80	S. ALTURA	T42	1ª FASE NAC
39	JHULIA KAROL DOS SANTOS DIAS DA FONSECA	A. A. A. UNI SANTANNA	96,774	00:59.52	400M	T11	1ª FASE NAC
40	FABIO DA SILVA BORDIGNON	ANDEF	96,671	00:12.92	100M	T35	2ª FASE NAC
41	VIVIANE FERREIRA SOARES	ADV-VALE	96,579	00:12.28	100M	T12	1ª FASE NAC
42	TASCITHA OLIVEIRA CRUZ	CAD	96,530	00:14.70	100M	T36	REG SÃO PAULO
43	ROBSON ZEFERINO LIMA FERREIRA	AEEP - DF	96,378	01:57.90	800M	T20	1ª FASE NAC
44	CLARIENE ABREU DA SILVA	PFDA	96,343	5.27	S. DISTÂNCIA	T47	1ª FASE NAC
45	EMICARLO ELIAS DE SOUZA	AAPPD-PE	96,278	00:51.05	400M	T47	1ª FASE NAC
46	ANTONELLA RUIZ DIAZ	ARG	96,230	8.68	A. DE PESO	F41	1ª FASE NAC
47	ILQUIAS LOPES PEREIRA	REVIVER	96,046	00:11.13	100M	T47	REG CENTRO/LESTE
48	MARCOS VINICIUS DE OLIVEIRA	UNICEP	96,044	00:51.32	400M	T12	1ª FASE NAC
49	RICARDO COSTA DE OLIVEIRA	IEMA SBC	96,042	6.31	S. DISTÂNCIA	T11	2ª FASE NAC
50	RENATO CAETANO DE OLIVEIRA	INSTITUTO ATHLON	96,007	00:51.34	400M	T12	REG SÃO PAULO

Página 2 – corrigido em 15/01/2020